

“A TERRA E O HOMEM”

COLECÇÃO DE LIVROS AGRÍCOLAS

10.^a Secção - A vida rural na arte e na literatura - n.º 1



RUY MAYER

AS GEORGICAS DE VERGILIO

*VERSÃO EM PROSA DOS TRES PRIMEIROS
LIVROS E COMENTARIOS
DE UM AGRONOMO*



COLECÇÃO “A TERRA E O HOMEM”

LIVRARIA SÁ DA COSTA

1948

Ao Prof. Dr. Aureliano Lopes de Mira Fernandes

dedica estas nugae

O AUTOR

Tip. Alcobacense, Limitada
Alcobaça

PREFÁCIO

Contam-se por centenas as traduções das Geórgicas, em verso ou prosa, e não é exagero dizer que algumas, como a de Dryden, a de Delille, a do nosso Castilho, são verdadeiras obras-primas. E, no entanto, afigura-se-me que todas elas, por mais que representem como valor literário, prova de engenho poético ou documento de erudição humanística, contribuem para revelar o mesmo facto: a impossibilidade de traduzir Vergílio.

Se aceitarmos o ditame de Delille, de que uma obra em verso tem de ser traduzida em verso, teremos imediatamente de reconhecer que só um grande poeta poderá traduzir outro grande poeta. Mas, neste caso, como evitar que a individualidade do tradutor se sobreponha à do autor? Como conseguir que ele deixe de ser ele próprio? Comparemos, por exemplo, um hexâmetro das Geórgicas

grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris

com a versão de Victor Hugo

*«Et, rouvrant des tombeaux pleins de débris humains,
Pâlit de la grandeur des ossements romains.»*

Estes dois alexandrinos são certamente magníficos. Mas já não é Vergílio que ouvimos: é o trovejar do «Papá Hugo todo poderoso», como dizia Eça de Queiroz.

A tradução em prosa, por outro lado, nunca será mais do que um pobre e desvanecido reflexo do original. Falta-lhe o movimento

rítmico, que, conforme nota o Prof. Sellar, atinge nas Geórgicas a maior perfeição de que o verso latino é capaz; falta-lhe a sonoridade descritiva, que faz o entoar das sílabas exprimir o que se quiser: a paz, a doçura, o amor, a violência, a indignação, a cólera; falta-lhe tudo quanto a métrica latina, manejada com arte consumada, permite acrescentar ao valor da frase.

Como interpretar em prosa a descrição da tempestade nos versos 328-334 do primeiro livro das Geórgicas?

ipse pater media nimborum in nocte corusca
fulmina molitur dextra: quo maxima motu
terra tremit; fugere ferae et mortalia corda
per gentis humilis stravit pavor: ille flagranti
aut Athon aut Rhodopen aut alta Ceraunia telo
deicit; ingeminant Austri et densissimus imber:
nunc nemora ingenti vento, nunc litora plangunt.

O esplendor descritivo deste passo é assim evidenciado por Kennedy: «A pausa em dextra evoca a calma que reveste a consciência da força; tremit o terror que corta a respiração; pavor a atitude do que espera prostrado, sabendo que é inútil reagir. O ille que se segue, e o aut repetido três vezes, exprimem a magestade de quem tudo pode; a palavra deicit relampeja através da escuridão; nos últimos dois versos a tempestade contorce-se, combate, ruge e geme».

Tudo isto se perde na tradução em prosa, que necessariamente sacrifica preciosas belezas artísticas. Perde-se a nobreza, a elegância, a dignidade dos versos latinos; perde-se, sobretudo, o efeito final de simplicidade (obtido à custa de quanto labor!), porventura a mais admirável característica da poesia de Vergílio, que em meu espírito sempre se associa à pintura de Rafael e à música de Mozart: expressões estéticas sublimes, porque atingiram a singeleza, o supremo test do artista.

Poderá alcançar-se, à falta de uma perfeição inacessível, ao menos a interpretação exacta do pensamento do Poeta? Tampouco

esta aspiração, relativamente modesta, se consegue realizar. O nosso conhecimento do latim é de tal modo limitado, a-pesar do trabalho de muitas gerações de humanistas, que com frequência nos escapa o sentido íntimo dos termos mais simples. Que querem dizer, por exemplo, as palavras *molle atque facetum*, com que Horácio define a poesia de Vergílio? As traduções propostas são elegantes e talvez *subtis*: «une grâce aisée et spirituelle»... «a wit that is sensitive, tender and expressive»... Mas ninguém pode afiançar que elas sejam fieis, e ficamos privados de saber ao certo a impressão que Vergílio produzia num amigo querido, enternecido admirador da sua candida anima.

A explicação desta deficiência foi dada com lucidez e penetração por Jackson Knight. O latim era uma língua de vocabulário restrito, «a language of few words» (Vergílio não usa a quarta parte do número das palavras que Shakespeare emprega): provavelmente porque a rígida disciplina que a si próprio se impôs o povo romano durante o período de primeira formação obrigava ao uso de expressões simples e precisas, tanto para tornar clara e defender de deturpações a linguagem legal, como para corresponder ao rigor que exigia a observância do ritual religioso. Mas a Itália, e sobretudo Roma, ao entrarem numa época de mais ampla expansão, toparam com o problema de manter contacto com o pensamento de povos mais adiantados, Gregos e Etruscos, utilizando um idioma que não possuía a riqueza e a versatilidade que para o efeito se requeriam (por isso Lucrécio se queixava da *egestas linguae*). Achou-se a solução recorrendo ao método tipicamente latino de aproveitar o significado latente dos vocábulos, e o que derivava das relações entre estes, de modo que um grupo de palavras podia representar muito mais do que o somatório de todas elas. «That», diz Jackson Knight, «depended on a use of suggestion, and produced in turn something like the opposite of the situation with which it all started, for Latin precision and singleness of meaning led eventually to Latin suggestion, innuendo and ambiguity». Ora sucede que esta feição geral da língua latina da época clássica tem no estilo de Vergílio influência fortemente acentuada: combi-

nando um reduzido número de termos, o Poeta extrae deles uma grande variedade de sentidos, e nisso consiste, em grande parte, a sua técnica artística. Determinar esses sentidos, atribuir-lhes o verdadeiro valor, achar equivalência para as significações múltiplas da mesma palavra, representar os próprios silêncios de Vergílio, que Dryden tanto admirava, são tarefas que os mais vivos engenheiros só venceram de modo muito incompleto, e que a erudição acumulada durante séculos mal consegue ajudar.

Se, por todas estas razões, Vergílio é, ao mesmo tempo que o mais traduzido, o mais intraduzível dos poetas, se as Geórgicas são, dentre as suas obras, aquela onde as dificuldades mais se multiplicam, precisamente porque é a mais perfeita, a mais cuidadosamente trabalhada (Vergílio levou sete anos a escrever pouco mais de dois mil versos), não se divisa a razão por que me propuz — com a certeza antecipada do insucesso — dar à estampa uma nova versão do poema em prosa portuguesa. Por isso, apresso-me a declarar desde já que as ambições deste trabalho se orientam para objectivo muito diferente do literário ou do humanístico. Não se pensou um momento sequer em interpretar, ou até em compreender o Poeta, mas apenas em estudar e comentar o Agrónomo. Julgo, com efeito, que a maravilhosa obra de Vergílio — o melhor poema do melhor poeta, como disse Dryden — encerra, na encantadora harmonia dos seus hexâmetros, um verdadeiro tratado de Agronomia. O Vergílio das Geórgicas (e nisso se distingue grandemente, em meu conceito, do Vergílio das Éclogas) não nos descreve uma agricultura convencional, pintando cenazinhas campestres à moda de Watteau ou de Boucher: traça-nos um quadro rústico vigoroso e real, em que a terra, as ceareas, as árvores e os animais são os que o lavrador conhece e com quem lida, em que o agricultor sua e curva a espinha sobre o arado, em que os pastores não são Melibeus janotas e bem falantes, mas rudes homens do campo, como os de Teócrito ou Gil Vicente, cheirando a surrubeco e a rapozinho. Vergílio, filho de camponês, ele próprio dono de umas leiras na sua querida Mântua, escreveu nas páginas das Geórgicas uma obra de sinceridade, «un livre de bonne foy», ressumando competência

técnica e senso prático. Nada mais justo do que pôr à cabeça dos rei agrariæ scriptores o autor das Geórgicas, se considerarmos estas, como cumpre, um breviário do agricultor romano: o facto de serem, ao mesmo tempo, um poema de génio, não lhes retira esse carácter. De tudo isto resulta que a investigação do seu sentido agronómico revestiu e revestirá sempre profundo interesse para aqueles que à terra têm ligada a sua actividade.

Sendo o propósito deste trabalho comentar, à luz da moderna Ciência Agrária, a doutrina técnica das Geórgicas, estaria aparentemente indicado tomar como ponto de apoio uma das numerosas traduções em prosa já existentes, algumas das quais têm incontestável merecimento. Mas confesso que todas as que conheço me pareceram mal apropriadas para o fim em vista, sobretudo por serem demasiadamente literárias. Os seus autores, artistas ou eruditos, são, ou foram, por via de regra, estranhos ao ambiente e à profissão rurais, homines ab agro remotissimi; tenha-se em vista a ingenuidade com que Goelzer nos conta que os seus sumários das Geórgicas foram redigidos numa aldeia do Franche-Comté onde costumava passar as férias, «afin de se placer dans un milieu agricole tout à fait propice à ses desseins»; e registre-se este depoimento, transcrito por Billiard, de um mestre eminente da epigrafia latina: «La plupart d'entre nous ne voient dans les auteurs anciens que des tissus de phrases, la forme, la surface, l'apparence; le fonds, la réalité des choses nous échappent, ou nous les entrevoyons mal et à grand'peine». Há, na verdade, para os filólogos, encerrados nas suas livrarias, para os poetas, melhor aclimatados ao mundo da imaginação do que ao mundo dos factos, inúmeras cousas da vida real que eles não podem ou não querem discernir. Dir-se-á que a tradução de Billiard, viticultor borgonhês e latinista, a quem se devem obras de certo mérito sobre a agricultura dos antigos, tem, quanto ao aspecto a que se acaba de fazer referência, marcada vantagem: mas também nela encontrei uma ou outra falha, e determinadas versões com as quais estou longe de concordar. E acabei por me persuadir de que, se havia de pertencer-me a responsabilidade pelos comentários sobre o poema, era justo

que me coubesse igualmente a responsabilidade pela interpretação geral do seu texto.

No que respeita às anotações que constituem a parte essencial do meu trabalho, indicarei rapidamente os motivos que me levaram a redigi-las. À medida que avançam as ciências agronómicas, modificam-se os pontos de observação, ampliam-se os horizontes, e incide uma luz mais viva sobre os aspectos técnicos das Geórgicas. A ciência do Século XIX, durante o qual lançaram raízes a Química Agrícola e a Zootécnia, trouxe a sua contribuição; a do Século XX, que viu surgir a Genética e a Agrologia, pode formular outros juízos, porventura mais penetrantes e completos. Variam os meios de crítica e os processos de análise; e, cada vez que se aplicam à obra de Vergílio, descobrem-se nela novos conceitos e compreende-se melhor a razão de ser de outros. A cada época, pois, as Geórgicas trazem a sua revelação: mas é preciso explicá-la com a linguagem dessa época, como Papini quer que se expliquem as verdades imortais do Evangelho às gerações que se sucedem. É este um dos scopos visados.

Além disso, afigura-se-me que não se fez ainda, e que vale a pena fazer o confronto dos métodos da agricultura romana com os da agricultura portuguesa, directa descendente daquela. Os comentadores das Geórgicas que se têm ocupado da sua contextura técnica são quase todos de regiões onde as condições mesológicas diferem muito das da Itália Meridional, ou onde os sistemas culturais evoluíram tanto que já mal se distinguem os que os precederam. Para os anotadores ingleses e alemães, como para os próprios franceses e italianos, constitue séria dificuldade entender, por exemplo, as alusões à armação da terra em espigado, à debulha com trilhos e a outras práticas que entre nós continuam a ser de uso corrente. Atravi-me a pensar que teria interesse apontar e discutir estas afinidades.

Parece-me conveniente fazer uma breve alusão a certas feições das Geórgicas, de ordem literária e filosófica, por um lado, de ordem técnica, por outro.

A erudição profunda de Vergílio — «il savio gentil che tutto seppe», como lhe chamou Dante — o seu conhecimento íntimo dos clássicos gregos e latinos não podiam deixar de influir na sua poesia. Esta influência assumiu um carácter muito especial, que só há pouco tempo foi devidamente apreciado.

Disse-se, durante séculos, que Vergílio imitou Homero, Hesíodo, Lucrecio, e muitos outros, verificando-se com surpresa que em todos os casos o modelo havia sido excedido. «J'admire Virgile plus que jamais», observou alguém, «pour cette faculté qu'il a de donner l'originalité à ses plus exactes imitations». Notemos, em primeiro lugar, que a imitação é uma lei geral da poesia, como acentuou argutamente o Padre Aurélio Espinosa, e que os maiores poetas — Chaucer, Shakespeare, Milton, Camões — são os mais impenitentes imitadores. Mas os poetas latinos (assim o demonstrou Mlle. Guillemin num livro recente) constantemente porfiavam em ultrapassar os seus predecessores, em especial os que mais os impressionavam, tratando repetidas vezes a mesma ideia ou o mesmo tema, com leves alterações de palavras, na ânsia de encontrar a expressão perfeita. Era o que se chamava retractatio, e não há dúvida de que Vergílio marca claramente o intuito de que as suas imitações sejam reconhecidas pelo leitor: assim o afirma explicitamente Séneca.

A dívida de Vergílio a Hesíodo afigura-se-me muito reduzida. O culto pela tradição helénica e a moda literária da época obrigavam a tomar como modelo uma obra grega, e os Trabalhos e Dias, que em cerca de duzentos versos tratam de agricultura, estavam indicados para se cumprir esta formalidade. Mas são poucos os reflexos do poema didactico de Hesíodo nas Geórgicas (quase todos apontados nas Notas), e é enorme a distância entre a tosca simplicidade do Ascreu e a arte apurada do Mantuano; tanta, porventura, como a que há entre a riqueza de conceitos de um e de outro. «Nihil exilius, aridius et ieiunius Hesiodo, nihil copiosius et plenius Vergilio», é o juízo de Heyne.

É principalmente *Lucrecio* que *Vergilio* imita — digamos assim por comodidade de expressão — o que se explica pela sincera admiração que lhe inspira a arte do poeta do *De Rerum Natura*, e pelo respeito que lhe merecem os seus conceitos filosóficos e científicos. Traduz-se esta atitude pelo emprego amiudado de jeitos de estilo caracteristicamente *lucrecianos* (como as aberturas de frase *nonne vides, quod superest, etc.*), pelas referências directas a temas extensamente desenvolvidos por *Lucrecio* e pela adopção das ideias basilares da filosofia *epicurista*. Mas *Vergilio* recusa-se resolutamente a acompanhar o mestre além de certos limites. Não se resigna, como ele, a aceitar a doutrina da decadência com um encolher de ombros: pelo contrário, exorta os homens a opôr um trabalho incansável à hostilidade da Natureza, afirmando a energia própria do carácter romano; tampouco admite o ateísmo de *Lucrecio*, antes aconselha a submissão ao poder divino, a veneração pelos deuses, o cumprimento disciplinado dos ritos. Assim, a filosofia de *Vergilio* adquire cunho individual: «*Travailler et prier*», disse um crítico francês, «*voilà la conclusion des Géorgiques*».

Digna manet divini gloria ruris: a apologia do trabalho agrícola, a dignificação da profissão do lavrador, significam qualquer cousa de muito importante para a época. Tanto *Catão* como *Varrão de Reate* se cingem estreitamente, nos seus tratados, ao ponto de vista utilitário, sem lhes ocorrer que a agricultura possa conter uma parcela de beleza; ambos escrevem para o proprietário opulento, para quem labuta uma chusma miserável de escravos. *Vergilio* dirige-se de preferência ao agricultor que explora, ele próprio, o seu domínio, e mostra-lhe que as asperezas do trabalho rural têm a compensá-las o encanto da Natureza, a felicidade tranquila da família, o repouso do espírito. A agricultura, desta sorte, não é uma triste ocupação de servo, mas um nobre ofício de homem livre; o velho de *Galeso*, senhor de poucas geiras, cultivando sãbiamente os seus legumes, dispersos entre lírios e verbenas, julga-se, com razão, igual aos reis: orgulhoso por ter subjugado um solo ingrato, feliz por ter a rodeá-lo a paisagem serena da Itália, contente por ter realizado a independência e conseguido a paz.

In primis venerare deos: nesta frase se sintetiza a sincera religiosidade de *Vergilio*, tão perto do cristianismo que se compreende tê-lo considerado a própria Idade Média, de ortodoxia tão severa, uma alma naturaliter christiana. Num dos seus livros, diz *Sigrid Undset* que «o antigo paganismo foi uma canção de amor a um Deus que se conservava oculto, um intento de insinuação no divino, cuja proximidade se pressentia». Mas a intuição de *Vergilio* foi incomparavelmente mais profunda e mais ampla do que a dos outros pagãos, a tal ponto que é digna do maior respeito a tese medieval, que o *Padre Espinosa* defende melhor do que ninguém, de que *Vergilio* tinha a missão providencial de preparar o Mundo para ouvir a palavra de Cristo. A ideia é lúcidamente expressa por *Jackson Knight*: «*Vergil formed the long past into a scheme of life in which Christianity would not be a surprise... He made a picture of right living in which old human values and principles were preserved, and in which that which is Caesar's could be rendered into Caesar; and unto God that which was God's; what he left unsaid was Christianity's say*».

A exaltação do trabalho e da prece é, repete-se, a essência filosófica das *Geórgicas*: não a sua finalidade directa. Esta relaciona-se com um objectivo social, ou antes político: restaurar o prestígio da vida agrícola, um dos pilares da ordem nova que *Augusto* se propunha instituir; e com um objectivo técnico: ensinar os bons preceitos agronómicos, os métodos racionais da cultura e da exploração pecuária, envolvendo a doutrina na delicada trama da poesia, o meio de transmissão mais apropriado para o gosto e para os usos da época. A poesia era, com efeito, de acordo com a tradição alexandrina, o natural veículo para as ideias científicas; devia ser muito limitado, para o leitor romano da idade áurea da literatura, o atractivo do árido livro de *Catão* — «*âpre fagot de formules rustiques*», como lhe chamou *Taine* — ou da obra acabada de publicar por *Varrão*, em prosa seca, sentenciosa e pesada.

Delille entende que é nas obras dos geopónicos latinos que convém procurar elementos para a interpretação técnica das *Geórgicas*,

e não nas conjecturas intrincadas dos escoliastas. O conselho é acertado, mas é preciso tomar em consideração o valor relativo das várias contribuições. A meu ver, a de Varrão é a que melhor nos pode elucidar: o seu livro, que veio a lume no próprio ano em que Vergílio encetou a composição das Geórgicas, e que o Poeta consultou assiduamente, como é fácil verificar pelo cotejo de muitos passos, descreve a agricultura romana tal como ela era no tempo de Augusto. O tratado de Catão, De agricultura, foi escrito duzentos anos antes; as obras de Columela e de Plínio, muito posteriores às Geórgicas, dizem respeito a uma agricultura que tinha evoluído consideravelmente desde os tempos vergilianos; Paládio, que escreveu o seu calendário rural no século IV da nossa era, pouco mais fez do que reproduzir o que os seus antecessores haviam dito.

O livro de Catão apareceu no final do período que se pode chamar da Agricultura Primitiva, e que se encerra pela altura das Guerras Púnicas. Durante os cinco primeiros séculos de vida da nação romana, a lavoura e a guerra foram as ocupações por excelência — quase as únicas — do cidadão livre. As instituições jurídicas e religiosas mais antigas revelam-nos um agregado populacional absorvido na cultura da terra e dominado pela ideia de que o ameaçavam a ruína e a destruição se não applicasse todo o seu esforço, nos intervalos das lutas, à produção frumentária e à exploração do gado. A vinha ocupava superfície muito restrita, e a oliveira só em 580 a. C. foi importada da Grécia, conforme atesta Plínio. As alfaias agrícolas eram rudimentares, os métodos de cultivo imperfeitos, os adubos insuficientes; era necessário um trabalho árduo e perseverante para arrancar do solo o parco sustento da população. A principio a área de uma propriedade individual limitava-se rigorosamente a sete iugeira (menos de dois hectares) e só bastante mais tarde esta situação se foi modificando, quando a aristocracia encontrou processos subtis de se apropriar do *ager publicus* — as terras confiscadas aos povos vencidos. Até às Guerras Púnicas não apareceu, porém, o que veio a chamar-se *latifundium*, embora se manifestasse já tendência para a concentra-

ção da propriedade, e a cultura dos cereais tivesse sido relegada, na ordem dos valores, do primeiro para o sexto lugar.

Mas a enorme expansão de Roma, trazendo ao Império, com os acrescentamentos territoriais, grandes extensões de solos férteis, alterou completamente a estrutura agro-económica da Península Italiana. Forçaram-se as províncias anexadas a fornecer tributos que consistiam sobretudo em trigo e cevada, e daí resultou, como era inevitável, a queda do valor dos cereais cultivados na Itália. Com a venda a baixo preço do trigo da Sicília, da África e do Egipto no mercado de Roma, ficou excluído deste o espelta da Campânia e da Etrúria, e os agricultores destas regiões tiveram de abandonar a cultura tradicional, e de buscar novos proventos (quando tinham recursos financeiros e capacidade para tal) na exploração da vinha, na produção do azeite e na horticultura. Ao mesmo tempo, subia desmedidamente o nível de vida das classes elevadas, senadores e equites, como consequência do contacto com as civilizações do Oriente e da facilidade com que faziam fortuna os chefes militares e os funcionários administrativos; e passou a exigir-se, em vez de frugal alimentação dos Romanos antigos, uma série de produtos de luxo: frutas, primores horticolas, aves, peixes, ostras, etc.

É certo que surgiram — e isso foi vantajoso — novas formas de exploração especializada. Mas não eram muitos os pequenos proprietários dispendo de capital suficiente para plantar vinhas ou olivais, ou instalar aviários, e a maioria teve de resignar-se a abandonar a profissão agrícola e a ir engrossar a população da urbe. Segundo Paul Louis, em Leontium desapareceram em poucos anos 51 pequenos proprietários de um total de 83; em Mutyca, 168 ficaram reduzidos a 67; em Agyrium, de 250 perderam os seus bens 170, ou por serem compelidos a vendê-los, ou por serem vítimas de expropriações violentas. A terra caiu nas mãos dos grandes compradores — ou dos grandes usurpadores — e, em pouco tempo, a concentração agrária tinha atingido extraordinárias proporções. No ano 70 d. C. toda a Sicília estava, ao que parece, repartida entre 84 magnates.

Uma circunstância que teve influência decisiva na formação dos latifúndios foi a disponibilidade de mão de obra — o trabalho dos escravos que afluíam aos milhares depois de cada expedição vitoriosa, e que se recrutavam sem dificuldade nos mercados da Ásia e da Europa. No tempo de Catão já as famílias eram muito numerosas em comparação com as áreas cultivadas: cem hectares de olival requeriam, como pessoal permanente, treze servos, e quarenta hectares de vinha, dezasseis. Mas dois séculos mais tarde os grandes domínios latifundiários eram povoados por verdadeiros exércitos de escravos, repartidos por inúmeras especialidades. Como é natural, desaparecera o contacto entre o dono da exploração e a família; o sórdido Catão ainda conhecia os escravos pelos nomes, e levantava-se de madrugada para trabalhar com eles; na época de Varrão e de Vergílio o comando directo estava a cargo de um feitor, o villicus; o proprietário, senador ou membro da aristocracia financeira, vivia em Roma, sem se desabeirar do Forum e do Circo, e poucas vezes visitava as suas terras. Possuir herdades era uma situação que conferia importância social; mas a agricultura deixara de ser uma profissão.

É neste quadro de uma agricultura em declínio, a-pesar do aparente esplendor económico do Império, que se situam o *De re rustica* e as *Geórgicas*. Varrão, que se preocupa muito mais com as questões técnicas do que com as condições sociais, não deixa de aludir a um aspecto agudo destas últimas, nestes termos: «Agora que os chefes das famílias, abandonando campos e charruas, vieram quase todos para Roma, e preferem utilizar as mãos para bater palmas no circo a servir-se delas para amansar as vinhas ou empunhar a rabiça do arado, vemo-nos obrigados a comprar trigo na Sardenha e a vindimar nas ilhas de Cos e Quios». O facto é verdadeiro, mas Varrão confunde causa e efeito: foi por se fazerem importações maciças de trigo e de vinho das províncias que a pequena propriedade cedeu o lugar ao capitalismo agrário.

Os perigos da situação não podiam passar despercebidos ao espirito perspicaz de Augusto, empenhado em dar consistência à

nova forma de organização política que instaurara. O Príncipe tinha plena consciência do valor social do pequeno agricultor do tipo antigo — *bonus agricola bonusque colonus* —, da sua acção consolidadora, da qual a nação romana derivara a melhor parte da capacidade de resistência e de projecção; sabia, por outro lado, que se encontravam nele as virtudes militares, estruturalmente ligadas às virtudes agrícolas. Ora a unidade de um império de tamanha vastidão como o de Augusto, aglomerando elementos raciais, políticos e religiosos tão variados, só pelo prestígio da força militar se poderia manter; só o respeito pelas armas romanas asseguraria a paz romana. Assim, a própria estabilidade do Império dependia da existência de uma classe numerosa e forte de pequenos proprietários, onde se pudessem recrutar os soldados de escol de que Roma precisava para conservar as suas legiões com a eficácia que as tornava praticamente invencíveis. É pois de presumir que Augusto meditasse afincadamente nos meios de sustar a decadência da pequena propriedade, e porventura de reanimar a cultura cerealífera em Itália, e sabe-se que para tal fim recorreu a vários métodos, entre os quais figurava a fundação de colónias, expediente que já vinha há tempos sendo posto em execução, aliás com resultados duvidosos. E é natural que lhe tenha ocorrido a ideia de aproveitar o génio de Vergílio para activar a propaganda dos seus designios.

Augusto teve o cuidado de não se dirigir directamente ao Poeta, que havia sido, na sua mocidade, brutalmente expoliado da sua propriedade agrícola, quando Octaviano, já com a mira de associar interesses rurais e militares, distribuiu extensos terrenos pelos legionários licenciados. Foi por intermédio de Mecenas, homem de profunda cultura e apurado tacto, que o tema foi proposto a Vergílio.

Não é fácil imaginar como a sugestão foi, de princípio, acolhida, e como Vergílio aceitou a missão oficial que o ia amarrar à carreira política do Imperator. É provável que o Poeta, independentemente de qualquer incitamento, sentisse a gravidade da decadência agrícola da Itália, e considerasse obra de utilidade nacional atrair

à actividade agrária muitos dos que a haviam deixado. Mas, como opina Skrine, nem os propósitos políticos de Augusto, nem a intenção da iniciativa de Vergílio de acudir ao agricultor romano, explicam as Geórgicas. O que explica esta incomparável obra de arte é o amor de Vergílio pelo seu assunto; o seu encanto pela Natureza; a sua afeição pelas fainas do campo; a sua ternura pelos animais e pelas plantas; tudo, enfim, quanto Sainte-Beuve definiu magistralmente no capítulo do seu célebre estudo que se intitula *De quoi se compose le génie et l'art d'un Virgile*.

Decidi-me, depois de longa hesitação, a traduzir e comentar apenas os tres primeiros livros das Geórgicas, que versam as grandes secções da Ciência Agronómica — Agricultura Geral, Agrologia, Arboricultura, Zootecnia — formando um corpo de doutrina homogéneo, e que tratam estes capitulos fundamentais com surpreendente sagacidade e avisado espirito científico. Do quarto livro, que se ocupa de abelhas e mel, só transcrevi a encantadora vinheta do velho agricultor de Coricio: a Apicultura não tem importância comparável à dos outros assuntos, e muitas das ideias de Vergílio estão eivadas de erros, alguns dos quais, aliás, só no século XVII, ou mais tarde, se rectificaram. Literariamente admirável, valorizada pelo longo episódio de Aristeu, a Quarta Geórgica é, do ponto de vista técnico, de muito menor interesse do que as precedentes.

Além das notas técnicas, algumas se introduziram de carácter filológico, quase todas com o fim de facilitar a compreensão do texto, sem recurso a outros livros, aos leitores esquecidos do latim que em tempos estudaram — ou que, possivelmente, não estudaram. Reduziram-se ao mínimo as alusões aos mitos, e nenhum comentário se fez a questões de métrica e estilística.

Voltarei a dizer que não estava, evidentemente, ao meu alcance fazer uma obra de erudição: não só me faltava o conhecimento profundo das letras latinas e gregas que para tal se requeria, como era escassa a bibliografia de que dispunha (nunca me foi possível,

por exemplo, consultar a excelente obra de Voss) e mais escasso ainda o tempo, visto que este trabalho foi escrito, aos retalhos, durante as breves horas roubadas a preocupações absorventes. O meu intento foi dar aos agrónomos portugueses uma visão da agricultura antiga — nuns pontos tão afastada, noutros tão próxima da moderna — e, ao mesmo tempo, reacender no seu espirito a admiração por Vergílio, cuja mensagem à gente enfronhada na labuta agrícola é hoje tão actual como há dezanove séculos. Queria eu que as Geórgicas fossem, para o Agrónomo, um livro de cabeceira, companheiro de todos os dias, incentivo sempre presente para avivar o seu amor à terra, mais próprio do que nenhum outro para lhe dar consciência da beleza e da dignidade da sua profissão: por isso, e para isso, escrevi estas páginas. Como era de esperar, fiquei muito aquém do meu objectivo: o que trago aos meus colegas é apenas o testemunho das minhas intenções.

Animou-me a publicar este trabalho o sábio humanista e eminente filólogo Professor Doutor Francisco Rebelo Gonçalves, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a quem exprimo o meu profundo reconhecimento.

Valeram-me com os seus conselhos, indicações e críticas alguns dos meus colegas do Instituto Superior de Agronomia e outros homens de ciência a cujo saber especializado recorri. Em especial apresento os meus agradecimentos aos Professores António de Sousa da Câmara, André Navarro, D. Manuel de Bragança e Dr. Branquinho de Oliveira; aos médicos veterinários Barreiros Nunes e Herculano Pimentel; aos engenheiros agrónomos Rui de Andrade, Mira Galvão, Costa Lima, Manuel Antunes Barradas, Dr. Joaquim Botelho da Costa, Carlos Marques de Almeida, Costa e Sousa e Baeta Neves; ao esclarecido lavrador Vasco Infante da Câmara. E a minha gratidão vai também para outros colaboradores, cujos nomes o público não reconheceria, mas a quem muito devo; velhos agricultores do Norte e do Sul do país, maiores do Ribatejo, pastores alentejanos, pescadores, marítimos, etc.

Cumpre-me ainda agradecer o dedicado auxilio que me prestou, em especial na interpretação de textos gregos, o jovem e distinto humanista Francisco Maria Martins, licenciado em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O texto adoptado foi o da Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis, estabelecido por Hirtzel.

Lisboa, Outubro de 1947

RUY MAYER

AS GEORGICAS DE VERGILIO

TEXTO E TRADUÇÃO

P. VERGILI MARONIS

GEORGICON

LIBER I

QVID faciat laetas segetes, quo sidere terram
vertere, Maecenas, ulmisque adiungere vitis
conveniat, quae cura boum, qui cultus habendo
sit pecori, apibus quanta experientia parcis,
hinc canere incipiam. vos, o clarissima mundi
lumina, labentem caelo quae ducitis annum,
Liber et alma Ceres, vestro si munere tellus
Chaoniam pingui glandem mutavit arista,
poculaque inventis Acheloia miscuit uvis,
et vos, agrestum praesentia numina, Fauni,
(ferte simul Faunisque pedem Dryadesque puellae)—
munera vestra cano. tuque o, cui prima frementem
fudit equum magno tellus percussa tridenti,
Neptune; et cultor nemorum, cui pinguis Ceae
ter centum nivei tondent dumeta iuveni;
ipse nemus linquens patrium saltusque Lycæi
Pan, ovium custos, tua si tibi Maenala curae,
adsis, o Tegeaee, favens, oleaeque Minerva
inventrix, unciue puer monstrator aratri,
et teneram ab radice ferens, Silvane, cupressum;
dique deaeque omnes, studium quibus arva tueri,

5

10

15

20

AS GEORGICAS DE VERGILIO

LIVRO I

CANTAREI, doravante, o que leva a abundância às terras lavra-
días; sob que astro convém, ó Mecenas, revirar a terra e casar a
vinha com o ulmeiro; que cuidados cumpre dispensar aos bois;
que tarefas requer a formação de um rebanho; e que saber exige
a criação das industriosas abelhas. Vós, ó brilhantes luminares do
Mundo, que guiais nos céus a marcha do ano; vós, Baco e alma
Ceres, por cuja mercê à lande Caónia sucedeu a pingue espiga,
e se misturou o sumo das uvas com a água Aquelóia; vós também,
Faunos, protectores sempre vigilantes da grei rural, avançai, e
convosco as virgens Driades: eu canto os vossos dons! E tu,
Neptuno, a cuja ordem a terra, golpeada pela vez primeira com
o teu magno tridente, lançou do seio o fremente corcel! E tu,
habitante dos bosques, em honra de quem' trezentos novilhos
brancos como a neve tosam as fartas devezas de Ceos! E tu, Pan,
guardião dos rebanhos, que com tanto carinho olhas para o teu
Ménalo, favorece-me, ó Tegeu! Tu, Minerva, que nos deste a
oliveira; tu, moço inventor do curvo arado; tu, Silvano, que usas
em guisa de cajado um tenro cipreste arrancado com as raizes!
E vós todos, deuses e deusas a quem cabe o cuidado de proteger

quique novas alitis non ullo semine fruges,
 quique satis largum caelo demittitis imbrem;
 tuque adeo, quem mox quae sint habitura deorum
 concilia incertum est, urbesne invisere, Caesar, 25
 terrarumque velis curam, et te maximus orbis
 auctorem frugum tempestatumque potentem
 accipiat cingens materna tempora myrto,
 an deus immensi venias maris ac tua nautae
 numina sola colant, tibi serviat ultima Thule, 30
 teque sibi generum Tethys emat omnibus undis,
 anne novum tardis sidus te mensibus addas,
 qua locus Erigonen inter Chelasque sequentis
 panditur (ipse tibi iam bracchia contrahit ardens
 Scorpius et caeli iusta plus parte reliquit) — 35
 quidquid eris (nam te nec sperant Tartara regem,
 nec tibi regnandi veniat tam dira cupido,
 quamvis Elysios miretur Graecia campos,
 nec repetita sequi curet Proserpina matrem)
 da facilem cursum, atque audacibus adnue coeptis, 40
 ignarosque viae mecum miseratus agrestis
 ingredi et votis iam nunc adsuesce vocari.

Vere novo, gelidus canis cum montibus umor
 liquitur et Zephyro putris se glaeba resolvit,
 depresso incipiat iam tum mihi taurus aratro 45
 ingemere, et sulco attritus splendescere vomer.
 illa seges demum votis respondet avari
 agricolae, bis quae solem, bis frigora sensit;
 illius immensae ruperunt horrea messes.
 ac prius ignotum ferro quam scindimus aequor, 50
 ventos et varium caeli praediscere morem
 cura sit ac patrios cultusque habitusque locorum,
 et quid quaeque ferat regio et quid quaeque recuset.

os campos, que alimentais as plantas que o homem não semeou, e derramais do céu, sobre as que ele cultivava, a chuva benfazeja!

E, sobretudo, tu, que ainda não sabemos a que companhia divina irás pertencer: se chamarás a ti, César, a protecção das cidades e dos campos, e o vasto Mundo te receberá como dador dos frutos e árbitro das estações, cingindo a fronte com a murta materna; se te tornarás deus do imenso mar, os navegantes te saudarão como seu único patrono, a remota Tule te será submetida, e Tétis comprará, com todas as suas ondas, a glória de te ter por genro; se, astro novo, te reunirás aos longos meses do estio, ocupando o lugar que se te abre entre Erígone e as Celas que a seguem — vê como já o ardente Escorpião encolhe as garras, e te deixa no firmamento espaço digno de ti! Seja qual for o teu destino (pois nem o Tártaro espera o teu domínio, nem tamanha ambição de mandar se apossará de ti, por mais que a Grécia celebre os Campos Eliseos, e embora Prosérpina, sem dar ouvidos a rogos, recusasse seguir a mãe) facilita o meu cometimento, favorece o meu propósito ousado, e, apiedando-te comigo dos agricultores que não acertam com o bom caminho, vem até mim, e acostuma-te, desde já, a ser invocado pelos mortais.

Quando renasce a primavera, e frios regatos correm das montanhas cobertas de neve, e o Zéfiro desagrega as leivas, é chegada a ocasião dos bois começarem a gemer sob o peso do arado tanchado a fundo, e de rebrilhar ao sol a relha desgastada pelo roçar nos sulcos. Só satisfará os votos do ávido lavrador o campo que sentiu duas vezes o calor do sol, e duas vezes o frio; só ele dará abundante colheita, enchendo os celeiros a ponto de ameaçar estourar-lhes as portas. Mas, antes de cortar com a relha um campo mal conhecido ainda, cuide o agricultor de estudar os ventos, e o cariz mutável do céu; a natureza das terras; as práticas que a tradição legou; o que a região produz, e o que

hic segetes, illic veniunt felicius uvae,
 arborei fetus alibi, atque iniussa virescunt 55
 gramina. nonne vides, croceos ut Tmolus odores,
 India mittit ebur, molles sua tura Sabaei,
 at Chalybes nudi ferrum, virosa que Pontus
 castorea, Eliadum palmas Epirus equarum?
 continuo has leges aeterna que foedera certis 60
 imposuit natura locis, quo tempore primum
 Deucalion vacuum lapides iactavit in orbem,
 unde homines nati, durum genus. ergo age, terrae
 pingue solum primis extemplo a mensibus anni
 fortes invertant tauri, glaebasque iacentis 65
 pulverulenta coquat maturis solibus aestas;
 at si non fuerit tellus fecunda, sub ipsum
 Arcturum tenui sat erit suspendere sulco:
 illic, officiant laetis ne frugibus herbae,
 hic, sterilem exiguus ne deserat umor harenam. 70

Alternis idem tonsas cessare novalis
 et segnem patiere situ durescere campum;
 aut ibi flava seres mutato sidere farra,
 unde prius laetum siliqua quassante legumen
 aut tenuis fetus viciae tristisque lupini 75
 sustuleris fragilis calamos silvamque sonantem.
 urit enim lini campum seges, urit avenae,
 urunt Lethaeo perfusa papavera somno:
 sed tamen alternis facilis labor, arida tantum
 ne saturare fimo pingui pudeat sola neve 80
 effetos cinerem immundum iactare per agros.
 sic quoque mutatis requiescunt fetibus arva,
 nec nulla interea est inaratae gratia terrae.
 saepe etiam sterilis incendere profuit agros

nega. Aqui vai bem o trigo, além a vinha; algures o arvoredado ou a ervagem crescem espontaneamente. Não vêes como o Tmolos nos envia o oloroso açafreão, a Índia o marfim, os Sabaeus efeminados o incenso, os Cálibes nus o ferro, o Ponto os sucos do castor, de odor pungente, e o Epiro as éguas da Élide, votadas a alcançar as palmas olímpicas? Inflexivelmente impôs a natureza estas leis e estes eternos acordos a determinados lugares, desde o tempo longínquo em que Deucalião lançou pelo mundo, até então despovoado, as pedras de que nasceram os homens, raça tão dura como elas.

Mãos à obra, portanto! Comecem os teus robustos bois, desde o primeiro dia do mês, a revolver a terra feraz, para que o poeirento verão recoza com os raios ardentes do sol as glebas que se lhe oferecem; mas, se o solo que cultivas não é rico, bastará que lhe dêes um leve amanho quando o Arcturo se levanta. E assim, no primeiro caso, as ervas não sufocarão as messes louças; no segundo, a escassa lentura não abandonará o terreno, deixando-o ressequido.

Deixa folgar a terra, depois da ceifa, durante um ano, e ganhar forças o pousio; ou então semeia, quando chegar a época própria, trigo dourado onde antes tinhas colhido fartos legumes de casca quebradiça, delicados renvos de ervilhaca, caules frágeis e folhagem murmurante do amargo tremoço. O linho, e a aveia, queimam a terra; também a queimam as dormideiras, mergulhadas em Léteo sono; mas podes cultivar estas plantas em anos alternados, desde que não te furtas a entregar abundância de estrume e de cinza ao solo empobrecido. Variando as culturas, também se dá descanso aos campos; e assim sucede que, entretanto, não fica a terra em pousio, sem nada render.

Também muitas vezes convém lançar fogo aos campos fatigados,

atque levem stipulam crepitantibus urere flammis: 85
 sive inde occultas viris et pabula terrae
 pinguia concipiunt, sive illis omne per ignem
 excoquitur vitium atque exsudat inutilis umor,
 seu plaris calor ille vias et caeca relaxat
 spiramenta, novas veniat qua sucus in herbas, 90
 seu durat magis et venas astringit hiantis,
 ne tenues pluviae rapidive potentia solis
 acrior aut Boreae penetrabile frigus adurat.
 multum adeo, rastris glaebas qui frangit inertis 95
 vimineasque trahit cratis, iuvat arva, neque illum
 flava Ceres alto nequiquam spectat Olympo;
 et qui, proscisso quae suscitatur aequore terga,
 rursus in obliquum verso perrumpit aratro
 exercetque frequens tellurem atque imperat arvis.
 umida solstitia atque hiemes orate serenas, 100
 agricolae; hiberno laetissima pulvere farra,
 laetus ager: nullo tantum se Mysia cultu
 iactat et ipsa suas mirantur Gargara messis.
 quid dicam iacto qui semine comminus arva
 insequitur cumulosque ruit male pinguis harenae, 105
 deinde satis fluvium inducit rivosque sequentis,
 et, cum exustus ager morientibus aestuat herbis,
 ecce supercilio clivosi tramitis undam
 elicit? illa cadens raucum per levia murmur
 saxa ciet, scatebrisque arentia temperat arva. 110
 quid qui, ne gravidis procumbat culmus aristis,
 luxuriam segetum tenera depascit in herba,
 cum primum sulcos aequant sata, quique paludis
 collectum umorem bibula deducit harena?

consumindo os restolhos com chamas crepitantes: ou porque com
 isso as terras adquiram energia oculta e succulento pábulo; ou
 porque o fogo lhes destrua os elementos nocivos, e faça ressumar
 o humor prejudicial; ou porque esse calor abra numerosas
 passagens e respiradouros até então cerrados, por onde as seivas
 tenham acesso às plantas novas; ou ainda porque aconchegue
 mais a terra, e aperte as condutas expostas, evitando que causem
 dano as chuvas miudas, a influência ainda mais activa do sol
 ardente, ou o frio penetrante do Bóreas.

Igualmente leva grande benefício aos campos quem destorroa
 com rastros as leivas inertes, e arrasta sobre a terra as grades de
 vime: a loura Ceres lança-lhe, do alto Olimpo, olhar propício.
 E aquele que atravessa, com novos sulcos envezados, os que
 antes abriu na ocasião do alqueive, desfazendo os leivões que
 este levantou; e o que amanhã amiúde a terra, e à custa de
 estrénuo esforço a subjuga.

Pedi aos deuses, ó agricultores, estios chuvosos e invernos
 secos. A poeira do inverno alegre os campos, e trás fartas colheitas.
 Não consegue a Mísia gabar-se de maiores proventos, quaisquer
 que sejam as artes de amanhã a que recorra; nem o próprio
 Gárgara terá tanta razão para se maravilhar com as messes
 que recolhe.

Que direi daquele que, depois da sementeira, avança sobre
 os campos em luta corpo-a-corpo, desfaz os torrões do solo inerte,
 e mais tarde encaminha para a ceara uma corrente de água, a
 dividir-se em arroios que vão no encalço do regante? E, quando
 na terra ressequida os prados desfalecem prestes a morrer, ei-lo
 que faz descer a água das alturas de uma encosta declivosa, água
 que, ao cair, murmura suavemente de encontro às pedras polidas,
 e, com as suas cascatas, refresca os campos áridos. Que direi
 dessoutro que, para que os colmos não verguem ao pêso das
 espigas, faz despontar pelo gado a erva tenra da ceara luxuriante
 em demasia, logo que os pés de trigo rasam as cristas do margio?
 E do que faz sair das leivas encharcadas a água que nelas se

praesertim incertis si mensibus amnis abundans 115
 exit et obducto late tenet omnia limo,
 unde cavae tepido sudant umore lacunae.
 Nec tamen, haec cum sint hominumque boumque labores
 versando terram experti, nihil improbus anser 120
 Strymoniaeque grues et amaris intiba fibris
 officiant aut umbra nocet. pater ipse colendi
 haud facilem esse viam voluit, primusque per artem
 movit agros curis acuens mortalia corda,
 nec torpere gravi passus sua regna veterno. 125
 ante Iovem nulli subigebant arva coloni;
 ne signare quidem aut partiri limite campum
 fas erat: in medium quaerebant, ipsaque tellus
 omnia liberius nullo poscente ferebat.
 ille malum virus serpentibus addidit atris, 130
 praedarique lupos iussit pontumque moveri,
 mellaque decussit foliis ignemque removit,
 et passim rivis currentia vina repressit,
 ut varias usus meditando extunderet artis
 paulatim, et sulcis frumenti quaereret herbam,
 ut silicis venis abstrusum excuderet ignem. 135
 tunc alnos primum fluvii sensere cavatas;
 navita tum stellis numeros et nomina fecit
 Pleiadas, Hyadas, claramque Lycaonis Arcton;
 tum laqueis captare feras et fallere visco
 inventum et magnos canibus circumdare saltus; 140
 atque alius latum funda iam verberat amnem
 alta petens, pelagoque alius trahit umida lina;
 tum ferri rigor atque argutae lammina serrae
 (nam primi cuneis scindebant fissile lignum),

acumulou, sobretudo se, nos meses em que o tempo é incerto, um rio em cheia sai do leito e espalha ao longe sobre toda a lezíria o seu nateiro, remolhando as baixas com um tépido humor?

E, no entanto, ainda que o esforço de homens e bois, revirando a terra, muito tenha conseguido, não deixa de haver o dano que causam o pato bravo malfazejo, o grou Estrimónio, o amargo almeirão ou a sombra das ervas daninhas. O pai dos deuses, o próprio Jove, determinou que fosse árduo o cultivo das terras, pela primeira vez as mandou fabricar obedecendo a uma arte, e aguilhoou com preocupações o coração dos mortais, não consentindo que os seus domínios entorpecessem numa pesada modorra. Antes do reinado de Júpiter não havia agricultores em luta com os campos; não era permitido dividir a terra, e assinalar extremas; os homens buscavam o proveito para o bem comum, e o próprio solo produzia mais liberalmente, sem nada se lhe solicitar. Foi Júpiter quem deu às negras serpentes o veneno maléfico, quem mandou que os lobos fossem depredadores, quem ordenou ao mar que se agitasse, quem, sacudindo as folhas, fez cair delas o mel; quem retirou aos homens o fogo, e estancou os vinhos que corriam em regatos. Tudo para que o homem, à força de experiência e constante exercício, forjasse pouco a pouco as várias artes, alcançasse, abrindo sulcos, as messes de trigo, e fizesse brotar das veias da pedra o fogo que se lhe havia ocultado. Começaram então os rios a sentir o peso dos amieiros cavados; então o navegador contou as estrelas e deu-lhes nomes: as Plêiades, as Híades, a Ursa, filha cintilante de Licáon; então se descobriu o modo de prender as feras com laços, de enganar as aves com visco, de emprazar com cães os vastos bosques. Vêem-se homens açoiar com a tarrafa as águas de um rio, procurando-lhe o fundo; outros arrastam pelo mar as redes, que escorrem água ao serem recolhidas. Conhece-se então o duro ferro e a lâmina da serra acerada, porque antes rachava-se à cunha a madeira, fácil de

tum variae venere artes. labor omnia vicit 145
 improbus et duris urgens in rebus egestas.
 prima Ceres ferro mortalis vertere terram
 instituit, cum iam glandes atque arbuta sacrae
 deficerent silvae et victum Dodona negaret.
 mox et frumentis labor additus, ut mala culmos 150
 esset robigo segnisque horreret in arvis
 carduus; intereunt segetes, subit aspera silva,
 lappaeque tribolique, interque nitentia culta
 infelix lolium et steriles dominantur avenae.
 quod nisi et adsiduis herbam insectabere rastris 155
 et sonitu terrebis avis et ruris opaci
 falce premes umbras votisque vocaveris imbrem,
 heu magnum alterius frustra spectabis acervum,
 concussaque famem in silvis solabere quercu.
 Dicendum et quae sint duris agrestibus arma, 160
 quis sine nec potuere seri nec surgere messes:
 vomis et inflexi primum grave robur aratri,
 tardaue Eleusinae matris volventia plaustra,
 tribulaque traehaeque et iniquo pondere rastris;
 virgea praeterea Celei vilisque supellex, 165
 arbutae crates et mystica vannus lacchi.
 omnia quae multo ante memor provisa repones,
 si te digna manet divini gloria ruris.
 continuo in silvis magna vi flexa domatur
 in burim et curvi formam accipit ulmus aratri. 170
 huic a stirpe pedes temo protentus in octo,
 binae aures, duplici aptantur dentalia dorso.
 caeditur et tilia ante iugo levis altaque fagus
 stivaque, quae currus a tergo torqueat imos,

fender; nascem os vários misteres; o trabalho aturado e a necessidade que constringe o homem nos duros transes tudo vencem.

Foi Ceres quem primeiro ensinou os mortais a revirar a terra com o ferro, quando já lhes faltavam as landes e os medronhos nas sagradas matas, e Dodona recusava o alimento fácil. Em breve as moléstias atacam também os trigos; a maligna ferrugem roi os colmos; o cardo preguiçoso eriça-se nos campos; estiolam-se as cearas; em lugar delas surge densa sarça de plantas espinhosas, abrolhos e bardanas, e, manchando os terrenos fabricados com esmero, crescem o joio infecundo e as aveias bravas. Por isso, se não escardeares assiduamente a terra com o rastros, se não derubares à foice as plantas que ensombram as tuas culturas, se não espantares com ruidos as aves, se não implorares dos deuses a chuva, pobre de ti! Contemplarás com vão desgosto as fartas pargas de trigo dos outros lavradores, e terás de enganar a fome com bolota varejada nas matas.

Digamos agora de que as armas têm de munir-se os rijos lavradores, armas sem as quais não poderão semear-se nem crescer as messes. Primeiro a relha, e o robusto corpo da curva charrua, e os carros da mãe Eleusina, de vagaroso rodar; os escarificadores, os trilhos, e os rastros de extenuante peso; a mais, as modestas alfaias de vime do Celeu, as grades de medronheiro e a joeira mística de Baco; cousas todas que, previdentemente, deverás ter preparadas de antemão, muito tempo antes de te serem precisas, se é que te propões ter jus a alcançar a glória do divino campo.

Começa-se por abater na mata um ulmeiro que, vergado à força, se obriga a tomar a forma curva do arado; acrescenta-se-lhe, do lado da raiz, um temão de oito pés de comprido, um par de aivecas e um rastros, a formar duplo dorso. Já se havia cortado uma tilia lisa para o jugo e uma faia alta para a rabiça com que, da zaga, se

et suspensa focis explorat robora fumus. 175
 Possum multa tibi veterum praecepta referre,
 ni refugis tenuisque piget cognoscere curas.
 area cum primis ingenti aequanda cylindro
 et vertenda manu et creta solidanda tenaci,
 ne subeant herbae neu pulvere victa fatiscat, 180
 tum variae inludant pestes: saepe exiguus mus
 sub terris posuitque domos atque horrea fecit,
 aut oculis capti fodere cubilia talpae,
 inventusque cavis bufo et quae plurima terrae
 monstra ferunt, populatque ingentem farris acervum 185
 curculio atque inopi metuens formica senectae.
 contemplator item, cum se nux plurima silvis
 induet in florem et ramos curvabit olentis:
 si superant fetus, pariter frumenta sequentur,
 magnaque cum magno veniet tritura calore; 190
 at si luxuria foliorum exuberat umbra,
 nequiquam pinguis palea teret area culmos.
 semina vidi equidem multos medicare serentis
 et nitro prius et nigra perfunderè amurca,
 grandior ut fetus siliquis fallacibus esset, 195
 et quamvis igni exiguo properata maderent.
 vidi lecta diu et multo spectata labore
 degenerare tamen, ni vis humana quotannis
 maxima quaeque manu legeret. sic omnia fatis
 in peius ruere ac retro sublapsa referri, 200
 non aliter quam qui adverso vix flumine lembum
 remigiis subigit, si bracchia forte remisit,
 atque illum in praeceps pronò rapit alveus amni.

governa a croca. Antes, curaram-se as madeiras ao fumo, pendurando-as na lareira.

Posso relatar-te muitos preceitos dos antigos, se quiseres ouvir-me, e se te não enfadam estas cousas triviais. Uma das primeiras tarefas é aplanar a eira com um grande cilindro, remexendo a terra à mão e consolidando-a com greda tenaz para que a erva não a ince, nem abata e fendilhe desfazendo-se em pó, pois em tal caso muitos percalços virão tornar irrisório o teu trabalho. Muitas vezes um insignificante rato instala debaixo da terra a sua casa, e ali edifica o seu celeiro; ou as toupeiras cegas escavam lá seu leito. Lá se encontra também o sapo, e toda a bicharia daninha a que a terra dá guarida. O gorgulho, e a formiga receiosa da pobreza na velhice, povoam as medas de cereal.

Observa quando nos vergeis as amendoeiras se vestem de maior abundância de flor, e curvam, sob o peso da mostra, os ramos olorosos. Se os frutos vingam, o mesmo sucederá aos trigais: com os grandes calores, virá copiosa debulha; mas se a ramagem exuberante projecta demasiada sombra, de balde na eira se trilharão os colmos, ricos só em palha.

Vi muitos dar preparo às sementes antes de as confiarem à terra, regando-as com água ruça e salitre, para obterem nas vagens, tanta vez enganadoras, grão mais grado. Mas, a-pesar da germinação ter sido apressada pela água aquecida a lume brando, notei que sementes de há muito apartadas e examinadas com minucioso cuidado não deixavam de degenerar se o homem não escolhesse, cada ano, as maiores. Tudo, na verdade, se deteriora, porque o Destino assim o quer; tudo declina e retrocede; é o que acontece àquele que a grande custo impele um barco à força de remos contra a corrente; se porventura descança os braços um momento, logo as águas rápidas do rio arrastam consigo o batel.

Praeterea tam sunt Arcturi sidera nobis
 Haedorumque dies servandi et lucidus Anguis, 205
 quam quibus in patriam ventosa per aequora vectis
 Pontus et ostriferi fauces temptantur Abydi.
 Libra die somnique pares ubi fecerit horas
 et medium luci atque umbris iam dividit orbem,
 exercete, viri, tauros, serite hordea campis, 210
 usque sub extremum brumae intractabilis imbrem;
 nec non et lini segetem et Cereale papaver
 tempus humo tegere et iamdudum incumbere aratris,
 dum sicca tellure licet, dum nubila pendent,
 vere fabis satio; tum te quoque, medica, putres 215
 accipiunt sulci et milio venit annua cura,
 candidus auratis aperit cum cornibus annum
 Taurus et averso cedens Canis occidit astro.
 at si triticeam in messem robustaque farra
 exercebis humum solisque instabis aristis, 220
 ante tibi Eoae Atlantides abscondantur
 Gnosiaque ardentis decedat stella Coronae,
 debita quam sulcis committas semina quamque
 invitae properes anni spem credere terrae.
 multi ante occasum Maiiae coepere; sed illos 225
 exspectata seges vanis elusit avenis.
 si vero viciamque seres vilemque phaselum,
 nec Pelusiacae curam aspernabere lentis,
 haud obscura cadens mittet tibi signa Bootes:
 incipe et ad medias sementem extende pruinas. 230
 Idcirco certis dimensum partibus orbem
 per duodena regit mundi sol aureus astra.

Mais ainda: devemos, nós os lavradores, observar tão atentamente as estrelas do Arcturo, os dias dos Cabritos e o lúcido Dragão, como os nautas que, voltando à pátria pelos mares varridos pela borrasca, arrostam com o Ponto e com os ostríferos estreitos de Abidos.

Quando a Balança iguala as horas do dia e as do sono, e já divide ao meio o orbe entre a luz e as trevas, fazei trabalhar os vossos bois, ó lavradores, e semeai os campos de cevada, antes das chuvas do rigoroso inverno, que porão termo à vossa faina. É então tempo, também, de lançar à terra a semente do linho e a dormideira, dedicada a Ceres, e de curvar a espinha sobre o arado, enquanto as nuvens iminentes se não desfazem em água.

Na primavera é ocasião de semear favas. Nessa altura a terra está bem ensejada; convém que se lhe entregue a luzerna da Média, e se dêem ao milho os cuidados que ele requer todos os anos; faça-se isso quando o reluzente touro, de dourados chifres, dá princípio ao ano, e o Cão em declínio, cedendo o seu lugar ao outro astro, desaparece no horizonte. Se, porém, o teu propósito ao fabricar a terra é alcançar colheitas de trigos bem criados, se o teu único empenho é a boa medra das espigas, deixa chegar a manhã em que se ocultam aos teus olhos as Plêiades, e descer a estrela de Creta, de cintilante coroa, para então confiastes aos regos as sementes que lhes são devidas. E não procures forçar a terra a aceitar de mau grado a esperança do ano. É certo que muitos começam a sementeira antes do ocaso de Maia; mas a colheita aguardada não lhes trará, como prêmio irrisório, senão espigas falidas. Se cultivares ervilhas ou humildes feijões, e não desdenhares cuidar da lentilha da Pelúsia, o Boieiro, ao baixar, dar-te-á sinais bem claros; enceta então a sementeira, e continua-a até meio da estação das geadas.

É para regular as estações que o áureo Sol rege, por meio de doze astros, o céu, dividido em distintas partes. Cinco zonas

quinque tenent caelum zonae: quarum una corusco
 semper sole rubens et torrida semper ab igni;
 quam circum extremae dextra laevaue trahuntur 235
 caeruleae, glacie concretae atque imbribus atris;
 has inter mediamque duae mortalibus aegris
 munere concessae divum, et via secta per ambas,
 obliquus qua se signorum verteret ordo.
 mundus, ut ad Scythiam Riphaeasque arduus arces 240
 consurgit, premitur Libyae devexus in Austros.
 hic vertex nobis semper sublimis; at illum
 sub pedibus Styx atra videt Manesque profundi.
 maximus hic flexu sinuoso elabitur Anguis 245
 circum perque duas in morem fluminis Arctos,
 Arctos Oceani metuentis aequore tingi.
 illic, ut perhibent, aut intempesta silet nox,
 semper et obtenta densentur nocte tenebrae;
 aut redit a nobis Aurora diemque reducit, 250
 nosque ubi primus equis Oriens adflavit anhelis
 illic sera rubens accendit lumina Vesper.
 hinc tempestates dubio praediscere caelo
 possumus, hinc messisque diem tempusque serendi,
 et quando infidum remis impellere marmor
 conveniat, quando armatas deducere classis, 255
 aut tempestivam silvis evertere pinum.
 Nec frustra signorum obitus speculamur et ortus,
 temporibusque parem diversis quattuor annum.
 frigidus agricolam si quando continet imber,
 multa, forent quae post caelo properanda sereno, 260
 maturare datur: durum procudit arator
 vomeris obtunsi dentem, cavat arbore lintres
 aut pecori signum aut numeros impressit acervis.

ocupam o firmamento, uma das quais está sempre enrubescida pelo coruscante Sol, e é sempre queimada pelo seu fogo; em torno dela, à direita e à esquerda, estendem-se as sombrias zonas extremas, inteiriçadas pelo gelo e fustigadas por pesados aguaceiros; entre estas e a do meio, o favor dos deuses concedeu aos débeis mortais duas outras, cortadas por oblíqua via, pela qual desfila a hoste dos astros. O ceu, assim como se eleva, dominante, do lado da Cítia e das montanhas Rifeas, assim desce, deprimido, para a Líbia, donde sopram os Austros. Aquele polo está sempre por cima das nossas cabeças; a negra Estígia e os Manes profundos vêem o outro a seus pés. Aqui o grande Dragão desliza, em curso sinuoso, à maneira de um rio, circundando as duas Ursas — as Ursas que receiam banhar-se nas águas do Oceano — e insinuando-se entre elas. Acolá, diz-se, ou reina silêncio eterno e se adensam as trevas de uma noite profunda que tudo cobre com o seu veu, ou chega a Aurora quando volta das nossas regiões, levando a luz do dia; de sorte que, quando o Sol nascente assopra sobre nós o resfôlego dos seus cavalos anelantes, a vermelha Vésper acende lá tardia luminária.

Daqui resulta que podemos prever o tempo, ainda que o céu nos não dê sinais certos, marcar a época da ceifa e a da sementeira, e saber quando convém impelir com os remos o mar traiçoeiro e botar ao mar as frotas aparelhadas, ou abater nas matas o pinheiro na sazão devida. Não é em vãc que se observam os nascimentos e os ocasos das estrelas, e o modo como o ano se divide harmoniosamente em quatro estações diversas entre si.

Quando as chuvas frias retêm em casa o agricultor, é-lhe dado fazer com vagar muitos trabalhos que mais tarde, na ocasião do bom tempo, se teriam de executar de afogadilho. Então pode ele martelar na forja o duro dente da relha embotada; escavar côchos; marcar os gados; numerar as rasas no celeiro. Outros

exacuunt alii vallos furcasque bicornis,
 atque Amerina parant lentae retinacula viti. 265
 nunc facilis rubea texatur fiscina virga,
 nunc torrete igni fruges, nunc frangite saxo.
 quippe etiam festis quaedam exercere diebus
 fas et iura sinunt: rivos deducere nulla
 religio vetuit, segeti praetendere saepem, 270
 insidias avibus moliri, incendere vepres,
 balantumque gregem fluvio mersare salubri.
 saepe oleo tardi costas agitator aselli
 vilibus aut onerat pomis, lapidemque revertens
 incusum aut atrae massam picis urbe reportat. 275
 Ipsa dies alios alio dedit ordine Luna
 felicis operum. quintam fuge: pallidus Orcus
 Eumenidesque satae; tum partu Terra nefando
 Coeumque Iapetumque creat saevumque Typhoea
 et coniuratos caelum rescindere fratres. 280
 ter sunt conati imponere Pelio Ossam
 scilicet, atque Ossae frondosum involvere Olympum;
 ter pater exstructos disiecit fulmine montis.
 septima post decimam felix et ponere vitem
 et prensos domitare boves et licia telae 285
 addere. nona fugae melior, contraria furtis.
 Multa adeo gelida melius se nocte dedere,
 aut cum sole novo terras inrorat Eous.
 nocte leves melius stipulae, nocte arida prata
 tondentur, noctes lentus non deficit amor. 290
 et quidam seros hiberni ad luminis ignis
 pervigilat ferroque faces inspicat acuto.
 interea longum cantu solata laborem

aguçam estacas e forquilhas, e preparam atilhos de junça Amerina para amouroar a videira flexível. É este o bom ensejo para tecer balaios com a dócil verga, para tostar o grão e para o moer. As leis divinas e humanas permitem que se acuda a certas tarefas em dias festivos; nenhum preceito do culto proíbe sangrar valas, vedar com sebes os campos cultivados, armar laços às aves ruins, deitar fogo ao mato e banhar a balante grei na água salutar de um rio. Quantas vezes, em tais dias, o lavrador toca adiante de si um burro vagaroso, carregado de azeite ou de frutas, e, no retorno, traz do povoado uma mó picada de novo, ou uma porção de negro pez.

Por seu lado a Lua marcou, como propícios para as fainas do campo, certos dias, em determinada hierarquia. Evita o quinto dia: foi nele que nasceram o lívido Orco e as Euménides, e que a Terra, num parto nefando, deu à luz Ceo, Jápeto, o cruel Tifeu e os irmãos que se conjuraram para derrubar o céu. Tres vezes forcejaram por sobrepôr ao Pélion o Ossa, e sobre o Ossa rolar o frondoso Olimpo; tres vezes o pai dos deuses lançou por terra, com o raio, as serras encasteladas. O sétimo dia (menos, porém, do que o décimo) é feliz para a plantação da vinha e para a amansia dos novilhos, ou para o trabalho do tear; o nono, adverso aos roubos, é o melhor para deitar a mão aos escravos fugitivos.

Muitas tarefas fazem-se melhor pelo fresco da noite, ou quando, com o sol nascente, a estrela da manhã molha com rocio as terras. De noite cortam-se mais facilmente os restolhos e os prados secos; nunca falta, de noite, alguma humidade para amolecer os colmos. Há quem, à luz que alumia os longos serões de inverno, abique archotes com um ferro acerado, enquanto a esposa, que suaviza com o canto o seu labor, passeia no tear o pente de

arguto coniunx percurrit pectine telas, 295
 ant dulcis musti Volcano decoquit umorem
 et foliis undam trepidi despumat aëni.
 at rubicunda Ceres medio succiditur aestu,
 et medio tostas aestu terit area fruges.
 nudus ara, sere nudus. hiems ignava colono:
 frigoribus parto agricolae plerumque fruuntur 300
 mutuaque inter se laeti convivia curant.
 invitat genialis hiems curasque resolvit,
 cæu pressae cum iam portum tetigere carinae,
 puppibus et laeti nautae imposuere coronas.
 sed tamen et quernas glandes tum stringere tempus 305
 et lauri bacas oleamque cruentaque myrta,
 tum gruibus pedicas et retia ponere cervis
 auritosque sequi lepores, tum figere dammas
 stuppea torquentem Balearis verbera fundae,
 cum nix alta iacet, glaciem cum flumina trudunt. 310
 Quid tempestates autumnii et sidera dicam,
 atque, ubi iam breviorque dies et mollior aestas,
 quae vigilanda viris? vel cum ruit imbriferum ver,
 spicea iam campis cum messis inhorruit et cum
 frumenta in viridi stipula lactentia turgent? 315
 saepe ego, cum flavis messorum induceret arvis
 agricola et fragili iam stringeret hordea culmo,
 omnia ventorum concurrere proelia vidi,
 quae gravidam late segetem ab radicibus imis
 sublimem expulsam eruerent; ita turbine nigro 320
 ferret hiems culmumque levem stipulasque volantis.
 saepe etiam immensum caelo venit agmen aquarum
 et foedam glomerant tempestatem imbris atris
 collectae ex alto nubes; ruit arduus aether,

som harmonioso, ou coze ao lume o doce mosto, e escuma com um ramo o líquido que ferve no tacho.

Pelo meio do dia se ceifa a messe dourada; à hora do calor se malham na eira os trigos que o sol tostou.

Lavra e semeia com tanta diligência que não possas suportar vestimenta quando fazes tais trabalhos: no inverno terás ensejo de preguiçar. Durante quase toda a estação fria, gozam os lavradores o que o seu esforço grangeou, e convidam-se uns aos outros para alegres folguedos. O inverno, temporada festiva, a tal os incita, dissipando os seus cuidados, como quando os navios, bem carregados, chegaram ao porto, e os mareantes jubilosos penduram coroas nas pôpas dos barcos. É, todavia, este o tempo em que se colhem as landes nos montados, as bagas do louro, as bagas cor-de-sangue da murta, e o fruto da oliveira; em que se armam laços aos groues, e redes aos veados; em que se perseguem as orelhudas lebres; em que, quando a neve se estende em espesso manto e os rios carreiam gelos, se matam gamos com os tiros da funda balear, fazendo rodopiar os loros de estopa.

Que direi do tempo e das estrelas do outono? A que fainas devem atender os homens do campo, quando o dia é já mais curto e mais brando o calor? Ou, quando a primavera desaba em chuvas, estando já a messe espigada a eriçar-se no campo, e os grãos em leite a inchar nos verdes colmos?

Mas muitas vezes eu vi, quando o lavrador mandara já os ceifeiros cortar os trigos loiros, e já se cingiam as paveias com delgados vencelhos, juntarem-se os ventos em tropel, desarraigando as ricas messes e arremessando-as pelos ares: num turbilhão negro, o furacão arrancava o colmo leve e as palhas. Amiúde, também, aparece no céu imensa hoste de águas, e as nuvens, apinhadas no alto, amontoam tremenda tempestade com violentas bâtegas; o

et pluvia ingenti sata laeta boumque labores 325
 diluit; implentur fossae et cava flumina crescunt
 cum sonitu fervetque fretis spirantibus aequor.
 ipse pater media nimborum in nocte corusca
 fulmina molitur dextra: quo maxima motu
 terra tremit; fugere ferae et mortalia corda 330
 per gentis humilis stravit pavor: ille flagranti
 aut Athon aut Rhodopen aut alta Ceraunia telo
 deicit; ingeminant Austri et densissimus imber:
 nunc nemora ingenti vento, nunc litora plangunt.
 hoc metuens caeli mensis et sidera serva, 335
 frigida Saturni sese quo stella receptet,
 quo ignis caelo Cyllenius erret in orbis.
 in primis venerare deos, atque annua magnae
 sacra refer Cereri laetis operatus in herbis
 extremae sub casum hiemis, iam vere sereno. 340
 tum pingues agni et tum mollissima vina,
 tum somni dulces densaeque in montibus umbrae.
 cuncta tibi Cererem pubes agrestis adoret:
 cui tu lacte favos et miti dilue Baccho,
 terque novas circum felix eat hostia fruges, 345
 omnis quam chorus et socii comitentur ovantes,
 et Cererem clamore vocent in tecta; neque ante
 falcem maturis quisquam supponat aristis
 quam Cereri torta redimitus tempora queru
 det motus incompositos et carmina dicat. 350
 Atque haec ut certis possemus discere signis,
 aetusque pluviasque et agentis frigora ventos,
 ipse pater statuit quid menstrua luna moneret,
 quo signo caderent Austri, quid saepe videntes
 agricolae propius stabulis armenta tenerent. 355

firmamento despenha-se em água, a enxurrada arrasta os trigos, antes tão risonhos, e desfaz o trabalho dos bois; enchem-se as valas e engrossam com estrondo as torrentes; a planura líquida ferve em pegos resfolegantes. O pai dos deuses, no meio das tenebrosas nuvens, vibra o raio com a dextra coruscante; ao seu embate, treme a amplidão da terra, fogem os animais bravios, e, entre as gentes, um pavor humilhante oprime os corações. Júpiter, com o dardo fulmineo, fere o Atos, o Ródope ou os altos Ceráunios; os Austros e as chuvas fortíssimas redobram de fúria; ora as florestas, ora as praias, gemem com a ventania.

Temendo estes males, atenta nos meses e nos astros do céu; observa para que lado se esconde a estrela fria de Saturno, e por que círculos do firmamento vagueia o lume Cilénio. Mas, antes de tudo, venera os deuses e oferece à magna Ceres os sacrifícios anuais devidos, celebrando-os nos prados ridentes, quando o inverno chegou ao seu termo e a primavera serena já se anuncia. Nessa ocasião estão nédios os cordeiros e os vinhos têm o melhor sabor; o sono é apazível, e são densas as sombras nos montes. Adore Ceres, por tua intenção, toda o mocidade dos campos; diluam-se, em honra de Ceres, favos de mel em leite e doce vinho; que a vítima propiciadora dê tres vezes a volta aos trigos novos, e todo o alegre cortejo a acompanhe, invocando com clamores, para a tua casa, a protecção de Ceres; e que ninguém meta foice nos trigos maduros antes de, com a fronte cingida por uma grinalda de folhas de carvalho, ter honrado a deusa com singelas danças e com cânticos.

Para que possamos, por meio de sinais seguros, prever os calores, as chuvas e os ventos que trazem consigo os frios, o próprio pai dos deuses dispôs o que nos ensinaria a Lua que renasce todos os meses, e sob que signo amainariam os Austros; de sorte que, vendo com frequência tais indícios, os agricultores tivessem os rebanhos mais acercados aos apriscos.

continuo ventis surgentibus aut freta ponti
 incipiunt agitata tumescere et aridus altis
 montibus audiri fragor, aut resonantia longe
 litora misceri et nemorum increbrescere murmur.
 iam sibi tum curvis male temperat unda carinis, 360
 cum medio celeres revolant ex aequore mergi
 clamoremque ferunt ad litora, cumque marinae
 in sicco ludunt fulicae, notasque paludes
 deserit atque altam supra volat ardea nubem.
 saepe etiam stellas vento impendente videbis 365
 praecipitis caelo labi, noctisque per umbram
 flammaram longos a tergo albescere tractus;
 saepe levem paleam et frondes volitare caducas,
 aut summa nantis in aqua concludere plumas.
 at Boreae de parte trucidis cum fulminat et cum 370
 Eurique Zephyrique tonat domus, omnia plenis
 rura natant fossis atque omnis navita ponto
 umida vela legit. numquam imprudentibus imber
 obfuit: aut illum surgentem vallibus imis
 aëriae fugere grues, aut bucula caelum 375
 suspiciens patulis captavit naribus auras,
 aut arguta lacus circumvolitavit hirundo
 et veterem in limo ranae cecinere querelam.
 saepius et tectis penetralibus extulit ova
 angustum formica terens iter, et bibit ingens 380
 arcus, et e pastu decedens agmine magno
 corvorum increpuit densis exercitus alis.
 iam variae pelagi volucres et quae Asia circum
 dulcibus in stagnis rimantur prata Caystri:
 certatim largos umeris infundere rores, 385
 nunc caput obiectare fretis, nunc currere in undas

Com o levantar dos ventos, começam a engrossar os pegos do mar, e ouve-se uma estalaria seca nos cimos dos montes: retumbam ao longe as praias revolvidas pelas vagas, e cresce o murmúrio dos bosques. Já então a onda a custo poupa as curvas naus, quando os céleres mergulhões voltam do mar para a costa, aos grasnidos, as gaivotas marinhas brincam na areia, e a garça deixa os seus habituais paúis e voa sobre as altas nuvens. Verás também por vezes, quando o temporal ameaça, as estrelas precipitarem-se velozmente do ceu, ficando a luzir atrás delas extensa esteira de chamas por entre as trevas da noite; as palhas voejam, e as penas flutuantes bailam à tona de água. Mas quando relampeja do lado do terrível Bóreas, e troveja a mansão do Euro e do Zéfiro, alagam-se os campos todos, atestam-se as valas, e o nauta, no mar, ferra as húmidas velas. Nunca a chuva colherá o homem de surpresa: ou os groux voadores dela dão sinal, fugindo-lhe para os vales fundos, quando se arma a tormenta; ou a bezerra, fitando o ceu, sente, nas largas ventas, os ares mudados; ou a andorinha de voz estridente esvoaça em torno dos lagos; ou as rãs, no lodo, cantam a sua velha melopeia. Amiúde, também, a formiga, abrindo estreita senda, retira os ovos da recôndita morada; o magestoso arco-íris haure as águas; e os corvos, em hoste cerrada, de volta do repasto, fazem ressoar os ares com o bater das asas apinhadas. Poderás então ver as aves marinhas, e as que rebuscam em volta dos prados Ásios os aprazíveis paúis de Caistro, molhar nas águas, ao desafio, as suas asas, ora oferecendo a cabeça ao embate da onda, ora correndo sobre as vagas,

et studio incassum videas gestire lavandi.
 tum cornix plena pluviam vocat improba voce
 et sola in sicca secum spatiat harena.
 ne nocturna quidem carpentes pensa puellae 390
 nescivere hiemem, testa cum ardente viderent
 scintillare oleum et putris concrecere fungos.
 Nec minus ex imbri soles et aperta serena
 prospicere et certis poteris cognoscere signis:
 nam neque tum stellis acies obtunsa videtur, 395
 nec fratris radiis obnoxia surgere Luna,
 tenuia nec lanae per caelum vellera ferri;
 non tepidum ad solem pennas in litore pandunt
 dilectae Thetidi alcyones, non ore solutos
 immundi meminere sues iactare maniplos. 400
 at nebulae magis ima petunt campoque recumbunt,
 solis et occasum servans de culmine summo
 nequiquam seros exercet noctua cantus.
 apparet liquido sublimis in aëre Nisus,
 et pro purpureo poenas dat Scylla capillo: 405
 quacumque illa levem fugiens secat aathera pennis,
 ecce inimicus atrox magno stridore per auras
 insequitur Nisus; qua se fert Nisus ad auras,
 illa levem fugiens raptim secat aathera pennis.
 tum liquidas corvi presso ter gutture voces 410
 aut quater ingeminant, et saepe cubilibus altis
 nescio qua praeter solitum dulcedine laeti
 inter se in foliis strepitant: iuvat imbris actis
 progeniem parvam dulcisque revisere nidos:
 haud equidem credo, quia sit divinitus illis 415
 ingenium aut rerum fato prudentia maior;
 verum ubi tempestas et caeli mobilis umor
 mutavere vices et Iuppiter uvidus Austris

agitando-se alegremente na ânsia do banho. Então a importuna
 gralha chama a chuva a plena voz, e deambula solitária pelas
 areias secas. E até as moças fiandeiras, debruçadas à noite sobre
 o trabalho, pressentem a tempestade quando vêem o azeite espirrar
 na candeia e formar-se morrão que se desfaz em pó.

Igualmente poderás prever, na ocasião da chuvas, a aproximação
 dos dias de sol e dos ceus desanuviados e serenos, anunciados por
 sinais claros; pois então nem as estrelas têm o brilho empanado,
 nem a Lua inveja o esplendor do astro irmão, nem flutuam no ceu
 nuvens semelhando leves flocos de lã; os alcíões, aves predilectas
 de Tétis, não estendem na praia as asas ao calor morno do sol,
 nem os suínos imundos se lembram de desmanchar à trombada os
 molhos de feno. A neblina desce e espalha-se pelos campos; de
 balde a coruja, mirando o pôr-do-sol de um pouso alto, entoa o
 seu canto tardonho. Niso aparece sobranceiro no ar transparente,
 e Sila expia o crime da purpúrea madeixa: seja para onde for que
 ela fuja, cortando com o voo o éter ligeiro, acode Niso, inimigo
 implacável, a persegui-la com ruidoso bater de asas; seja para onde
 for que Niso se eleve, para repetir o ataque, ei-la que, correndo
 veloz, fende os ares subtis. Então os corvos, apertando a guela,
 soltam três ou quatro grasnidos agudos, quando recolhem aos seus
 alcandorados albergues, e amiúde, movidos mais que de costume
 por qualquer alvoroço, fazem uma alegre algazarra na ramaria,
 contentes por tornarem a ver, passado o temporal, a tenra prole e o
 doce ninho. Não creio, na verdade, que haja neles inteligência
 concedida por mercê divina ou obra do Destino, ou previsão mais
 penetrante do que a humana das coisas futuras: mas, quando a
 tormenta e as nuvens do ceu mudaram de rumo, o ar húmido com os
 ventos do Sul

denset erant quae rara modo, et quae densa relaxat,
vertuntur species animorum, et pectora motus 420
nunc alios, alios dum nubila ventus agebat,
concipiunt: hinc ille avium concentus in agris
et laetae pecudes et ovantes gutture corvi.

Si vero solem ad rapidum lunasque sequentis
ordine respicies, numquam te crastina fallat 425
hora, neque insidiis noctis capiere serena.

luna revertentis cum primum colligit ignis,
si nigrum obscuro comprehenderit aëra cornu,
maximus agricolis pelagoque parabitur imber;
at si virgineum suffuderit ore ruborem, 430

ventus erit: vento semper rubet aurea Phoebe.
sin ortu quarto (namque is certissimus auctor)
pura neque obtunsis per caelum cornibus ibit,
totus et ille dies et qui nascentur ab illo 435
exactum ad mensem pluvia ventisque carebunt,

votaque servati solvent in litore nautae
Glaucō et Panopeae et Inoo Melicertae.
sol quoque et exoriens et cum se condet in undas
signa dabit; solem certissima signa sequuntur, 440
et quae mane refert et quae surgentibus astris.

ille ubi nascentem maculis variaverit ortum
conditus in nubem medioque refugerit orbe,
suspecti tibi sint imbres: namque urget ab alto
arboribusque satisque Notus pecorique sinister.
aut ubi sub lucem densa inter nubila sese 445
diversi rumpent radii, aut ubi pallida surget
Tithoni croceum linquens Aurora cubile,
heu, male tum mitis defendet pampinus uvas;

condensa o que antes estava rarefeito, e rarefaz o que era denso, a disposição dos espíritos varia, e os corações experimentam emoções bem diferentes das que os animavam quando o vento impelia as nuvens: daí o concerto das aves nos campos, a alegria dos rebanhos e o crocitar jubiloso dos corvos.

Se attentares no curso do ardente Sol e na ordem por que as fases da Lua se sucedem, nunca o dia de amanhã te enganará, nem te embairá o engodo de uma noite serena. Quando a Lua volta a reunir os seus lumes, se abraçar no indeciso crescente uma sombra negra, grandes chuvas se estão preparando para o lavrador e para o mareante; mas se se espalha sobre a sua face um rubor virginal, certo será o vento: sempre, com o vento, enrubesce a loira Febe. Se no quarto dia depois da lua nova (e este é o mais seguro dos prenúncios) percorre os ceus com uma luz pura e as pontas do crescente se mostram afiadas, durante esse dia, e em todos os que se lhe seguirem até à conta de um mês, não haverá chuva nem ventania, e os marinheiros, livres de perigos, desobrigar-se-ão, ao abordar, dos votos feitos a Glaucō, a Panopeia e a Melicerta, filho de Ino.

Também o Sol dá sinais, tanto ao erguer-se como ao ocultar-se nas ondas: são certíssimos os que o seguem, quer de manhã, quer quando as estrelas se levantam. Se ao nascer aparece salpicado de manchas, recolhendo o disco até meio numa nuvem, acautela-te com a chuva, pois já do alto mar ameaça o Noto, funesto para as árvores, para as sementeiras e para os gados. Se os seus raios, ao alvorecer, se dispersam entre nuvens densas, ou se a Aurora, deixando o leito açafroado do Titono, surge descolorida, de pouco servirão os pâmpanos para proteger as doces uvas,

tam multa in tectis crepitans salit horrida grando. 450
 hoc etiam, emenso cum iam decedit Olympo,
 profuerit meminisse magis; nam saepe videmus
 ipsius in vultu varios errare colores:
 caeruleus pluuiam denuntiat, igneus Euros;
 sin maculae incipient rutilo immiscerier igni, 455
 omnia tum pariter vento nimisque videbis
 fervere. non illa quisquam me nocte per altum
 ire neque ab terra moneat convellere funem.
 at si, cum referetque diem condetque relatum,
 lucidus orbis erit, frustra terreberet nimbis 460
 et claro silvas cernes Aquilone moveri.
 denique, quid vesper serus vohat, unde serenas
 ventus agat nubes, quid cogitet umidus Auster,
 sol tibi signa dabit. solem quis dicere falsum
 audeat? ille etiam caecos instare tumultus 465
 saepe monet fraudemque et operta tumescere bella.
 ille etiam extincto miseratus Caesare Romam,
 cum caput obscura nitidum ferrugine texit
 impiaque aeternam timuerunt saecula noctem.
 tempore quamquam illo tellus quoque et aequora ponti, 470
 obscenaeque canes importunaeque volucres
 signa dabant. quotiens Cyclorum effervere in agros
 vidimus undantem ruptis fornacibus Aetnam,
 flammaramque globos liquefactaque volvere saxa!
 armorum sonitum toto Germania caelo 475
 audiit, insolitis tremuerunt motibus Alpes.
 vox quoque per lucos vulgo exaudita silentis
 ingens, et simulacra modis pallentia miris
 visa sub obscurum noctis, pecudesque locutae
 (infandum!); sistunt amnes terraeque dehiscunt,

de tal modo a maligna saraiva saltará, com estrépito, nos telhados. Mais importa ainda que te lembres de observar o Sol quando ele já se retira, depois de percorrer o Olimpo, pois muitas vezes vemos então espalharem-se cores diversas sobre o seu rosto. A cor turva denuncia a chuva, a cor ígnea o vento; se, porém, começam a misturar-se manchas escuras com o fogo rutilante, verás tudo, ao mesmo tempo, a referver, sacudido pelo vento e fustigado pelas chuvas. Ninguém tente persuadir-me, numa dessas noites, a fazer-me ao mar, ou sequer a desamarrar o cabo que prende à terra o meu batel!

Se o disco do Sol se mostra lúcido quando o astro nos traz o dia, e lúcido também quando lhe põe termo, será vão o receio que te inspirem as nuvens: verás como o Aquilão, agitando as matas, traz a bonança. Por fim, o Sol dar-te-á a conhecer por sinais os segredos do tardio Vésper; donde o vento impele as nuvens da calma; e o que premedita o húmido Austro.

Quem ousará chamar falaz ao Sol? É ele quem com frequência nos avisa de que nos ameaçam tumultos urdidos na sombra, conspirações e guerras ainda ocultas que começam a levedar. Foi ele quem, condoído de Roma, após a morte de César, velou a cabeça rutilante com nuvens cor de azebre; e as gentes ímpias julgaram, apavoradas, que tinha chegado a noite eterna. E, além do Sol, deram sinais a terra e os plainos do mar, os cães agourentos e as aves mal astradas. Quantas vezes vimos o Etna, transbordando em jorros das fornalhas estouradas, derramar-se, a ferver, pelos campos dos Ciclopes, e projectar globos de chamas e rochas derretidas! Ouvia a Germânia ecoar, por todo o firmamento, o estrondo das armas; abalaram-se os Alpes com insólitos tremores. E uma voz ressoou — uma voz ingente — no silêncio dos bosques; fantasmas de estranha palidez surgiram na escuridão da noite; falaram animais — prodígio infando!; rios houve que suspenderam o seu curso, e a terra entreabriu-se;

et maestum inlacrimat templis ebur aeraque sudant. 480
 proluit insano contorquens vertice silvas
 fluviorum rex Eridanus camposque per omnis
 cum stabulis armenta tulit. nec tempore eodem
 tristibus aut extis fibrae apparere minaces
 aut puteis manare cruor cessavit, et altae 485
 per noctem resonare lupis ululantibus urbes.
 non alias caelo ceciderunt plura sereno
 fulgura nec diri totiens arsere cometae.
 ergo inter sese paribus concurrere telis
 Romanas acies iterum videre Philippi; 490
 nec fuit indignum superis bis sanguine nostro
 Emathiam et latos Haemi pinguescere campos.
 scilicet et tempus veniet cum finibus illis
 agricola incurvo terram molitus aratro
 exesa inveniet scabra robigine pila, 495
 aut gravibus rastris galeas pulsabit inanis,
 grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.
 di patrii, Indigetes, et Romule Vestaque mater,
 quae Tuscum Tiberim et Romana Palatia servas,
 hunc saltem everso iuvenem succurrere saeclo 500
 ne prohibete. satis iam pridem sanguine nostro
 Laomedontae luimus periuria Troiae;
 iam pridem nobis caeli te regia, Caesar,
 invidet atque hominum queritur curare triumphos,
 quippe ubi fas versum atque nefas; tot bella per orbem,
 tam multae scelerum facies, non ullus aratro
 dignus honos, squalent abductis arva colonis,
 et curvae rigidum falces conflantur in ense.
 hinc movet Euphrates, illinc Germania bellum;
 vicinae ruptis inter se legibus urbes 510
 arma ferunt; saevit toto Mars impius orbe;

nos templos chorou, triste, o marfim, e no bronze escorreu o suor. O Erídano, rei dos rios, inundou as florestas, arrastando-as no seu furioso remoínho, e espraçou-se pelos campos, arrebatando os rebanhos, e com eles os estábulos. Não cessavam de aparecer, nesse tempo, veios ameaçadores, de ruim agouro, nas entranhas das vítimas; nem parava o sangue de ressumar nos poços; nem nas cimeiras cidades de soar, de noite, o uivar dos lobos. Nunca tantos raios cairam de um ceu sem nuvens, nem tantas vezes se acenderam cometas, pressagiando desastres.

Por isso os campos de Filipi viram pela segunda vez o embate de exércitos romanos, e a luta de armas parelhas; e aprouve aos deuses que duas vezes o nosso sangue fosse afumar a Hemátia e as vastas campinas do Hemo. Certamente virá um dia em que nestas regiões o lavrador, revolvendo laboriosamente o chão com o curvo arado, encontrará pilos roídos pela áspera ferrugem, ou fará retinir elmos vazios com o choque do pesado rastro; e verá com assombro ossos de gigantes a sair da terra que lhes servia de sepulcro.

Ó deuses pátrios, ó heróis tutelares, e tu, Rómulo, e tu, Mãe Vesta que proteges o Tibre toscano e o Palatino de Roma, não queirais, ao menos, proibir este moço príncipe de acudir ao Século de ruínas em que vivemos! Bastante temos, de há muito, expiado com o nosso sangue os perjúrios da Troia Laomedôntea; de há muito te reclamam de nós as régias mansões do Ceu, queixosas de que te preocupes com triunfos humanos: pois entre os homens confunde-se o lícito com o ilícito; tudo no Mundo é luta; não têm conta os crimes de toda a sorte; não se dão à charrua as honras de que ela é digna; os campos estão viuvos de colonos; as curvas foices servem para forjar espadas. Aqui o Eufrates, além a Germânia, preparam-se para o combate; cidades fronteiriças, quebrando pactos, armam-se umas contra as outras; por todo o mundo se desencadeia uma guerra sacrílega:

ut cum carceribus sese effudere quadrigae,
addunt in spatio, et frustra retinacula tendens
fertur equis auriga neque audit currus habenas.

como, quando as quadrigas arrancaram das cocheiras, e se precipitam a dar volta sobre volta, o auriga é arrebatado pelos seus cavalos, e não consegue, por mais que puxe as rédeas, que o carro lhe obedeça.

P. VERGILI MARONIS

GEORGICON

LIBER II

HACTENVS arborum cultus et sidera caeli;
nunc te, Bacche, canam, nec non silvestria tecum
virgulta et prolem tarde crescentis olivae.
huc, pater o Lенаe (tuis hic omnia plena
muneribus, tibi pampineo gravidus autumnno
florete ager, spumat plenis vindemia labris),
huc, pater o Lенаe, veni, nudataque musto
tinge novo mecum dereptis crura coturnis.

Principio arboribus varia est natura creandis.
namque aliae nullis hominum cogentibus ipsae
sponte sua veniunt camposque et flumina late
curva tenent, ut molle siler lentaeque genistae,
populus et glauca canentia fronde salicta;
pars autem posito surgunt de semine, ut altae
castaneae, nemorumque Iovi quae maxima frondet
aesculus, atque habitae Graeis oracula quercus.
pullulat ab radice aliis densissima silva,
ut cerasis ulmisque: etiam Parnasia laurus
parva sub ingenti matris se subicit umbra.
hos natura modos primum dedit, his genus omne
silvarum fruticumque viret nemorumque sacrorum:

AS GEORGICAS DE VERGILIO

LIVRO II

CANTEI, até aqui, o amanhã dos campos e os astros do ceu;
cantar-te-ei agora a ti, Baco, e contigo as árvores silvestres e a
prole da oliveira, lenta no crescer. Vem, ó pae Leneu! Tudo aqui
está cheio dos teus dons; em tua honra floresce o campo, car-
regado de pâmpanos outonais, e a vindima espuma nos lagares
atestados. Vem, ó pae Leneu! Descalça os contornos e tinge
comigo as pernas nuas no mosto novo!

Antes de mais nada, direi que a natureza varia quanto ao
modo por que cria as árvores. Na verdade umas, sem intervenção
humana, nascem espontâneamente, e cobrem ao longe os campos
e as margens sinuosas dos rios, como o vime flexível, a branda
giesta, o choupo, e os salgueiros brancos, coroados de verde
folhagem; outras brotam de semente colocada pela mão do
homem, como os altos castanheiros, o roble, que, sobranceiro às
mais árvores, se veste de folhas em honra de Júpiter, e as carva-
lheiras que serviam de oráculo aos Gregos; a outras rebenta da
raiz densa mata de pôlas, como sucede às gingeiras e aos ulmeiros,
e também ao loureiro do Parnaso, que, pequeno ainda, se
desapega da vasta sombra da mãe.

Tais são os meios por que a natureza forma primitivamente
as árvores: destarte verdeja toda a raça que povoa as florestas,
os matagais de arbustos e os sagrados bosques.

sunt alii, quos ipse via sibi repperit usus.
 hic plantas tenero abscindens de corpore matrum
 deposuit sulcis, hic stirpes obruit arvo 25
 quadrifidasque sudes et acuto robore vallos.
 silvarumque aliae pressos propaginis arcus
 exspectant et viva sua plantaria terra.
 nil radicis egent aliae summumque putator
 haud dubitat terrae referens mandare cacumen. 30
 quin et caudicibus sectis (mirabile dictu)
 truditur e sicco radix oleagina ligno.
 et saepe alterius ramos impune videmus
 vertere in alterius, mutataque insita mala
 ferre pirum et prunis lapidosa rubescere corna.
 Quare agite o proprios generatim discite cultus, 35
 agricolae, fructusque feros mollite colendo,
 neu segnes iaceant terrae. iuvat Ismara Baccho
 conserere atque olea magnum vestire Taburnum.
 tuque ades inceptumque una decurre laborem,
 o decus, o famae merito pars maxima nostrae, 40
 Maecenas, pelagoque volans da vela patenti.
 non ego cuncta meis amplecti versibus opto,
 non, mihi si linguae centum sint oraque centum,
 ferrea vox. ades et primi lege litoris oram;
 in manibus terrae: non hic te carmine ficto 45
 atque per ambages et longa exorsa tenebo.
 Sponte sua quae se tollunt in luminis oras,
 infecunda quidem, sed laeta et fortia surgunt;
 quippe solo natura subest. tamen haec quoque, si quis 50
 inserat aut scrobibus mandet mutata subactis,
 exuerint silvestrem animum, cultuque frequenti
 in quascumque voles artis haud tarda sequentur.

Outros há, porém, que a experiência do homem encontrou. Este, arrancando rebentos do tronco maternal, dispõe-os em regos; estoutro enterra tanchões e estacas quadrifendidas ou aguçadas em ponta. Certas árvores arqueiam um ramo, que vai, ainda vivo, para a terra onde a mãe nasceu; algumas estacas dispensam raízes, e o agricultor não hesita em entregar à terra o extremo mais remoto de um ramo. Mais ainda: cortado o próprio tronco de uma oliveira, brotam — cousa maravilhosa! — novas raízes do seco lenho. E muitas vezes vemos que os ramos de uma árvore se convertem, sem dano algum, em ramos de uma outra. A pereira, transformada pela enxertia, dá maçãs, e as cerdeiras bravas, rijas como pedra, cobrem-se de rubras ameixas.

Deitai-vos pois ao trabalho, ó lavradores, e aprendei a arte de cultivar cada casta de árvore de modo apropriado, amansando, à força de engenho, os frutos bravios. Não deixeis as terras maninhas: é obra deleitosa plantar vinhas no Ismaro e vestir de oliveiras o grande Taburno.

E tu, Mecenas, honra minha, a quem devo atribuir, para ser justo, o melhor quinhão da glória que me possa caber, vem acompanhar-me no labor encetado, largando as velas sobre este vasto mar. Não aspiro a tudo abarcar com meus versos, nem o conseguiria ainda que tivesse cem línguas e cem bocas, e uma voz de ferro. Vem, e costeia a orla desta primeira praia; a terra está ao nosso alcance; não te fatigarei com fábulas, com rodeios, ou com longos exórdios.

As árvores que se elevam espontaneamente à procura da luz são louças e vigorosas, porque do solo tiram energia criadora; mas não produzem bons frutos. Se, todavia, alguém as enxertar, se as transplantar para covas surribadas a fundo, perderão a sua natureza bravia, e, à força de assíduo grangeio, obedecerão dócilmente às normas que se lhes impuzerem.

nec non et, sterilis quae stirpibus exit ab imis,
hoc faciat, vacuos si sit digesta per agros: 55
nunc altae frondes et rami matris opacant
crescentique adimunt fetus uruntque ferentem.
iam quae seminibus iactis se sustulit arbos,
tarda venit seris factura nepotibus umbram,
pomaque degenerant sucos oblita priores
et turpis avibus praedam fert uva racemos. 60
scilicet omnibus est labor impendendus, et omnes
cogendae in sulcum ac multa mercede domandae.
sed truncis oleae melius, propagine vites
respondent, solido Paphiae de robore myrtus;
plantis et durae coryli nascuntur et ingens 65
fraxinus Herculeaeque arbos umbrosa coronae,
Chaoniique patris glandes; etiam ardua palma
nascitur et casus abies visura marinos.
inseritur vero et fetu nucis arbustus horrida,
et steriles platani malos gessere valentis, 70
castanae fagos; ornusque incanuit albo
flore piri, glandemque sues fregere sub ulmis.
Nec modus inserere atque oculos imponere simplex.
nam qua se medio trudent de cortice gemmae
et tenuis rumpunt tunicas, angustus in ipso 75
fit nodo sinus; huc aliena ex arbore germen
includunt udoque docent inolescere libro.
aut rursus enodes trunci rescantur, et alte
finditur in solidum cuneis via, deinde feraces
plantae immittuntur: nec longum tempus, et ingens 80
exiit ad caelum ramis felicibus arbos,

O mesmo sucederá com os rebentos que uma árvore selvática lança desde a touça, se esses rebentos se espalharem por campo desafogado; se tal se não fizer, a folhagem da árvore-mãe ensombra-os, não os deixa crescer ou fá-los estiolar.

A árvore que nasceu de sementeira cresce lentamente; não dará sombra senão aos nossos netos remotos. Os frutos degeneram, esquecem os primitivos sucos; a vinha, essa acaba por só dar míseros cachos, que se deixam às aves. Assim, a todas as árvores se tem de dispensar cuidados; todas se tem de alinhar em valas e de tratar sem fugir a despesas. As oliveiras respondem melhor à esperança do agricultor quando provêm de tanchoeiras, as vinhas quando procedem de alporques, a murta de Pafos quando se planta um tronco inteiro. As duras aveleiras, o corpulento freixo, a árvore umbrosa que deu uma coroa a Hércules e as carvalheiras do pae Caónio nascem de rebentos; o mesmo acontece com a esguia tamareira, e com o abeto, destinado a contemplar as lides marítimas.

Mas o áspero medronheiro enxerta-se em nogueira; os estéreis plátanos dão sádias maçãs; a faia alveja com a flor do castanheiro; o orno cobre-se com a flor branca da pereira; e os cevados trincam bolota à sombra de ulmeiros. Há mais de um modo de enxertar, de inserir numa árvore os olhos de outra. Num ramo daquela, num lugar onde as gemas entumescem, quase a romper as finas túnicas da casca, dá-se um golpe no próprio sítio onde o botão fazia saliência, e encerra-se nele a borbulha que se tirou da árvore estranha, obrigando-a a crescer no húmido líber. Ou então decepa-se um ramo liso, sem nós; abre-se à cunha, no duro lenho, uma fenda profunda; e introduzem-se nesta os garfos de uma árvore feraz. Não passa muito tempo sem que uma árvore robusta lance para o ceu ramos fecundos,

miraturque novas frondes et non sua poma.

Praeterea genus haud unum nec fortibus ulmis
 nec salici lotoque nec Idaeis cyparissis, 85
 nec pingues unam in faciem nascuntur olivae,
 orchades et radii et amara pausia baca,
 pomaque et Alcinoi silvae, nec surculus idem
 Crustumiiis Syriisque piris gravibusque volaemis.
 non eadem arboribus pendet vindemia nostris
 quam Methymnaeo carpit de palmite Lesbos; 90
 sunt Thasiae vites, sunt et Mareotides albae,
 pinguibus hae terris habiles, levioribus illae,
 et passo psithia utilior tenuisque lageos
 temptatura pedes olim vincturaque linguam, 95
 purpureae preciaeque, et quo te carmine dicam
 Raetica? nec cellis ideo contende Falernis.
 sunt et Aminneae vites, firmissima vina,
 Tmolius adsurgit quibus et rex ipse Phanaeus,
 Argitisque minor, cui non certaverit ulla
 aut tantum fluere aut totidem durare per annos. 100
 non ego te, dis et mensis accepta secundis,
 transierim, Rhodia, et tumidis, Bumaste, racemis.
 sed neque quam multae species nec nomina quae sint
 est numerus: neque enim numero comprehendere refert;
 quem qui scire velit, Libyci velit aequoris idem 105
 discere quam multae Zephyro turbentur harenae,
 aut ubi navigiis violentior incidit Euris
 nosse quot Ionii veniant ad litora fluctus.
 Nec vero terrae ferre omnes omnia possunt.
 fluminibus salices crassisque paludibus alni 110
 nascuntur, steriles saxosis montibus orni;
 litora myrtetis laetissima; denique apertos
 Bacchus amat collis, Aquilonem et frigora taxi.

surpreendida com a nova folhagem e com os frutos que não reconhece como seus.

Nem os robustos ulmeiros, nem os salgueiros, os lodões ou os ciprestes do Ida pertencem a uma única raça. Tampouco as pingues oliveiras nascem para tomar uma só compleição; umas dão azeitona redondil, outras a que tem forma de lançadeira, outras a páusia amarga. O mesmo sucede com os frutos dos vérgéis de Alcínio; não provêm de rebentos parelhos as peras de Crústúmio e da Síria, e as pesadas peras volemas. Não pende das nossas cepas a novidade que Lesbos colhe do pâmpano Metímneo. Há as vinhas de Tasos, as videiras alvacentas do Mareotis, as castas que convêm às terras fortes, as próprias para terrenos leves, a Psítia, que melhor se presta para dar vinho de passas, e a Lágeos, de bago miúdo, cujo sumo faz tropeçar os pés e entaramela a fala; há uvas roxas, e há cepas temporãs. E a ti, vinho da Rética, com que versos te celebrarei? Não disputes, porém, o primado às adegas do Falerno. E ainda há os vinhedos de Amínea, que dão vinhos encorpados, aos quais prestam homenagem o Tmolo e o próprio rei dos vinhos, o Faneu; e a videira de Argos, de uva miudinha, à qual nenhuma se compara quanto a dar boa funda e a produzir vinho de dura. Não te esquecerei, vinha de Rodes, grata aos deuses e bemvinda no final dos repastos, nem a ti, Baumaste, de túmidas uvas! Mas as castas, como os nomes das videiras, são inumeráveis; tentar contá-las, seria empresa tão vã como querer saber quantos grãos de areia dos desertos da Líbia revolve o Zéfiro, ou quantas ondas do mar Jónio rebentam na costa quando o Euro enfurecido açoita as naus.

Não podem todas as terras tudo produzir. Nascem os salgueiros nas ribeiras dos rios, os amieiros nos brejos, os ornos estéreis nos cerros pedregosos. A murta cresce em maior abundância nas orlas litorais; Baco compraz-se nos outeiros desafrentados; os teixos preferem o Aquilão e os frios que ele traz consigo.

aspice et extremis domitum cultoribus orbem
 Eoasque domos Arabum pictosque Gelonos: 115
 divisae arboribus patriae. sola India nigrum
 fert hebenum, solis est turea virga Sabaeis.
 quid tibi odorato referam sudantia ligno
 balsamaque et bacas semper frondentis acanthi?
 quid nemora Aethiopum molli canentia lana, 120
 velleraque ut foliis depectant tenuia Seres?
 aut quos Oceano propior gerit India lucos,
 extremi sinus orbis, ubi aëra vincere summum
 arboris haud ullae iactu potuere sagittae
 (et gens illa quidem sumptis non tarda pharetris)? 125
 Media fert tristis sucos tardumque saporem
 felicis mali, quo non praesentius ullum,
 pocula si quando saevae infecere novercae
 miscueruntque herbas et non innoxia verba,
 auxilium venit ac membris agit atra venena. 130
 ipsa ingens arbos faciemque simillima lauro;
 et, si non alium late iactaret odorem,
 laurus erat: folia haud ullis labentia ventis;
 flos ad prima tenax; animas et olentia Medi
 ora fivent illo et senibus medicantur anhelis. 135
 Sed neque Medorum silvae, ditissima terra,
 nec pulcher Ganges atque auro turbidus Hermus
 laudibus Italiae certent, non Bactra neque Indi
 totaque turiferis Panchaia pinguis harenis.
 haec loca non tauri spirantes naribus ignem 140
 invertere satis immanis dentibus hydri,
 nec galeis densusque virum seges horruit hastis;
 sed gravidae fruges et Bacchi Massicus umor
 implevere; tenent oleae armentaque laeta.

Repara no Mundo, dominado pelos cultivadores nas suas mais remotas zonas, das moradas orientais dos Árabes à pátria dos Gelonos pintados: cada árvore tem o seu solar. Só a Índia produz o negro ébano; só nos solos Sabeus se criam as vergôntes que dão o incenso. Que direi dos bálsamos que ressumam da madeira perfumada? E das vagens do acanto, sempre coberto de folhas? Que hei de contar das florestas etíopes, que alvejam com uma lâ macia, e do modo como os Seres ripam leves velos da folhagem da árvores? Ou das matas da Índia, último rincão do mundo, o mais acercado ao Oceano, onde uma frecha não consegue cortar o ar sobre o cimo mais alto de certas árvores, a-pesar dos homens que a disparam serem tão destros quando lançam mão da aljava?

A Média produz um pomo salutar, mas amargo e de sabor persistente, mais pronto e eficaz do que qualquer outro para expulsar do corpo os atros venenos, se porventura as crueis madrastras empeçonharam taças e misturaram ervas, murmurando palavras de maléfico efeito. A árvore é alta, e de aspecto semelhante ao do loureiro, e, se não tivesse aroma diferente, mal se distinguiria dele; nenhum vento faz cair a sua folha; a flor adere aos ramos com a maior tenacidade. Com ela disfarçam os Médos o mau hálito, e tratam os velhos a quem custa respirar.

Mas nem as florestas da Média, terra opulenta, nem o imponente Ganges, nem o Hermo, turvado pelo oiro que carrega, nem a Bactria, nem as Índias, nem toda a Pancáia, rica em solos turíferos, rivalizam em méritos com a Itália. Nunca as nossas terras foram aradas por toiros lançando chamas pelas ventas, e semeadas com os dentes do monstruoso dragão, para desses dentes sair uma hispida messe de elmos e lanças apinhadas de guerreiros; encheram-nas, sim, pesados frutos e o mássico licor de Baco; povoaram-nas oliveiras e abundante armentio.

hinc bellator equus campo sese arduus infert, 145
 hinc albi, Clitumne, greges et maxima taurus
 victima, saepe tuo perfusi flumine sacro,
 Romanos ad templa deum duxere triumphos.
 hic ver adsiduum atque alienis mensibus aestas:
 bis gravidæ pecudes, bis pomis utilis arbos. 150
 at rabidæ tigres absunt et saeva leonum
 semina, nec miseros fallunt aconita legentis,
 nec rapit immensos orbis per humum neque tanto
 squameus in spiram tractu se colligit anguis.
 adde tot egregias urbes operumque laborem, 155
 tot congesta manu præruptis oppida saxis
 fluminaque antiquos subterlabentia muros.
 an mare quod supra memorem, quodque adluit infra?
 anne lacus tantos? te, Lari maxime, teque,
 fluctibus et fremitu adsurgens Benace marino? 160
 an memorem portus Lucrinoque addita claustra
 atque indignatum magnis stridoribus æquor,
 Iulia qua ponto longe sonat unda refuso
 Tyrrhenusque fretis immittitur aestus Avernis?
 hæc eadem argenti rivos aerisque metalla 165
 ostendit venis atque auro plurima fluxit.
 hæc genns acre virum, Marsos pubemque Sabellam
 adsuetumque malo Ligurem Volscosque verutos
 extulit, hæc Decios Marios magnosque Camillos,
 Scipiadas duros bello et te, maxime Caesar, 170
 qui nunc extremis Asiae iam victor in oris
 imbellem avertis Romanis arcibus Indum.
 salve, magna parens frugum, Saturnia tellus,
 magna virum: tibi res antiquæ laudis et artis
 ingredior sanctos ausus recludere fontis, 175
 Ascraeumque cano Romana per oppida carmen.

Daqui se lança, rompante, o corcel de batalha; daqui, Clituno, as brancas manadas de rezes e o toiro, vítima principal, banhados nas tuas águas sagradas, conduziram muitas vezes aos templos dos deuses os triunfos romanos. Aqui é perpétua a primavera, e o estio reina durante os próprios meses que lhe não pertencem; as ovelhas procriam duas vezes no ano, e há árvores que duas vezes no ano dão fruto. Não existem tigres furiosos nem ferozes crias de leões; não há venenos a iludir os desprevenidos que vão à colheita das ervas; a serpe couraçada de escamas não roja pelo chão os imensos anéis, enroscando-se em ameaçadora espira.

Juntem-se a isto tantas egrégias cidades, tão grandes monumentos, tantas fortalezas erigidas pelo homem em rochedos abruptos, e os rios que correm aos pés das antigas muralhas. Direi também dos mares que banham a nossa pátria, um ao Nascente, outro ao Poente? E de tamanhos lagos como tu, grande Laris, e tu, Benaco, que levantas vagas como o mar, e ruges como ele? E dos portos, e das muralhas que bordam o Lucrino, contra as quais estruje o mar, indignado? Quando as comportas se descerraram, o Tirreno precipita-se, referendo, no Averno, e as águas contidas pela obra Juliana fazem ouvir ao longe o seu bramido.

Esta Itália descobre em suas veias filões de prata e de cobre, e carrega em seus rios copiosos caudais de ouro; esta pátria cria uma raça indomável de homens: os Marsos, a milícia Sabélica, o Ligure afeito à fadiga, e os Volscos armados de chuços; os Décios, os Mários e os grandes Camilos; os Cipiões, endurecidos para a guerra; e tu, César, o maior de todos, já vitorioso nos mais longínquos confins da Ásia, e que agora repeles o Índio, esmorecido, das fronteiras romanas.

Salvé, terra de Saturno, magna mãe de frutos, magna mãe de heróis! Em tua honra entro na tarefa de relatar cousas de velha arte e pristina glória; em tua honra atrevo-me as descerrar as sagradas fontes; em tua honra canto, às gentes romanas, um cântico Ascreu!

Nunc locus arborum ingeniis, quae robora cuique,
 quis color et quae sit rebus natura ferendis.
 difficiles primum terrae collesque maligni,
 tenuis ubi argilla et dumosis calculus arvis, 180
 Palladia gaudent silva vivacis olivae.
 indicio est tractu surgens oleaster eodem
 plurimus et strati bacis silvestribus agri.
 at quae pinguis humus dulcique uligine laeta,
 quique frequens herbis et fertilis ubere campus 185
 (qualem saepe cava montis convalle solemus
 dispicere: huc summis liquuntur rupibus amnes
 felicemque trahunt limum) quique editus Austro
 et filicem curvis invisam pascit aratris:
 hic tibi praevalidas olim multoque fluentis 190
 sufficiet Baccho vitis, hic fertilis uvae,
 hic laticis, qualem pateris libamus et auro,
 inflavit cum pinguis ebur Tyrrhenus ad aras,
 lancibus et pandis fumantia reddimus exta.
 sin armenta magis studium vitulosque tueri, 195
 aut ovium fetum aut urentis culta capellas,
 saltus et saturi petito longinqua Tarenti,
 et qualem infelix amisit Mantua campum
 pascentem niveos herboso flumine cycnos;
 non liquidi gregibus fontes, non gramina deerunt, 200
 et quantum longis carpent armenta diebus
 exigua tantum gelidus ros nocte reponet.
 nigra fere et presso pinguis sub vomere terra
 et cui putre solum (namque hoc imitamur arando),
 optima frumentis (non ullo ex aequore cernes 205
 plura domum tardis decedere plaustra iuvenis),
 aut unde iratus silvam devexit arator

Tratarei agora da natureza dos terrenos, das suas vocações, da sua cor e do seu poder de produzir. As colinas ingratas, as terras difíceis, em que a argila escasseia e a pedra abunda, e que o mato reveste de moitas, são propícias à silva, grata a Palas, da longeva oliveira; é o que denunciam os zambujeiros crescendo em grande número, e as bagas silvestres espalhadas pelo chão. A terra forte e bem provida de lentura; onde a erva é basta, e a vegetação luxuriante, como muitas vezes adrega ver-se nas baixas para as quais as águas vindas de cabeços carregam fértil limo; que está aberta ao vento do Sul, e cria o feto, estorvo detestado pelo curvo arado: eis a que poderá dar um dia robustas videiras, donde escorrerá vinho com fartura: que virá a ser fecunda em uvas e em sumos dignos de se libarem em páteras de ouro, quando o anafado toscano assopra, à beira do altar, na flauta de marfim, e se ofertam as entranhas fumegantes em tabuleiros que vergam ao seu peso.

Se é porém teu intento criar manadas de gado grosso, bezerros, ovelhas ou cabras de dente daninho, procura os bosques e as pastagens remotas da feraz Tarento, ou campos como os que perdeu a malfadada Mântua, em que se apascentam, no rio onde os juncos verdejam, cisnes cor de neve. Não faltarão aí aos rebanhos nem ervagem nem lípidas fontes: o pasto que eles roem num longo dia de verão, numa curta noite o repõe o gélido orvalho.

Terras anegradas, onde a relha escorrega quase sem esforço, mas que se esfarelam — para isso serve o charruar — são as melhores para o trigo; de nenhuma outras empostas verás recolher ao celeiro mais carros puxados por vagarosos bois. E o mesmo sucede com as terras donde o lavrador, irritado, carrega o

et nemora evertit multos ignava per annos,
 antiquasque domos avium cum stirpibus imis
 eruit; illae altum nidis petiere relictis; 210
 at rudis enituit impulso vomere campus.
 nam ieiuna quidem clivosi glareae ruris
 vix humilis apibus casias roremque ministrat;
 et tofus scaber et nigris exesa chelydris
 creta negant alios aequae serpentibus agros 215
 dulcem ferre cibum et curvas praebere latebras.
 quae tenuem exhalat nebulam fumosque volucris,
 et bibit umorem et, cum vult, ex se ipsa remittit,
 quaeque suo semper viridi se gramine vestit,
 nec scabie et salsa laedit robigine ferrum, 220
 illa tibi laetis intextet vitibus ulmos,
 illa ferax oleo est, illam experire colendo
 et facilem pecori et patientem vomeris unci.
 talem dives arat Capua et vicina Vesevo
 ora iugo et vacuis Clanius non aequus Acerris. 225
 Nunc quo quamque modo possis cognoscere dicam.
 rara sit an supra morem si densa requires
 (altera frumentis quoniam favet, altera Baccho,
 densa magis Cereri, rarissima quaeque Lyaeo),
 ante locum capies oculis, alteque iubebis 230
 in solido puteum demitti, omnemque repones
 rursus humum et pedibus summas aequabis harenas.
 si deerunt, rarum pecorique et vitibus almis
 aptius uber erit; sin in sua posse negabunt
 ire loca et scrobibus superabit terra repletis, 235
 spissus ager: glaebas cunctantis crassaque terga
 exspecta et validis terram proscinde iuvenis.
 salsa autem tellus et quae perhibetur amara

arvoredo que as cobria, depois de derrubar bosques durante
 muitos anos inúteis, e arrancar, com as suas mais fundas raízes, as
 antigas moradias das aves, agora forçadas a abandonar os ninhos
 e a procurar refúgio nas alturas: tais campos, ainda há pouco
 baldios, reluzem logo que a relha começou a trabalhar.

Mas em verdade o arneiro pobre e acidentado mal chega para
 dar às abelhas o modesto alecrim e o rosmaninho; o tufo esca-
 broso e a greda que parece ter sido roída pelas negras cobras só
 servem — mas ao menos nisso avantajam-se aos outros solos —
 para dar bom sustento às serpes e fornecer-lhes tortuosos abrigos.

Terra que exala um vapor ténue e neblinas fugazes, que
 absorve a humidade, mas, quando quer, a lança para fora de si;
 terra que, sempre verdejante, se reveste de ervagem que ela
 própria cria, que não ataca o ferro com sal ou ferrugem, eis a
 que te convém para entretecer com os olmos as ridentes videiras;
 será, também, fértil para a oliveira: amanha-a bem, e verás como
 é propícia para os gados, e como é dócil para a curva relha. É um
 terreno assim que ara a opulenta Cápua; são assim também as
 várzeas do Clânio, incómodo vizinho da tranquila Acerra.

Ensinarei agora como poderás conhecer as qualidades de um
 solo. Apura se ele é leve, ou mais compacto do que o vulgar:
 porque este último é favorável ao trigo, e aquele ao Lieu. Antes
 de mais nada, escolhe um sítio apropriado — os teus olhos te
 indicarão qual ele deva ser; manda abrir uma cova cujas paredes
 se mantenham firmes; enche-a depois de novo com a terra que
 tiraste, e calca a pés a superfície; se houver folga, é que a
 terra é leve, mais apta para pastagem, ou para a prósida
 videira; se houver torrões que não caibam na cova, se, depois
 desta cheia, sobra terra, então o solo é forte; dispõe-te para
 encontrar glebas difíceis de quebrar, e alqueiva-a com os mais
 valentes dos teus bois. A terra salgada, e a que chamam amarga,

(frugibus infelix ea, nec mansuescit arando
 nec Baccho genus aut pomis sua nomina servat) 240
 tale dabit specimen: tu spisso vimine qualos
 colaque prelorum fumosis deripe tectis;
 huc ager ille malus dulcesque a fontibus undae
 ad plenum calcentur: aqua eluctabitur omnis
 scilicet et grandes ibunt per vimina guttae; 245
 at sapor indicium faciet manifestus et ora
 tristia temptantum sensu torquebit amaror.
 pinguis item quae sit tellus hoc denique pacto
 discimus: haud umquam manibus iactata fatiscit,
 sed picis in morem ad digitos lentescit habendo. 250
 umida maiores herbas alit, ipsaque iusto
 laetior. a, nimium ne sit mihi fertilis illa,
 nec se praevalidam primis ostendat aristis!
 quae gravis est ipso tacitam se pondere prodit, 255
 quaeque levis. promptum est oculis praediscere nigram,
 et quis cui color. at sceleratum exquirere frigus
 difficile est: piceae tantum taxique nocentes
 interdum aut hederæ pandunt vestigia nigrae.
 His animadversis terram multo ante memento
 excoquere et magnos scrobibus concidere montis, 260
 ante supinatas Aquiloni ostendere glaebas
 quam laetum infodias vitis genus. optima putri
 arva solo: id venti curant gelidæque pruinae
 et labefacta movens robustus iugera fossor.
 at si quos haud ulla viros vigilantia fugit, 265
 ante locum similem exquirunt, ubi prima paretur
 arboribus seges et quo mox digesta feratur,

de má natureza para qualquer cultura — pois nem a lavoura as doma, nem as cepas nelas conservam nobreza ou os frutos boa fama — dão-se a conhecer por este indício: despendura do enfumado tecto as cestas de vime apertado, ou os cavanejos dos lagares; atesta-os com essa ruim terra e com água pura da fonte; a água, como é de esperar, passará toda ela, e, através da verga, escorrerão grossas gotas; o sabor forte desta água dará sinal pelo amargor, fazendo torcer a boca de quem a prova.

Conhecemos quando uma terra é argilosa deste modo: nunca ela se desfaz ao esfregar-se nas mãos; pega-se, como se fosse pez, aos dedos que a seguram.

As terras húmidas criam ervas de porte maior do que o vulgar, e são, sem ajuda de adubo, mais ricas do que é conveniente. Não sejam elas férteis em demasia; não apareçam com excessiva pujança as espigas novas!

Pelo próprio peso — sem que mais nada tenham de nos dizer — se revelam a terra grave e a leve. Mas é difícil averiguar quais contêm a malfazeja frialdade: apenas servem de indício os pinheiros, e às vezes os nocivos teixos e a hera negra.

Atentando em tudo isto, não te esqueças de deixar a terra a recozer ao sol com grande antecedência, e de saíbrar a fundo os extensos montes; de expor ao Aquilão as leivas reviradas, antes que enterres o bacelo, que há de dar a alegre videira. Campos onde o torrão se esboroa são os melhores; disso se encarregam ventos e geadas, e o robusto cavador, que remexe as geiras e as desfaz em pó.

Os homens a quem não escapa nenhum destes cuidados procuram dois locais semelhantes, um onde as árvores novas se preparam para o plantio, outro para o qual elas serão depois transplantadas,

mutatam ignorent subito ne semina matrem.
 quin etiam caeli regionem in cortice signant,
 ut, quo quaeque modo steterit, qua parte calores 270
 austrinos tulerit, quae terga obverterit axi,
 restituant: adeo in teneris consuescere multum est.
 collibus an plano melius sit ponere vitem
 quaere prius. si pinguis agros metabere campi,
 densa sere: in denso non segnior ubere Bacchus; 275
 sin tumulis acclive solum collisque supinos,
 indulge ordinibus; nec setius omnis in unguem
 arboribus positis secto via limite quadret:
 ut saepe ingenti bello cum longa cohortis
 explicuit legio et campo stetit agmen aperto, 280
 dextraeque acies, ac late fluctuat omnis
 aere renidenti tellus, necdum horrida miscent
 proelia, sed dubius mediis Mars errat in armis.
 omnia sint paribus numeris dimensa viarum;
 non animum modo uti pascat prospectus inanem, 285
 sed quia non aliter viris dabit omnibus aequas
 terra, neque in vacuum poterunt se extendere rami.
 Forsitan et scrobibus quae sint fastigia quaeras.
 ausim vel tenui vitem committere sulco.
 altior ac penitus terrae defigitur arbos, 290
 aesculus in primis, quae quantum vertice ad auras
 aetherias tantum radice in Tartara tendit.
 ergo non hiemes illam, non flabra neque imbres
 convellunt: immota manet multosque nepotes,
 multa virum volvens durando saecula vincit, 295
 tum fortis late ramos et bracchia tendens
 huc illuc media ipsa ingentem sustinet umbram.

para não estranharem a terra mãe, mudada bruscamente. Mais ainda: marcam na casca a que região do céu a planta estava exposta, para, fosse qual fosse a sua posição, a maneira como recebia os calores do Austro, e o lado virado ao polo, a colocarem do mesmo modo no novo terreno. Tamanho é o valor que se dá aos hábitos que em tenra idade se adquirem!

Procura saber primeiramente se é preferível plantar a vinha em colinas ou em terreno chão. Se ela vai instalar-se em terras ricas, apertada a distância entre as cepas; não é por ser curto o compasso que Baco se mostrará preguiçoso. Se, pelo contrário, vais plantar em terreno dobrado ou em colinas íngremes, consente que as cepas se afastem, sem contudo permitir que as entrelinhas, traçadas a rigor, deixem de formar quadrados perfeitos. Como na guerra, quando a legião estendeu, alinhadas, as suas coortes, e a hoste formou em campo aberto em ordem de batalha, a terra parece ondear ao longe com o fulgor do bronze, os soldados não se empenharam ainda em furiosos combates, mas já o incerto Marte vagueia pelo meio das armas: que tudo se disponha obedecendo às medidas parelhas dos arruamentos, não apenas para que o aspecto seja vão prazer da vista, mas porque de outro modo a terra não daria a todos os pés sustento igual, nem os sarmentos poderiam bracejar livremente.

Perguntarás talvez a que profundidade devem ir as valas. Por mim, atrever-me-ia a confiar a videira a um sulco não muito fundo; mas a árvore que lhe serve de esteio tem de se aferrar à terra mais profundamente. É o que se sucede, em especial, com o carvalho, que eleva nos ares o seu cimo tanto quanto mergulha a raiz para o Tártaro; por isso nem as invernias, nem os vendavais, nem as chuvas o desarraigam; permanece inabalável, vendo as gerações a suceder-se; lança ao longe os ramos vigorosos, deita para vários lados as pernadas, e, no meio delas, sustenta a copa que espalha vasta sombra.

Neve tibi ad solem vergant vineta cadentem,
 neve inter vitis corylum sere, neve flagella
 summa pete aut summa defringe ex arbore plantas 300
 (tantus amor terrae), neu ferro laede retunso
 semina, neve oleae silvestris insere truncos.
 nam saepe incautis pastoribus excidit ignis,
 qui furtim pingui primum sub cortice tectus
 robor a comprehendit, frondesque elapsus in altas 305
 ingentem caelo sonitum dedit; inde secutus
 per ramos victor perque alta cacumina regnat,
 et totum involvit flammis nemus et ruit atram
 ad caelum picea crassus caligine nubem,
 praesertim si tempestas a vertice silvis 310
 incubuit, glomeratque ferens incendia ventus.
 hoc ubi, non a stirpe valent caesaeque reverti
 possunt atque ima similes revirescere terra;
 infelix superat foliis oleaster amaris.
 Nec tibi tam prudens quisquam persuadeat auctor 315
 tellurem Borea rigidam spirante movere.
 rura gelu tunc claudit hiems, nec semine iacto
 concretam patitur radicem adfigere terrae.
 optima vinetis satio cum vere rubente
 candida venit avis longis invisita colubris, 320
 prima vel autumnii sub frigora, cum rapidus Sol
 nondum hiemem contingit equis, iam praeterit aestas.
 ver adeo frondi nemorum, ver utile silvis,
 vere tument terrae et genitalia semina poscunt.
 tum pater omnipotens fecundis imbribus Aether 325
 coniugis in gremium laetae descendit, et omnis
 magnus alit magno commixtus corpore fetus.

Evita que as videiras fiquem expostas ao Poente, e não
 plantes aveleiras nas tuas vinhas; não escolhas, para chantas, os
 ramos mais altos, como também não deves ir buscar rebentos
 elevados às árvores. Prefere os mais baixos: a terra tem-lhes mais
 amor. Não cortes sarmentos tenros com um ferro embotado. E não
 consintas zambujeiros entre as cepas: muitas vezes o fogo se solta
 por descuido dos pastores; a princípio escondido na casca oleosa,
 rodeia depois o lenho do tronco, foge para a folhagem alta da
 copa, e ruge no ar; trepa pelos ramos, domina-os, reina por fim,
 vencedor, nos cimos; envolve todo o bosque em chamas e ene-
 grece o ceu com uma nuvem de fumo escura como pez, mórmente
 se das alturas cair o temporal sobre o arvoredado, e o vento impelir
 adiante de si os incêndios que enovela. Se tal suceder, não terão
 força as videiras para de novo crescer de raiz; de nada vale o
 rolá-las: não tornam a verdejar, como antes, no solo em que
 viviam, onde só fica, campeando, o estéril zambujeiro de folha
 amarga.

Ninguém, por mais entendido que pareça, te convença a cavar
 a terra endurecida pelo sopro do Bóreas, quando a invernia aperta
 os campos com a geada, e não deixa prender-se à terra a raiz
 enregelada do bacelo que se enterrou. Para meter bacelo, o
 melhor ensejo é quando, na rósea primavera, chegou a ave branca
 que as cobras odeiam; ou pelos primeiros frios do outono,
 quando os cavalos do Sol dardejante ainda não alcançaram o
 inverno, e o verão já ficou para trás.

É a primavera quem traz maior mercê à folhagem dos bosques e
 das matas; na primavera as terras entumescem e anceiam pelas semen-
 tes geradoras. É então que o Éter, pae onipotente, desce em chuvas
 fecundas ao regaço da Terra, sua esposa feliz, e, unindo a esse
 grande corpo a sua própria grandeza, alimenta todos os germes;

avia tum resonant avibus virgulta canoris,
 et Venerem certis repetunt armenta diebus;
 parturit almus ager Zephyrique trementibus auris 330
 laxant arva sinus; superat tener omnibus umor,
 inque novos soles audent se gramina tuto
 credere, nec metuit surgentis pampinus Austros
 aut actum caelo magnis Aquilonibus imbrem,
 sed trudit gemmas et frondes explicat omnis. 335
 non alios prima crescentis origine mundi
 inluxisse dies aliumve habuisse tenorem
 crediderim: ver illud erat, ver magnus agebat
 orbis, et hibernis parcebant flatibus Euri,
 cum primae lucem pecudes hausere, virumque 340
 ferrea progenies duris caput extulit arvis,
 immissaeque ferae silvis et sidera caelo.
 nec res hunc tenerae possent perferre laborem,
 si non tanta quies iret frigusque caloremque
 inter, et exciperet caeli indulgentia terras. 345
 Quod superest, quaecumque premes virgulta per agros
 sparge fimo pingui et multa memor occule terra,
 aut lapidem bibulum aut squalentis infode conchas:
 inter enim labentur aquae, tenuisque subibit
 halitus, atque animos tollent sata. iamque reperti 350
 qui saxo super atque ingentis pondere testae
 urgerent: hoc effusos munimen ad imbris,
 hoc, ubi hiulca siti findit Canis aestifer arva.
 Seminibus positis superest diducere terram

é então que a ramaria dos cerrados bastios ressoa com o canto das aves, e os gados, em dias certos, sentem o acicate de Venus. O solo criador dá à luz os seus frutos; os campos oferecem o seu seio ao bafo tépido do Zéfiro; as moles seivas refluem de todas as plantas, e as ervas ousam, confiadamente, entregar-se a novos sóis; o pâmpano já não teme a investida dos Austros ou a chuva arrojada do ceu por Aquilões impetuosos; desabrocham os gomos e desdobram-se as folhas.

Não creio que outros fossem os dias que iluminaram o mundo quando ele nasceu, nem que fosse outro o seu curso; reinava, com certeza, a primavera, o mundo inteiro vivia em primavera, os Euros refrejavam os sopros invernosos, quando hauriram a luz os primeiros animais, e a férrea raça humana ergueu a fronte do pedregal que a havia produzido; quando as feras povoaram as brenhas, e os astros o ceu. Os mimosos entes acabados de criar não teriam podido suportar as provações a que iam ser expostos se não achassem tamanha calma, meio termo entre o frio e o calor, se a clemência dos ceus não acolhesse a terra.

Mas prossigamos. Ao meter bacelo, lembra-te de espalhar nas valas estrume bem curtido, e de o cobrir com terra em abundância; e instala valas cegas, tendo no fundo pedras ou conchas lançadas a granel, por entre as quais se escoará a água e passará o ar subtil, e assim as plantas novas cobrarão alento. Há quem coloque no terreno, por cima do bacelo, uma pesada pedra, ou uma grande telha, e destarte o proteja das chuvas, e dos calores que o Cão traz consigo e que abrem gretas no chão ressequido. Depois, cumpre remexer amiúde a terra

saepius ad capita et duros iactare bidentis, 355
 aut presso exercere solum sub vomere et ipsa
 flectere luctantis inter vineta iuencos;
 tum levis calamos et rasae hastilia virgae
 fraxineasque aptare sudes furcasque valentis,
 viribus eniti quarum et contemnere ventos 360
 adsuescant summasque sequi tabulata per ulmos.

Ac dum prima novis adolescit frondibus aetas,
 parcendum teneris, et dum se laetus ad auras
 palmes agit laxis per purum immissus habenis,
 ipsa acie nondum falcis temptanda, sed uncis 365
 carpendae manibus frondes interque legendae.
 inde ubi iam validis amplexae stirpibus ulmos
 exierint, tum stringe comas, tum bracchia tonde
 (ante reformidant ferrum), tum denique dura
 exerce imperia et ramos compesce fluentis. 370

Texendae saepes etiam et pecus omne tenendum,
 praecipue dum frons tenera imprudensque laborum;
 cui super indignas hiemes solemque potentem
 silvestres uri adsidue capraeque sequaces 375
 inludunt, pascuntur oves avidaeque iuvencae.
 frigora nec tantum cana concreta pruina
 aut gravis incumbens scopulis arentibus aestas
 quantum illi nocuere greges durique venenum
 dentis et admorsu signata in stirpe cicatrix.
 non aliam ob culpam Baccho caper omnibus aris 380
 caeditur et veteres ineunt proscaenia ludi,
 praemiaque ingeniis pagos et compita circum

em torno dos bacelos, e fazer repetidas cavas, a poder de enxada, ou charruar o solo, guiando os afadigados novilhos por entre as carreiras de cepas. Depois, ainda, preparar canas lisas, estacas descascadas, varas de freixo e robustas forquilhas, com o apoio das quais a videira aprende a trepar e a desprezar os ventos, e se enrosca, em andares, até ao topo dos negrilhos. Nesta primeira idade, enquanto ela cresce vestindo-se de folhas, rodeia-a de carinhos; quando o alegre pâmpano se lança, à rédea solta, pelos ares, não é ainda tempo de o sujeitares à prova da podoa: é à mão, aqui e ali, que debes esladroar. Mais tarde, quando as raízes são já vigorosas e os sarmentos saíram, abraçando os ulmos, corta então a cabeleira e o varedo inútil. Antes, as videiras não suportariam o ferro; agora chegou, finalmente, o momento de lhe impores o teu mando: reprime com firmeza a exuberância excessiva.

Outra tarefa necessária é tecer sebes, que vedem a entrada a rebanhos, sobretudo enquanto a parra é mimosa e mal afeita a tratos duros. Não só a aspereza dos temporais e a tirania do sol lhe fazem dano; também o uro bravio e a cabra de teimoso dente se comprazem em a destruir, e a rilham as ovelhas e as gulosas bezerras. Nem os frios que a branca geada torna mais regelados, nem os ardores do estio, pesando sobre as rochas escaldadas, são mais nocivos às vinhas do que o gado, com o veneno do seu duro dente, e a cicatriz que deixa assinalada na touça que morde. É para expiar essa culpa que se sacrifica o bode em todos os altares de Baco, e se celebram as tradicionais festas nos teatros; que os descendentes de Teseu instituíram dádivas aos génios em todas as aldeias e encruzilhadas,

Thesidae posuere, atque inter pocula laeti
 mollibus in pratis unctos saluere per utres;
 nec non Ausonii, Troia gens missa, coloni 385
 versibus incomptis ludunt risuque soluto,
 oraque corticibus sumunt horrenda cavatis,
 et te, Bacche, vocant per carmina laeta, tibi que
 oscilla ex alta suspendunt mollia pinu.
 hinc omnis largo pubescit vinea fetu, 390
 complentur vallesque cavae saltusque profundi
 et quocumque deus circum caput egit honestum.
 ergo rite suum Baccho dicemus honorem
 carminibus patriis lancesque et liba feremus,
 et ductus cornu stabit sacer hircus ad aram, 395
 pinguiaque in veribus torrebimus exta columnis.
 Est etiam ille labor curandis vitibus alter,
 cui numquam exhausti satis est: namque omne quotannis
 terque quaterque solum scindendum glaebaque versis
 aeternum frangenda bidentibus, omne levandum 400
 fronde nemus. redivit agricolis labor actus in orbem,
 atque in se sua per vestigia volvitur annus.
 ac iam olim, seras posuit cum vinea frondes
 frigidus et silvis Aquilo decussit honorem,
 iam tum acer curas venientem extendit in annum 405
 rusticus, et curvo Saturni dente relictam
 persequitur vitem attondens fingitque putando.
 primus humum fodito, primus devecta cremato
 sarmenta, et vallos primus sub tecta referto;
 postremus metito. bis vitibus ingruit umbra, 410
 bis segetem densis obducunt sentibus herbae;
 durus uterque labor: laudato ingentia rura,
 exiguum colito. nec non etiam aspera rusci

e que, jubilosos, bebem e dançam, em cima de odres untados de azeite, nos prados macios. Também os campónios da Ausónia, oriundos de Tróia, se divertem, com versos rudes e desenfreadas gargalhadas, a fazer esgares, com máscaras de cortiça, invocando-te, Baco, em alegres cantares, e pendurando no cimo dos pinheiros graciosas figurinhas que te representam.

Chega a quadra em que a vinha, pujante, se enche de abundante novidade nos cavados vales, nos bosques profundos, e em toda a parte para onde se volta a gentil cabeça do deus. Cumpre-nos então prestar, segundo a velha usança, os louvores que a Baco são devidos, entoando os cânticos que a nossa terra compôs; ofertar-lhe os bolos e os tabuleiros rituais; levar ao pé do altar, guiado por um chifre, o bode consagrado; e assar as suas pingues entranhas em espetos de aveleira.

Outro trabalho mais requer o cultivo das vinhas, trabalho que nunca se satisfaz com o esforço que se lhe dedica. Toda a terra se tem de arrendar tres e quatro vezes cada ano; constantemente é preciso quebrar a leiva com a peta da enxada, e desembaraçar a vinha da folhagem que sobra. A faina que o vinhateiro fez, tem de tornar a fazê-la, e assim roda o ano, como se voltasse seguindo as próprias pegadas. E, quando um dia a videira se despoja das folhas outoniças e o frio Aquilão despe as galas às matas, já o diligente homem do campo se preocupa com o ano que há-de vir, e trata de podar, com o curto dente de Saturno, a vinha que por momentos abandonara. Sê o primeiro a cavar a terra, o primeiro a recolher e a queimar o retraço da chapota, e o primeiro a levar para a arrecadação os paus de falca: mas sê o último a vindimar.

Duas vezes no ano a videira se cobre de sombra; duas vezes as ervas sufocam as cepas com espesso matagal; para remediar tais males é-se forçado a duras lides. Por isso, gaba a extensão dos predios alheios, mas prefere que seja pequeno o que granjeias.

Tarefa indispensável é cortar nas matas,

vimina per silvam et ripis fluvialis harundo
caeditur, incultique exercet cura salicti. 415
iam vinctae vites, iam falcem arbusta reponunt,
iam canit effectos extremus vinitor antes:
sollicitanda tamen tellus pulvisque movendus,
et iam maturis metuendus Iuppiter uvis.

Contra non ulla est oleis cultura: neque illae 420
procurvam exspectant falcem rastrosque tenacis,
cum semel haeserunt arvis aurasque tulerunt;
ipsa satis tellus, cum dente recluditur unco,
sufficit umorem et gravidas, cum vomere, fruges.
hoc pinguem et placitam Paci nutritor olivam. 425

Pona quoque, ut primum truncos sensere valentis
et viris habuere suas, ad sidera raptim
vi propria nituntur opisque haud indiga nostrae.
nec minus interea fetu nemus omne gravescit,
sanguineisque inculta rubent aviaria baxis. 430
tondentur cytisi, taedas silva alta ministrat,
pascunturque ignes nocturni et lumina fundunt.

[et dubitant homines serere atque impendere curam?]
quid maiora sequar? salices humilesque genistae,
aut illae pecori frondem aut pastoribus umbram 435
sufficiunt saepemque satis et pabula melli.

et iuvat undantem buxo spectare Cytorum
Naryciaeque picis lucos, iuvat arva videre
non rastris, hominum non ulli obnoxia curae.
ipsae Caucasio steriles in vertice silvae, 440
quas animosi Euri adsidue franguntque feruntque,
dant alios aliae fetus, dant utile lignum
navigiis pinus, domibus cedrumque cupressosque.

para atilhos, varas ásperas de gilbarbeira, e junca nas ribeiras; o próprio salgueiro dá trabalhos, embora se não tenha de o cultivar.

Já se emparam as videiras; já as cepas consentem que se ponha de banda o podão; já o viticultor alcançou o extremo das carreiras, e canta ao rematá-las; e todavia ainda é preciso escardear a terra e esmigalhar torrões; e eis que Jove ameaça as uvas já maduras.

Em comparação com a vinha, as oliveiras quase não exigem granjeio; nada esperam da curva podoa ou dos rastros que agarram a terra, desde que se aferraram ao chão e se acharam capazes de afrontar o sopro das auras. A terra, uma vez aberta pelos dentes aduncos do enxadão, dá seiva bastante às árvores, e, rasgada pela relha, fá-las produzir copiosa safra: é com o amanho do solo que deves sustentar a oliveira, tornando-a farta e grata à Paz. Igualmente as fruteiras, logo que sentem os troncos firmes e adquirem forças próprias, se apressam a elevar-se para os astros, com o vigor que de si mesmas tiram, sem necessidade da nossa ajuda.

Entretanto, carregam-se também de frutos as matas, e os incultos cerrados que servem de refúgio às aves avermelham-se com as bagas cor-de-sangue; o cítiso ministra pasto ao armentio; os pinheiros dão-nos archotes em que se acendem os lumes que trazem claridade às noites. E ainda os homens hesitarão em plantar arvoredos, e em lhe dispensar cuidados?

Para que falar das árvores maiores? Os salgueiros e as humildes giestas fornecem folheto ao rebanho, sombra ao pastor, vedações às cearas e alimento melífero às abelhas. Como é grato ver o Citorio, com as suas ondas de buxo, e as matas resinosas de Narícia; como é grato contemplar os campos ainda virgens das alfaias e dos labores dos homens! Até as selvas infrutíferas dos cerros do Cáucaso, que os Euros impetuosos continuamente varrem e devastam, dão produtos: madeiras úteis, pinho para construir navios, cedros e ciprestes para edificar casas.

hinc radios trivere rotis, hinc tympana plaustris
 agricolae, et pandas ratibus posuere carinas. 445
 viminibus salices, fecundae frondibus ulmi,
 at myrtus validis hastilibus et bona bello
 cornus, Ituraeos taxi torquentur in arcus.
 nec tiliae leves aut torno rasile buxum
 non formam accipiunt ferroque cavantur acuto. 450
 nec non et torrentem undam levis innatat alnus
 missa Pado, nec non et apes examina condunt
 corticibusque cavis vitiosaeque ilicis alvo.
 quid memorandum aequae Baccheia dona tulerunt?
 Bacchus et ad culpam causas dedit; ille furentis 455
 Centauros leto domuit, Rhoetumque Pholumque
 et magno Hylaeum Lapithis cratera minantem.
 O fortunatos nimium, sua si bona norint,
 agricolas! quibus ipsa procul discordibus armis
 fundit humo facilem victum iustissima tellus; 460
 si non ingentem foribus domus alta superbis
 mane salutantum totis vomit aedibus undam,
 nec varios inhiant pulchra testudine postis
 inlusasque auro vestis Ephyreiaque aera,
 alba neque Assyrio fucatur lana veneno, 465
 nec casia liquidi corrumpitur usus olivi;
 at secura quies et nescia fallere vita,
 dives opum variarum, at latis otia fundis
 (speluncae vivique lacus et frigida Tempe
 mugitusque boum mollesque sub arbore somni) 470
 non absunt; illic saltus ac lustra ferarum,
 et patiens operum exiguoque adsueta iuventus,
 sacra deum sanctique patres; extrema per illos

Dessas madeiras fizeram os agricultores raios de rodas, ou rodas
 massiças para carros; com elas se formaram os curvos costados
 das embarcações. Os salgueiros rendem abundante varedo, os
 negrilhos farta folhagem; da murta, e da cerejeira, útil para a
 arte da guerra, tiram-se rijas hastes de lanças; os teixos dobram-
 se em arcos Itúrios. As tilias lisas, e o buxo, que tão bem se
 ajeita ao trabalho do torno, prestam-se a receber formas diversas,
 e afeioam-se facilmente com a acerada goiva; o álamo ligeiro,
 lançado no Pó, boia nas águas correntes; e os enxames de abelhas
 escondem-se nas cortiças ôcas e no seio das azinheiras carcomidas.
 Que benefícios comparáveis nos oferecem os dons de Baco? Baco
 foi por vezes origem de crimes: foi ele quem abateu mortalmente
 os Centauros enfurecidos pela embriaguês, e Reto, e Foló, e Hileu,
 que ameaçavam os Lápitas com a desmedida cratera.

(Ditosos os lavradores; ditosos, mais talvez do que é consentido,
 se souberem dar valor aos bens que gosam! Longe do embate
 das armas, a terra providente dá-lhes, como justo prémio do seu
 esforço, fácil subsistência.) Se não possuem palácios grandiosos,
 jorrando por potadas opulentas a turba cumprimenteira dos
 visitantes matinais se não se extasiam diante dos embutidos de
 tartaruga dos dinteis, das colchas recamadas de oiro, e dos
 bronzes do Éfiro; se para eles a branca lã não se disfarça com a
 droga assíria, nem o óleo límpido da oliveira se adultera com
 cássia, têm, pelo menos, uma segura tranquilidade e uma vida que
 não mente, rica em vários bens; desfrutam, pelo menos, repousos
 em horizontes dasafogados, grutas, lagos de água viva, vales
 frescos como o de Tempe, o mugido dos bois, e os sonos amenos
 à sombra do arvoredado. Nos seus domínios há pastos nos montes,
 e retiros de animais bravios; há uma juventude acostumada
 ao trabalho e à parcimónia; há o culto dos deuses e dos
 antepassados veneráveis. A Justiça, ao abandonar a Terra,

Iustitia excedens terris vestia fecit.

Me vero primum dulces ante omnia Musae, 475
 quarum sacra fero ingenti percussus amore,
 accipiant caelique vias et sidera monstrent,
 defectus solis varios lunaeque labores;
 unde tremor terris, qua vi maria alta tumescant
 obicibus ruptis rursusque in se ipsa residant, 480
 quid tantum Oceano properent se tingere soles
 hiberni, vel quae tardis mora noctibus obstet.
 sin has ne possim naturae accedere partis
 frigidus obstiterit circum praecordia sanguis,
 rura mihi et rigui placeant in vallibus amnes, 485
 flumina amem silvasque inglorius. o ubi campi
 Spercheusque et virginibus bacchata Lacaenis
 Taygeta! o qui me gelidis convallibus Haemi
 sistat, et ingenti ramorum protegat umbra!
 felix qui potuit rerum cognoscere causas, 490
 atque metus omnis et inexorabile fatum
 subiecit pedibus setrepitumque Acherontis avari.
 fortunatus et ille deos qui novit agrestis
 Panaque Silvanumque senem Nymphasque sorores. 495
 illum non populi fasces, non purpura regum
 flexit et infidos agitans discordia fratres,
 aut coniurato descendens Dacus ab Histro,
 non res Romanae perituraque regna; neque ille
 aut doluit miserans inopem aut invidit habenti.
 quos rami fructus, quos ipsa volentia rura 500
 sponte tulere sua, carpsit, nec ferrea iura
 insanumque forum aut populi tabularia vidit.
 sollicitant alii remis freta caeca, ruuntque
 in ferrum, penetrant aulas et limina regum;

deixou lá os sinais dos seus derradeiros passos.)

O que para mim peço é que as Musas, a quem sirvo como sacerdote, e a quem acima de tudo quero com profundo amor, me acolham e me ensinem as sendas do ceu, e os astros que as percorrem; os eclipses do Sol e os da Lua; qual a causa dos terremotos; que força faz encapelar os mares profundos, que tudo derrubam diante de si, para de novo abaterem; por que razão os sóis do inverno se apressam tanto a mergulhar no Oceano, e que obstáculo torna tão lento o caminhar das noites. Mas, se o sangue que me rodeia o coração impede, pela sua frialdade, que eu possa penetrar nestes domínios da Natureza, sejam então meu consolo os campos, e os ribeiros que correm pelos vales; se renuncio à glória, fique-me o amor aos rios e às florestas. Onde estais, campos do Esperquio, e tu, Taigeto, onde as virgens da Lacedemónia celebram bacanais? Quem me levava para o repouso dos frescos vales do Hemo, e me cobrira com a sombra imensa dos seus arvoredos!

Feliz aquele a quem foi dado conhecer a razão das cousas; que calcou aos pés os temores, e é indiferente ao Destino inexorável e ao rumor do ávido Aqueronte! Feliz, também, aquele que priva com os deuses agrestes, Pan e o velho Silvano, e as ninfas irmãs! Não o preocupam as honras cívicas, nem a púrpura dos reis, nem a discórdia que leva irmãos a atraiçoar-se, nem o Daco que desce do Istro, forja de conjuras, nem as grandezas de Roma e a agonia dos reinos que ela subjugou; nunca tem de se apiedar do pobre ou de invejar o rico; colhe os frutos que espontâneamente lhe entregam os ramos; não o perturbam a dureza das leis, a insânia do foro ou os enredos da vida pública.

Homens há que metem remos aos mares desconhecidos, que se precipitam sobre as armas, que se insinuam nos átrios e nos palácios reais;

hic petit excidiis urbem miserosque penatis, 505
 ut gemma bibat et Sarrano dormiat ostro;
 condit opes alius defossoque incubat auro;
 hic stupet attonitus rostris, hunc plausus hiantem
 per cuneos geminatus enim plebisque patrumque
 corripuit; gaudent perfusi sanguine fratrum, 510
 exsilioque domos et dulcia limina mutant
 atque alio patriam quaerunt sub sole iacentem.
 agricola incurvo terram dimovit aratro:
 hinc anni labor, hinc patriam parvosque nepotes
 sustinet, hinc armenta boum meritosque iuencos. 515
 nec requies, quin aut pomis exuberet annus
 aut fetu pecorum aut Cerealis mergite culmi,
 proventuque oneret sulcos atque horrea vincat.
 venit hiems: teritur Sicyonia baca trapetis,
 glande sues laeti redeunt, dant arbuta silvae; 520
 et varios ponit fetus autumnus, et alte
 mitis in apricis coquitur vindemia saxis.
 interea dulces pendent circum oscula nati,
 casta pudicitiam servat domus, ubera vaccae
 lactea demittunt, pinguesque in gramine laeto 525
 inter se adversis luctantur cornibus haedi.
 ipse dies agitat festos fususque per herbam,
 ignis ubi in medio et socii cratera coronant,
 te libans, Lenaeae, vocat pecorisque magistris
 velocis iaculi certamina ponit in ulmo, 530
 corporaque agresti nudant praedura palaestra.
 hanc olim veteres vitam coluere Sabini,
 hanc Remus et frater, sic fortis Etruria crevit
 scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma,

este ataca com ruinosos golpes a própria pátria e o seu desventurado povo, para beber em taças preciosas e dormir em leito de púrpura de Tiro; estoutro sonega as riquezas e deita-se sobre o oiro que enterrou; aquele pasma em frente das tribunas; não falta quem, boquiaberto, se deixe arrebatado pelos aplausos da plebe e dos senadores, soando redobrados pelas bancadas do teatro; irmãos comprazem-se em derramar o sangue de irmãos, trocam pelo exílio a doçura do lar, e procuram, debaixo de outro sol, uma pátria nova.

O lavrador, entretanto, revolve a terra com o curvo arado, e o trabalho ocupa-lhe o ano inteiro; com ele sustenta o património e os filhos; com ele os bois, que bem merecem seus cuidados. Não descança quando o ano transborda de fruta, de crias de gado ou de paveias de trigo, e os sulcos se carregam de pesada colheita que abarrota os celeiros. Chega o inverno: moe-se nos lagares a baga siciona; voltam do montado os cevados, fartos de bolota; dão medronhos as matas. Ou o outono depõe a seus pés pomos variados e a doce vindima amadura nas colinas pedregosas inundadas de sol. Enquanto os campos assim prosperam, os filhos buscam os seus beijos; na honesta habitação reina a virtude; pendem, cheios de leite, os úberes das vacas; e os gordos cabritos, retouçando na erva abundante, combatem à marrada. Celebra o lavrador os dias de nomeada, reclinado na relva, onde a fogueira está acesa, e, com os companheiros, engrinalda a cratera para te invocar com libações, ó Leneu; suspende um alvo num ulmeiro para os pastores competirem a arrojarem o dardo; a menos que, desnudando os rijos torsos, meçam forças lutando.

Assim viveram outrora os velhos Sabinos; assim Remo e o irmão; por certo assim cresceu a forte Etrúria, e Roma se tornou a mais bela das

septemque una sibi muro circumdedit arces.
 ante etiam sceptrum Dictaei regis et ante
 impia quam caesis gens est epulata iuvenis,
 aureus hanc vitam in terris Saturnus agebat;
 necdum etiam audierant inflari classica, necdum
 impositos duris crepitare incudibus ensis.

535

540

Sed nos immensum spatiis confecimus aequor,
 etiam tempus equum fumantia solvere colla.

ciudades, cingindo com uma muralha as suas sete colinas. E, antes do reinado do Dicteu, e antes que a raça ímpia dos homens se sustentasse com a carne do novilho degolado, era esta a vida, na Terra, do áureo Saturno. Não se tinha então ouvido ainda o som da tuba de guerra, nem o retinir das espadas nas duras bigornas.

Mas já percorremos desmedido espaço; é tempo de soltar dos arreios os garrotes fumegantes dos nossos corceis.

P. VERGILI MARONIS

GEORGICON

LIBER III

TE quoque, magna Pales, et te memorande canemus
pastor ab Amphryso, vos, silvae amnesque Lycaei.
cetera, quae vacuas tenuissent carmine mentes,
omnia iam vulgata: quis aut Eurysthea durum,
aut inlaudati nescit Busiridis aras? 5
cui non dictus Hylas puer et Latonia Delos
Hippodameque umeroque Pelops insignis eburno,
acer equis? temptanda via est, qua me quoque possim
tollere humo victorque virum volitare per ora.
primus ego in patriam mecum, modo vita supersit, 10
Aonio rediens deducam vertice Musas;
primus Idumaeas referam tibi, Mantua, palmas,
et viridi in campo templum de marmore ponam
propter aquam, tardis ingens ubi flexibus errat
Mincius et tenera praetexit harundine ripas. 15
in medio mihi Caesar erit templumque tenebit:
illi victor ego et Tyrio conspectus in ostro
centum quadriugos agitabo ad flumina currus.
cuncta mihi Alpheum linquens lucosque Molorchi
cursibus et crudo decernet Graecia caestu. 20
ipse caput tonsae foliis ornatus olivae

AS GEORGICAS DE VERGILIO

LIVRO III

CANTAR-VOS-EI também: a ti, magna Pales, e a ti, glorioso
pastor do Anfriso, e a vós, matas e rios do Liceu. Outros temas
que, tratados pela poesia, poderiam ocupar mentes ociosas, são já
banais. Quem não conhece o duro Euristeu e os altares do
execrando Busiris? Quem não ouviu celebrar o moço Hílas, e
Delos, a ilha de Latona, e Hipodâmia, e Pélope, o do ombro de
marfim, mestre de artes equestres? Quero tentar uma nova via
pela qual eu também possa elevar-me da terra, e adejar, vencedor,
de boca em boca. Serei eu o primeiro, se a vida me durar, a
trazer comigo as Musas em triunfo dos cimos Aónios para a
minha pátria; o primeiro a levar-te, Mântua, as palmas de Idumea.
Hei-de edificar um templo de mármore junto às águas, na ribeira
onde o magestoso Míncio vagueia em lentas curvas, e que ele
adorna com mimosos juncais. No meio do meu templo, enchendo-o
de esplendor, estará César; e eu, revestido de dignidade e de
púrpura, farei correr à desfilada, em sua honra, cem quadrigas
pela margem do rio. A Grécia inteira, abandonando o Alfeu e os
bosques de Molorco, e acudindo ao meu chamado, virá disputar
corridas, e combates com o cesto de coiro; serei eu quem irá, com
a fronte cingida pela coroa de folhas de oliveira cortadas cerce,

dona feram. iam nunc sollemnis ducere pompas
 ad delubra iuvat caesosque videre iuencos,
 vel scaena ut versis discedat frontibus utque
 purpurea intexti tollant aulaea Britanni. 25
 in foribus pugnam ex auro solidoque elephanto
 Gangaridum faciam victorisque arma Quirini,
 atque hic undantem bello magnumque fluentem
 Nilum ac navali surgentis aere columnas.
 addam urbes Asiae domitas pulsumque Niphaten 30
 fidentemque fuga Parthum versisque sagittis;
 et duo rapta manu diverso ex oste tropaea
 bisque triumphatas utroque ab litore gentis.
 stabunt et Parii lapides, spirantia signa,
 Assaraci proles demissaeque ab Iove gentis 35
 nomina, Trosque parens et Troiae Cynthus auctor.
 Invidia infelix furias amnemque severum
 Cocyti metuet tortosque Ixionis anguis
 immanemque rotam et non exsuperabile saxum.
 interea Dryadum silvas saltusque sequamur 40
 intactos, tua, Maecenas, haud mollia iussa.
 te sine nil altum mens incohat: en age segnis
 rumpe moras; vocat ingenti clamore Cithaeron
 Taygetique canes domitrixque Epidaurus equorum,
 et vox adsensu nemorum ingeminata remugit. 45
 mox tamen ardentis accingar dicere pugnas
 Caesaris et nomen fama tot ferre per annos
 Tithoni prima quot abest ab origine Caesar.
 Seu quis Olympiacae miratus praemia palmae 50
 pascit equos, seu quis fortis ad aratra iuencos,
 corpora praecipue matrum legat. optima torvae
 forma bovis cui turpe caput, cui plurima cervix,
 et crurum tenuis a mento palearia pendent;

entregar prémios aos vencedores. Já me imagino a conduzir ao templo procissões solenes, e a assistir ao sacrifício dos novilhos; a ver o transformar da cena, quando os Bretões bordados na tela de púrpura parecem descerrá-la. Nos portões do templo farei esculpir em oiro e em duro marfim a derrota dos povos do Ganges e a vitória do novo Quirino; o Nilo, refervendo em guerras, a correr caudaloso; e as colunas ornadas com o bronze das naus inimigas. Ajuntarei as cidades da Ásia subjugadas, o Nifates repellido, os Partas, que se fiam na fuga e nas frechas que lançam para trás; o duplo trofeu, arrancado a inimigos tão distantes um do outro, e as nações duas vezes vencidas em fronteiras opostas do Império. Erguer-se-ão imagens de mármore de Paros, que parecerão vivas, representando a prole de Assáraco, e as glórias de uma família descendente de Júpiter, e Tros, antepassado insigne, e o deus do Cinto, fundador de Tróia. Ali figurará a mal astrada Inveja, tremendo com terror das Fúrias, do sinistro Cócito, das serpentes enroscadas em torno de Ixião, da terrível roda e do penedo indominável.

Mas, entretanto, vamos prosseguir: percorramos as matas das Driades, os seus bosques virgens. São estes, Mecenas, os teus mandados, não fáceis de cumprir. Sem ti, não pode a minha mente abalançar-se a altos cometimentos. Pois bem, adiante! Ponhamos termo a arrastadas demoras: chamam-nos, com grandes gritos, o Citéron, os cães de Taigeto, e Epidauro, domadora de cavalos; e os clamores ressoam redobrados pelo eco dos bosques. Mas não vem longe o tempo em que me disporei a cantar as ardentes batalhas de César, e a levar a fama do seu nome a uma idade tão remota no futuro quanto dele dista Titono, primeira origem da sua raça.

Tanto aquele que, cubiçando as palmas olímpicas, se dedica a criar cavalos, como o que cria robustos novilhos para a lavoura, devem atender com especial cuidado à escolha das mães. A melhor vaca é a que tem olhar carrancudo, cabeça tosca, pescoço muito grosso, barbela caída quase até às mãos;

tum longo nullus lateri modus: omnia magna,
 pes etiam; et camuris hirtae sub cornibus aures. 55
 nec mihi displiceat maculis insignis et albo,
 aut iuga detrectans interdumque aspera cornu
 et faciem tauro propior, quaeque ardua tota
 et gradiens ima verrit vestigia cauda.
 aetas Lucinam iustosque pati hymenaeos 60
 desinit ante decem, post quattuor incipit annos;
 cetera nec feturae habilis nec fortis aratris.
 interea, superat gregibus dum laeta iuventas,
 solve mares; mitte in Venerem pecuaria primus,
 atque aliam ex alia generando suffice prolem. 65
 optima quaeque dies miseris mortalibus aevi
 prima fugit: subeunt morbi tristisque senectus
 et labor, et durae rapit inclementia mortis.
 semper erunt quarum mutari corpora malis:
 semper enim refice ac, ne post amissa requiras, 70
 ante veni et subolem armento sortire quotannis.
 Nec non et pecori est idem dilectus equino.
 tu modo, quos in spem statuas summittere gentis,
 praecipuum iam inde a teneris impende laborem.
 continuo pecoris generosi pullus in arvis 75
 altius ingreditur et mollia crura reponit;
 primus et ire viam et fluvios temptare minacis
 audet et ignoto sese committere ponti,
 nec vanos horret strepitus. illi ardua cervix
 argutumque caput, brevis alvus obesaque terga, 80
 luxuriatque toris animosum pectus (honesti
 spadices glaucique, color deterrimus albis
 et gilvo). tum, si qua sonum procul arma dedere,
 stare loco nescit, micat auribus et tremat artus,

costado, quanto mais comprido, melhor. Toda ela deve ser grande e forte, e até convém que as patas sejam largas; são bons sinais as orelhas felpudas e os cornos acolchetados. E para mim não é defeito que tenha malhas brancas na pelagem; que seja rebelde à canga, e por vezes dada a investir com arreganho que mais parece de toiro; ou que, mantendo sempre aprumo, varra com o extremo da cauda, ao andar, as suas pisadas.

A idade própria para a cobrição e para os trabalhos de Lucina acaba antes dos dez anos e principia depois dos quatro: fóra destes limites, a vaca nem serve para a reprodução nem tem forças para a charrua; naquele período, quando a juventude fecunda transborda das manadas, é que se devem largar soltas aos machos; não percas tempo em os mandar para a padreação, e em tratar de substituir uma geração por outra; os melhores dias da vida são os primeiros a fugir aos míseros mortais; depois deles, vêm as enfermidades, a triste velhice, o sofrimento, até que por fim os arrebatam a cruel morte, que de ninguém tem compaixão.

Haverá sempre algumas vacas cuja conformação te não agrade: refuga-as sem perda de tempo, não vá acontecer que, quando já for tarde, tenhas de lamentar a falta de boas mães; refresca todos os anos a tua vacada com novas crias.

A mesma escolha deverás fazer com o gado cavalari. Observa, com particular cuidado, desde tenra idade, os animais que destinavas a dar semente. Logo de princípio, no campo, o poldro bem arraçado levanta os braços com arrogância e pisa com leveza o chão. É o primeiro a entrar numa azinhaga, a afrontar um rio ameaçador, a aventurar-se a passar uma ponte que não conhece; e não se assusta com ruidos vãos. Tem cerviz alta, cabeça bem talhada, ventre recolhido, garupa arredondada, peitoral largo e bem musculado. Castanho e cinzento são cores de bom indício; alvacentos e melados, os peores. Quando o potro de boa casta ouve ao longe o estrépito das armas, não é capaz de se manter quieto; fita as orelhas; tremem-lhe os membros;

collectumque premens volvit sub naribus ignem. 85
 densa iuba, et dextro iactata recumbit in armo;
 at duplex agitur per lumbos spina, cavatque
 tellurem et solido graviter sonat ungula cornu.
 talis Amyclaei domitus Pollucis habenis
 Cyllarus et, quorum Grai meminere poetae, 90
 Martis equi biiuges et magni currus Achilli.
 talis et ipse iubam cervice effundit equina
 coniugis adventu pernix Saturnus, et altum
 Pelion hinnitu fugiens implevit acuto.
 Hunc quoque, ubi aut morbo gravis aut iam segnior annis
 deficit, abde domo, nec turpi ignosce senectae. 96
 frigidus in Venerem senior, frustra que laborem
 ingratum trahit, et, si quando ad proelia ventum est,
 ut quondam in stipulis magnus sine viribus ignis,
 incassum furit. ergo animos aevumque notabis 100
 praecipue: hinc alias artis prolemque parentum
 et quis cuique dolor victo, quae gloria palmae.
 nonne vides, cum praecipiti certamine campum
 corripuere, ruuntque effusi carcere currus,
 cum spes adrectae iuvenum, exsultantiaque haurit 105
 corda pavor pulsans? illi instant verberare torto
 et proni dant lora, volat vi fervidus axis;
 iamque humiles, iamque elati sublime videntur
 aëra per vacuum ferri atque adsurgere in auras;
 nec mora nec requies; at fulvae nimbus harenae 110
 tollitur, umescunt spumis flatuque sequentum:
 tantus amor laudum, tantae est victoria curae.
 primus Erichthonius currus et quattuor ausus
 iungere equos rapidusque rotis insistere victor.

relincha lançando pelas narinas o fogo concentrado. Tem crina
 espessa, que cae, quando a sacode, sobre a espádua direita; corre-
 -lhe um fundo sulco ao longo da espinha; escarva a terra,
 fazendo-a soar fortemente com o rijo casco. Assim era Cilaro,
 domado pelas rédeas de Polux de Amicleia; assim os dois cavalos
 de Marte, que os poetas gregos celebraram, e os corceis que
 puxavam o carro de Aquiles; foi um aspecto assim que tomou
 Saturno quando, ao ver a esposa aproximar-se, agitou as crinas
 sobre o garrote equino, e encheu o alto Pélion de agudos relinchos.

Também este cavalo de raça tu terás de arredar de casa
 quando decair, por a doença o prostrar ou por os anos o enfraque-
 cerem. Não tenhas dó da velhice inútil; quebrado pela idade, já
 frio para as lides de Venus, de balde tentará uma tarefa ingrata:
 se, porventura, se atreve ao combate amoroso, arde em vão
 esforço, como fogueira em que se queima palha. Atende pois,
 sobretudo, aos brios e à idade do garanhão; a seguir, nota-lhe as
 outras qualidades, a prole dos paes, o modo como o afecta a
 derrota, a maneira como exulta na vitória. Não vês, quando os
 carros projectados das cocheiras devoraram a pista, e se precipi-
 tam em luta veloz, como as esperanças dos moços competidores se
 exaltam? Como umas vezes a excitação faz palpitar apressada-
 mente os corações, outras parece que o sangue os abandona, com
 o temor da derrota? Como os condutores incitam os cavalos
 com o látego rodopiante, e lhes soltam as rédeas? O eixo aque-
 cido gira com rapidez; ora baixam, ora se erguem pelos ares,
 como se fossem arrebatados pelo vento; nem tréguas nem descanso.
 Levanta-se uma nuvem de areia fulva; os corceis estão molhados
 de espuma, e pelo resfolgo dos que os seguem. Tamanho é o amor
 da glória, tão grande a ância de vencer!

Foi Erictónio o primeiro que se afoitou a atrelar quatro cavalos a
 um carro, e a sustentar-se de pé, dominador, sobre as rápidas rodas;

frena Pelethronii Lapithae gyrosque dedere 115
 impositi dorso, atque equitem docuere sub armis
 insultare solo et gressus glomerare superbos.
 aequus uterque labor, aequae iuvenemque magistri
 exquirunt calidumque animis et cursibus acrem;
 quamvis saepe fuga versos ille egerit hostis, 120
 et patriam Epirum referat fortisque Mycenae,
 Neptunisque ipsa deducat origine gentem.

His animadversis instant sub tempus et omnis
 impendunt curas denso distendere pingui
 quem legere duces et pecori dixere maritum; 125
 florentisque secant herbas fluviosque ministrant
 farraque, ne blando nequeat superesse labori
 invalidisque patrum referant ieiunia nati.
 ipsa autem macie tenuant armenta volentes,
 atque, ubi concubitus primos iam nota voluptas 130
 sollicitat, frondesque negant et fontibus arcent.
 saepe etiam cursu quatiunt et sole fatigant,
 cum graviter tunsis gemit area frugibus, et cum
 surgentem ad Zephyrum paleae iactantur inanes.
 hoc faciunt, nimio ne luxu obtusior usus 135
 sit genitali arvo et sulcos obliet inertis,
 sed rapiat sitiens Venerem interiusque recondat.

Rursus cura patrum cadere et succedere matrum
 incipit. exactis gravidarum cum mensibus errant,
 non illas gravibus quisquam iuga ducere plaustris, 140
 non saltu superare viam sit passus et acri
 carpere prata fuga fluviosque innare rapacis.
 saltibus in vacuis pascunt et plena secundum
 flumina, muscus ubi et viridissima gramine ripa,

foram os Lápitias Peletrónios que primeiro montaram, que inventaram o freio e as evoluções da picaria, que ensinaram o ginete a suportar o cavaleiro armado, bracejando com presteza sob o peso. É igual a dificuldade de obter bons cavalos para um e outro fim; para ambos os criadores avisados procuram animais novos, e, além disso, fogosos e velozes na corrida; não se pode esperar que com eles rivalize o cavalo já velho, embora tenha outrora combatido com valor, ainda que seja seu solar o Epiro ou a forte Micenas, ou a sua raça provenha do próprio Neptuno.

Em tudo isto atentando, tratam os criadores, com toda a diligência, quando o tempo da cobrição se aproxima, de encher de carne firme, a esticar-lhe a pele, o animal que designaram para ganhão; segam, para ele, a erva em flor, dessedentam-no com água pura, dão-lhe farta ração de grão; não vá suceder que lhe falem as forças para desempenhar a sua aprazível tarefa, e recaia sobre uma descendência débil o resultado da escassa alimentação do pae. Ao mesmo tempo, adrede se procura que emagreçam as éguas, e, quando o cio (cujos sinais são evidentes) reclama o primeiro ajuntamento, convém recusar-lhes o verde e afastá-las das fontes; será bom até que se lhes quebrem as energias com galopadas, e se cansem à torreira do sol, quando o tempo é igual ao que reina na quadra em que a eira geme pesadamente com o malhar dos cereais, e o Zéfiro que se levanta faz voar as palhas ocas. Assim se consegue que a gordura excessiva não dificulte o acesso ao campo genital, tapando sulcos e tornando-os estéreis; para que a égua sedenta de volúpia receba ávidamente a semente de Venus, e a absorva mais profundamente.

Doravante, diminuem os cuidados a dar aos paes, e sucedem-se-lhes os que se têm de dispensar às mães. Decorridos meses de gestação, quando as fêmeas cobertas andam à solta pelo campo, ninguém consinta que elas se engatem a pesados carros, nem que saltem estradas, corram pelos prados ou nadem em águas de corrente forte. Convém que pastem em lugares solitarios, à beira de rios de margens baixas, com musgo e relva verde na ribeira,

speluncaeque tegant et saxea procubet umbra. 145
 est lucos Silari circa ilicibusque virentem
 plurimus Alburnum volitans, cui nomen asilo
 Romanum est, oestrum Grai vertere vocantes,
 asper, acerba sonans, quo tota exterrita silvis
 diffugiunt armenta, furit mugitibus aether 150
 concussus silvaeque et sicci ripa Tanagri.
 hoc quondam monstro horribilis exercuit iras
 Inachiae Iuno pestem meditata iuvencae.
 hunc quoque (nam mediis fervoribus acrior instat)
 arcebis gravido pecori, armentaue pasces 155
 sole recens orto aut noctem ducentibus astris.
 Post partum cura in vitulos traducitur omnis;
 continuoque notas et nomina gentis inurunt,
 et quos aut pecori malint summittere habendo
 aut aris servare sacros aut scindere terram 160
 et campum horrentem fractis invertere glaebis.
 cetera pascuntur viridis armenta per herbas:
 tu quos ad studium atque usum formabis agrestem
 iam vitulos hortare viamque insiste domandi,
 dum faciles animi iuvenum, dum mobilis aetas. 165
 ac primum laxos tenui de vimine circlos
 cervici subnecte; dehinc, ubi libera colla
 servitio adsuerint, ipsis e torquibus aptos
 iunge pares, et coge gradum conferre iuencos;
 atque illis iam saepe rotae ducantur inanes 170
 per terram, et summo vestigia pulvere signent.
 post valido nitens sub pondere faginus axis
 instrepat, et iunctos temo trahat aereus orbis.
 interea pubi indomitae non gramina tantum

onde se encontrem grutas que as abriguem, e onde se estenda a sombra de rochedos.

Nas cercanias dos bosques de Silaro e do Alburno, em que verdejam as azinheiras, pulula um insecto cujo nome é *asilo* — chamam-lhe os Gregos *estro* — de pungente ferroada e agudo zumbido, que faz dispersar pelas matas manadas inteiras espantadas; o ar parece tresloucado com bramidos, assim como as florestas, e as margens do Tanagro em estiagem. Foi com este bicho odioso que outrora Juno cevou a sua ira implacável na filha de Inaco convertida em bezerra, inventando a praga para a atormentar. É pela força do calor que ele mais se assanha: por isso, para o afastar das vacas prenhes, é bom que elas saiam para o pasto logo depois do romper do sol, ou quando os astros trazem consigo a noite.

Depois da parição, transferem-se todos os cuidados para os vitelos. Primeiro, marcam-se com o sinal do dono a quem pertencem, e com aqueles que indicam os que se destinam a reprodutores, os que se reservam para sacrifícios nos altares, e os que hão-de lavar os campos, revolver os pousios e quebrar as leivas que os eriçam. Os outros largam-se a pastar na verde ervagem; mas os que tu queiras formar para os trabalhos da lavoura, começa a educá-los quando ainda são bezerros, e principia o ensino enquanto o seu temperamento juvenil é dócil, e a idade os torna fáceis de governar. De entrada, abraça-lhes o pescoço com aros folgados de vime flexível; depois, para acostumar à prisão a cerviz ainda rebelde, junge-os aos pares, atando as coleiras uma à outra, e obriga-os a acertar o passo; fá-los puxar carros vazios, que não deixem no terreno marca mais funda do que os sulcos no pó da superficie. Mais tarde um eixo de faia, esforçando-se sob pesada carga, fará ouvir o seu rechinar, e uma lança chapeada de bronze tirará dois pares de rodas. E, entretanto, enquanto o gado novo não está ensinado,

nec vescal salicum frondes ulvamque palustrem, 175
 sed frumenta manu carpes sata; nec tibi fetae
 more patrum nivea implebunt multraria vaccae,
 sed tota in dulcis consument ubera natos.

Sin ad bella magis studium turmasque ferocis,
 aut Alphae rotis praelabi flumina Pisae 180
 et Iovis in luco currus agitare volantis:
 primus equi labor est animos atque arma videre
 bellantum lituosque pati, tractuque gementem
 ferre rotam et stabulo frenos audire sonantis;
 tum magis atque magis blandis gaudere magistri 185
 laudibus et plausae sonitum cervicis amare.
 atque haec iam primo depulsus ab ubere matris
 audeat, inque vicem det mollibus ora capistris
 invalidus etiamque tremens, etiam inscius aevi.
 at tribus exactis ubi quarta accesserit aestas, 190
 carpere mox gyrum incipiat gradibusque sonare
 compositis, sinuetque alterna volumina crurum,
 sitque laboranti similis; tum cursibus auras
 tum vocet, ac per aperta volans ceu liber habenis
 aequora vix summa vestigia ponat harena, 195
 qualis Hyperboreis Aquilo cum densus ab oris
 incubuit, Scythiaeque hiemes atque arida differt
 nubila: tum segetes altae campique natantes
 lenibus horrescunt flabris, summaeque sonorem
 dant silvae, longique urgent ad litora fluctus; 200
 ille volat simul arva fuga simul aequora verrens.
 hinc vel ad Elei metas et maxima campi
 sudabit spatia et spumas ager ore cruentas,

alimenta-o com erva escolhida; não só folhagem de salgueiro e
 carriço dos paúis, mas também ferrejo; e não queiras, como os
 antigos, que as vacas paridas encham os niveos tarros; todo o leite
 dos seus úberes seja aproveitado para as tenras crias.

Se, porém, é tua predileção criar cavalos para a guerra e
 para os esquadrões intrépidos, ou deslizar sobre rodas velozes
 pelas margens do Alfeu, o rio de Pisa, e lançar no bosque de
 Jove carros que pareçam voar, é necessário, em primeiro lugar,
 que o potro se habitue a ver a bravura e as armas dos comba-
 tentes, a ouvir sem receio o som das trombetas, o gemido da roda
 do carro a que está atrelado e o retinir dos freios na cavalaria;
 e que se alegre, cada vez mais, com os afagos e as palmadas
 sonoras no pescoço, com que o cavaleiro o recompensa. A tudo
 isto ele deverá começar a afazer-se logo que deixe a teta materna,
 assim como deve — embora ainda com poucas forças, trémulo e
 inexperiente — habituar-se a confiar a cabeça a um cabrestilho.

Mas, decorridos tres estios, e entrado o quarto, convém que,
 sem perda de tempo, aprenda a dar voltas no picadeiro, a com-
 passar os andamentos, a curvar alternadamente os membros, ainda
 contrafeito. Desafie então os ventos a correr, e voe em campo
 aberto, como se estivesse livre de rédeas, mal chegando a assinalar
 à flor da terra as marcas dos pés. Seja a sua corrida como a do
 Aquilão, quando, depois de se adensar nas plagas hiperbóreas, se
 precipita estendendo adiante de si os temporais scítios e as nuvens
 secas: primeiro, bafeja suavemente as cearas crescidas e as planu-
 ras líquidas, fazendo-as estremecer; depois sibila nos cimos das
 florestas e impele para as costas extensas vagas; por fim voa
 varrendo a um tempo campos e mares na sua carreira impetuosa.
 Eis o corcel que se cobrirá de suor a tornear as balisas da Élide e
 a galopar nas longas pistas, saindo-lhe da bôca espuma sangrenta,

Belgica vel molli melius feret esseda collo. 205
 tum demum crassa magnum farragine corpus
 crescere iam domitis sinito: namque ante domandum
 ingentis tollent animos, prensique negabunt
 verbera lenta pati et duris parere lupatis.
 Sed non ulla magis viris industria firmat
 quam Venerem et caeci stimulos avertere amoris, 210
 sive boum sive sive est cui gratior usus equorum.
 atque ideo tauros procul atque in sola relegant
 pascua post montem oppositum et trans flumina lata,
 aut intus clausos satura ad praesepia servant. 215
 carpit enim viris paulatim uritque videndo
 femina, nec nemorum patitur meminisse nec herbae
 dulcibus illa quidem inlecebris, et saepe superbos
 cornibus inter se subigit decernere amantis.
 pascitur in magna Sila formosa iuvenca:
 illi alternantes multa vi proelia miscent 220
 vulneribus crebris, lavit ater corpore sanguis,
 versaque in obnixos urgentur cornua vasto
 cum gemitu, reboant silvaeque et longus Olympus.
 nec mos bellantis una stabulare, sed alter 225
 victus abit longeque ignotis exsulat oris.
 multa gemens ignominiam plagasque superbi
 victoris, tum quos amisit inultus amores,
 et stabula aspectans regnis excessit avitis:
 ergo omni cura viris exercet et inter 230
 dura iacet pernix instrato saxa cubili
 frondibus hirsutis et carice pastus acuta,
 et temptat sese atque irasci in cornua discit

ou que encurvará dõcilmente a cerviz, a puxar com brio o carro belga. É quando os cavalos já estão assim domados que os podes deixar ganhar corpulência, dando-lhes ração de ferrejo succulenta: se o fizesses antes, ficariam fogosos em demasia, e, quando os quisesses sujeitar ao trabalho, revoltar-se-iam contra o chicote flexível, e não obedeceriam nem aos freios armados de puas.

Mas, quer se trate de bois, quer de cavalos, nenhum meio há mais eficaz de lhes desenvolver as forças do que arredar deles Venus e os estímulos do cego Amor. Por isso se retiram os toiros para pastos longínquos, por detrás de um monte ou para além de largos rios, ou se encerram em estábulos, ao pé de fartas manjedouras. A vista da fêmea abrasa-os e consome-lhes pouco a pouco o vigor; com os seus atractivos, nem sequer lhes consente a recordação dos bosques e das pastagens; e quantas vezes os leva a lutar furiosamente à cornada!

Na vasta floresta de Sila pasta uma formosa novilha: por ela travam combate dois toiros, investindo ora um, ora outro, com terrível sanha; escorre-lhes sangue negro pelo corpo, de numerosas feridas; as armações vibram golpes violentos; estrondosos mugidos ressoam pela mata e sobem ao longe até ao Olimpo. Não voltam os combatentes a juntar-se na mesma arribana: o vencido afasta-se, desterra-se para sítio remoto e ignorado, sofrendo a afronta e os ferimentos que recebeu do orgulhoso vencedor, e a perda, sem vingança, dos amores; lança para o estábulo um olhar demorado, e ei-lo que partiu dos domínios dos paes. Mas é de recompor as forças que ele vai cuidar: jaz de noite sobre lajes nuas, entre duros penedos; e não menos áspero é o seu pasto, de pungente tojo e carriço espinhoso. Experimenta-se, exercita-se a concentrar nos chifres toda a sua raiva,

arboris obnixus trunco, ventosque lacessit
 ictibus, et sparsa ad pugnam proludit harena.
 post ubi collectum robur viresque relectae, 235
 signa movet praecepsque oblitum fertur in hostem:
 fluctus uti medio coepit cum albescere ponto,
 longius ex altoque sinum trahit, utque volutus
 ad terras immane sonat per saxa neque ipso
 monte minor procumbit, at ima exaestuât unda 240
 verticibus nigramque alte subiectat harenam.
 Omne adeo genus in terris hominumque ferarumque
 et genus aequoreum, pecudes pictaeque volucres,
 in furias ignemque ruunt: amor omnibus idem.
 tempore non alio catulorum oblita leaena 245
 saevior erravit campis, nec funera vulgo
 tam multa informes ursi stragemque dedere
 per silvas; tum saevus aper, tum pessima tigris;
 heu male tum Libyae solis erratur in agris.
 nonne vides ut tota tremor pertemptet equorum 250
 corpora, si tantum notas odor attulit auras?
 ac neque eos iam frena virum neque verbera saeva,
 non scopuli rupesque cavae atque obiecta retardant
 flumina correptosque unda torquentia montis.
 ipse ruit dentesque Sabellicus exacuit sus 255
 et pede prosubigit terram, fricat arbore costas
 atque hinc atque illinc umeros ad vulnera durat.
 quid juvenis, magnum cui versat in ossibus ignem
 durus amor? nempe abruptis turbata procellis
 nocte natat caeca serus freta; quem super ingens 260
 porta tonat caeli, et scopulis inlisa reclamant
 aequora; nec miseri possunt revocare parentes,

investe contra troncos de árvores, criva o ar de cornadas, ensaia as investidas, levantando nuvens de pó. Uma vez refeita a energia e recobrado o ânimo, avança para a luta, precipita-se sobre o inimigo já esquecido dele. Assim a vaga, que, alvejando ao longe, caminha encurvada pela força do alto mar que de trás a impele; rolando para a terra, retumba, aterradora, nos rochedos, e desaba como se fosse uma montanha; do fundo, a onda ferve em remoinhos, e lança para a superfície areia negra.

Na Terra toda a raça, sem excepção alguma, seja ela de homens, de animais bravios, de habitantes das águas, de rebanhos, de aves multicores, se lança na ardente loucura do amor, que a todos domina por igual. Nunca, como no tempo do cio, a leoa, esquecida dos filhos, vagueia mais feroz pelos campos; nem os ursos monstruosos espalham mais a morte pelas selvas; nunca, como então, é tamanha a fúria do javali e a crueldade do tigre: ai do que tem a desdita de percorrer, em tal sazão, os desertos da Libia! Não vês como um tremor agita todo o corpo dos cavalos, mal o vento lhes trouxe um conhecido olor? Já nem os freios que o homem lhes impôs, nem os ríspidos látegos, nem penhascos, nem desfiladeiros, nem rios carregando nas águas pedaços de montanha, são capazes de os deter. Até o cerdo sabélico se arremessa, afia as presas, escarva a terra, esfrega o lombo num tronco e assim o endurece para resistir aos golpes. A quanto não se atreve o moço em cujos ossos o desapiedado amor penetrou como uma onda de fogo? No meio da noite escura, a deshoras, atravessa a nado o estreito agitado pelos temporais; sobre ele troveja a imensa porta do ceu; replicam com clamores as águas, quebrando-se de encontro aos rochedos. Mas nem a lembrança dos paes aflitos,

nec moritura super crudeli funere virgo.
 quid lynces Bacchi variae et genus acre luporum
 atque canum? quid quae imbelles dant proelia cervi? 265
 scilicet ante omnis furor est insignis equarum;
 et mentem Venus ipsa dedit, quo tempore Glauci
 Potniades malis membra absumpsere quadrigae.
 illas ducit amor trans Gargara transque sonantem
 Ascanium; superant montis et flumina tranant. 270
 continuoque avidis ubi subdita flamma medullis
 (vere magis, quia vere calor redit ossibus) illae
 ore omnes versae in Zephyrum stant rupibus altis,
 exceptantque levis auras, et saepe sine ullis
 coniugiis vento gravidae (mirabile dictu) 275
 saxa per et scopulos et depressas convallis
 diffugiunt, non, Eure, tuos, neque solis ad ortus,
 in Borean Caurumque, aut unde nigerrimus Auster
 nascitur et pluvio contristat frigore caelum.
 hic demum, hippomanes vero quod nomine dicunt 280
 pastores, lentum destillat ab inguine virus,
 hippomanes, quod saepe malae legere novercae
 miscueruntque herbas et non innoxia verba.
 Sed fugit interea, fugit inreparabile tempus,
 singula dum capti circumvectamur amore. 285
 hoc satis armentis. superat pars altera curae,
 lanigeros agitare greges hirtasque capellas.
 hic labor, hinc laudem fortes sperate coloni.
 nec sum animi dubius verbis ea vincere magnum
 quam sit et angustis hunc addere rebus honorem; 290
 sed me Parnasi deserta per ardua dulcis
 raptat amor; iuvat ire iugis, qua nulla priorum

nem a da amante cuja morte infeliz se seguirá à sua, logram demovê-lo. O que não ousam os linceos mosqueados de Baco, a raça bravia dos lobos, e a dos cães, e os próprios veados, de natureza tímida, e que, no entanto, o amor lança para os combates? A fúria das éguas, porém, tudo excede. Foi Venus quem lha inspirou, quando as da quadriga de Pótnia despedaçaram à dentada os membros de Glauco. O amor arrasta-as a transpôr o Gárgara e o estrepitoso Ascânio; galgam montanhas, atravessam a nado rios. E, assim que a chama entrou nas suas ávidas medulas, sobretudo na primavera — porque é na primavera que o calor volta aos ossos — sobem aos cerros altos, e aí, virando a fronte para o lado donde sopra o Zéfiro, aspiram as brisas ligeiras; e acontece que, sem outro ajuntamento — cousa estranha de referir! — as fecunda o vento. Dispersam-se então em correrias por entre fragas e penedos e por fundos vales, não para o sítio onde tu nasces, Euro, e onde o sol se levanta, mas para as bandas do Bóreas e do Cauro, ou para a região onde surge o negro Austro, que entristece o ceu com frio e chuva. É só nessa ocasião que o veneno viscoso que o pastor chama, e bem, hipómane, brota do útero das éguas; bastas vezes as malvadas madrastras o colheram, para com ele misturarem ervas e malélicas palavras.

Mas enquanto, enleados pelo amor ao tema, assim nos demoramos a rodear cada um dos seus aspectos, foge o tempo, foge para não mais voltar.

Bastante dissémos do armentio; falta tratar da outra parte do nosso assunto: como cuidar da grei lanígera e das felpudas cabras. É este outro dos vossos trabalhos, valentes lavradores, e também dele vos advirá glória. Sei bem como é difícil traduzir tais cousas por palavras, e revestir com a nobreza da poesia descrições comezinhas. Mas tenho apego às escarpas solitárias do Parnaso; apraz-me percorrer as colinas donde descem para a Castália, em suave pendor, sendas onde outros,

Castaliam molli devertitur orbita clivo.
 nunc, veneranda Pales, magno nunc ore sonandum.
 Incipiens stabulis edico in mollibus herbam 295
 carpere ovis, dum mox frondosa reducitur aestas,
 et multa duram stipula filicumque manipulis
 sternere subter humum, glacies ne frigida laedat
 molle pecus scabiemque ferat turpisque podagras.
 post hinc digressus iubeo frondentia capris 300
 arbuta sufficere et fluvios praebere recentis,
 et stabula a ventis hiberno opponere soli
 ad medium conversa diem, cum frigidus olim
 iam cadit extremoque inrorat Aquarius anno. 305
 hae quoque non cura nobis levioere tuendae
 (nec minor usus erit, quamvis Milesia magno
 vellera mutantur Tyrios incocta rubores),
 densior hinc suboles, hinc largi copia lactis;
 quam magis exhausto spumaverit ubere mulctra
 laeta magis pressis manabunt flumina mammis. 310
 nec minus interea barbas incanaque menta
 Cinyphii tondent hirci saetasque comantis
 usum in castrorum et miseris velamina nautis.
 pascuntur vero silvas et summa Lycaei, 315
 horrentisque rubos et amanti ardua dumos.
 atque ipsae memores redeunt in tecta, suosque
 ducunt, et gravido superant vix ubere limen.
 ergo omni studio glaciem ventosque nivalis,
 quo minor est illis curae mortalis egestas,
 avertes, victumque feres et vigea laetus 320
 pabula, nec tota claudes faenilia bruma.
 at vero Zephyris cum laeta vocantibus aestas

antes de mim, não deixaram o chão rodado. Mais do que nunca, veneranda Pales, tem o meu canto de se sublimar.

Prescreverei, em primeiro lugar, que as ovelhas comam erva em apriscos abrigados, até chegar a estação em que abunda a folhagem; e que se lhes espalhe, a juncar a terra dura, muita palha e braçadas de fetos, para que frios e geadas não afectem o rebanho melindroso, e não tragam a ronha e a pieira. Determino, outrossim, que se dêem às cabras folhas de medronheiro e água pura do rio, e se exponham os estábulos ao sol do inverno, a entestar com o meio-dia, resguardando-os dos ventos, até que, no fim do ano, o frio Aquário, prestes a desaparecer, se desfaz em chuvas finas como rocio. As cabras não merecem menos cuidados, nem é menor o proveito que delas se tira, embora os velos de Mileto, tintos com a púrpura de Tiro, se vendam por elevado preço. São mais numerosas as suas crias, e dão grande fartura de leite; quanto mais os tarros espumam e a ordenha esgota os úberes, tanto mais correm abundantes caudais das tetas espremidas. E isto não impede que se tosquem as barbas e as compridas sedas do bode cinífió, que se utilizam nos acampamentos e servem para fazer os agasalhos dos pobres mareantes. As cabras pastam nas matas e nos cimos do Liceu as sarças espinhosas e as plantas bravas que gostam dos sítios alcantilados; por si próprias se lembram de regressar a casa, trazendo consigo os filhos, e com o úbere tão repleto de leite que até lhes custa a transpôr o limiar do curral. Afasta-as pois, com toda a diligência, das neves e dos ventos frios, tanto mais que é bem pouco o que elas esperam dos cuidados dos homens; dá-lhes generosamente o penso e os ramos com folhas, e não lhes recuses, durante todo o inverno, o feno que guardas no palheiro.

Mas quando, acudindo à chamada dos Zéfiro, o alegre verão

in saltus utrumque gregem atque in pascua mittet,
 Luciferi primo cum sidere frigida rura
 carpamus, dum mane novum, dum gramina canent, 325
 et ros in tenera pecori gratissimus herba.
 inde ubi quarta sitim caeli collegerit hora
 et cantu querulae rumpent arbusta cicadae,
 ad puteos aut alta greges ad stagna iubebo
 currentem ilignis potare canalibus undam; 330
 aestibus at mediis umbrosam exquirere vallem,
 sicubi magna Iovis antiquo robore quercus
 ingentis tendat ramos, aut sicubi nigrum
 ilicibus crebris sacra nemus accubet umbra;
 tum tenuis dare rursus aquas et pascere rursus 335
 solis ad occasum, cum frigidus aëra vesper
 temperat, et saltus reficit iam roscida luna,
 litora que alcyonen resonant, acalanthida dumi.
 Quid tibi pastores Libyae, quid pascua versu
 prosequar et raris habitata mapalia tectis? 340
 saepe diem noctemque et totum ex ordine mensem
 pascitur itque pecus longa in deserta sine ullis
 hospitibus: tantum campi iacet. omnia secum
 armentarius Afer agit, tectumque laremque 344
 armaque Amyclaeumque canem Cressamque pharetram;
 non secus ac patriis acer Romanus in armis
 iniusto sub fasce viam cum carpit, et hosti
 ante expectatum positus stat in agmine castris.
 At non qua Scythiae gentes Maeotiaque unda,
 turbidus et torquens flaventis Hister harenas, 350
 quaque redit medium Rhodope porrecta sub axem.
 illic clausa tenent stabulis armenta, neque ullae

mandar ovelhas e cabras para os bosques e para os prados, saiamos, ao despontar da estrela de alva, para os frescos campos, enquanto é manhã, a relva alveja e o orvalho que molha as ervas tenras as torna mais saborosas para o gado. Depois, quando à quarta hora já a sede aberta, e as cigarras com o seu monótono queixume encham de estridor as balsas, é ocasião dos rebanhos beberem, em poços ou em charcos profundos, a água trazida por calhas de madeira. Pelo meio do dia procura um vale ensombrado, um lugar onde um grande carvalho de Jove estenda do venerável tronco magestosas pernas, ou em que um basto montado de azinho pouse no chão a sagrada sombra. Mais tarde, dá outra vez água, mas não muita, ao teu gado, deixa-o pastar novamente até ao pôr-do-sol, quando a frescura da tarde vem temperar a calma, a lua, com o seu manto de orvalho, dá novo alento aos bosques, as praias ecoam o canto do alcião e, as bouças o do pintassilgo.

Direi, nos meus versos, das charnecas da Líbia, dos seus pastores, e das choças mal cobertas onde eles vivem? Muitas vezes os seus rebanhos andam no pasto, dia e noite, durante um mês seguido, a vaguear pelos vastos desertos, sem se acolherem a um único abrigo — tamanha é a extensão daqueles campos! O pastor africano tudo leva consigo: a cabana, os Lares, as armas, o cão de Amicleia e a aljava cretense: nisso se compara ao soldado romano, pronto no serviço da pátria, que marcha rápido, embora ajoujado por enorme peso, e, antes que o inimigo o pressinta, assentou arraiais e tomou a formatura de combate.

Bem diverso é o que sucede nas regiões onde vivem os povos da Cítia, onde está a lagoa Meótida, onde o Íster revolve confusamente areias fulvas, e onde o Ródope retrocede depois de se alongar até ao polo. Aí os rebanhos conservam-se encerrados nos estábulos: não se

aut herbae campo apparent aut arbore frondes;
 sed iacet aggeribus niveis informis et alto
 terra gelu late septemque adsurgit in ulnas. 355
 semper hiems, semper spirantes frigora Cauri.
 tum Sol pallentis haud umquam discutit umbras,
 nec cum invectus equis altum petit aethera, nec cum
 praecipitem Oceani rubro lavit aequore currum.
 concrescunt subitae currenti in flumine crustae, 360
 undaque iam tergo ferratos sustinet orbis,
 puppibus illa prius, patulis nunc hospita plaustris;
 aeraque dissiliunt vulgo, vestesque rigescunt
 indutae, caeduntque securibus umida vina,
 et totae solidam in glaciem vertere lacunae, 365
 stiriaque impexis induruit horrida barbis.
 interea toto non setius aëre ningit:
 intereunt pecudes, stant circumfusa pruinis
 corpora magna boum, confertoque agmine cervi
 torpent mole nova et summis vix cornibus exstant. 370
 hos non immissis canibus, non cassibus ullis
 puniceaeve agitant pavidos formidine pennae,
 sed frustra oppositum trudentis pectore montem
 comminus obtruncant ferro graviterque rudentis
 caedunt et magno laeti clamore reportant. 375
 ipsi in defossis specubus secreta sub alta
 otia agunt terra, congestaque robora totasque
 advolvere focis ulmos ignique dedere.
 hic noctem ludo ducunt, et pocula laeti
 fermento atque acidis imitantur vitea sorbis. 380
 talis Hyperboreo septem subiecta trioni
 gens effrena virum Riphaeo tunditur Euro
 et pecudum fulvis velatur corpora saetis.

divisam ervas na planície nem folhagem nas árvores; estende-se ao longe a terra desfigurada pelos montões de neve e gelo que sobre ela se empilham, numa altura de sete cúbitos. Reina sempre o inverno; reinam sempre os Cauros, assoprando frios. Para mais, nunca o sol dissipa a pálida névoa, nem quando os cavalos o conduzem às alturas do firmamento, nem quando precipita o carro nas ondas rubras do Oceano. Formam-se de repente blocos de gelo nas águas correntes dos rios, e dentro em pouco tornam-se elas capazes de suportar à superfície rodas ferradas; e, onde flutuavam barcos, podem agora rolar carros. Rebutam os vasos de bronze; as vestes inteiriçam-se nos corpos; o vinho deixa de ser líquido, e tem de se fender à machadada; os lagos convertem-se em massas compactas de gelo; gota de água que cáia nas encrespadas barbas logo se torna sólida. Entretanto, a neve não cessa de cair; perecem os rebanhos; sustentam-se de pé, envoltos na geada, avultados corpos de bois; bandos de veados jazem entorpecidos, em montão, debaixo de uma massa de neve que se renova sempre, e por cima dela apenas rompem as pontas das hastes. Os caçadores não os acossam com cães, não os correm para as redes, não os aterram com a corda das penas vermelhas: enquanto eles, soltando bramidos de pavor, forcejam em vão por empurrar com o peitoral a montanha de neve que os rodeia, acercam-se para os matar à punhalada, levando-os depois consigo, com jubilosos clamores.

Vivem estes povos, ociosos e sem cuidados, em furnas escavadas debaixo da terra, onde queimam nas lareiras troncos inteiros de carvalhos e de ulmos. Aí passam a noite invernal em folguedos, bebendo alegremente, em vez de vinho, o sumo fermentado das ácidas sorvas. Tais são os gentes das regiões hiperbóreas, a quem nenhum freio governa, a quem fustiga o Euro que sopra dos Rifeus, e que cobrem os corpos com fulvas peles de animais.

Si tibi lanitium curae, primum aspera silva
 lappaeque tribolique absint; fuge pabula laeta, 385
 continuoque greges villis lege mollibus albos.
 illum autem, quamvis aries sit candidus ipse,
 nigra subest udo tantum cui lingua palato,
 reice, ne maculis infuscet vellera pullis
 nascentum, plenoque alium circumspice campo. 390
 munere sic niveo lanae, si credere dignum est,
 Pan deus Arcadiae captam te, Luna, fefellit
 in nemora alta vocans; nec tu aspernata vocantem.

At cui lactis amor, cytisum lotosque frequentis
 ipse manu salsasque ferat praesepibus herbas: 395
 hinc et amant fluvios magis, et magis ubera tendunt
 et salis occultum referunt in lacte saporem.
 multi etiam excretos prohibent a matribus haedos,
 primaque ferratis praefigunt ora capistris.
 quod surgente die mulsero horisque diurnis, 400
 nocte premunt; quod iam tenebris et sole cadente,
 sub lucem exportant calathis (adit oppida pastor),
 aut parco sale contingunt hiemique reponunt.

Nec tibi cura canum fuerit postrema, sed una
 velocis Spartae catulos acremque Molossum 405
 pasce sero pingui. numquam custodibus illis
 nocturnum stabulis furem incursusque luporum
 aut impacatos a tergo horrebis Hiberos.
 saepe etiam cursu timidos agitabis onagros,
 et canibus leporem, canibus venabere dammas; 410
 saepe volutabris pulsos silvestribus apros
 latratu turbabis agens, montisque per altos
 ingentem clamore premes ad retia cervum.

Se o teu fim principal é obter lã, afasta dos teus rebanhos, antes de mais nada, toda a vegetação espinhosa, como os abrolhos e as bardanas; evita pastagens ricas em demasia; e escolhe, constantemente, ovelhas de velos brancos e macios. Quanto ao carneiro semental, embora seja branca a sua lã, se tiver, sob o húmido palato, a língua preta, rejeita-o, não vão os borregos nascer com manchas negras no velo: olha à tua volta, e, no campo povoado de gado, acharás outro para o seu lugar. Foi com o atractivo da brancura nívea da lã — se tal cousa é de acreditar — que Pan, deus da Arcádia, te iludiu, ó Lua, chamando-te para os bosques profundos: e tu não desdenhaste acudir ao chamamento.

Aquele, porém, que tem mais apego à produção de leite, deve, com suas próprias mãos, levar às manjedouras cítiso e meliloto em abundância, e salgar a erva. Assim, as ovelhas bebem com mais gosto, e enchem-se-lhes mais os úberes; e no leite vai encontrar-se um longínquo ressaibo a sal. Muitos criadores não deixam os borregos ao pé das mães logo que se desmamam, ou põem-lhes na ponta do focinho barbilhos serrilhados. De noite faz-se queijo com o leite que se ordenhou ao amanhecer e durante o dia; quanto ao queijo que se prepara com o leite mungido à tarde, ou o leva o pastor, ao romper da manhã, em cabazes de vime, para a cidade, ou se polvilha com sal e se arrecada para o inverno.

Não deixes para o último lugar os cuidados a dispensar aos cães; alimenta com soro nutritivo tanto os cachorros corredores de Esparta, como o molosso truculento; nunca, com estes guardas, terás motivo para temer o ladrão nocturno, os assaltos dos lobos, ou que te ataque pelas costas o salteador Ibero. E poderás também amiúde perseguir os tímidos zevros, e correr lebres e gamos com os teus cães; muitas vezes os latidos da matilha espantarão os porcos bravos, obrigados a fugir dos chafurdeiros silvestres; e, nas alturas dos montes, acossando com gritos um veado corpulento, fá-lo-ás cair nas redes.

Disce et odoratam stabulis accendere cedrum,
galbanoque agitare gravis nidore chelydros. 415
saepe sub immotis praesepibus aut mala tactu
vipera delituit caelumque exterrita fugit,
aut tecto adsuetus coluber succedere et umbrae
(pestis acerba boum) pecorique aspergere virus,
fovit humum. cape saxa manu, cape robora, pastor, 420
tollentemque minas et sibila colla tumentem
deice. iamque fuga timidum caput abdidit alte,
cum medii nexus extremaeque agmina caudae
solvuntur, tardosque trahit sinus ultimus orbis.
est etiam ille malus Calabris in saltibus anguis 425
squamea convolvens sublato pectore terga
atque notis longam maculosus grandibus alvum,
qui, dum amnes ulli rumpuntur fontibus et dum
vere madent udo terrae ac pluvialibus Austris,
stagna colit ripisque habitans hic piscibus atram. 430
improbis ingluviem ranisque loquacibus explet;
postquam exusta palus, terraeque ardore dehiscunt,
exsilit in siccum, et flammantia lumina torquens
saevit agris asperque siti atque exterritus aestu.
ne mihi tum mollis sub divo carpere somnos 435
neu dorso nemoris libeat iacuisse per herbas,
cum positis novus exuviis nitidusque iuventa
volvitur, aut catulos tectis aut ova relinquens,
arduus ad solem, et linguis micat ore trisulcis.
Morborum quoque te causas et signa docebo. 440
turpis ovis temptat scabies, ubi frigidus imber
altius ad vivum persedit et horrida cano
bruma gelu, vel cum tonsis inlotus adhaesit

Aprende a queimar nos estábulos o oloroso cedro, e a enxotar as cobras malignas com o fumo do gálbano. É frequente esconder-se debaixo das manjedouras a que há muito tempo se não deu volta uma víbora, perigosa quando se lhe toca, que foge, espavorida, da luz; ou uma cobra, inimiga cruel dos bois e portadora de venenos para o gado, useira em penetrar nos tectos escuros, anichar-se no chão. Se assim acontecer, pastor, deita a mão a uma pedra, deita a mão ao cajado, e prosta-a à pancada, quando ela se ergue ameaçadora e incha o colo, a sibilar. Já foge... já escondeu na terra a cabeça assustada... ainda as curvas do meio do corpo e da cauda se desenroscam... ; numa convulsão final, arrasta lentamente os últimos aneis.

Há também, nas charnecas da Calábria, uma serpente malfazeja que, erguendo o peito, rola um dorso revestido de escamas e um comprido ventre, sarapintado de grandes manchas. Quando os rios saem dos álveos e as terras estão encharcadas pela primavera húmida e pelos Austros pluviosos, frequenta as margens dos chaboucos: aí, insaciável, atafulha a negra guela com peixes e palreiras rãs. Quando os charcos enxugam e as terras abrem gretas com o ardor do sol, vai para os sítios secos, e, assanhada pela sede, exasperada pelo calor, lança-se furiosa pelos campos, revolvendo os olhos inflamados. Não seja eu nunca tentado a entregar-me a um sono ameno ou a reclinar-me na relva, na encosta de um bosque, na ocasião em que esta serpente, tendo largado a pele e a reluzir com um novo vigor, desenrola os aneis, e, deixando no ninho os filhos ou os ovos, se empina para o sol e dardeja a língua tri-furcada!

Ensinar-te-ei também as causas e os sintomas das doenças dos gados. A repugnante ronha ataca as ovelhas quando a chuva fria e o áspero inverno, com as brancas geadas, penetram profundamente, até aos órgãos vitais, ou quando, nas que foram há pouco tosquiadas, o suor mal limpo lhes adere

sudor, et hirsuti secuerunt corpora vepres. 445
 dulcibus idcirco fluviis pecus omne magistri
 perfundunt, undisque aries in gurgite villis
 mersatur, missusque secundo defluit amni;
 aut tonsum tristi contingunt corpus amurca
 et spumas miscent argenti vivaque sulpura 450
 Idaeasque pices et pinguis unguine ceras
 scillamque elleborosque gravis nigrumque bitumen.
 non tamen ulla magis praesens fortuna laborum est
 quam si quis ferro potuit rescindere summum
 ulceris os: alitur vitium vivitque tegendo,
 dum medicas adhibere manus ad vulnera pastor 455
 abnegat et meliora deos sedet omina poscens.
 quin etiam, ima dolor balantum lapsus ad ossa
 cum furit atque artus depascitur arida febris,
 profuit incensos aestus avertere et inter 460
 ima ferire pedis salientem sanguine venam,
 Bisaltae quo more solent acerque Gelonus,
 cum fugit in Rhodopen atque in deserta Getarum,
 et lac concretum cum sanguine potat equino.
 quam procul aut molli succedere saepius umbrae 465
 videris aut summas carpentem ignavius herbas
 extremamque sequi, aut medio procumbere campo
 pascentem et serae solam decedere nocti:
 continuo culpam ferro compesce priusquam
 dira per incautum serpant contagia vulgus.
 non tam creber agens hiemem ruit aequore turbo 470
 quam multae pecudum pestes. nec singula morbi
 corpora corripiunt, sed tota aestiva repente,

aos corpos, ou as feriram os matos espinhosos. Em tais casos, os
 maiores levam todo o rebanho a banhar-se nas águas puras de
 um rio, mergulhando os carneiros no sítio mais profundo, para que
 todo o velo fique molhado; ou, depois da tosquia, aplicam um
 unguento, como a amarga água ruça, litargírio, enxofre natural,
 pez do monte Ida, cera gordurosa, cebola albarrã, eléboro fétido
 ou betume negro. Mas nenhum remédio é mais eficaz para essa
 doença do que abrir à navalha as crostas das úlceras: o mal vive
 e alimenta-se com o estar coberto, enquanto o pastor se não
 decide a tratar com suas próprias mãos as chagas dos animais, e
 fica inactivo a implorar dos deuses melhores presságios. Mais
 ainda: quando a dor, entranhando-se até à medula dos ossos das
 ovelhas, se exacerba, e uma febre ardente devora os membros, é boa
 prática, para afugentar esse ardor, abrir, na parte inferior do pé,
 uma veia por onde esguiche o sangue. Assim usam fazer os Bisal-
 tas, e os infatigáveis Gelonos, quando vagueiam pelo Ródope e
 pelos desertos dos Getas, sustentando-se de leite coalhado mistu-
 rado com sangue de cavalo.

Se vires, a distância, alguma das tuas ovelhas procurar mais
 do que as outras uma sombra protectora, roer enfastiada as pontas
 das folhas, ficar-se para trás do rebanho, deitar-se enquanto está
 pastando, ou pôr-se a caminho para o aprisco isolada e a horas
 tardias, atalha o mal sem perda de tempo, abatendo-a antes que o
 maligno contágio se derrame pelo rebanho indefeso.

As rajadas precursoras da tempestade que se levantam do
 mar não se sucedem tão de perto como os males a que os ovinos
 estão sujeitos: não é um a um que os animais são atacados, mas,
 de repente, todos os que enchem um redil:

spemque gregemque simul cunctamque ab origine gentem.
 tum sciat, aërias Alpīs et Norica si quis
 castella in tumulis et Iapydis arva Timavi 475
 nunc quoque post tanto videat, desertaque regna
 pastorum et longe saltus lateque vacantis.

Hic quondam morbo caeli miseranda coorta est
 tempestas totoque autumnī incanduit aestu
 et genus omne neci pecudum dedit, omne ferarum, 480
 corrūpitque lacus, infecit pabula tabo.
 nec via mortis erat simplex; sed ubi ignea venis
 omnibus acta sitis miserō adduxerat artus,
 rursus abundabat fluidus liquor omniaque in se
 ossa minutatim morbo conlapsa trahebat. 485
 saepe in honore deum medio stans hostia ad aram,
 lanea dum nivea circumdatur infula vitta,
 inter cunctantis cecidit moribunda ministros.
 aut si quam ferro mactaverat ante sacerdos,
 inde neque impositis ardent altaria fibrīs, 490
 nec responsa potest consultus reddere vates,
 ac vix suppositi tinguntur sanguine cultri
 summaque ieiuna sanie infuscatur harena.
 hinc laetis vituli vulgo moriuntur in herbis
 et dulcis animas plena ad praesepia reddunt; 495
 hinc canibus blandis rabies venit, et quatit aegros
 tussis anhela sues ac faucibus angit obesis.
 labitur infelix studiorum atque immemor herbae
 victor equus fontisque avertitur et pede terram
 crebra ferit; demissae aures, incertus ibidem 500
 sudor et ille quidem morituris frigidus; aret
 pellis et ad tactum tractanti dura resistit.
 haec ante exitium primis dant signa diebus.

os borregos, esperança da grei, os paes, o rebanho inteiro, enfim. Bem o sabe quem contemplar os altos Alpes e as moradias Nóricas que se erguem, como castelos, nos seus cimos, e os campos Japídeos, à beira do Timavo, antes domínio de pastores, hoje desertos onde as pastagens abandonadas se espraíam a perder de vista. Aí, em época afastada, surgiu uma quadra de pestilências nascidas da doença que o ar gerara e dos calores abrasantes do outono; pereceu toda a raça de gados e de animais bravios; corromperam-se as águas; envenenaram-se os pastos. Não vinha a morte por um só caminho: mas sucedia em muitos casos que, depois de uma febre ardente se derramar por todas as veias dos animais, e fazer mirrar os desditosos membros, escorria destes um copioso humor que carcomia os ossos, pouco a pouco desfeitos pela moléstia. Muitas vezes, em meio de uma cerimónia em honra dos deuses, a vítima, ao pé do altar, ao cingirem-lhe as infulas de lã com a nivea fita, caía morta no meio dos oficiantes, sem que tivessem tempo de a abater; ou então acontecia que as entranhas de outra vítima, essa imolada pelo sacerdote, não ardiam sobre os altares, nem o adivinho podia dar as respostas que se lhe pediam; o sangue mal tingia o cutelo, e apenas manchavam o chão umas gotas de pús.

Morriam a cada passo os bezerros, no meio de fartos pastos, ou ao pé de manjedouras repletas; sobreveio a raiva, a atacar os cães fieis; a tosse apoquentava os porcos arquejantes e oprimia-lhes as gargantas inchadas. O altivo cavalo esquece os exercícios e o pasto, recusa-se a beber, escarva amiúde a terra com o casco, derruba as orelhas inundadas de suor, ora quente, ora frio: frio, quando é certo que vai sucumbir. Seca-se-lhe a pele e torna-se áspera ao tacto. São estes os sinais da morte, manifestos logo nos primeiros dias;

sin in processu coepit crudescere morbus,
 tum vero ardentis oculi atque attractus ab alto 505
 spiritus, interdum gemitu gravis, imaque longo
 ilia singultu tendunt, it naribus ater
 sanguis, et obsessas fauces premit aspera lingua.
 profuit inserto latices infundere cornu
 Lenaeos; ea visa salus morientibus una. 510
 mox erat hoc ipsum exitio, furiisque refecti
 ardebant, ipsique suos iam morte sub aegra
 (di meliora piis, erroremque hostibus illum!)
 discissos nudis laniabant dentibus artus..
 ecce autem duro fumans sub vomere taurus 515
 concidit et mixtum spumis vomit ore cruorem
 extremosque ciet gemitus. it tristis arator
 maerentem abiungens fraterna morte iuvenum,
 atque opere in medio defixa relinquit aratra.
 non umbrae aliorum nemorum, non mollia possunt 520
 prata movere animum, non qui per saxa volutus
 purior electro campum petit amnis; at ima
 solventur latera, atque oculos stupor urget inertis
 ad terramque fluit devexo pondere cervix. 524
 quid labor aut benefacta iuvant? quid vomere terras
 invertisse gravis? atqui non Massica Bacchi
 munera, non illis epulae nocuere repostae:
 frondibus et victu pascuntur simplicis herbae,
 pocula sunt fontes liquidi atque exercita cursu
 flumina, nec somnos abrumpit cura salubris. 530
 tempore non alio dicunt regionibus illis
 quaesitas ad sacra boves lunonis et uris
 imparibus ductos alta ad donaria currus.
 ergo aegre rastris terram rimantur, et ipsis
 unguibus infodiunt fruges, montisque per altos 535

quando o achaque se torna mais violento, os olhos brilham com fulgor desusado; a respiração é difícil e anelante, e entrecortada com gemidos; o vazio arfa em grandes soluços; mana-lhe das narinas sangue negro, e a língua rugosa tapa-lhe a guela sufocada. Usou-se fazer-lhes engulir, por um chifre, o licor de Baco, como único remédio possível para os animais às portas da morte; mas depressa se viu que este recurso ainda mais aproximava o fim. Excitados pelo vinho, os cavalos ardiavam em fúria inda maior, e, ao acabar, rasgavam com os dentes nus os seus próprios membros. Deuses, dai melhor sorte aos homens pios, e destinai esta loucura aos vossos inimigos!

Mas eis que o touro, fumegando com o esforço de puxar a dura relha, cai lançando pela boca espuma misturada com sangue, e solta os derradeiros gemidos. Vai-se o lavrador, triste, depois de desjuntar o outro boi consternado com a morte do irmão, e, abandonando o trabalho em meio, deixa o ferro tanchado no terreno. Nem as sombras dos altos bosques, nem os prados amenos podem dar alento aos bois atingidos pela enfermidade; nem o regato mais puro do que o ambar, que, serpenteando por entre as pedras, vai alcançar a campina. Cavam-se-lhes os flancos, o olhar torna-se-lhes mortiço, a cerviz pesa-lhes e pende para a terra. De que lhes serviu o trabalho e os serviços que prestaram? Para que revolveram com a relha as pesadas terras? E não é que fossem causa do seu mal as iguarias ou os dons mássicos de Baco. Com folhas e com simples ervas se alimentam; para beber, bastam-lhes as límpidas fontes e os rápidos regatos; não perturbam cuidados os seus sonos tranquilos.

Conta-se que, nesse tempo, em vão naquelas regiões se procuraram vacas para os sagrados ritos de Juno, e que o carro da deusa teve de ser levado ao templo por dois uros desiguais. E até foi preciso que os homens arranhassem a terra com toscas ferramentas, e enterrassem a semente com as próprias mãos; e que arrastassem pelas ladeiras,

contenta cervice trahunt stridentia plaustra.
 non lupus insidias explorat ovilia circum
 nec gregibus nocturnus obambulat: acrior illum
 cura domat; timidi dammae cervique fugaces
 nunc interque canes et circum tecta vagantur. 540
 iam maris immensi prolem et genus omne natantum
 litore in extremo ceu naufraga corpora fluctus
 proluit; insolitae fugiunt in flumina phocae.
 interit et curvis frustra defensa latebris
 vipera et attoniti squamis astantibus hydri. 545
 ipsis est aër avibus non aequus, et illae
 praecipites alta vitam sub nube relinquunt.
 praeterea iam nec mutari pabula refert,
 quaesitaeque nocent artes; cessere magistri,
 Phillyrides Chiron Amythaoniusque Melampus. 550
 saevit et in lucem Stygiis emissa tenebris
 pallida Tisiphone Morbos agit ante Metumque,
 inque dies avidum surgens caput altius effert.
 balatu pecorum et crebris mugitibus amnes
 arentesque sonant ripae collesque supini. 555
 iamque catervatim dat stragem atque aggerat ipsis
 in stabulis turpi dilapsa cadavera tabo,
 donec humo tegere ac foveis abscondere discunt.
 nam neque erat coriis usus, nec viscera quisquam
 aus undis abolere potest aut vincere flamma; 560
 ne tondere quidem morbo inlueque peresa
 vellera nec telas possunt attingere putris;
 verum etiam invisos si quis temptarat amictus,
 ardentes papulae atque immundus olentia sudor
 membra sequebatur, nec longo deinde moranti 565
 tempore contactos artus sacer ignis edebat.

retezando o pescoço, os carros rechinantes.

O lobo não vem já armar ciladas em volta dos ovís, nem ronda de noite em torno dos rebanhos; domina-o outro afan mais premente. Os tímidos gamos e os cervos fugazes erram pelo meio dos cães e ao pé das cabanas. A onda vem banhar nas praias, como se fossem corpos de náufragos, animais marinhos e toda a casta de peixes; as focas, contra o seu costume, fogem para os rios. Morre também a víbora, sem que lhe valham os tortuosos esconderijos: morrem as serpentes, espavoridas, eriçando as escamas. O ar deixa de ser hospitaleiro para as próprias aves, que caem, abandonando a vida nas altas nuvens.

Para mais, de nada serve mudar de pastos. Os remédios que se procuram fazem mais mal do que bem; os médicos — discípulos de Quíron, filho de Filira, ou de Melampo, filho de Amitáon — dão-se por vencidos. A lívida Tisífone, vomitada das trevas estígeas para a luz do sol, espalha a devastação; impele adiante de si a Doença e o Terror, e cada dia ergue mais alta a sua fauce insaciável. Os rios, as várzeas secas e as colinas declivosas ressoam com o contínuo balido das ovelhas e com os mugidos dos bois. A Fúria destroi agora rebanhos e manadas inteiras, e amontoa nos estábulos cadáveres que se decompõem, em horrível corrupção, até que é forçoso enterrá-los em covas e cobri-los de terra: pois não há forma de aproveitar os couros, nem de lavar e cozer a carne; nem sequer se podem tosquiá-los os velos, roídos e poluídos pela praga, ou tocar nas lãs apodrecidas. Se alguém se atrevesse a cobrir-se com esses nojentos despojos, invadir-lhe-iam o corpo pústulas inflamadas e um imundo suor, e em breve um fogo amaldiçoado devoraria os seus membros empestados.

P. VERGILI MARONIS

GEORGICON

LIBER IV

PROTINVS aërii mellis caelestia dona
exsequar : hanc etiam, Maecenas, aspice partem.
admiranda tibi levium spectacula rerum
magnanimosque duces totiusque ordine gentis
mores et studia et populos et proelia dicam.
in tenui labor; at tenuis non gloria, si quem
numina laeva sinunt auditque vocatus Apollo.

.....
namque sub Oebaliae memini me turribus arcis, 125
qua niger umectat flaventia culta Galaesus,
Corycium vidisse senem, cui pauca relict
iugera ruris erant, nec fertilis illa iuven
nec pecori opportuna seges nec comoda Baccho.
hic rarum tamen in dumis olus albaque circum 130
lilia verbenasque premens vescu
regum aequabat opes animis, seraque revertens
nocte domum dapibus mensas onerabat inemptis.
primus vere rosam atque autumn
et cum tristis hiems etiamnum frigore saxa 135
rumperet et glacie cursus frenaret aquarum,
ille comam mollis iam tondebat hyacinthi
aestatem increpitans seram Zephyrosque morantis.
ergo apibus fetis idem atque examine multo
primis abundare et spumantia cogere pressis 140
mella favis; illi tiliae atque uberrima pinus,
quotque in flore novo pomis se fertilis arbor

AS GEORGICAS DE VERGILIO

LIVRO IV

(EXCERPTOS)

PROSSEGUIREI cantando agora o celeste dom do aéreo mel.
Digna-te, Mecenas, olhar para mais esta parte da minha obra!
Verás como pequeninas cousas oferecem um maravilhoso espec
táculo. Dir-te-ei dos chefes magnânimos, dos costumes e das lides
de uma nação inteira, das suas tribos e dos seus combates. De
pouco vulto é a tarefa, mas não a glória que dela resultará para
quem tenha a permissão dos Numes adversos, e cuja invocação
seja ouvida por Apolo.

.....
> (Lembro-me de ter visto, perto das altas torres de Ebália,
cujas lezírias cobertas de cearas loiras banha o negro Galeso, um
velho de Corício, que era dono de poucas geiras de um campo
abandonado: campo que nem era fértil terra lavradia, nem bom
para pastagem, nem próprio para vinha. E, no entanto, este velho,
cultivando uns legumes dispersos no meio do matagal rodeado de
lírios brancos, de verbenas e de miúdas dormideiras, considerava-se
igual em riquezas aos reis. Ao voltar a casa, já noite cerrada,
cobria a mesa com iguarias que a ninguém tinha de comprar. Era
o primeiro a colher rosas na primavera e frutos no outono; e,
quando o frio do triste inverno ainda rachava pedras, e represava
os rios com o gelo empilhado, ele tosquiava a cabeleira do dobra
diço acanto, increpando o verão que tardava em chegar, e os
Zéfiros serôdios. Assim, era o primeiro a ter abelhas fecundas e
enxames numerosos, e a tirar o mel espumante dos favos espre
midos. Tinha tilias, e pinheiros cheios de seiva; e eram tantos os
frutos que a árvore generosa prometia na <

induerat totidem autumnu matura tenebat.
 ille etiam seras in versum distulit ulmos
 eduramque pirum et spinos iam pruna ferentis 155
 iamque ministrantem platanum potantibus umbras.

.....

Haec super arborum cultu pecorumque canebam
 et super arboribus, Caesar dum magnus ad altum 560
 fulminat Euphraten bello victorque volentis
 per populos dat iura viamque adfectat Olympo.
 illo Vergilium me tempore dulcis alebat
 Parthenope studiis florentem ignobilis oti,
 carmina qui lusi pastorum audaxque iuventa, 565
 Tityre, te patulae cecini sub tegmine fagi.

mostra, quantos os que ostentava, maduros, no outono. Transplantava também, dispondo-os em linhas, ulmeiros já crescidos, pereiras enrijadas pela idade, ameixoeiras bravas já enxertadas e plátanos com folhagem bastante para dar sombra a bebedores.

.....

Cantava eu estas cousas sobre a cultura dos campos, dos gados e das árvores, enquanto o grande César fulminava os inimigos nas margens do Eufrates, e, vencedor, ditava leis aos povos que de boa mente aceitavam o seu domínio, abrindo assim para si o caminho do Olimpo.

Nesse tempo, acolhia-me a doce Parténope, a mim, Vergílio, que, dedicando-me a ócios inglórios, me diverti a compor versos pastoris, e, com a audácia da mocidade, te cantei, Títiro, que te reclinas à sombra de uma frondosa fáia.

AS GEORGICAS DE VERGILIO

NOTAS AO LIVRO I

NOTAS AO LIVRO I

1. *Quid faciat laetas segetes*

O adjectivo *laetus* tem com frequência na prosa latina o significado de «abundante», e Lejay afirma que é este o sentido primitivo da palavra. Page, porém, observa que ela é sempre empregada por Vergílio para descrever «alegria», a alegria que experimentam as colheitas (*laetissima farra*, I. 101) ou os campos (*laetus ager*, I. 102). Com efeito, para o Poeta, a Natureza não é um ente inanimado: pelo contrário, vive e é agitada por sentimentos de maneira quase humana. Assim, os pousios *sentem* o calor e o frio (I. 48) e os rios o peso dos barcos (I. 136); a Mísia *orgulha-se* e o Gárgara *maravilha-se* com as suas produções (I. 102-103); a Lua *ruboriza-se* (I. 431); o vento Sul *premedita malefícios* (I. 462); o Sol *condoe-se* de Roma (I. 466).

Parece-nos difícil distinguir entre as duas acepções, que estão intimamente associadas: se o aspecto das culturas, vigoroso e saudável, promete colheitas copiosas, esse mesmo aspecto certamente provocará alegria, quer no próprio campo, quer em quem o contempla.

Quanto ao vocábulo *seges*, que quase todos os tradutores vertem para «messes» ou «colheitas», designa muitas vezes, nas obras dos escritores agrícolas, como Varrão, não as cearas, mas as terras onde estas se cultivam; e, num poema com o carácter das *Geórgicas*, é provável que o termo tenha esta última significação, mais técnica do que a outra.

Adoptámos por isso para *quid faciat laetas segetes* a versão «o que leva a abundância às terras lavradas» (poderia dizer-se a «alegria», ou até a «alegre abundância»). Na verdade, é das *Culturas Arvenses* que sobretudo trata o Livro I, como o Livro II se ocupa do que hoje chamamos *Arboricultura* e *Viticultura*, e o Livro III de *Zootecnia*.

Ocorre perguntar: o que considerariam os Romanos uma colheita farta, de molde a alegrar o lavrador? Pelo que diz Varrão, pode admitir-se que no seu tempo, nas terras trigueiras e no conjunto da Itália, a produção de 10 sementes era vulgar, e na Toscana alcançava-se facilmente a de 15, o que corresponderia, respectivamente, a 18 e 28 hectolitros por hectare. Na época de Columela, a decadência da cultura cerealífera era tão pronunciada que a produção média de trigo não excedia 4 sementes.

2. *ulmisque adiungere vitis*

Embora houvesse em Itália vários métodos de armação da vinha (seis, pelo menos), Vergílio refere-se sobretudo às vinhas de enforcado, ou de embarrado, provavelmente por serem essas as predominantes na região que mais de perto observava. Actualmente as *uveiras*, que abundam na região de Bari, não são tão numerosas na Campânia.

Varrão diz-nos que havia vinhas baixas, como as que se encontravam em Espanha, e vinhas altas, como as de Itália; e dá a razão da preferência pela vinha de enforcado nos seguintes termos: «*ubi enim natura umida, ibi altius vitis tollenda, quod in partu et alimonis vinum non ut in calice quaerit aquam, sed solem. itaque idea, ut arbitror, primum e vinea in arbores ascendit vitis.*». Isto é: «Nos sítios onde a terra é naturalmente húmida, convém elevar muito a videira, porque o vinho, na sua formação, não procura a água, como quando está nos copos, pronto a ser bebido» (Veja-se a Nota a I.9) «mas sim o sol. É por isso, cuido eu, que os braços da videira têm tendência para se afastar da cepa o mais que podem, e trepar às árvores».

As árvores que serviam de esteio eram principalmente o ulmeiro, o choupo, o freixo, e até o carvalho (II.291); nunca nas *Geórgicas* se faz menção da cerdeira, o tutor vivo que no Minho se prefere. A mais habitualmente usada era com certeza o ulmeiro, com predomínio do *Ulmus campestris*, L. É quase sempre a ele que aludem os poetas, que com frequência descrevem a associação da vinha e do ulmo como um casamento: daí o uso das expressões *copulare, maritare, adiungere*. A árvore privada de vinha é chamada *viuva* (et *vitem viduas ducit ad arbores*, Hor., *Od.* 4. 5.30); o plátano, impróprio para servir de esteio á videira por ter folhas largas, que projectam muita sombra, é apodado de *celibatário* «*platanus que caelebs evincet ulmus*», Hor., *Od.* 2.15.4).

O ulmeiro destinado a suporte da vinha tomava, sob a acção de poda apropriada, configuração especial: uma série de andares ou verticilos de pernadas, saindo radialmente do tronco, de espaço a espaço (*tabulata*). Em torno do pé de cada árvore plantavam-se quatro cepas, que subiam de andar para andar, envolvendo o fuste com os sarmentos. Billiard sugere que é talvez o aspecto gracioso da videira abraçada ao esteio que fez que Vergílio se referisse quase exclusivamente à vinha de embarrado.

3. ... *qui cultus habendo*

4. *sit pecori,...*

O emprego do dativo com o gerúndio é geralmente característico das frases legais, como *tresviri agris dividendis*, conforme nota Page. Mas há exemplos da mesma construção em poesia, como *arboribus natura creandis* (II.9) e *nectendis apium coronis* (Hor., *Od.* 4.11.3).

... *apibus*

Subentende-se, sem dificuldade, *habendis*.

5. ... *clarissima mundi*

6. *lumina...*

Conington, perfilhando a opinião de Macrobius, considera que a falta de qualquer partícula de ligação obriga a aproximar *Liber et alma Ceres* (I.7) de *lumina*, e assim o Sol e a Lua ficariam identificados com os deuses do Vinho e das Messes. Page refuta esta maneira de ver com argumentos que se nos afiguram inteiramente lógicos: em primeiro lugar, não é possível, na poesia, adoptar estritamente os processos ordinários de ligação, e por isso o asyndeton é perfeitamente natural, tratando-se de enumerar tão extensa lista de divindades; por outro lado, ao citar cada uma delas, o Poeta tem o cuidado de indicar a razão porque se lhe dirige. Assim, o Sol e a Lua são invocados por presidirem à sucessão das estações; Baco e Ceres por terem dado ao homem o vinho e o trigo. Identificando *Liber* e *Ceres* com o Sol e a Lua, dar-se-iam *duas* razões diferentes para a respectiva invocação, e ficaria prejudicado o equilíbrio do passo.

Para confirmar esta asserção, notaremos que, ao encetar o seu tratado, Varrão invoca doze deuses, enumerando-os aos pares,

por esta ordem: 1) Júpiter e Tellus; 2) Sol e Lua; 3) Baco e Ceres; etc.

7. *vestro si munere*

Neste passo, e também em I.17 (*tua si tibi Maenala curae*) o uso de *si* com o indicativo não implica dúvida acerca do facto a que se faz referência: acentua, pelo contrário, a convicção da sua realidade. Do mesmo modo se diz nos *Lusíadas*: «se é justa a justa lei que sigo e tenho». Por isso se preferiu, ao traduzir, apresentar uma simples afirmação.

8. *Chaoniam... glandem*

Vergílio associa à palavra *glans* um epíteto puramente ornamental, como faz em numerosíssimos casos. A Caónia era uma parte do Epiro, habitada, nas proximidades de Dodona, pelos Caónios (*Χαόνες*), e certamente rica em florestas. Dodona (*Δωδώνη*) era a cidade dos carvalhos proféticos, que inspiravam um oráculo célebre (Nota a II. 15-16).

A aposição de um epíteto decorativo a uma palavra vulgar, para, por assim dizer, lhe conferir nobreza, repete-se constantemente nas *Geórgicas*, e revela a extraordinária erudição do Poeta: *Eleusinae matris plaustra* (I.163); *mystica vannus Iacchi* (I.166); *Strymoniae grues* (I.120); *Cereale papaver* (I.212); *dilectae Thetidi alcyones* (I.399); etc.

9. *pocula... Acheloia*

O Aqueloo era um rio da Acarnânia, muito citado pelos poetas. Daí o seu nome ser usado para designar a água de um rio qualquer, a água corrente. Page cita um passo de Lovelace, na *Ode to Althaea from Prison*, em que há perfeita analogia (se porventura não é uma imitação) quanto ao emprego do nome de um rio para significar *água*, em geral:

«When flowing cups run swiftly round,
With no allaying Thames».

O adjectivo *allaying* é acertadamente escolhido. *Miscere uvis pocula Acheloia* é uma frase que alude ao hábito de beber o vinho temperado com água: raras vezes puro. Sabe-se que os Romanos

preparavam os seus vinhos de modo a dar-lhes alta graduação alcoólica (Nota a II. 408-410), o que os tornava impróprios para serem consumidos sem adição de água. Tibulo fala também em moderar o ardor do vinho:

«*temperet annosum Marcia lympha merum*».

Em contraposição, Catulo repele indignadamente a água:

«... *hinc abite, lymphae,
vini pernicies, et ad severos
migrate. hic merus est Thyonianus*».

Para misturar o vinho com a água, havia um vaso de forma especial, a cratera (*crater*, *κρατήρ*), a que nas *Geórgicas* se faz diversas vezes referência: *magno Hylaeum Lapithis cratere minantem* (II.457); *et socii cratera coronant* (II.528). Da cratera, a mistura de vinho e água era tirada para as taças (*pocula*).

10. *agrestum praesentia numina, Fauni*

Faunus, velho deus rural dos Romanos, era o nume favorável (*favens*) por excelência para a gente dos campos. Do seu nome deriva o dos Faunos, seres semi-humanos, semi-caprinos, protectores dos rebanhos, como as Driades eram protectoras das árvores. Segundo muitos tradutores, a palavra *praesens* significa «propício»; mas é certamente atraente a versão de Page, «the ever present guardians of country folk», versão que adoptámos.

11. *ferte pedem*

Page faz uma observação interessante: *ferte pedem* significa «avançae», «adiantae-vos em resposta à minha invocação»; compare-se com *adsis* (I.18) e *ingredere* (I.42). Ao mesmo tempo sugere a ideia de movimento rítmico, como em «*quam nec ferre pedem dedecuit choris*», Hor., *Od.* 2.12.17. Page chama também a atenção para o facto de se associarem os Faunos latinos com as Driades gregas (*Δρυάδες*, *δρύς*), aliando-se assim mitos das duas origens.

Na *Écloga VI* (26-27) fala-se na dança dos Faunos: *ludere in numerum*.

12. ... *cui prima frementem*
 13. *fudit equum magno tellus percussa tridenti,*
 14. *Neptune; ...*

O dativo *cui*, dizem vários comentadores, exprime a ideia de «em obediência a cuja ordem». *Prima* é um advérbio, equivalente a *primum*. O verbo *fundere* significa «produzir» (em especial tratando-se da terra) «com abundância», «copiosamente». Neste passo, a palavra não só implica a ideia de obediência pronta ao mandado do deus, como sugere o grande valor da dádiva. Posídon ofereceu o cavalo, e Ateneia a oliveira (I.18), qualquer deles para ter jus a ser a divindade padroeira de Atenas.

14. *cultor nemorum*

Aristeu, filho de Apolo e da ninfa Cirene. No Livro IV das *Geórgicas* conta-se, de forma encantadora, uma lenda relativa a este heroe, depois deificado, e denominado Ἄργεῦς.

Ceae

Ceo ou Ceos (Castilho chama-lhe Ceia), hoje Zea, ilha do Mar Egeu, onde Aristeu se refugiou, depois do desastre que vitimou o seu filho Acteão.

15. *ter centum*

Expressão usada para designar, indeterminadamente, «um grande número». Assim, *tercentae Pirithoum cohibent catenae* (Hor., *Od.* 3.4.79).

16. *ipse*

O emprego do pronome, imprimindo ênfase, justifica-se por ser Pan o mais importante dos deuses rurais.

17. *Maenala*

Ménalo, serra da Arcádia.

18. *Tegeae*

O efiteto Tegeu deriva de Tégea, cidade da Arcádia, onde tomou grande lustre o culto de Pan.

19. *uncique puer monstrator aratri*

Supõe-se que o Poeta se refere a Triptólemo, filho de Celeu, rei de Elêusis, a quem Ceres instruiu na arte da Agricultura, que ele por sua vez ensinou aos habitantes da Ática.

Tibulo atribuiu a Osíris a invenção das artes e dos ritos agrícolas:

«*primus aratra manu sollerti fecit Osiris
 et teneram ferro sollicitavit humum,
 primus inexpertae commisit semina terrae
 pomaque non notis legit ab arboribus.
 hic docuit teneram palis adiungere vitem,
 hic viridem dura caedere falce comam:
 illi iucundos primum matura saporis
 expressa incultis uva dedit pedibus.
 ille liquor docuit voces inflectere cantu,
 movit et ad certos nescia membra modos:»*

Nas *Geórgicas*, os epítetos *uncus*, *curvus*, *incurvus* ou *inflexus* acompanham sempre a palavra *aratrum* (I.162, I.170, II.513, etc.).

20. *et teneram ab radice ferens, Silvane, cupressum;*

Depois dos deuses da Agricultura, o Poeta invoca o deus das Florestas, *Silvanus*, a quem volta a referir-se em II.494, *Silvanumque senem*. O cipreste (Vergílio alude provavelmente ao *Cupressus sempervirens*, L.) que Silvano ostenta não é, como alguns traduzem, arrancado *das raízes*, mas sim separado do solo *com as raízes* («co'a raiz toda», diz Castilho), como se fosse para ser transplantado, o que o adjectivo *tener* confirma. Em I.319 aparece a expressão *ab radicibus imis*.

22. *non ullo semine*

Esta expressão motivou comentários destituídos de fundamento, chegando alguns a afirmar que Vergílio acreditava na geração espontânea, o que procuravam justificar com o passo de II.10 *aliae nullis hominum cogentibus, ipsae sponte sua veniunt*. A sugestão é absurda, e o sentido dos termos usados nos dois passos é evidente: trata-se da vegetação que continua ainda hoje a chamar-se *espontânea*, isto é, cuja semente não foi espalhada pelo homem,

mas sim por outros agentes (vento, aves, insectos, etc.). Em contraste bem marcado, o verso I.23 refere-se a sementeiras (*sata*) feitas pelo homem.

A tradução de Castilho, «*crear-lhe sem semente*», é manifestamente infeliz.

Varrão admite que há plantas que nascem sem que o homem lhes conheça a origem, mas reconhece que isso resulta de serem as suas sementes tão pequenas que é difícil, ou até impossível distingui-las.

23. *satis*

Em prosa dir-se-ia *in sata*. Na poesia é frequente substituir-se o acusativo precedido de *in* pelo dativo.

24. *tuque adeo, quem mox quae sint habitura deorum*
25. *concilia incertum est, ...*

Os latinistas notam com interesse o uso que Vergílio faz de *adeo* (*multum adeo*, I.94, *multa adeo*, I.287, etc.). O advérbio serve para dar forte relevo à palavra precedente, e por isso adoptámos a tradução «*sobretudo*» («*também*» parece-nos fraco). Não é para estranhar que Augusto possa tomar lugar privilegiado em companhia de numerosos deuses, alguns muito importantes. É ponto assente que o Príncipe *vae* passar a ser uma das divindades: o que se discute a seguir largamente é o posto que ocupará entre elas.

Page observa que a frase que principia em I.24 só tem o verbo (*da*) em I.40, e que, a-pesar disso, e da sua grande extensão, a referida frase é perfeitamente clara, para o que contribue a divisão em partes a que determinadas palavras servem de abertura. Augusto tem diante de si tres alternativas: (1), I.25-28, introduzida por *ne*, ser um deus da Terra; (2), I.29-31, introduzida por *an*, ser um deus do Mar; (3), I.32-35, introduzida por *anne*, ser um deus do Céu. Resta uma categoria de deuses, os do Mundo Subterrâneo, mas essa julga o Poeta inadmissível que Augusto a escolha, pelas razões expostas em I.36-39.

28. *materna myrto*

A murta (*Myrtus communis*, L.) era a planta consagrada a Venus. O parentesco de Augusto com a deusa provinha da des-

cedência de Júlio César; a família Juliana entroncava em Iulus, neto de Eneas.

Vem a propósito lembrar dois passos das *Éclogas*:

«*populus Alcidae gratissima, vitis Iaccho,
formosae myrtus Veneri...*» (VII.61-62)

«*ecce Dionaei processit Caesaris astrum*» (IX.47)

O epíteto de Dioneu dado a César significa «*filho de Venus*», porque esta deusa era filha de Júpiter e Dionea, ninfa do Mar.

29. *ultima Thule*

A ilha de Tule, de situação geográfica tão vaga que quase se pode considerar fabulosa, marcava, pelo lado do Norte, o limite do Mundo: por isso é sempre denominada *ultima*. Tem-se tentado identificá-la com a Islândia, com as Shetland e com a Jutlândia.

31. *teque sibi generum Tethys emat...*

«*Deseje de comprar-te para genro*» — é a fácil e literal tradução que se encontra num verso dos *Lusíadas*. Tétis (Τηθύς), deusa do Mar, esposa de Oceanus e mãe das ninfas Oceânides.

32. *tardis... mensibus*

Os meses vagarosos são os do verão, que parecem mais longos por serem maiores os dias.

O mês *Sextilis* veio a receber o nome de Augusto, como o *Quintilis* foi chamado *Julius* em honra de César.

33. *qua locus Erigonen inter Chelasque sequentis*
34. *panditur (ipse tibi iam brachia contrahit ardens*
35. *Scorpius et caeli iusta plus parte reliquit)*

Erígone, filha de Icário, rei da Ática. Enforcou-se, desgostosa pela morte do pai, e Baco colocou-a no céu, transformada no signo do Zodíaco que tem o nome de *Virgem*.

Segundo alguns comentadores, no tempo de Vergílio conhe-

cia-se pouco o signo da *Balança (Libra)*. O espaço do céu compreendido entre *Virgo* e *Scorpio* era ocupado pelas garras (*Chelae, Χηλαι*) do *Escorpião*, de modo que a este signo correspondiam 60 graus, ao passo que a qualquer dos outros correspondiam 30. Não havendo o signo da *Balança*, o espaço de 30 graus abrangido pelas garras do *Escorpião* ficaria disponível para Augusto, o *novum sidus* (I.32).

Esta engenhosa explicação é gravemente comprometida pelo facto de haver, em I.208, uma referência ao signo da *Libra*.

39. *nec repetita sequi curet Proserpina matrem.*

Prosérpina (*Περσεφόνη*), filha de Zeus e de Deméter, foi raptada por Plutão, para ser a rainha do Mundo Subterrâneo. Deméter, a-pesar dos seus esforços, não conseguiu reaver Prosérpina, porque esta, durante a sua permanência nos Infernos, tinha aceitado uns bagos de romã; e talvez também porque, como se deprende do texto de Vergílio, não era grande o seu empenho em abandonar o raptor. Combinou-se, por fim, que ela passaria parte do ano nas regiões subterrâneas, com o marido, e outra parte fora delas, com a mãe. O mito parece simbolizar a entrega anual das sementes à terra, e a saída da vegetação. É esta, pelo menos, a opinião de Varrão, que atribue ao nome da deusa uma etimologia curiosa: «*Proserpina, quod ex ea proserpant fruges*».

40. *adnue*

O verbo *adnuere* exprime o majestoso baixar da cabeça com que os deuses manifestavam a sua aquiescência.

43. *Vere novo, gelidus canis cum montibus umor*
 44. *liquitur et Zephyro putris se glaeba resolvit,*
 45. *depresso incipiat iam tum mihi taurus aratro*
 46. *ingemere, et sulco attritus splendescere vomer.*

Terminadas as invocações, Vergílio, como que correndo uma cortina, patenteia-nos um animado quadro da vida rural. Está-se no princípio do ano agrícola, isto é, quando nasce a primavera. É uma época de trabalho intenso, porque se trata de executar a lavoura de abrição, operação de fundamental importância. Começou o degelo — Castilho encontrou uma bela expressão, «o desnevar das serras»; a terra, já meteorizada pela passagem do inverno (*Zephyro* indica um dos mais activos agentes de meteori-

zação) tornou-se friável (*putris*) e capaz de, mais tarde, se desfazer e pulverizar (*se resolvere*).

Esta primeira lavoura era sem dúvida um trabalho pesado nas terras fortes; a charrua tinha de *tanchar* profundamente (*aratro depresso*), e para isso o lavrador tinha de fazer recair o seu peso sobre a rabiça (*incumbere aratris*, I.213); os bois *gemiam*, obrigados a aplicar todo seu esforço; a relha, roçando com força na terra, depressa se tornava polida e reluzente.

As palavras *depresso*, *ingemere*, *attritus*, *splendescere* contribuem, pelo som, para dar vigor à descrição; e trazem à memória um verso de Lucrécio:

«*ingemere et terram pressis proscindere aratris*»

47. *illa seges demum votis respondet avari*
 48. *agricolae, bis quae solem, bis frigora sensit;*

Como já se observou, *seges* pode significar «a cultura», ou, mais frequentemente, «o campo» que ela ocupa (Nota a I.1); aqui deve ser adoptada a segunda acepção, que é a que o contexto requer.

«*Demum*», diz uma anotação de Page, «goes strictly with *illa*: that land and that only, no land to which less is done than the poet proceeds to recommend». É possível que Page tenha razão. Mas afigura-se-nos que *demum* exprime a ideia de que um facto virá a dar-se depois de decorrido um longo período após a época que se está considerando. Fazem-se as lavouras: mas só na altura da colheita é que o agricultor recebe a recompensa das suas lides. Assim também, tomando uma frase de Columela, «*item qui lupinum stercorandi agri causa serit, nunc demum aratro subvertit*»: «semeia-se o treinoço em Setembro com o objectivo de enriquecer o solo; e, pelos fins de Maio (oito a nove meses depois da sementeira, quando está em flor), enterra-se então (*demum*) com uma lavoura».

O teor dos versos I.47-48 dá ampla matéria para reflexões.

No tempo de Varrão, cujo tratado veio a lume na época em que Vergílio iniciou a composição das *Georgicas*, a prática geral era fazer duas lavouras de preparação e uma de sementeira. A primeira chamava-se *proscindere*; a segunda, que servia para

mobilizar os leivões da terra crua que o ferro anterior deixava, denominava-se *offringere* (ou *iterare*); a terceira, executada depois da semente ter sido lançada à terra, designava-se por *lirare*: «*terram cum primum arant, proscindere appellant; cum iterum, offringere dicunt, quod prima aratione glaebas grandes solent excitari; tertio cum arant iacto semine, boves lirare dicuntur*». Trata-se, pois, dos amanhos que em Portugal — em especial no Alentejo — têm os nomes de *alqueive* (também chamado *lavoura de abrição* ou *decrua*), *deslavre*, *revolta* ou *atalho* (ou *lavoura de atravessar*, porque cruza com a anterior) e *armação do margio*, ou *espigado*.

É evidente que Vergílio não considera suficientes estes tres amanhos, guiando-se pela sua própria experiência, ou apoiando-se na doutrina de Teofrasto. Este autor assinala as vantagens das lavouras frequentes em termos que um agrónomo de hoje não teria de modificar: «*solum enim saepe inversum, rarum, leve, atque materia vacuum redditur: ita ut alere facillime possit*»; e diz também, o que é interessante registar, «*cura novarum tempore utroque suscipitur, aestate et hieme, ut terra solem ac frigora sentiat*». Pormenorizando, informa que na Grécia se procedia à primeira lavoura no inverno, à segunda na primavera, para *abafar* a erva, à terceira no verão, e à quarta (esta muito leve) na altura da sementeira: «*postquam primas arationes novellarunt, rursus vere cespitem invertere solent, ut nascentem herbam interimant. tum aestate arant, et cum serere velint, proscindunt leviter; utpote cum solum bene praeagitatum preparatumque esset*». Todos estes passos são transcritos do tratado *De Causa Plantarum*.

Plínio aprova plenamente as ideias de Vergílio, a quem cita como recomendando que se proceda a uma quarta lavoura, e vae até mais longe do que o Poeta, pois aconselha que nas terras fortes se dêem cinco ferros, e aponta que na Etrúria se chegavam a fazer nove amanhos: «*quarto seri sulco Vergilius existimatur voluisse, cum dixit optimam esse segetem, quae bis solem, bis frigora sensisset. spissius solum, sicut plerumque in Italia, quinto sulco seri melius est; in Tuscis vere nono*».

As épocas em que se realizariam as lavouras que Vergílio preconiza, se se tomar à letra o preceito de deixar a terra experimentar a influência de dois períodos de calor e dois de frio, não podem fixar-se com rigor; e afigura-se-nos que a imperfeição dos instrumentos aratórios devia ser causa de sérios embaraços, sobretudo no caso das terras argilosas, cujo *fabrico* não devia deixar

de estar, muito mais do que hoje, na dependência do tempo. O aproveitamento dos *ensejos*, como se diz no Ribatejo, constituía decerto uma verdadeira arte: as terras fortes só poderiam ser bem amanhadas quando já não estivessem encharcadas, e portanto pegajosas, mas *enxambradas*: antes, porém, de o sol as endurecer excessivamente. As terras leves permitiam maior liberdade na escolha do momento de execução da lavoura, visto que esta era nelas mais superficial (*tenui sat erit suspendere sulco*, I, 68) e a sua textura a isso se prestava. Plínio e Columela, embora recomendem certas datas para os diferentes amanhos, têm o cuidado de avisar o agricultor de que não é obrigado a cingir-se estritamente a elas, mas sim a atender ao modo como corre o tempo.

Vergílio indica que no princípio da primavera (*vere novo*) se deveria executar uma lavoura funda; no verão far-se-ia uma lavoura cruzada com a anterior (*iterare*, ou *offringere*): são estes os dois amanhos que, diz Billiard, em França se denominam *labours à soleil*. É de presumir que houvesse, no começo do outono, uma outra lavoura (*tertiare*), muitas vezes mencionada noutros textos, correspondente ao nosso *aterceirar*; em Novembro proceder-se-ia à sementeira, seguida pela armação do margio, serviço leve, e que por isso talvez não entrasse na contagem do número das lavouras. E assim haveria: depois da lavra de primavera, um período de calor; depois da *iteratio*, outro período de calor; depois da *tertiatio*, um período de frio.

Se admitirmos que o preceito expresso impõe que haja um outro período de frio, somos tentados a crer que, antes da lavoura de primavera, teria havido um quarto amanho. Quando? No inverno, porventura em Janeiro? É certo que não deixaria de haver dificuldade em encontrar ensejo apropriado numa época normalmente chuvosa, que Vergílio aponta como aquela em que o lavrador repousa das suas fadigas — *hiems ignava colono*, I, 299. Mas pode alegar-se que existia a convicção de que a meteorização invernal trazia grandes benefícios aos alqueives, mormente se houvesse nevões. Esta hipótese tem a confirmá-la o dito de Columela, «*Idibus ianuariis . . . pingues agros tempestivum est proscindere*», e a recomendação de Paládio, na parte do seu calendário agrícola referente a Janeiro: «*pingues . . . agri proscindi et apparitam possunt*». E, sendo assim, o segundo período de frio seria o compreendido entre Janeiro e Março (ou Abril).

A hipótese acima exposta parece ser confirmada pela enume-

ração que Plínio faz das quatro lavouras que recomenda, encostando-se à autoridade de Vergílio: «*ante primam hiemem terro proscinditur; initio veris sequentis iterum perrumpitur; aestate proxima offringitur, et per medium sequentis autumnus rursum liratur ad sationem*». A dificuldade está em que a *proscissio* é, para uns autores, a lavoura de primavera, e, para outros, a de inverno.

Surpreende, à primeira vista, o facto de não se encontrar, nem nas *Geórgicas*, nem nos escritos dos geopónicos romanos, referência a lavouras de verão, a seguir às colheitas, nas terras argilosas. No Alentejo, tais lavouras trazem benefícios indiscutíveis; o mesmo sucede em muitas outras regiões de clima mediterrâneo; e a utilidade destes amanhos devia ser especialmente reconhecida na Campânia, em cujos solos de melhor qualidade se alternavam, durante longos períodos, a cultura do trigo e a da fava. Esta rotação, em terras de *barro*, certamente provocava o desenvolvimento do escalracho; ora, como o trigo e as favas se colhem antes do fim de Julho, haveria conveniência em lavrar nos meses seguintes, pela força do calor e da seca, única época em que se conseguiria destruir, pelo menos em parte, a referida planta infestante. Mas o alqueive de verão nos *barros* fortes, a boa profundidade, só actualmente se pode executar, desde que se dispõe de tractores.

Em tudo o que se disse relativamente ao número e época das lavouras, há uma larga parte conjectural. E achamos perfeitamente possível que o preceito de Vergílio não tenha o carácter definido que se lhe tem atribuído. Não estamos convencidos de que Vergílio indique, em termos precisos, a necessidade de *quatro* lavouras, antes nos persuadimos de que ele recomenda que se proceda a *quantas sejam convenientes*. Repare-se em que Plínio não diz, como parece entender-se geralmente, que Vergílio aconselha uma quarta lavoura, mas sim que «há quem pense» (*extimatur*) que é essa a ideia do Poeta. Supomos muito mais provável que Vergílio tenha tido simplesmente a intenção de reproduzir o preceito mais lato de Teofrasto, «*ut terra solem ac frigora sentiat*».

Para esta hipótese ser admissível, terá a expressão *bis ... bis* do verso I.48 de significar, não «duas vezes e outras duas vezes», mas sim «um número indeterminado de vezes»: e o emprego da referida expressão em dois passos do Livro II parece demonstrar que assim é (Veja-se a Nota a II.411-412).

Além dos amanhos que se citaram, efectuavam-se trabalhos complementares, como a *occatio*, a que noutra lugar (Nota a I.94-95) se faz referência.

49. *illius immensae ruperunt horrea messes*

Verso a comparar com o de Tibulo:

«*distendet spicis horrea plena Ceres*»

50. *ac prius ignotum ferro quam scindimus aequor,*
 51. *ventos et varium caeli praediscere morem*
 52. *cura sit ac patrios cultusque habitusque locorum,*
 53. *et quid quaeque ferat regio et quid quaeque recuset.*

A tradução «cariz», que adoptámos para *mos*, não é talvez a mais apropriada. Com o seu hábito de atribuir às cousas da Natureza qualidades morais, personificando-as, é de admitir que, como opina Page, Vergílio fale do céu como possuindo um *temperamento*, um *carácter* mutável, sujeito a variações bruscas. Assim também Shakespeare diz «humorous as winter». O cariz será, se se quizer, a exteriorização dos estados psicológicos do tempo.

Os conselhos de Vergílio contidos nos versos I. 50-53 têm perfeita actualidade. Estudar o clima; obter informações sobre as qualidades dos terrenos; tomar em consideração as «práticas legadas pela tradição», são preceitos a que a agricultura de hoje, como a antiga, se deve subordinar, para ter probabilidades de bom êxito. É evidente que os estudos agro-climatéricos constituem trabalho de *investigação*; o estudo dos métodos de cultura tradicionais representa um trabalho de *crítica*, cujo objectivo é destrinçar quais desses métodos são racionais, e quais aqueles a que falta base científica. Esta crítica é indispensável: nas regiões tropicais, por exemplo, têm-se cometido erros graves por se não prestar a atenção devida aos processos da agricultura indígena, fundados numa experiência milenária, e por isso às vezes mais *científicos* do que os que a colonização europeia introduz precipitadamente.

Vejamus como o problema abordado neste passo, da *aptidão cultural*, foi posto em evidência por um agrónomo dos nossos dias:

«Au point de vue purement technique les deux questions

essentielles auxquelles l'agronome doit répondre sont les suivantes: 1) Dans un milieu donné défini par son sol et son climat, quelle est la meilleure utilisation de ce sol? 2) Dans chaque cas, quelles sont les mesures permettant de porter la productivité au niveau assurant le maximum de bénéfice? Il faut reconnaître que, dans l'état actuel de nos connaissances, il est le plus souvent impossible d'apporter à ces questions un réponse péremptoire, sans s'appuyer sur l'expérimentation directe. Mais, d'autre part, celle-ci ne peut être interprétée et conduire à des conclusions solides qu'en fonction d'une connaissance approfondie des conditions de milieu.» (Demolon).

Varrão assinala, como Demolon, o papel da experimentação: «Dois caminhos se nos oferecem, a experiência e a imitação; os agricultores antigos, experimentando, estabeleceram grande número de práticas; os que vieram depois deles, imitando-os, encontraram outras. Cumpre-nos fazer uma e outra cousa: imitar estes e aqueles, e ainda empreender certas experiências, não ao acaso, mas guiando-nos pelo raciocínio...». «*Bivium enim nobis ad culturam dedit natura, experientia et imitatione. Antiquissimi agricolae tentando pluraque constituerunt, liberi eorum magnam partem imitando. nos utrumque facere debemus, et imitari alios et aliter ut faciamus experientia tentare quaedam; sequentes, non aleam, sed rationem aliquam...*»

É quase certo que por *habitus locorum* se deve entender «as qualidades intrínsecas do solo», cujo estudo é o objecto da moderna Edafologia. Diz um passo de Columela: «*iam ipsa terrae varietas et cuiusque soli habitus, quid nobis neget, quid promettat, paucorum est discernere*».

54. *hic segetes, illic veniunt felicius uvae,*
55. *arborei fetus alibi...*

Já antes de Vergílio, tinha Varrão exposto a mesma doutrina: «*non enim eadem omnia in eodem agro recte possunt. nam ut alius est ad vitem oppositus, alius ad frumentum, sic de coeteris alius ad aliam rem.*»

Também Ovídio diz:

«*nec tellus eadem parit omnia; vitibus illa
convenit, haec oleis; hic bene farra virent.*»

Desde o dilúvio, que pôs termo à Idade Áurea, que as produções da terra eram váriaveis conforme as regiões. No tempo de Saturno, *omnis ferebat omnia tellus* (Ecl., IV.39).

56. *croceos ut Tmolus odores*

O açafraão, extraído do *Crocus sativus*, L., usava-se muito em Roma para perfumar os banhos e os altares. O Tmolo era uma montanha da Lídia; volta a ser citado em II.98.

57. *molles sua tura Sabaei*

Tura é o incenso, goma-resina extraída de várias espécies de árvores do género *Boswellia*. Os Romanos atribuíam-lhe propriedades medicinais, e D. Caetano de Santo António, na sua *Pharmacopêa Lusitana* (1725) ainda tece elogios às virtudes do fármaco, nestes termos: «... no uso da medicina he o Incenso macho deterativo, hum pouco adstringente, sudorifero, proprio para os achaques do peyto, parlesias, fortifica o cerebro, & para os cursos tomado interiormente; no uso exterior se aplica para alimpar & consolidar as partes relaxadas, & debilitadas... O Incenso comum tambem sendo bom... serve para emplastos, & unguento, he deterativo, dessecativo, & consolidante».

Sabaei são os Árabes; Sabá era a principal cidade da *Arabia Felix*.

58. *Chalybes nudi*

Os Cálibes eram um povo, tradicionalmente reputado hábil no trabalho do ferro (*σιδηροκτέκτονες Χάλυβες*), que habitava a região entre o Ponto Euxino e a Paflagónia.

59. *castorea, Eliadum palmas Epirus equarum?*

Castorea (*καστόριον*, de *κάστωρ*); substância contida nas glândulas prepuciais do castor (*Castor fiber*, L.), usada para fins medicinais.

A Élida era uma região do Peloponeso, na qual estava situada a planície de Olímpia, onde se celebravam os Jogos.

O Epiro era uma região do Norte da Grécia, onde se criavam cavalos de excelente e afamada casta. Em III.121 faz-se outra referência ao Epiro a este propósito: *et patriam Epirum referat*.

60. *continuo*

Afigura-se-nos interessante transcrever o comentário de Page acerca do uso desta palavra: «O advérbio *continuo* (*cum, teneo*) indica ordinariamente que um acontecimento se segue a outro sem interrupção, e por isso se emprega com frequência em orações introduzidas por partículas temporais como *ut, ubi, quam*, etc. Por exemplo: *ut venimus, continuo dixi*: «assim que chegámos, disse». Vergílio, porém, costuma colocar o referido advérbio no princípio da frase, para só depois definir o tempo a que ele diz respeito. Na oração de que se trata, *continuo* tem de se aproximar de *quo tempore*».

Assim se entende que, «logo depois do tempo em que Deucalião povoou o mundo» — e sem que assim deixasse de suceder um só instante — «a natureza impôs, etc.»

Não encontramos forma de interpretar em português com fidelidade o advérbio latino, a não ser que recorressemos a longos circunlóquios, que diluiriam a força da frase. Nas expressões *continuo in silvis* (I.169) e *continuo ventis surgentibus* (I.356) o papel do advérbio é estabelecer uma ligação forte: «quando ainda nas matas»; «assim que o vento se levanta».

62. *Deucalion vacuum lapides iactavit in orbem,*
63. *unde homines nati, durum genus. ...*

O mito a que aqui se alude é bem conhecido. Deucalião, rei da Tessália, e Pirra, sua esposa, únicos sobreviventes da população do mundo, destruída por um dilúvio, receberam ordem do oráculo para «lançar por cima das cabeças os ossos da Mãe». Entenderam que a Terra era a mãe a quem o oráculo se referia, e as pedras os seus ossos; e, dos calhaus que arrojaram para o mundo desabitado, nasceu a raça humana, *durum genus*: dura como as rochas de que provinha.

... *ergo age, ...*

«Já que as leis impostas são estas, mãos à obra!»! A exortação incitativa *age* é muito característica de Lucrécio.

- ... *terrae*
64. *pingue solum primis extemplo a mensibus anni*

65. *fortes invertant tauri, glaebasque iacentis*
66. *pulverulenta coquat maturis solibus aestas;*
67. *at si non fuerit tellus fecunda, sub ipsum*
68. *Arcturum tenui sat erit suspendere sulco:*
69. *illic, officiant laetis ne frugibus herbae,*
70. *hic, sterilem exiguus ne deserat umor harenam.*

O Poeta retoma a descrição da lavoura de primavera de I. 43-46. Outra vez recomenda que não se perca tempo em encetar o alqueive no começo do ano; novamente chama atenção para a dificuldade do trabalho, em que é preciso empregar bois possantes.

A expressão *terrae pingue solum...fortes invertant tauri* é elucidativa: mostra que um objectivo do alqueive é *revirar* a leiva, para cobrir e sufocar a erva, o que leva a duvidar do acerto da opinião de Billiard e de outros (Nota a I. 97-98) quanto ao modo como trabalhava a charrua romana. Outro fim do alqueive é claramente posto em evidência: deixar a leiva revirada (*inversa*) exposta à acção do sol, a cozer (é interessante notar que os escritores agrícolas portugueses usam frequentemente os verbos *cozer* e *recozer* na acepção que tem *coquere* no passo de que se trata). Assim a terra atinge, ou vae-se aproximando do estado de meteorização e mobilização que a palavra *putris* (I. 44) define.

A lavoura profunda — evidentemente a que requer o emprego de bois robustos, *fortes tauri* — é exigida pelas terras ferazes, em regra com percentagem de argila bastante elevada (Nota a II. 229), e por isso mesmo difíceis de fabricar, porquanto, além de outros motivos não citados, criam erva em abundância, que prejudicará a ceara (esta indicação de Vergílio mais uma vez confirma que a charrua romana, a-pesar da sua imperfeição, virava a terra). Mas, muito logicamente, o Poeta não aconselha que se lavre fundo em terras magras e pobres (*si non fuerit tellus fecunda*): pelo contrário, em tal caso, *satis erit suspendere tenui sulco*; basta um amanho ligeiro, que apenas levanta a camada superficial do solo. A palavra *suspendere* é muito descritiva; em certas terras, com a lavoura superficial a camada mobilizada fica, na verdade, *suspensa*, e tanto assim é que, antes ou depois da sementeira, é prática recomendável passar sobre o solo um rolo compressor, para aconchegar as partículas da terra umas às outras. Sem esta operação, a que em muitos países, e sobretudo em França, se dá grande importância, a nascença da ceara não se faz em boas condições.

A razão dada por Vergílio para desaconselhar lavouras fundas em terras fracas é uma das que podem invocar-se: a camada delgada de terra que a lavoura superficial remexe fica a cobrir outras camadas onde a humidade poderá conservar-se para futuro uso; se se amanhar mais fundo, essa humidade facilmente se evapora.

Note-se que as lavouras das terras ricas e das terras pobres não só se distinguem pela profundidade, como pelas épocas em que se realizam. O Poeta exorta os lavradores, por mais de uma vez (*vere novo*, I.43, *primis extemplo a mensibus anni*, I.64), a alqueivar as terras férteis (presumivelmente as mais fortes) logo no início da primavera; quanto às terras fracas — as que no Alentejo chamam *galegas* — só se amanham mais tarde, *sub ipsum Arcturum*. Arcturo, estrela de primeira grandeza da constelação do Boieiro, elevava-se no princípio de Setembro.

É útil registar que Columela, Plínio e Paládio acompanham a opinião de Vergílio relativamente à vantagem de alqueivar as terras pobres e delgadas no começo do outono, e nunca na primavera ou no verão.

Para se ajuizar da importância que os romanos davam à operação fundamental da Agricultura, a lavoura, basta citar o célebre adágio de Catão: « *Quid est agrum bene colere? bene arare. quid secundum? arare; tertio, stercorare* ».

Julgamos interessante frisar que os preceitos dos agrónomos latinos em relação ao modo de executar as lavouras nada perderam do seu fundamento. Vejamos como se enunciam alguns desses preceitos.

(1) Não lavrar a profundidade tal que se traga para a superfície a terra das camadas inferiores não meteorizadas, inertes (onde a actividade microbiana está suspensa, dizemos hoje) para não empobrecer o solo arável.

« *Omnis humus quamvis laetissima tamen inferiorem partem ieiuniorum habet, eamque attrahunt excitatae maiores glaebas. quo evenit, ut infecundior materia mista pinguiori segetem minus uberem reddat* » (Col. II.4).

(2) Lavrar nas encostas obliquamente à linha de maior declive, para atenuar os efeitos da erosão.

« *Tali agro in arando maxime est observandum semper ut transversus mons sulcetur* » (Col. II.4).

(3) Lavrar os campos até às extremas destes.

« *In agro periclitantur interiora, nisi colantur extrema* » (Pall. I.6.).

(4) Não deixar manchas de terra por lavrar (*marradas* ou *lobas*).

« *Qui arando crudum solum inter sulcos relinquit, suis fructibus derogat, terrae ubertatem infamat* » (Pall. I.6.).

« *Bubulcus per proscissum ingredi oportet, ita nec ubi crudum solum et immotum relinquat, quod agricolae scamnum vocant* » (Col. II.2.).

(5) Não lavrar terras que se encontrem demasiadamente húmidas.

« *Lutuosam terram ne tangito* » (Pl., XVIII.19.).

« *Quandoque arabitur, observabimus ne lutuosos ager tractetur: nam quae limosa versantur arva toto anno desinunt possunt tractari, nec sunt habilia sementi* » (Col. II.4.).

(6) Em certas terras (excluindo os *barros*, e outras afins) não lavrar quando o solo está muito seco, para não correr o risco de o *escaldar*, como se diz na região de Évora, ou para evitar o esforço exagerado e improficuo de romper um *hardpan* (camada cimentada), que depois das chuvas será fácil de mobilizar.

« *At qui siccitatibus aruerunt, expediri probe non possunt, nam vel respuitur duritia soli dens aratri, vel si qua parte penetravit, non minute diffundit humum, sed vastos cespites convellit* » (Col. I.4).

71. *alternis idem tonsas cessare novalis*
72. *et segnem patiere situ durescere campum;*
73. *aut ibi flava seres mutato sidere farra,*
74. *unde prius laetum siliqua quassante legumen*
75. *aut tenuis fetus viciae tristisque lupini*
76. *sustuleris fragilis calamos silvamque sonantem.*

«Consente que os campos ceifados» (e portanto fatigados por terem dado uma colheita) «descansem em / anos / alternados, e que a terra desocupada se fortifique com o repouso. Ou então semeia, quando chegar a época própria, trigos dourados na terra onde antes tinhas colhido legumes abundantes de casca quebradiça, delicados renovos de ervilhaca e folhagem murmurante do amargo tremoço».

O primeiro facto que se destaca com luminosa clareza deste passo é que o Poeta aconselha com decisão a *alternância*, recomendando que a uma cultura de cereais suceda uma cultura de leguminosas. É extremamente curioso notar que, durante dezoito séculos — e apesar do profundo conhecimento que a Idade Média, e sobretudo a Renascença, tinham da obra de Vergílio — não se prestou qualquer atenção a um preceito de ordem científica e prática de fundamental importância, expresso com a maior precisão. «No princípio do Século XVIII» — traduz-se um trecho da *Encyclopaedia Britannica* sobre História da Agricultura — «... a prática de deixar em pousio cada ano uma parte da terra lavradia, e de interpôr uma cultura de leguminosas entre as culturas de cereais começava a generalizar-se, e representava um grande adiantamento em relação ao uso anterior, e ainda corrente, de cultivar a mesma folha em anos sucessivos com cereais de pragana, até o solo ficar completamente esgotado, abandonado-o depois às ervas ruins durante período indeterminado, até recuperar as suas faculdades produtivas. Introduziu-se o hábito de alternar colheitas de leguminosas com colheitas de cereais, e daí o nome de cultura alternada — *alternate husbandry* — que se deu a este método aperfeiçoado». É precisamente este método aperfeiçoado que tinha sido preconizado por Vergílio mil e oitocentos anos antes!

Em Portugal não estavam as cousas melhor do que em Inglaterra. A situação era a que descrevem as seguintes palavras, de um dos autores das *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências*:

«O systema dos Alqueives está tão introduzido entre nós, que ha algumas Provincias, em que seria quasi impossivel desterrallo, tal he a do Alem-Tejo: o modo destes Alqueives varia muito; n'umas partes fabrica-se a terra, e dão-se-lhe até quatro lavouras no espaço de hum anno; em outras não se lhe dão lavouras (principalmente quando o Alqueive dura mais de um anno, a que propriamente se chama Pouzio) mas pelo contrario deixão-se

crescer as hervas e o mato que depois se queimão, para dar huma lavoura de preparação, ou de sementeira: em fim em cada parte ha seu uso differente, mas todos máos, em quanto fazem estar as terras hum ou mais annos sem produzirem nada. Em algumas partes tambem se usão das Plantas leguminozas, e ainda dos Nabos, como sementeiras intercalares; mas esta pratica é tão circumscriita e deminuta, que não merece ainda entrar em conta».

novalis

Novalis, e, é um adjectivo cujo sentido primitivo deve ser «renovado». Plínio diz que «*novale est quod alternis annis seritur*». Parece pois que o *ager novalis* era o campo deixado em pousio apenas um ano em cada dois. Quanto ao campo cultivado sem interrupção, chamava-se *restibilis* («*terra... quae quotannis obsita sit, quae vocatur restibilis*», Varr. I.44). Não há, todavia, completa uniformidade de nomenclatura nos escritos dos diversos autores, o que não é para admirar, visto que é natural que ela tenha evoluído com o andar dos tempos, e variasse de região para região.

alternis

Alternis é, segundo Page, o ablativo do plural neutro (*alterna*) usado adverbialmente, a traduzir, portanto, por «alternadamente». Page considera que o advérbio é empregado para indicar que é necessário escolher uma de duas soluções: ou (1) deixar a terra em pousio ano sim, ano não, ou (2) mudar a cultura.

Afigura-se-nos que a obrigatoriedade da opção por uma das duas hipóteses é marcada pela conjunção *aut* em I.73, que separa duas orações, em cada uma das quais se descreve um método cultural. *Alternis* apõe-se a uma palavra subentendida, que, em nossa opinião, não é *vicibus*, como querem alguns, mas sim *annis*: repare-se em que Plínio, no passo acima citado, usa precisamente a expressão *alternis annis*, assim como Varrão, quando sintetiza, numa breve frase, a doutrina exposta por Vergílio: «*agrum alternis annis relinqui oportet, aut paulo levioribus sationibus serere, id est, quae minus sugunt terram*».

Como se vê, Vergílio principia por citar os dois métodos de exploração, sem emitir parecer quanto ao seu mérito relativo, o que só fará em I. 79-83.

mutato sidere

Compare-se com *quo sidere* (I.1). Os agricultores romanos regulavam-se cuidadosamente pelos astros para seguirem a marcha das estações e marcarem as épocas destinadas às diferentes fainas do campo (Nota a I.252); e assim, o astro — ou signo do Zodíaco — a que correspondia uma dada época representava por vezes esta última. Pensamos que *mutato sidere* se traduz convenientemente por «quando chegar a época própria», o que condiz com as versões de Castilho («em lhe a estação chegando») e de Billiard («au retour de la saison»). A rotação bienal *Trigo — Fava de Primavera* ou outra leguminosa era corrente na Campânia; a leguminosa, segada para verde, pouco fatigava a terra, que podia dar mais tarde, depois de um curto descanso, uma boa colheita de cereal. Plínio aconselha que assim se faça; «... *far serendum, unde et lupinum, aut vicia, aut faba sublata sint, et quae terram faciant laetiores*».

Vem a talho de foice dizer que os Romanos tinham acerca da influência melhoradora das plantas leguminosas (que só no século XIX se explicou cientificamente) noções bem definidas. Varrão demonstra possuir ideias claras relativamente aos efeitos da sideração, quando expõe: «*quaedam etiam serenda non tam propter presentem fructum, quam in annum prospicientem, quod ibi subsecta atque relicta terram faciunt meliorem. itaque lupinum, cum necdum siliculam cepit, et nonnunquam fabalia, si ad siliquas non ita pervenit, ut fabam legere expediat: si ager macrior est, pro stercore inarare solent*».

Independentemente desta função de *adubo verde*, os agrónomos latinos entendiam que uma colheita de leguminosas, embora exportada do campo que a produzira, não empobrecia a terra, antes a beneficiava, desde que, logo após a sega, se enterrassem as raízes e o restolho com uma lavoura. Pode citar-se, a este propósito, o preceito de Paládio: «*lupinus et vicia pabularis, si virides succidantur, et statim supra sectas eorum radioes aretur, stercoris similitudine agros foecundant; quae si exaruerint antequam proscindas, in his terrae succus aufertur*».

As considerações de Varrão e Paládio, às quais outras se poderiam juntar, de Columela e Plínio, representam o desenvolvimento de uma noção já bem fixada no tempo do mais antigo dos geopónicos latinos, Catão, que afirma incisivamente: «*lupinum faba, vicia, agrum stercoreant*».

legumen

A palavra deriva de *lego* (λέγω), verbo cujo sentido primitivo é «colho à mão» (não com a foice, ou qualquer outro instrumento). Aplica-se às plantas que dão vagens, às leguminosas em geral. Por vezes o vocábulo usa-se para designar a leguminosa de maior valor económico, a fava («... *leguminum, inter quae maximus honos fabae*», Pl., XVIII.12.), e é natural que assim suceda em I.74, visto que no verso seguinte se faz menção da ervilhaca e do tremoço.

tenuis fetus viciae

Page supõe que *fetus* (*arborei fetus*, I.55, *fetus viciae*, I.75) não significa aqui «produtos», como é habitual, mas sim «rebentos novos», quer de árvores, quer de vegetação herbácea. Admitindo esta hipótese, aliás não fundamentada, traduzimos *tenuis fetus viciae* por «delicados renovos de ervilhaca». Trata-se provavelmente da *Vicia sativa*, L., porventura de variedades desta espécie diferentes da que hoje se cultiva.

tristisque lupini

Lupinus é um dos tremoços, talvez o *L. albus*, L. *Tristis* pode significar «amargo», e com certeza tem aqui esta acepção.

Nos últimos tempos, tem-se procurado activamente obter formas de tremoços em que não existam princípios tóxicos ou amargos, e os resultados alcançados, sobretudo pela Estação Experimental de Münchberg, e por algumas Estações russas, são já notáveis. Há ainda, porém, que eliminar os graves inconvenientes da debulha natural e da redução de produtividade que se verificam nas actuais linhas de tremoço doce.

silvamque sonantem

Silva pode significar, além de «mata», que é o sentido habitual, «vegetação nova» (arbórea, arbustiva ou herbácea). Corresponde ao grego *βλάστης*. O adjetivo *sonans* equivale a «rustling» em inglês: define o murmúrio característico que o vento provoca na folhagem seca. Castilho tradu-lo por «o ramalhar», expressão que se nos afigura muito feliz.

77. *urit enim lini campum seges, urit avenae,*

78. *urunt Lethaeo perfusa papavera somno:*

Urere pode sem inconveniente traduzir-se à letra, exprimindo o verbo o consumo de princípios nutritivos levado ao excesso, e do qual resulta o esgotamento da terra. Em francês diz-se, na linguagem agrícola corrente, « qu'une plante brûle le sol » (Billiard) e em português usa-se análogamente o verbo « queimar ».

A *fadiga* do solo, fenómeno de que os agrónomos latinos tinham plena consciência, provém de causas que ainda hoje estão longe de ter sido determinadas com exactidão. A teoria das toxinas já não é reputada satisfatória; a tendência mais recente é para atribuir o depauperamento das terras a alterações das condições da vida microbiana, que aliás não podem considerar-se isoladamente, relacionadas como estão com as condições físicas e químicas e com o micro-clima do solo. Segundo Russell, o cansaço dos solos pode derivar da acumulação excessiva de protozoários, que, concorrendo com outros micro-organismos no consumo de princípios alimentares, lhes reduzem a actividade; no caso particular do linho, Maus verificou experimentalmente que a fadiga de um terreno onde se praticava esta cultura era devida ao desenvolvimento de *Fusaria*.

O facto de as terras se cançavam com a exploração permanente da mesma cultura é bem salientado por Ovídio:

« *continua messe senescit ager* ».

Sabe-se que o linho (*Linum usitatissimum*, L.) se cultivou desde a antiguidade remota. Segundo De Candolle, praticava-se a sua cultura na Mesopotâmia, na Assíria e no Egipto há quatro ou cinco mil anos. Por outro lado, a manufactura de tecidos de linho é sem dúvida a mais antiga das indústrias têxteis.

O testemunho de Vergílio e os de outros autores revelam que o linho se cultivava extensamente na Itália; é fora de dúvida que os Romanos o empregavam para o fabrico de redes de pesca e de caça, e também de cabos e velas de navios; mas é difícil avaliar qual fosse o grau de desenvolvimento da indústria dos tecidos de linho para vestuário. Plínio descreve com grande minúcia esta indústria tal como a praticavam os Egípcios e outros povos, o que parece indicar que os Romanos a conheciam mal. Além disso, é sabido que os tecidos de linho se importavam do Egipto para Roma em quantidades avultadas.

A menção da aveia é digna de registo e reparo, porque De Candolle assevera que este cereal não foi cultivado nem pelos Hebreus, nem pelos Egípcios, nem pelos Gregos, nem pelos Romanos. Plínio refere-se, com cousa notável, ao facto dos Germanos fazerem pão de aveia.

Columela cita a aveia, não cultivada para grão, mas como forragem que se cortava em verde, dizendo: « ... *similis ratio avenae est. caeditur in foenum vel pabulum, dum adhuc viret, quae autumnis sata* ». É pois verosímil que a aveia só servisse para entrar na composição do *farrago*, mistura de forragens verdes correspondente ao que na Beira Baixa e no Alentejo se denomina *alcacêr*.

Papaver é a papoula, sem dúvida o *P. somniferum*, L., do qual se extrai o ópio, e a que se dá vulgarmente o nome de *dormideira*. É esta a espécie cultivada; das espécies espontâneas, que são mais de cem, a mais frequente no Sul da Europa é o *P. Rhoeas*, L., que se encontra em cearas e pousios.

As propriedades narcóticas do suco extraído das cápsulas do *P. somniferum* eram bem conhecidas dos antigos. Daí a alusão ao Letes, rio do Inferno, cuja água provocava o esquecimento.

A cultura da papoula tinha certamente desenvolvimento considerável no tempo de Vergílio; tanto assim é que o Poeta a cita a par da do linho, *lini segetem et Cereale papaver* (I.212), e de várias outras culturas economicamente importantes (cevada, fava, luzerna, ervilhaca, lentilha, trigo espelta), a propósito das épocas mais oportunas para a sementeira. Mas onde estaria o valor económico da papoula? Não se encontram, nas obras dos escritores agrícolas, indicações precisas a este respeito. Talvez se possa considerar a hipótese da papoula ser explorada para se extrair das suas sementes o *oleum papaveris*, óleo comestível, ou porventura usado para misturar com o azeite de oliveira, ou ainda para queimar nas lâmpadas. O óleo de papoula continua a ser produzido em França (onde se lhes chama *huile d'ailette*) e na Alemanha. Produz-se também, em grande escala, em diversas regiões da Índia; aí, empregando-se processos primitivos de extracção, as sementes de papoula rendem 15 por cento (em peso) de óleo, aproximadamente, e o bagaço residual, muito rico em constituintes azotados, utiliza-o como alimento a parte mais pobre da população.

No Livro IV das *Geórgicas* cita-se de novo a papoula (IV.131) como uma das plantas que o velho de Galeso cultivava: *vescum papaver*. O adjectivo *vescus*, para muitos tradutores, significaria «comestível». Segundo Page, é palavra de etimologia incerta (*curious word*, lhe chama ele) que quer dizer «pequeno», e é certamente este o sentido do vocábulo em III.175. Conington, que tem a mesma opinião, entende que a aposição de *vescus* a *papaver* serve para aludir ao tamanho reduzido das sementes da papoula.

O epíteto *Cereale* aplicado a *papaver* explica-se provavelmente por ser a papoula consagrada a Ceres, sendo esta deusa muitas vezes representada empunhando ou sobraçando um molho de papoulas.

79. *sed tamen alternis facilis labor, arida tantum*
 80. *ne saturare fimo pingui pudeat sola neve*
 81. *effetos cinerem immundum iactare per agros.*

As culturas antes mencionadas (linho, aveia, papoula) são altamente esgotantes, facto este verificado em todos os tempos e em todas as regiões; mas deixarão de o ser se se alternarem com outras. «O trabalho tornar-se-á fácil se se recorrer à rotação», afirma o Poeta, «desde que», apressa-se a observar, «o agricultor se não esquite a adubar copiosamente o solo». Repare-se na curiosa expressão *ne pudeat*: «não se envegonhe», «não tenha rebuço», maneira de dizer bem mais interessante do que «não hesite», «não se furte», etc.

Pinguis fimus ou *vetus fimus* é o estrume bem curtido, em contraste com o estrume fresco, *novus fimus*. Os Romanos prestavam a maior atenção ao modo de preparar e utilizar os estrumes, e os tratados de agricultura latinos ocupam-se do assunto com grande desenvolvimento e competência. Varrão preceitua que a nitreira se divida em duas partes, uma onde se deposita o estrume recente, outra onde se coloca o que se transfere da primeira, à medida que vae curtindo; e recomenda que se proteja a nitreira com ramos de árvores com muitas folhas: «*Secundum villam duo habere oportet sterquilinia, aut unum bifariam divisum: alteram enim partem ferri oportet e villa novum fimum, ex altera veterem tolli in agrum: quod enim infertur recens, minus bonum: id cum flacuit, melius; nec non sterquilinium melius illud, cuius latera et summum virgis et fronde vindicatum ab sole.*»

Alguns preceitos relativos aos meios mais eficazes de empregar o estrume ainda hoje deveriam ser instantaneamente divulgados entre os agricultores. Por exemplo:

- (1) Enterrar o estrume com uma lavoura, logo que se acabou de o espalhar sobre o terreno.

«*Disiectum deinde protinus fimum inarari et obrui convenit, ne solis halitu vires amittat, et ut permista humus praedicto alimento pinguescat*» (Col. II.15.).

- (2) Dividir o estrume em partículas miúdas, a-fim de o misturar intimamente com a terra.

«*Stercus sedulo conserva, cum exportabis, spargito, et comminuito*» (Cat. V.).

- (3) Aplicar o estrume frequentes vezes, e em pequenas quantidades de cada vez.

«*Nec prodest nimium stercorare uno tempore, sed frequenter et modice*» (Pall. X.1.).

- (4) Estrumar os terrenos de encosta mais abundantemente do que os de planície (para compensar as perdas de estrume causadas pela água das chuvas que escorre pelas vertentes).

«*Uni iugero asserit Columella XXIV stercoris carpenta sufficere, in plano vero XVIII*» (Pall. X.1.).

Observaremos ainda que os Romanos conheciam as vantagens da estrumação a rabo de ovelha, como se infere deste passo de Plínio: «*Sunt qui optime stercorari putent, sub dio retibus inclusa pecorum mansione*»; e finalmente, que tinham a noção da utilidade dos correctivos: «*Si tamen nullum genus stercoris suppetet, ei multum poterit fecisse, quod M. Columellam patrum meum doctissimum et diligentissimum agricolam saepenumero usurpasse memoria repeto, ut sabulosis locis cretam ingereret; cretosis ac nimium densis, sabulam*» (Col. II.16.).

Cinus immundus é, naturalmente, a cinza, residuo da queima de restolhos, madeiras, etc., que traria ao terreno a contribuição da potassa e de alguns elementos minerais úteis para a constituição

do esqueleto vegetal. Billiard exprime o parecer de que *cinus* é estrume finamente pulverizado, como o terriço usado em jardins e hortas. Não acompanhamos esta opinião, porque o terriço não é apropriado para a grande cultura.

Catão aconselha que se faça carvão com a madeira que seja difícil vender, e que os ramos das árvores se reduzam a cinza, para adubar as terras de trigo: «*virgas et sarmenta, quae tibi ustioni supererunt, in segetem comburito*». Paládio não hesita em recomendar que se queimem as próprias árvores, se forem improdutivas, para com a cinza beneficiar o solo. Plínio manda queimar os sarmentos das cepas e enterrá-los com uma lavoura, para restituir fertilidade ao terreno onde a vinha se mostra fatigada.

82. *sic quoque mutatis requiescunt fetibus arva;*
83. *nec nulla interea est inaratae gratia terrae.*

O verso I.83 tem sido, a nosso ver, mal interpretado pela maioria dos tradutores e comentadores. O próprio Billiard, mais atento do que os restantes à análise dos aspectos agrícolas do poema, adopta a versão habitual: «*Même pendant le temps où elle demeure sans labours, le profit qu'on peut retirer de la terre n'est pas négligeable*». A tradução de Sommer e Desportes diz aproximadamente o mesmo: «*et pendant ce temps là la terre restée sans culture ne reste pas toutefois sans utilité*». Na tradução espanhola de Buenos Aires encontra-se: «*sin que sean tampoco del todo inútiles mientras se las deja en barbecho*». E Castilho traduz: «*Mas terra não lavrada alguma cousa presta*».

Estas versões não são, em nosso conceito, admissíveis. O Poeta aceita, como se viu (I.71-72), que se intercale um ano de pousio entre dois anos de cultura, dando assim oportunidade à terra para descansar; mas considera ainda preferível a alternância das culturas (com a condição de se adubar abundantemente), desaparecendo neste caso a necessidade do pousio. É o que claramente exprime o verso I.82: «*e assim, com o alternar das culturas, também descansam os campos*».

A argumentação de Vergílio tem por fim, não fazer a apologia dos pousios, mas, pelo contrário, pôr em evidência que é conveniente para o agricultor dispensá-los. Depois de assegurar que com o revezar das culturas se substitue o pousio, aponta, no verso I.83, a vantagem que há em evitar os períodos em que a terra está improdutiva. Se este verso tivesse o sentido que lhe

querem atribuir os tradutores que acima citamos, viria contrariar a *corrente* dos argumentos que vêm sendo aduzidos.

Para nos certificarmos de que havia terrenos em Itália que dispensavam o pousio, notemos que Plínio fala de um tipo de terra da Campânia (*terra tenera*, ou *pulla*) em que se cultivavam, pela ordem que se indica, cevada, milho miúdo (ou painço?), rábanos, novamente cevada ou trigo, e assim sucessivamente: «*si fuerit illa terra, quam appellavimus teneram, poterit sublato hordeum, milium feri; eo condito, rapa; his sublatis, hordeum vel triticum...*».

As ideias de Vergílio concordam inteiramente com as da ciência moderna: à cultura continua de cereais é preferível a cultura em que se intercala o pousio, sobretudo se este for alqueivado; e melhor ainda é a alternância de cereais e leguminosas. Vejamos, por exemplo, o que nos diz Sir John Russell, no seu admirável livro *Soil Conditions and Plant Growth*; «*Agriculturists have... found by experience that crops grow better in rotation than in continuous succession. It is true that continuous cropping is possible; the Broadbalk wheat field at Rothamsted has already produced more than ninety crops of wheat in succession and the Woburn Stackyard field produced more than fifty; but it is more difficult to secure good yields than on the rotation field where wheat is grown only once in four years, other crops being taken in the intervening years (Table 104)*».

Table 104. Wheat grown without manure at Rothamsted: (1) grown continuously; (2) in alternation with fallow; (3) in four-year course rotation. Average for the years 1851 and every four years thereafter until 1927

Dressed grain per acre		
Continuous Wheat (Broadbalk, Plot 3)	Wheat after Fallow (Hoosfield, Plot 0)	Rotation Wheat (Agdell Field)
Bushels	Bushels	Bushels
11.3	14.0	24.0

Tanto quanto é do nosso conhecimento, Page é dos raros comentadores que compreenderam o sentido do verso que estamos discutindo. Diz ele: «*O verso I.83 contém tres negativas, mas reconhece-se imediatamente que a primeira se aplica ao conjunto*

do resto do verso: *nec / nulla interea est inaratae gratia terrae*». Esclarecido assim o assunto quanto ao aspecto gramatical, é óbvio que o que o Poeta quer dizer — e diz claramente — é o seguinte: «e deste modo se evita que a terra, pelo facto de ficar em pousio, sem lavoura, deixe de dar proveito»; ou «e assim sucede que, entretanto, não fica a terra em pousio / e portanto / sem dar rendimento».

Repare-se na palavra *gratia*, e no excelente comentário de Page: «literalmente «gratidão», personificando-se a terra. Esta, abandonada sem lavoura, não tem razão para ficar *agradecida*; deixa o agricultor sem qualquer *agradecimento* sob a forma de colheita». É a ideia que está expressa na tradução de Royds: «which is thus saved from lying... a thankless fallow».

O equivalente de *gratia* faz parte da linguagem agrícola portuguesa. A cada passo se diz: «a vinha agradece todo o tratamento que se lhe dê»; «as cearas agradecem as chuvas de Abril»; etc. Eis um exemplo bem próprio para confirmar que a língua portuguesa à «primogénita filha da latina».

Visto que nos versos I.79-83 se considera a questão das rotações, parece-nos interessante mencionar algumas das mais usadas, segundo se depreende do que se pode respigar nas obras dos geopónicos romanos, em especial Plínio e Columela:

(1) Em terras da Campânia, do tipo chamado *alica*, excepcionalmente ricas.

- 1.º ano — Milho miúdo (ou painço?);
- 2.º ano — Trigo espelta;
- 3.º ano — Trigo espelta.

(2) Nas terras, também da Campânia, de grande riqueza (embora não tão férteis como as anteriores) do tipo denominado *terra tenera*.

- 1.º ano — Fava de primavera, estrumada;
- 2.º ano — Trigo espelta.

(3) Nas mesmas terras.

- 1.º ano — Cevada ou trigo;

- 2.º ano — Milho miúdo (ou painço?) estrumado;
- 3.º ano — Cultura de plantas de raízes.

(4) Em solos menos ricos do que a *terra tenera*.

- 1.º ano — Trigo, estrumado;
- 2.º ano — Fava de outono;
- 3.º ano — Ervilhaca, ou outra leguminosa.

(5) Em terras inferiores às da categoria precedente.

- 1.º ano — Trigo espelta;
- 2.º ano — Fava ou outra leguminosa
- 3.º ano — Pousio.

- 84. *saepe etiam sterilis incendere profuit agros*
- 85. *atque levem stipulam crepitantibus urere flammis:*
- 86. *sive inde occultas viris et pabula terrae*
- 87. *pinguia concipiunt, sive illis omne per ignem*
- 88. *excoquitur vitium atque exsudat inutilis umor,*
- 89. *seu pluris calor ille vias et caeca relaxat*
- 90. *spiramenta, novas veniat qua sucus in herbas,*
- 91. *seu durat magis et venas astringit hiantis,*
- 92. *ne tenues pluviae rapidive potentia solis*
- 93. *acrior aut Boreae penetrabile frigus adurat.*

Os agricultores romanos ceifavam quase só as espigas dos cereais praganosos, deixando um restolho alto (*stramentum*), que mais tarde tinha de ser, por sua vez, cortado (*nocte leves melius stipulae... tondentur*, I.289-290) ou queimado.

A queima do restolho, porém, pouco resultado poderia dar além da adição de uma quantidade insignificante de potassa e de algumas substâncias minerais, da destruição de ervas ruins e suas sementes e da de alguns insectos que se abrigam nos colmos (povoarinhas, etc.). Para obter benefício apreciável com a combustão da palha, é preciso que esta seja consumida em quantidades avultadas; nos *barros* de Beja são necessárias, segundo Mira Galvão, noventa toneladas por hectare para se alcançar efeito comparável ao de uma adubação química contendo cerca de trinta quilogramas de azoto amoniacal.

Mas é incontestável que Vergílio atribue à operação que descreve no verso I.84 efeitos importantes, e se preocupa com a

explicação deles, debatendo-a em oito versos (l. 86-93) nos quais se encontra, a nosso ver, mais do que em qualquer outro passo das *Geórgicas*, o reflexo do austero estilo dedáctico de Lucrécio. Vergílio formula, sucessivamente, quatro hipóteses, explanadas em orações introduzidas por *sive* (l. 86) ... *sive* (l. 87) ... *seu* (l. 89) ... *seu* (l. 91). Estas hipóteses não são tomadas a sério por muitos comentadores, entre os quais figura Billiard; e, com efeito, tratando-se apenas da queima dos restolhos que ficam num campo depois da ceifa, não há motivo para esperar que tão modesta prática tenha consequências de grande vulto.

A questão toma todavia aspecto inteiramente diverso se se aceitar a opinião de Cournol, um dos mais obscuros tradutores das *Geórgicas*, que entende que Vergílio se refere à operação da *écobuage*, a cujos efeitos os agrónomos franceses, entre eles Girardin, dão grande preço. Consiste a *écobuage* (*queimadas*, *borralheiras*, *caminheiras*, *esboiça* são alguns dos nomes usados em Portugal) em queimar toda a superfície de um terreno deixado há muito em pousio, juntamente com a vegetação espontânea que lá cresceu. No Alentejo usou-se muito, e ainda não desapareceu, o método das *moreias cobertas*: roça-se o mato, que se deixa secar ao sol, e se dispõe em linhas, as quais depois se cobrem com leivas, formando-se assim como que fornos alongados, com respiradouros de espaço a espaço; no fim do verão deita-se fogo ao mato. A combustão deve ser lenta, e prolongar-se por alguns dias: dela resulta uma mistura de terra calcinada e de cinza, que se *esbandalha* antes das primeiras águas, espalhando-a uniformemente pelo terreno, e por fim se enterra com uma lavoura superficial. Existem, ou existiram, outras variantes do processo que se acaba de descrever, como as *rechegas*, as *moreias de ramalha*, ou simplesmente a queima do mato virado.

Cournol nota com perspicácia que a frase de Vergílio *steriles incendere agros* parece referir-se a uma operação que interessa todo o campo, e isso de certo modo justifica a tradução que propõe:

«Pour raviver les champs, il est parfois utile
D'en brûler en entier la surface infertile».

Admitamos, pois, que Cournol tem razão, e analisemos a primeira hipótese de Vergílio, *sive inde occultas viris et pabula terrae pingua concipiunt*. Schreiber, que durante dez anos procedeu a uma série de experiências sobre a *écobuage*, concluiu que

desta operação resultava a mobilização, em proporções notáveis, do ácido fosfórico da camada arável. Mira Galvão opina que a acção do calor provoca, primeiramente, a esterilização da camada superficial da terra; por outro lado, pelo facto de produzir modificações nas propriedades físicas do solo, determina o desenvolvimento de micro-organismos fixadores do azoto do ar, os quais rapidamente adquirem grande actividade, tanto mais que se lhe depara um meio onde, em virtude da esterilização já mencionada, não têm de suportar a concorrência de outros seres microbianos. Quer se trate, porém, da mobilização do ácido fosfórico, quer do enriquecimento em azoto, achamo-nos em presença das *occultas vires* e *pingua pabula* de que nos fala o Poeta.

Consideremos agora a segunda hipótese vergiliana, e vejamos uma frase do extenso capítulo do conhecido tratado de Girardin em que este autor discute a *écobuage*: «Oltre la destruction des plantes parasites et des insectes, par l'effet de la chaleur...». Notemos que às ervas infestantes e aos insectos podem acrescentar-se micro-organismos que povoam a parte superficial do solo. Voltemos à ideia que se encerra nas palavras de Vergílio *sive illis omne per ignem excoquitur vitium*. Não é fácil determinar ao certo o que o poeta designaria por *vitium*: há quem admita que seriam as secreções tóxicas que se acumulam no solo em consequência da cultura contínua da mesma planta; mais natural se nos afigura que o vocábulo abrangesse as *cousas nocivas*, de um modo geral. Em todo o caso, quando Vergílio diz *per ignem excoquere vitium*, é a uma desinfecção pelo calor que ele alude, e uma tal desinfecção certamente a opera a esboiça.

Continua Girardin: «... l'écobuage agit physiquement, en diminuant la consistance du sol, en le rendant friable, poreux, perméable aux gaz et aux vapeurs, plus facilement pénétrable par les racines». Coloquemos em paralelo esta frase com a de Vergílio *seu plures calor ille vias et caeca relaxat spiramenta*. Parece-nos evidente a identidade das ideias contidas numa e noutra; e ajuíza-se bem da correcção da terceira hipótese apresentada pelo Poeta.

Apenas a quarta hipótese *seu durat magis*, etc., não é facilmente interpretável, talvez porque nos escapa a significação exacta do verbo *durare*.

A tese de Cournol, que considerámos lógica, é contrariada pelo teor do verso l. 85: *atque levem stipulam crepitantibus urere*

flammis. Cournol, fugindo a complicações, explica que este verso foi acrescentado «uniquement pour la rondeur et pour l'harmonie de la phrase»; mas a verdade é que Vergílio nunca recorre a expressões vazias de sentido, e o que o verso descreve é insofismavelmente a queima pura e simples do restolho. Cournol, insistindo na sua ideia, a que tem grande apego, afirma que já no verso I.81 se fazia referência à *écobuage*, e traduz *cinus immundus* por «cendre des gazons». Mas a palavra *etiam* em I.84 mostra que é a partir deste verso que o assunto vai ser abordado; além disso, embora tanto no verso I.81 como nos versos I.84-90 se fale da cinza e dos efeitos que ela produz, naquele trata-se da cinza possivelmente obtida fora do campo a adubar (Nota a I.79-81), e nestes discutem-se os resultados da aplicação da cinza proveniente da vegetação do próprio campo.

Há a notar que a construção «*incendere ... agros...atque ... stipulam ... urere*» pode tomar-se como mencionando em primeiro lugar a operação essencial, e, em segundo, um efeito dela, a que pode até não se atribuir importância, e que talvez seja citado apenas para efeitos de descrição.

É muito interessante a análise do passo a que nos estamos referindo feita por Ferreira Lapa, e que figura num dos artigos publicados sob o título de *Ambarvaes agrícolas no Archivo Rural* (Ano XI, pg. 225-228), artigos em que o ilustre agrónomo comenta a tradução das *Geórgicas* por Castilho. Curioso é notar que, ao passo que o tradutor entende que Vergílio alude à simples queima dos restolhos («... a cresta que lhe dão co'o restolho as chammas estralantes»), Ferreira Lapa postula que se trata do equivalente às *borralheiras* alentejanas, idênticas à *écobuage*; isto é, admite precisamente o mesmo que Cournol.

Acêrca dos versos I.86-87, que Castilho traduz

«ou porque esse calor forças occultas antes
lhe acorda, e mais substancia acaso lhe insinua»,

diz o Mestre da Agronomia portuguesa:

«O calor é um poderoso solubilizador da terra. Começa por estonar, abrir e esfarelar os pedaços de rocha envolvidos na terra; desagrega e esmiação os torrões de terra plástica; e por último, actuando sobre os silicatos mais ou menos complexos, faz passar parte das suas bases ao estado solúvel».

E, depois de várias considerações em reforço desta doutrina, conclue:

«Quer-se a prova demonstrativa de que a terra queimada fica com maior força e substância insinuada? Não há senão que comparar os resíduos que deixam as lixívias aquosas de dois pesos da mesma terra, um que foi previamente queimado e outro no estado natural. A terra queimada cede à água de dez a vinte vezes a quantidade de substância cedida pela terra natural. Tome-se um pedaço de granito, ou de xisto, pulverize-se e faça-se passar água destilada por este pó, posto sobre um filtro de papel; concentre-se a água que ficou à secura: o resíduo será muito escasso. Mas se esta lixiviação for feita no mesmo pedaço de granito ou de xisto previamente calcinado, o resíduo da lixívia chegará a ser sessenta vezes o primeiro».

Os versos I.87-88 tradu-os Castilho pela forma seguinte:

«ou porque lhe consome o vício todo e exsua
os humores ruins. ...»

Eis o comentário de Ferreira Lapa:

«É esta outra virtude das queimadas, claríssima em certos casos. Há terras que contêm excesso de humus ácido, como são as terras que andaram apaúladas por muitos anos, e que depois se exugaram para as reduzir a terreno lavradio, e como são também as terras de matagal, as terras cobertas de matas de carvalhos, de sobreirais e de castanheiros. As folhas e cascas destes matos e arvoredos que se acumularam durante anos produzem um terriço fofo e ácido que contraria a vegetação herbácea enquanto não curtem ou se decompõem totalmente. A acidez e humidade de semelhantes terras é pois um verdadeiro vício, ou humor ruim, que o fogo de uma queimada destroe, sendo aplicada antes da arroteia».

Castilho verte os versos I.89-90 para

«... ou porque desaperta
as entranhas do solo, e dá passage' aberta
aos succos, nutrição da planta suspirada;»

«Esta terceira hipótese», diz Lapa, «realiza-se quando a queimada lavra sobre terras argilosas, barrentas, muito ligadas e

tenazes. A argila cozida pelo calor perde parte da sua plasticidade, desune-se no seu grão e faz-se porosa e esboroada; torna-se então mais permeável aos sucos que do fundo da terra chegam mais à farta às raízes».

Restam os versos I.91-93, assim traduzidos por Castilho:

«ou porque adstringe a gleba, e assim denega entrada às cacimbas subtis, aos soes que às vezes teimão, e do Boreas cortante aos frios que requeimão».

Estes tres versos, comenta-os Ferreira Lapa por forma que não consideremos convincente:

«É ainda nas terras argilosas e fortes que se verifica esta quarta e última influência das queimadas. Parece à primeira vista haver incompatibilidade entre a acção do fogo que desaperta, desune e esfarela a argila, e a acção que aperta a mesma argila. Aquela, abrindo a terra para dar passagem aos sucos nutritivos; esta, fechando-a ao frio, ao calor e às cacimbadas».

«Esta aparente contradição desaparece quando se reflectir que é precisamente pela razão da argila ser pouco porosa e apertada no seu grão que ela se contrae e abre em grandes rachas quando sopram os ventos frios e secos ou quando lhe dardejам sois abrazadores».

«Ora é por estas fendas, que as terras argilosas abrem, que os nordestes, as geadas, as neves e os intensos sois vão molestar as raízes tenras das cearas infantis. Quando a terra argilosa é queimada, as suas finíssimas partículas granulam-se em partículas mais grossas. Seus poros, ou intervalos, fazem-se assim maiores, o que o poeta exprime dizendo que «as entranhas do solo se desapertam»; e neste estado é evidente que a circulação dos sucos nutritivos encontrará canais francos para se estabelecer com desafoço. Mas esta mesma circulação e este poro mais aberto, não permitindo represa à humidade, evitarão que por uma forte evaporação a terra argilosa se contraia a ponto de quebrar, gretando na superfície. Pode-se dizer que as terras argilosas, sendo queimadas, apertam no corpo, mas desapertam nas entranhas».

Como se vê, a explicação de Ferreira Lapa não constitue um modelo da habitual clareza do eminente professor.

Convém registar que Vergílio não dá de modo algum a entender que as hipóteses que enumera possam verificar-se simultaneamente, antes é fácil deprender do contexto do passo que umas se applicariam a terras de um tipo, outras a terras de outro.

A objecção de Lejay relativa à última hipótese, «l'opération serait funeste aux terrains légers et sablonneux», não tem razão de ser, porque em tais terrenos ninguem se lembraria de fazer borralheiras.

94. *multum adeo, rastris gleabas qui frangit inertis*
85. *vimineasque trahit cratis, iuvat arva...*

Vergílio põe em evidência a necessidade de desfazer os torrões que a lavoura deixa, e que, com razão, qualifica de *inertes*. Com efeito, enquanto esses agregados se mantiverem, a sua fertilidade não é aproveitável; passa a sê-lo quando se lhes modifica a estrutura, tornando-a granulosa. Por isso, mais cedo ou mais tarde, conforme as condições do solo e do clima, tem de desmanchar-se os torrões, o que os Romanos chamavam *occare*. A *occatio* executava-se, em épocas ou regiões de grande atrazo no que respeita às artes agrícolas, com um maço manejado a braço, como mostra uma das iluminuras do saltério de Lutrell; executa-se hoje, nas explorações agrícolas melhor apetrechadas, com grades de vários tipos, entre as quais as de discos têm lugar de grande relevo. No tempo de Vergílio, a ferramenta usada era o *rastrum*, instrumento cujo tipo não foi ainda claramente definido.

Para muitos comentadores o *rastrum* (ou *raster*) seria uma espécie de enxada de pontas curvas. Billiard descreve-o como «une houe en fer ou en bois, à deux, trois ou quatre fourchons cintrés, très solide et fort lourd». Para outros, seria o que no nosso país se chama um *rojão*, alfaia tosca e pesada puxada por animais, capaz, em certos terrenos, lavrados à rasa, de desfazer perfeitamente os torrões.

Catão, ao inventariar os utensílios que deveria haver numa propriedade agrícola tipo, coloca o *rastrum* entre as ferramentas manuais e esclarece que tinha quatro dentes: «*Ferramenta, ferreas VIII, sarcula VIII, palas IV, rutra V, rastros quadridentes II*».

Columela aconselha o uso do *rastrum* para misturar o estrume: «...*totum sterquilinum rastris permiscere oportet*», o que, eviden-

temente, não poderia fazer-se com um rojão ou outro apetrecho de tracção animal.

Por outro lado a *occatio*, ou pulverização dos torrões, era geralmente feita a braço, como se depreende, por exemplo, da indicação de Columela de que um *occator* levava um dia, ou um dia e meio, a destorroar um *iugerum*, ou seja, aproximadamente, um quarto de hectare; e a ferramenta do *occator* era precisamente o *rastrum*.

Dois versos da *Ars Amatoria* de Ovídio reforçam a ideia de que o *rastrum* não podia ser um rojão:

«... qui vomeri semper adunco
et gravibus rastris sub love versat humum»

O verbo *versare*, frequentativo de *vertere*, indica que o *rastrum* servia, como a charrua, para *revirar* a terra, operação inteiramente diversa da que incumbe ao rojão.

Nas *Geórgicas* menciona-se o *rastrum* em sete versos (I.94, I.155, I.164, I.421, I.496, II.439 e III.534). Em qualquer deles nada se encontra que obrigue a supor que se trata de uma máquina puxada por animais, e alguns até revelam que é a um instrumento manual que se alude; por exemplo, em II.421 associam-se o *rastrum* e a foice; e em III.534-535, o *rastrum* e as próprias mãos dos homens. Apenas dois versos levaram os comentadores a formar opinião diversa: o I.164, em que se fala do peso excessivo, *iniquum pondus*, do *rastrum*, e o I.496, em que o mesmo utensílio é qualificado de *grave*.

Em nosso entender (respeitamos melhor juízo, como usa dizer Lima Leitão), a própria expressão *iniquo pondere* sugere que é um homem que maneja o *rastrum*: o peso da ferramenta obriga-o a um esforço violento, talvez superior ao que seria justo dele exigir. Daí o uso do termo *iniquus*: não é equitativo impor-lhe tão extenuante tarefa. Há implícita, embora veladamente, uma ideia de coacção moral, que seria descabida se se tratasse apenas de assinalar o grande peso de um objecto inanimado. Convencemo-nos de que a expressão *iniquo pondere* é paralela a *iniusto fasce* (III.347), empregada a propósito da carga que o legionário em marcha tem de transportar. Em I.496 diz-se que o *rastrum* é pesado, como hoje poderíamos dizer o mesmo do enxa-

dão de cavar vinhas do Cartaxo, que pesa sete arráteis, e que um minhoto mal pode brandir; e descreve-se o choque accidental da ferramenta de encontro a um velho elmo: é exactamente o que sucede nos campos onde se travou a batalha do Bussaco, e em que ainda é vulgar a enxada do trabalhador cair, casualmente, sobre um projectil ou uma espada do tempo das guerras da Península.

Admitindo que o *rastrum* era um utensílio manejado a braço, com qual das modernas ferramentas seria ele parecido? Não nos parece que tenha correspondente; e pomos completamente de parte a tradução «ensinho», adoptada por Leonel da Costa, Osório de Pina, Lima Leitão, Freire de Carvalho e Castilho. A diferença de forma importa pouco; o essencial é que o ensinho, ou ancinho, é um instrumento leve, e nada apropriado para quebrar torrões duros. Mais semelhantes aos ancinhos seriam os *rastelli*, alfaias de madeira a que Columela algumas vezes se refere. «Enxada» também nos não parece boa tradução, porque o equivalente romano da nossa enxada devia ser o *bidens*, usado na cava das vinhas.

Resolvemos, tendo em atenção o que precede, adoptar o termo «rastro», que figura no dicionário de Domingos Vieira com o significado de «instrumento dentado com que se quebravam os torrões». Ainda que o vocábulo não tenha sido colhido na linguagem popular pelo erudito lexicógrafo, a sua autoridade basta para o tornar admissível; e evita-se assim o erro de tentar identificar com um instrumento actual um utensílio que já não existe, e acerca de cuja forma e modo de construção não temos noções precisas.

Quanto à época em que o rastrum entrava em acção, não nos parece que, em regra, fosse a que se seguia imediatamente ao alqueive. As terras argilosas não devem ser destorroadas cedo, antes convém que, durante um período mais ou menos longo, se não desfaçam os torrões. A operação denominada *occatio* teria verosimilmente a sua melhor oportunidade depois do ferro de aterceirar e pouco antes da sementeira. O facto de ser citada depois de feita referência ao alqueive pode explicar-se pela importância que, muito justificadamente, o Poeta lhe atribue (veja-se também a Nota a I.104-105).

As *crates* eram grades de construção ligeira e tosca, feitas de vime (*vimineae crates*, I.95) ou de medronheiro (*arbutae crates*,

I.166), com as quais se completava o trabalho da *occatio*, nivelando a terra, pulverizando-a mais finamente, e talvez (embora não se veja claramente como desempenharia esta função) fazendo-a cobrir a semente. Imaginamos que estas rudes alfaias seriam parecidas com as que se usam em algumas zonas da Beira Baixa, e servem para executar o trabalho a que se dá o nome de *rascalhar*.

97. *et qui, proscisso quae suscitatur aequore terga,*
98. *rursus in obliquum verso perrumpit aratro*

Quase todos os tradutores admitem que neste passo se trata do trabalho denominado *offringere*, que era uma lavoura cruzada com o alqueive, e que se seguia ou a este, ou imediatamente, ou depois de um intervalo, para dar tempo a que secassem as ervas reviradas com as leivas. Assim, na tradução espanhola, diz-se «rompe por segunda vez los terrones oblicuamente con el arado»; Page fala em «this cross-ploughing»; etc.

Billiard, porém, afirma perentoriamente que não se trata aqui de lavoura cruzada, e expõe a sua tese da forma seguinte: «a charrua antiga não tinha sega nem aiveca, de modo que, depois da primeira lavoura, ficava, entre cada dois regos, um camalhão de terra crua (*tergum*). Era preciso pois lavrar primeiro com a charrua direita, e depois, para desmanchar os camalhões, com a charrua colocada obliquamente». Billiard invoca o testemunho de Plínio e Columela para justificar a sua interpretação dos versos I.97-98, que é a seguinte: «Il en est de même de celui qui, après avoir, par un premier labour, refendu la plaine, soulève les entre-deux des sillons et les rompt de nouveau à fond avec l'araire obliquement incliné».

É flagrante o contraste entre a simplicidade dos dois versos vergilianos e o emaranhado da versão proposta por Billiard. Por outro lado, surpreende a asserção deste autor de que a charrua romana não tinha aiveca: certamente não possuía uma aiveca comparável, pela forma e pelas dimensões, à das charruas modernas; mas estava munida, como o arado, de duas aivecas pequenas (*aurae*) que, melhor ou peor, reviravam a leiva, um dos fins essenciais do alqueive, como já se assinalou (Nota a I.64-70). Isto não exclui a hipótese de que, para facilitar a execução das lavouras mais pesadas, se retirassem por vezes as aivecas à charrua, que trabalharia então à maneira de um escarificador.

Como entenderá Billiard que se inclinaria a charrua, para conseguir o objectivo que ele indica? Tombando-a para o lado, sem lhe mudar a orientação relativamente à linha de tracção? Ou enviezando-a, em relação a essa linha? No primeiro caso, não só o equilíbrio da charrua seria difícil, como difícil seria também alcançar com a relha a terra crua dos camalhões, e praticamente impossível virá-la, pelo menos em terreno chão; no segundo, a charrua levaria a terra de rojo diante de si, e o trabalho nunca poderia ter a energia suficiente para se justificar o emprego do verbo *perrumpere*.

Procurámos esclarecer o assunto recorrendo a informações obtidas pelo Eng. Agr. Manuel Antunes Barradas de lavradores velhos do Alentejo, que ainda são do tempo em que se alqueivava com o arado, hoje só usado — e cada vez menos — para margiar. Dizem eles que se lavrava primeiro numa dada direcção, fixada de acordo com o pendor do terreno e o modo como deveria operar-se o escoamento das águas das chuvas; ficavam camalhões de terra crua (os *terga* de que fala o Poeta), a alternar com os sulcos; para desfazer esses camalhões e completar a mobilização, procedia-se a uma outra lavoura, orientada de modo a formar ângulo agudo com a direcção da primeira. Ora repare-se em que a frase que sublinhamos, e que é, textualmente, a da descrição que nos foi transmitida, traduz à letra a expressão vergiliana *aratro verso in obliquum*.

Há um passo de Columela que parece corroborar a nossa maneira de ver: ao dar a sua opinião quanto ao modo de plantar a vinha, Columela observa que «há quem a ponha com o espaço de dez pés, em quincôncio, para o solo se poder fabricar como o das terras lavradas, ficando duas lavouras cruzadas». O texto diz: «*nonnulli tamen omnem vitem per denos pedes in quincuncem disponunt, ut more novalium terra transversis adversisque sulcis proscindatur*». Um preceito de Plínio vem em apoio da mesma tese: «*Omne arvom rectis sulcis, mox et obliquis subigi debet*».

O passo de Columela em que Billiard se baseia é muito obscuro, e não conseguimos interpretá-lo de modo a chegar a conclusões bem definidas: «*bubulcum autem per proscissum ingredi oportet, alternisque versibus obliquum tenere aratrum, et alternis recto plenoque sulcare*». Esta frase deu origem à ideia acima referida, e a que muitos se aferram com obstinação, de que a charrua romana não tinha aivecas. Mas, se assim fosse, não se

explicariam as expressões *aratro subvertere* (Col.), *aratro evertere* (Pall.), etc.; não teria sido possível aos Romanos enterrar leguminosas para adubo verde; nem tampouco haveria o risco, a que alude Columela, de se trazer à superfície terra das camadas profundas.

Em conclusão: reputamos inadmissível a interpretação de Billiard, que Goelzer e outros seguem dócilmente.

99. *imperat arvis*

Transcrevemos o comentário de Page: «Para se compreender a força da expressão com que termina o verso I.99, é necessário lembrar que *impero* é uma palavra extremamente vigorosa; usa-se ao falar de um senhor que dá ordens a um escravo, de um governo despótico, etc.; mas é especialmente um termo militar, que sugere o poder absoluto (*imperium*) que um general romano possuía em tempo de guerra, mas que era de tal modo incompatível com a vida civil que tinha de o depor antes de poder entrar em Roma».

100. *umida solstitia atque hiemes orate serenas,*
 101. *agricolae; hiberno laetissima pulvere farra,*
 101. *laetus ager: ...*

No Sul da Itália, como em Portugal, o ano agrícola, e, muito especialmente, o ano cerealífero são desfavoravelmente afectados por chuvas abundantes durante o período que vae da época das sementeiras ao princípio da primavera. É o que traduzem numerosos provérbios portugueses, como este, bem conhecido:

«Em Janeiro, sobe ao outeiro,
 Se vires verdejar, põe-te a chorar,
 Se vires terrear, põe-te a cantar»,

e o rifão francês

«Poussière de Janvier, abondance au grenier».

Mais do que as chuvas anteriores ao mês de Fevereiro, são de recear as que caem durante este mês, como mostram os trabalhos do Prof. Filipe de Figueiredo. «As chuvas de Fevereiro», diz o eminente meteorologista, «são prejudicialísimas, porque prolongam em demasia o estado de humidade da terra com o perigo do

apodrecimento das raízes, provocam o excessivo desenvolvimento da vegetação herbácea e o engorgitamento dos tecidos, que se tornam muito aquosos e pouco resistentes: nestas condições sobrevêm a acama ou a clorose».

As chuvas de inverno não só são, em regra, excessivas, como também concentradas em períodos curtos, e isso pode originar, como expõe ainda o Prof. Figueiredo, «inconvenientes graves: se o solo é permeável, a água desce rapidamente para o subsolo, pouco aproveitando às culturas e arrastando para longe das raízes os princípios úteis da terra; sendo impermeável e inclinado, é arrastada a terra arável, desnudando-se o solo, e a água aflue rapidamente aos rios, originando inundações».

Quanto às chuvas de verão, a sua escassez determina a existência de um período crítico, durante o qual muitas culturas são de resultado aleatório, se não houver o socorro das regas. O que fica exposto refere-se ao nosso País. Mas a região vizinha de Nápoles (*Parthenope*), a que Vergílio especialmente se reporta, definida pelos climatologistas italianos como *zona pianeggiante della Campania*, não é mais favorecida do que, por exemplo, o Alén-Douro Litoral. Tomando um período de cinquenta anos de observações no posto udométrico de Caserta, que caracteriza bem aquela zona da Itália, verifica-se que, no trimestre Novembro-Dezembro-Janeiro, cai mais de um terço da precipitação anual (34.0%); no trimestre Junho-Julho-Agosto, pouco mais de um décimo (10.2%).

Altura pluviométrica anual (mm)
 em Caserta

(Média de um período de 50 anos)

J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Média anual
110	86	89	104	79	50	30	34	95	170	129	141	1117

Esta distribuição das chuvas ao longo do ano é, pode dizer-se, inversa da que se verifica nas regiões europeias que reúnem condições climáticas mais favoráveis à cultura cerealífera. Não é pois para admirar que, segundo Macrobius, um provérbio rural romano, muito anterior a Vergílio, rezasse: «*hiberno pulvere, verno luto, grandia farra metes*». Também é natural que se sentisse a

necessidade de obviar aos males da chuva excessiva ou da seca intensa recorrendo ao enxugo (I.113-118) e à rega (I.104-110).

O termo *solstitium*, só por si, significa muitas vezes o «solstício de verão», porque o solstício de inverno tem um nome especial, *bruma*, palavra talvez aparentada com βραχυς, por dizer respeito aos dias mais curtos do ano. No passo de que se trata, *solstitia* opõe-se a *hiemes*, o que exclue quaisquer dúvidas.

... *nullo tantum se Mysia cultu*
103. *iactat et ipsa suas mirantur Gargara messis.*

A Mísia, província ao Noroeste da Ásia Menor, entre a Propôntida e o Helesponto, na qual ficava o Monte Ida, de que o Gárgara era um dos picos (o do Sul), devia ser considerada, no tempo de Vergílio, a região ideal para a cultura dos cereais, como a de Metímne, em Lesbos, o era para a viticultura. As aptidões destas duas zonas são assinaladas por Ovídio (*Ars Amat.*, I.57-58):

«*Gargara quot segetes, quot habet Methymna racemos,*
aequora quot pisces...»

O sentido dos versos I.102-103 tem sido entendido de maneiras diferentes. Para alguns, a ideia é que a Mísia (incluindo o distrito do Gárgara) obtém grandes colheitas apenas porque as condições agro-climáticas são altamente favoráveis, *sem necessidade de recorrer a apurados amanhos e grangeios*. Assim, Billiard traduz: «*c'est pour cette raison*» (o facto de ter clima e solo excelentes) «*que, même sans culture, la Mysie se vante de ses moissons et que le Gargara lui-même s'émerveille des siennes*». Repare-se na expressão «*le Gargara lui-même*» pela qual Billiard interpreta *ipsa Gargara*: parece querer dizer que na Mísia a mesologia é tão propícia, que até uma região alta, escarpada, produz abundantemente, e sem grande esforço (Billiard diz «*sem cultura*», o que é evidentemente um exagero) por parte do homem.

Outros comentadores (entre eles Page) adoptam ponto de vista diferente. Segundo eles, o Poeta afirma que, se o ano agrícola correr bem (e para tanto é preciso que o inverno seja seco, etc.), qualquer região da Itália pode rivalizar com a Mísia e com o próprio Gárgara (entendendo-se então que o Gárgara era uma zona privilegiada da privilegiada Mísia), e isto sejam quais forem as artes de que a Mísia se sirva para aumentar a sua produção.

Afigura-se-nos preferível a segunda versão, por este motivo principal: é nas comarcas onde as condições ecológicas são favoráveis a uma dada cultura que o homem é levado a estimular ainda mais a produção ajudando a natureza com o seu engenho. Não seria pois de estranhar que a Mísia, tão bem dotada, fosse precisamente a região onde os métodos da cerealicultura estivessem mais adiantados. *Cultu* significará portanto «*sejam quais forem os artificios de técnica que ponha em prática*», ou, versão que adoptámos, «*quaisquer que sejam as artes de amanhã a que recorra*».

Segundo uma terceira hipótese, a tradução do passo seria: «*nenhuma forma de cultivo torna a Mísia tão produtiva como o facto de ter um inverno seco, etc.*». Page observa, a nosso ver sensatamente, que Vergílio não se preocupa com o que é melhor para a Mísia, mas sim com o que mais favorece o agricultor italiano.

104. *quid dicam...*

O Poeta acabou de indicar as condições meteorológicas ideais para as culturas cerealíferas: vai agora tratar do que compete ao agricultor fazer se tais condições se não realizarem, isto é, (1) se as plantas forem afectadas pela seca (I.106-110); (2) se o desenvolvimento vegetativo for excessivo (I.111-113); e (3) se sobrevier excesso de humidade (I.113-117). Antes, porém, refere-se à importante operação do destorroamento (I.104-105), complemento indispensável da lavoura.

... *iacto qui semine cominus arva*
105. *insequitur cumulosque ruit male pinguis harenae,*

Justifica-se, em nossa opinião, a análise cuidadosa deste passo, que não nos parece ter sido bem interpretado por qualquer dos tradutores e comentadores que conhecemos.

Page, e muitos outros, traduzem *harena* (palavra que aparece pela primeira vez nas *Geórgicas* em I.70) por «*areia*». Assim *cumulos ruit male pinguis harenae* significaria «*level the ridges of barren sand*»,

Julgamos que o significado «*areia*» se não pode neste caso aceitar. Trata-se de uma terra que, depois de semeada (*iacto*

semine), é objecto de um trabalho que o Poeta descreve vividamente como um verdadeiro combate. Keightley diz, provavelmente com razão, que a imagem é a do soldado romano que arremessou o *pilum*, e a seguir se lança sobre o inimigo, encurtando a distancia para atacar à espada. O quadro é o mesmo que Cesar descreve nestes termos: «*Milites... pilis missis... hostium phalangem perfregerunt. ea disecta gladiis dstrictis in eos impetum fecerunt*» O advérbio *cominus* = *cominus* (*cum, manus*) evoca a ideia de luta corpo-a-corpo (*cominus pugnare*, expressão frequente em narrativas militares): compare-se com o grito de guerra dos *tercios* espanhóis do século XVI: «A las manos!».

Observe-se ainda que não há motivo para traduzir *cumulus* por «ridge» («camalhão»). *Cumuli* são — a etimologia o indica — agregados de terra *salientes*, sobresaindo em relação ao resto do terreno, e que é necessário desfazer para a mobilização do solo ser perfeita. O camalhão chama-se em latim *porca* ou *tergum*, sendo a primeira destas palavras a designação técnica.

O que é certo é que Vergílio descreve em I.104-105 o que se passa com uma terra forte, pesada, e nunca com areia, que *nem custat a amanhar, nem forma torrão*.

Para esclarecimento do passo, convém analisar um outro, que abrange os versos 226-258 do Livro II das *Geórgicas*, examinando com especial atenção o sentido do verso II.232: «... *et pedibus summas aequabis harenas*. Aqui *summae harenae* são, indubitavelmente, as leivas ou torrões superficiais, e adiante se explica que a terra a que elas pertencem tanto pode ser um solo leve (*rarum uber*) como um terreno forte (*spissus ager*).

Ousamos sugerir uma hipótese, que só a investigação filológica permitirá corroborar. Talvez a palavra *harena* — certamente empregada, como vimos, no sentido de «leiva» ou «torrão» — designasse também, na linguagem corrente, e porventura mais especialmente no falar rústico, a *terra*, o *solo agrícola*, o *chão*, e fosse assim usada em virtude da tendência que os Romanos tinham, como a têm os Ingleses, para o que estes chamam o *understatement*. Daí o ter sobrevivido a palavra *casa* («cabana») em vez de *domus*; *caballus* («pileco») em vez de *equus*; fugindo-se ao emprego do vocábulo pomposo, e preferindo-se o termo quase depreciativo. É até natural que a expressão *arenam aliquam emere*, que se encontra em Cícero, queira dizer «comprar uma terra», e não, como indica Quicherat, «acheter un terrain sablonneux».

Nas *Geórgicas*, a palavra *harena* com o sentido de «areia» poucas vezes aparece (I.389, II.106, III.234 III.241, III.350). Em II.139 não cremos que tenha este significado, porque a *Pancáia* era uma região de fabulosa riqueza; em IV.293, *nigra harena* é, fora de toda a dúvida, o depósito aluvional carregado pelo Nilo, terra rica por excelência, «que fertiliza o verde Egipto»: *et viridem Aegyptum nigra fecundat harena*.

Mas voltemos ao verso I.104. Vergílio refere-se à sementeira como a uma operação à qual se segue um amanho, e, com efeito, há razão para tal.

Não se nos afigura plausível que os Romanos usassem com frequência a prática que entre nós se chama *semeiar em cabelo* ou *em cru*, isto é, em terreno não mobilizado previamente. Supomos, sim, que a sementeira, precedida de uma ou mais lavouras, era seguida por outra, cujos fins eram: (1) armar convenientemente o terreno, e (2) colocar a semente na situação mais favorável. Esta mobilização complementar constituía regra, e tanto assim era que os escritores agrícolas latinos chamavam a atenção dos leitores para os casos em que se procedia de modo diferente. Columela, ao tratar da cultura da luzerna, cuja semente devia ser coberta por meio de ancinhos (?) de madeira, tem o cuidado de dizer: *at medica obruitur non aratro, sed, ut dixi, ligneis rastellis*. Ao referir-se ao feno grego, observa que «*algumas pessoas lavram primeiro, e semeiam depois*»: «*nonnulli priusquam serant, minimis atris proseindunt, atque ita iaciunt semina*».

Vimos já (Nota a I.47-48) que Varrão indica explicitamente o nome que se dava ao trabalho que se seguia á sementeira: *lirare*. Este termo, que os comentadores traduzem por «lavoura para cobrir a semente», suscita diversas observações.

Da leitura das obras de Varrão, Plínio e Columela conclue-se que os Romanos não faziam a lavoura de sementeira *à rasa*: armavam o terreno em *marginio* ou *espigoado*, serviço para o qual a charrua munida de duas aivecas (*binæ aures*, I.172), às quais se adaptavam por vezes tábuas a prolongá-las, era perfeitamente adequada. A terra ficaria pois com o aspecto que apresenta no Alentejo, na Beira Baixa e em várias regiões de Espanha: séries de regos paralelos (*sulci*) separados por camalhões de secção transversal triangular (*porcae*, palavra derivada, segundo Varrão, do verbo *porricere*, que significa «pôr as mãos em atitude de prece»).

Em Portugal e em Espanha o espigado proporciona um meio de defesa contra a excessiva humidade dos meses de inverno, já porque facilita o escoamento superficial das águas pluviais, atenuando a erosão, já porque, ficando a semente colocada perto da crista do camalhão, e portanto longe da água (que, evidentemente, têm tendência para se acumular nos regos), não é prejudicada pela humidade.

Noutras regiões, onde é a seca, que não o excesso de chuva, o inconveniente a vencer, ainda se recorre à armação em espigado, mas coloca-se então a semente no fundo dos regos: tal processo é corrente nos Estados Unidos da América, nas zonas áridas e semi-áridas, e tem perfeita justificação, visto que a semente é favorecida pela humidade que escorre pelas abas dos camalhões contíguos ao rego onde ela foi depositada. Uma variante do método, recentemente introduzida, consiste em abrir, em vez de regos, pequenos covachos, no fundo dos quais a semente se instala, operando-se tudo mecânicamente, por meio de um semeador de tipo especial (*Basin Lister*).

Deduz-se claramente do que expõem os autores agrícolas antes mencionados que os Romanos usavam o espigado para os dois fins que se acabam de citar. Quando se tratava de defender a semente da humidade, colocavam-na perto das cristas dos camalhões, como se faz no Alentejo; quando o objectivo a atingir era protegê-la da seca, dispunham-na no fundo dos regos, conforme usam os Americanos do Norte. Eis a própria descrição de Columela: «*sed in locis, siccis partibus sulcorum imis disponenda sunt semina, ut tanquam in alveolis maneant. at uliginosis e contrario in summo porcae dorso collocanda, ne humore nimio laedantur*». Forçoso se torna reconhecer que no nosso País se está longe de agir com tanto discernimento: nas zonas onde é tradicional margiar, recorre-se uniformemente a este tipo de armação, colocando a semente sempre nas cristas dos camalhões, quer se trate de solos húmidos, quer de solos secos; quando é certo que no segundo caso mais conviria lavar à rasa, ou até semear em sulcos.

Chegamos agora ao ponto de interesse directo para a interpretação do passo que estamos discutindo. A armação de terreno em margio só pode considerar-se perfeita se a terra estiver, toda ela, bem pulverizada, oferecendo *boa cama* à semente, e, além disso, se os regos estiverem *limpos*, isto é, sem torrões a obstruí-los. Se os amanhos feitos com charrua, rojão e grades não tiverem

conseguido desfazer os torrões, estes ficam improdutos (*male pingues, inertes*) porque a sua dureza não lhes consente receber semente ou deixar penetrar as raízes, e os que tiverem resvalado para o fundo dos regos obstem à passagem das águas pluviais escoadas, não podendo por isso os sulcos desempenhar bem a sua importante função de desaguardos. Que haverá pois a fazer para remediar tal situação? Evidentemente, realizar o trabalho complementar de desmanchar os torrões, o qual só será satisfatório quando executado com ferramentas manuais (rastros, enxadadas, sachos), aliás a armação do terreno ficará prejudicada. É claro que um tal trabalho exige esforço excepcional, e portanto é justo que se louve (*quid dicam?*) quem, a-pesar disso, não deixa de o levar a cabo.

É precisamente a este amanho, *feito a braço* (e aqui aparece a razão de ser do advérbio *comminus*), que, em nosso entender, Vergílio se refere: e a questão fica bem esclarecida por um passo de Varrão, que mostra que a prática era usada pelos lavradores mais cuidadosos. Diz ele: «os agricultores cujas terras lavradas não são muito extensas, como os da Apúlia, mandam-nas sachar pelo pessoal, para pulverizar os torrões, se ficarem alguns excessivamente grandes nos regos»: «*nonnulli postea, qui segetes non tam laetas habent, ut in Apulia... per sartores occare solent, siquae in porcis relictæ grandiores sunt glaebae*». E Columela fala em *glaebas sarculis resolvere*, expressão paralela a *cumulos ruere*, mas mais elucidativa pela menção da ferramenta usada.

Naturalmente, melhor seria que o trabalho de quebrar os torrões com o rastro, ou com qualquer outro instrumento braçal, se pudesse dispensar; e disso tinham os Romanos plena consciência. «*nam veteres Romani dixerunt male subactum agrum qui satis frugibus occandum est*», relata Columela; e Plínio usa quase os mesmos termos: «*male aratur arvum quod satis frugibus occandum est*». Com efeito, na cultura cerealífera, o desfazer dos torrões a braço de homem, embora homem-escravo, certamente seria uma operação muito dispendiosa, talvez até em muitos casos economicamente incomportável, o que já não sucedia com a cultura da vinha, como mostram os versos II.399-400. Entretanto, convém lembrar que na cultura do arroz ainda hoje se inclui a trabalhosa operação que se denomina *picar a leiva*.

Mas é óbvio que Vergílio pensa no pequeno agricultor, visto que a seguir fala na sua actividade como regante.

106. *deinde satis fluvium inducit rivosque sequentis*
 107. *et, cum exustus ager morientibus aestuat herbis,*
 108. *ecce supercilio clivosi tramitis undam*
 109. *elicit ?...*

Vergílio parece considerar a rega (do mesmo modo que o enxugo) um meio de socorrer as culturas, que é de presumir fossem normalmente de sequeiro, em caso de necessidade urgente. A descrição, de admirável beleza, da descida da água do alto de uma encosta, seguindo o regante, correndo entre as pedras polidas e fazendo um murmúrio rouco (ou suave, como quer Servius) é o éco de um passo célebre de Homero (Il., XXI.257-262):

ὡς δ' ὅτ' ἀνὴρ ὀκετηγός...
 ἄν φυτὰ καὶ κήπους ὕδατι πόον ἠγρομονεύη
 χερσὶ μάκροισιν ἔχων...

«Como quando um regante, de sacho em punho, conduz um rego de água através de campos e hortejos...»

Mas Homero, natural de uma região mais seca do que a Itália, fala da rega como de uma operação de uso corrente, e cujos portadores são familiares, como parece deduzir-se do emprego da palavra *ὀκετηγός* = *ὀκεταγωγός*: «que rega por derivação, encaminhando a água para as regadeiras» (Chassang), isto é, que pratica o que em Portugal se chama a *rega a sacho*.

109. ... *illa cadens raucum per levia murmur*
 110. *saxa ciet...*

Não podem deixar de acudir à memória os versos do Canto III dos *Lusíadas*:

«O tom das frescas agoas entre as pedras
 Que murmurando lava...»

111. *quid qui, ne gravidis procumbat culmus aristis,*
 112. *luxuriam segetum tenera depascit in herba,*
 113. *cum primum sulcos aequant sata,...*

A *desponta*, cujo fim é evitar a *acama* dos cereais, continua a praticar-se no nosso tempo, quer cortando as folhas pelo terço superior, quer deixando o gado roê-las. Faz-se a *desponta* quando as plantas atingem 15 a 20 centímetros de altura. Nada há a

acrescentar ao que Vergílio recomenda, a não ser que parece evidente que o Poeta se refere a um campo armado em espigado onde a semente foi colocada no fundo dos regos, pois só em tal caso é que tem de decorrer algum tempo antes que as plantas fiquem a rasar as cristas dos camalhões. Vergílio diz *sulcos*, e não *porcas*, como seria de esperar: mas é vulgar o termo *sulcus* significar, em vez de «rego», o camalhão que se faz com a terra que dele se extraiu.

- ... *quique paludis*
 114. *collectum umorem bibula deducit harena?*
 115. *praesertim incertis si mensibus amnis abundans*
 116. *exit et obducto late tenet omnia limo,*
 117. *unde cavae tepido sudant umore lacunae.*

Os comentadores encontram séria dificuldade na interpretação deste passo, sempre pelo motivo de se obstinarem em traduzir *harena* por «areia» (Nota a I.105).

Page reconhece que a frase descreve «some process of drainage»; e nota que *deducere* contraste com o *inducere* do verso I.106. «Alguns», diz ele, «traduzem para «draws off from the spongy soil», «mas», acrescenta, «if so, *harena* is used very harshly to describe soil which retains water, for it is the special characteristic of sand to let water percolate through it». Deste modo, é levado a propor a tradução «draws off by means of thirsty sand», e sugere que se trata do enxugo por meio de valas cegas, tais como as descrevem Plínio e Columela. A tradução de Billiard é apòximadamente a mesma: «Et de celui qui fait emboire dans le sable avide l'humidité drainée d'un lieu marécageux...»

Os autores citados, e os mais que os acompanham, perdem de vista os factos que adiante se expõem.

As valas cegas deviam ser, segundo Columela, cheias com pedra, na parte inferior, até meio, podendo a parte restante conter saibro ou areia. Page supõe que era a areia que dava passagem à água, o que é inadmissível. A camada de pedra é que constituía a conduta para a água; o restante material era colocado, como hoje se continua a fazer, para proteger esta conduta das obstruções, principalmente das causadas pela invasão de raízes.

Columela descreve as valas cegas do seguinte modo: «*Opertae rursus obcaecari debebunt, sulcis in altitudinem tripedaneam depressis: qui cum parte dimidia lapides minutos, vel nudam glaream*

repperint, aequentur superiecta terra, quae fuerat effosa». A camada de pedra miuda ou cascalho na parte inferior da vala podia, faltando esses materiais, ser substituída por faxinas: «Vel si nec lapis erit, nec glareas, sarmentis connexus velut funis informabitur in eam crassitudinem, quam solum fossae possit angustae, quasi accommodatam coarctatamque, capere. tum per imum contendetur, ut super calcatis cupressinis, vel pineis, aut, si eae non erunt, aliis frondibus terra contegatur...».

No Livro II das *Geórgicas* encontra-se a expressão *bibulus lapis* (II.348), a comparar com *bibula harena*. Quicherat, não vemos por que bulas, dá-a como significando «terra arenosa».

Não cremos que esta interpretação possa justificar-se. *Bibulus lapis* é, muito naturalmente, «a pedra que bebe», isto é, que dá passagem à água; *lapidem bibulum infode* significa claramente «escava, ou instala, valas cegas». Como se viu, no fundo destas valas havia pedra solta, faxinas, ou (alternativa indicada por Vergílio em II.348) *squalentes conchas*, isto é, conchas amontoadas a granel, não arrumadas, deixando portanto espaços livres para a água circular. Billiard contradiz a sua própria interpretação acima transcrita, anotando: «Quant à la pierraille, aux débris de coquillages mis au fond, c'était un bon drainage dans les terrains humides, encore pratiqué par les vigneronns du Trani, dans la Pouille». Skrine supõe erradamente que *bibulus lapis* é uma pedra porosa («probably sandstone»): o facto é que a água não se desloca, nas valas cegas, através das pedras, mas sim pelos intervalos que há entre estas. O texto, aliás, diz (II.349) *aquae labentur inter*: evidentemente *entre as pedras*.

Bibula significa «impregnada de água», e não «ávida de água» (thirsty). *Bibulus* é epíteto conferido frequentemente ao apreciador do bom vinho, e que em regra o consome além dos limites que marca a moderação. Horácio, referindo-se aos seus tempos de vida alegre em Roma, quando ainda não praticava a sobriedade que mais tarde não se cansa de elogiar, fala de si próprio nos seguintes termos: «*quem bibulum liquidi media de luce Falerni*». Não era certamente *ávido do vinho*, mas sim *repleto de vinho* que ele devia andar (*Epist.*, I.14.34). Interessante é notar, ainda, que no Ribatejo se chamam *bebedas* as terras saturadas de água. Parece evidente que Vergílio se refere a terrenos nestas condições.

Por outro lado, o enxugo por meio de valas cegas é um melhoramento importante, dispendioso e de carácter excepcional; fôra, portanto, do quadro das operações agrícolas ordinárias, que são as que Vergílio habitualmente descreve. Além disso, é um trabalho que, uma vez executado, faz sentir os seus efeitos permanentemente, e durante largos anos: é pois para admirar que o Poeta louve o agricultor que a ele procede *sobretudo nos meses incertos* (I.115). O contexto revela que a operação a que se alude tem por fim acudir a uma ocorrência eventual, como remédio a aplicar prontamente, o que é confirmado pelo facto de se citar em paralelo a despona; trata-se de um recurso, e aplaude-se a diligência do agricultor que o põe em prática a tempo, *se succeder sairem os rios dos álveos*. E veja-se como Catão, depois de assinalar a importância do enxugo, de modo geral, descreve com animação e colorido pouco vulgares em tão severo autor o afan com que se acode a uma terra em risco de ficar encharcada pelas chuvas do começo do outono: «*prima autumnitate cum pluvia est, tum maxime ab aqua periculum est. cum plueret incipiet, familiam cum ferreis sarculisque exire oportet, incilia aperire, aquam deducere in vias, et segete curare oportet, uti fluat... per segetem in frumentis, aut in segete aut in fossis sicubi aqua constat, aut aliquid aquae obstet, id emittere, patefieri, removerique oportet*».

O facto de ser por vezes necessário agir com rapidez e decisão para evitar desastres acidentais, não quer dizer que os Romanos se não precavesses prudentemente contra os perigos das cheias e temporais. Além do espigoado a defender as terras lavradas do encharcamento e da erosão, estabeleciam-se, logo após a sementeira, regos de enxugo que desaguavam em bocas de descarga: «*sed quamvis tempestive sementis confecta est, cavebitur tamen, ut patentes liras, crebosque sulcos aquarios, quos nonnulli elices vocant, faciamus, et omnem umorem in colliquias, atque inde extra segetes derivemus*» (Col. II.8).

120. *Strymoniaequae grues*

O Estrímon é um rio da Trácia. *Grus* deve ser a *G. cinerea*, Bech., que costuma voar a grande altura, e por isso o verso I.375 se refere a *aëriae grues*.

Page nota que o epíteto *Strymoniae* é puramente ornamental, visto que os grous do Estrímon certamente não prejudicavam os

agricultores italianos. Aliás, o epíteto reaparece na *Eneida* (X.265): «*Strymoniae dant signa grues...*».

122. *per artem*

Corresponde ao grego τέχνη: «empregando os recursos da técnica», dir-se-ia hoje.

123. *corda*

Traduzimos *corda* por «corações», mas convém observar que para os Latinos, e em especial para os poetas, o coração era a sede da inteligência. Poderia pois dizer-se «cérebros» em vez de «corações».

125. *ante Iovem*

Antes do reinado de Júpiter, isto é, durante o domínio de Saturno, a quem Jove depôs.

A vida nómada do homem primitivo, ser robusto e duro, ainda próximo da terra que lhe dera origem, é descrita por Lucrécio nos versos 925-1010 do Livro V do *De Rerum Natura*.

Não havia, nos primeiros tempos, agricultura:

«*Nec robustus erat curvi moderator aratri
quisquam, nec scibat ferro molirier arva,
nec nova defodere in terram virgulta, neque altis
arboribus veteres decidere falcibu' ramos*».

Bastava, para contentar os homens, o que lhes davam o sol e as chuvas, o que a terra espontaneamente produzia; com bolotas se alimentavam, e com os frutos do medronheiro, então mais succulentos e abundantes. A mocidade em flor do mundo fornecia grosseiro, mas amplo sustento:

«*Quod sol atque imbres dederant, quos terra creatar
sponte sua, satis id placabat pectora donum.
glandiferas inter curabant corpora quercus
plerumque; et quae nunc hiberno tempore cernis
arbita punices fieri matura colore,
plurima tum tellus etiam maiora ferebat,
multaque praeterea novitas tum florida mundi
pabula dura tulit, miseris mortalibus ampla*».

Vergílio ocupa-se da sorte do homem quando ruiu o império de Saturno, e Júpiter instituiu uma *ordem nova*. Terminou a vida nómada livre; instaura-se a época da agricultura estabilizada.

126. *limite*

Limes pode significar «extrema», «linda», acepção que a palavra tem neste verso, ou o marco de pedra, usado pelos Romanos para delimitação de prédios rústicos, como entre nós se faz. Tibulo traduz a ideia contida no verso I.126-127 por estas palavras:

«... *non fixus in agris
qui regeret certis finibus arva, lapis*»

127. *in medium*

«Para o bem comum». O emprego do adjectivo neutro precedido de uma preposição (*in obliquum*, I.98, *in peius*, I.200) é talvez uma imitação da construção grega: *in medium*, por exemplo corresponde exactamente a ἐς τὸ κοινόν.

ipsaque tellus

Segundo diversos comentadores, *ipsa* tem neste verso o sentido de «por si própria», «de sua própria iniciativa»; alguns citam a este propósito um passo de Hesíodo em que se exprime a mesma ideia e se emprega o termo αὐτομάτη (καρπὸν δ'ἔφερε λείδωρος ἄρουρα αὐτομάτη πολλὸν τε καὶ ἄφθονον). No verso seguinte, as palavras *nullo poscente* voltam a acentuar a espontaneidade. Em poesia, a repetição não tem qualquer inconveniente; nada há que censurar na tradução de Castilho:

«e a terra...
dava tudo por si, sem lhe pedirem nada».

131. *mellaque decussit foliis*

As noções dos antigos acerca do mel eram vagas e muito afastadas da realidade em certos pontos. Supunham que o mel caía do ceu como se fosse orvalho (*aërii mellis caelestia dona*, IV, 1.) e ficava preso às folhas das árvores, donde as abelhas industriosamente o recolhiam. Neste passo dá-se a entender que, durante o reinado de Saturno, o mel era tão abundante que podia

ser colhido pelos homens. Tibulo, descrevendo a era de Saturno, diz: « *ipsae mella debant quercus* ».

ignemque removit

Segundo o mito grego, o fogo foi roubado por Prometeu.

« Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano »,

como se diz no célebre passo do Canto IV dos *Lusíadas*.

Vergílio, porém, imagina o fogo retirado (*abstrusum*, I.135) aos homens e deles oculto por Jupiter, para que, à custa do próprio esforço, o redescobrissem.

A teoria de Vergílio sobre a origem das artes é a mesma que expõe Lucrécio:

« *usus et impigrae simul experientia mentis
paulatim docuit pedetemptim progredientis.
sic unumquicquid paulatim protrahit aetas
in medium ratioque in luminis erigit oras.
namque alid ex alio clarescere corde videbant,
artes ad summum donec venere cacumen.* »

133. *meditando*

Meditari, « exercitar-se ».

136. *alnos cavatas*

É provável que se trate do amieiro, *Alnus glutinosa* (L.) Gaert., que nasce nas margens dos cursos de água, e não do álamo, ou choupo, que também se encontra junto aos rios, mas cuja madeira é muito menos resistente à ação da água. O álamo mais frequente na Itália é o *Populus italica*, Moench., conhecido entre nós por choupo ou álamo piramidal ou da Itália.

137. *Pleiadas, Hyadas, claramque Lycaonis Arcton*;

As Plêiades (de Πληιάδες, forma jónica) são sete estrelas pertencentes à constelação do Touro. Nascem entre 22 de Abril e

2 de Maio, e desaparecem entre 20 de Outubro e 10 de Novembro (referimo-nos aqui, e daqui em diante, ao nascimento e ao ocaso helíacos) assinalando datas importantes para o agricultor, e provavelmente também para o navegante. Uma das Plêiades, Alcione, é de terceira grandeza, e a mais brilhante do grupo.

Há dois mitos relativos às Plêiades. O mais interessante, segundo Rose, porque é dos poucos cuja origem é astronómica, visto basear-se nas posições relativas das estrelas, refere que as Plêiades e a mãe, Plêione, foram durante cinco anos perseguidas pelas instâncias amorosas do caçador Oríon, até que Zeus colocou todos no firmamento — Plêione e as filhas, Oríon e o cão seu companheiro.

As Híades, as cinco estrelas da chuva (ὕειν, « chover ») pertencem, como as Plêiades, à constelação de *Taurus*. A mais brilhante é a que os Árabes chamam Aldebaran, e que é mencionada por Homero e Hesíodo. Nascem ao mesmo tempo que o Sol durante o período que vai de 7 a 21 de Maio, época em que principia normalmente a estação chuvosa na Grécia. Há vários mitos que dizem respeito às Híades: segundo um deles, as cinco filhas de Atlas e de Etra foram transformadas em estrelas por Zeus, compadecido da dor que elas tinham sentido com a morte, na caça, de seu irmão Hias.

Arctos (ἄρκτος) é a Ursa Maior. O mito grego identifica esta constelação com a ninfa Calisto, filha de Licáon. Calisto teve um filho, Arcas, de Júpiter, e foi metamorfoseada em ursa. Sob esta forma foi encontrada por Arcas, que andava à caça, e esteve prestes a matá-la. Zeus, para evitar o matricídio, transportou os dois para o firmamento; Calisto foi convertida na constelação *Ursa Maior*, e Arcas na estrela *Arcturus* (ἄρκτος, « ursa », οὐραός, « guardador »). O mito tem, porém, numerosas variantes.

141. *atque alius latum funda iam verberat amnem*

142. *alta petens, pelagoque alius trahit umida lina*;

Estabelece-se claramente a distinção entre a rede a lanço e a rede de arrasto, a primeira própria para a pesca em rios, a segunda para a pesca no mar. A rede que se lança de pancada, como a tarrafa, lastrada com pedras ou bolas de chumbo, deve alcançar o fundo (*alta petens*), o que, evidentemente, não sucede com as redes empregadas na pesca marítima.

Não nos parece suficiente traduzir *umida* por «húmidas» como faz Billiard: «ses humides filets de lin». A palavra tem um valor descritivo muito maior: evoca o escorrer da água quando as redes são recolhidas, condensando em três sílabas o que numa língua que não seja o latim só se pode explicar com uma longa frase.

143. *argutae lammina serrae*

A tradução de *arguta* por «acerada» é da nossa responsabilidade, e não está de acordo com o que as autoridades afirmam. Adoptamo-la por nos ser difícil alhear-mo-nos do sentido que a palavra tem em português; e ainda porque o texto põe em confronto um instrumento de gume afiado, a serra, com outro, a cunha, muito menos cortante. Os comentadores, como Kennedy, entendem que o vocábulo se refere ao ruído da serra: Page traduz *arguta* por «shrill»; Billiard por «grinçante»; Castilho usa o termo «rechina»; etc. Com efeito, a acepção primitiva de *argutus* é «sonoro»; mas ninguém poderá afiançar que a expressão *argutus odor*, usada por Plínio, signifique «cheiro sonoro»; o sentido «penetrante», aplicável neste caso, aproxima-se muito mais de «acerado». Compare-se também com *argutum caput* (III.80), expressão que descreve a «cabeça bem talhada» de um cavalo de boa casta.

145.

... labor omnia vicit

146. *improbus* ...

Improbus é palavra da especial predilecção de Vergílio. Emprega-a em várias acepções: «malévolo», «excessivo», «irritante», etc. (*Improbus anser*, I.119, *improba voce*, I.138, etc.).

Jackson Knight, citando a frase, que é como que o lema das *Geórgicas*, diz: «The adjective *improbus* is sometimes forgotten, when the other words are quoted, but it is important. It is a very Vergilian word, meaning originally «not *probus*», that is «not honest», almost «taking an unfair advantage». It is one of Vergil's colloquialisms. He applies the word to Aeneas, when he ruthlessly exploits success in battle; to a goose that goes on cackling, beyond all reason, all day: or to love itself, which stops at nothing, in driving the human mind and heart to extremes».

147. *prima Ceres ferro mortalis vertere terram*148. *instituit, cum iam glandes atque arbuta sacrae*149. *deficerent silvae et victum Dodona negaret.*150. *mox et frumentis labor additus, ut mala culmos*151. *esset robigo...*

«As pragas que devastam os montados e as árvores silvestres que dão frutos comestíveis obrigam os homens a recorrer à Agricultura, em cujas artes são industriados por Ceres; mas em breve, porque Júpiter mantém o seu desígnio de os contranger a um trabalho constante, as doenças atacam também os cereais». Vergílio refere-se particularmente à *ferrugem*, causada pelas *Pucciniae* (*P. graminis*, *P. glumarum*, *P. rubigo-vera*, *P. coronata*, *P. simplex*), das quais a *P. graminis* seria talvez a mais nociva.

... *segnisque horreret in arvis,*152. *carduus: intereunt segetes, subit aspera silva,*153. *lappaeque tribolique, interque nitentia culta*154. *infelix lolium et steriles dominantur avenae.*

Por outro lado, inicia-se a luta entre o agricultor e a vegetação espontânea. O *cardo* é, para o Poeta, protótipo desta vegetação; e é provável que na designação se incluam, não só as plantas hoje agrupadas no género *Carduus*, como muitas outras de aspecto semelhante. A *Flora de Portugal* cita dezassete plantas como o nome vernáculo de *cardo*, a que se acrescenta qualquer qualificativo (*asnil*, *azul*, *coroadado*, etc.), pertencentes a dezasseis géneros diferentes. Vergílio chama preguiçoso (*segnis*) ao *cardo*, evidentemente porque a sua presença nos campos é prova de indolência e desleixo por parte do agricultor. A notar em I.151 a forma *esset* = *ederet*.

Lappa pode ser ou não o *Arctium Lappa*, L. ou o *A. minus* (Hill) Bernh., a qualquer dos quais se dá em Portugal o nome de *bardana* ou *pegamaço*. Ambos são da subtribo das *Carduineas*, a que pertence o género *Carduus*. *Tribolus* será talvez o *T. terrestris*, L., vulgar no nosso País, e denominado em vernáculo *abrolhos*. É preciso não esquecer, porém, que a identidade das designações atribuídas às plantas nos textos latinos e das escolhidas para elas pelos botânicos nem sempre significa que haja identidade das próprias plantas.

Esta questão, muito debatida, do que fossem, botânicamente, as *lappae* e os *triboli*, não tem grande importância, porque o mais provável é que Vergílio queira referir-se à vegetação espontânea espinescente em geral.

Lolium, é natural que seja o *L. temulentum*, L., o «joio». *Steriles avenae* são as aveias bravas, numerosíssimas na Itália, como em Portugal. Não é para admirar que elas se citem como plantas infestantes: em contraposição, é de estranhar a referência à aveia cultivada, em I.77, como se observou (Nota a I.77-78).

157. *falce premes umbras*

Os tradutores consideram geralmente que se trata da sombra das árvores. Supomos antes que o Poeta se refira à vegetação herbácea infestante que acaba de mencionar em I.151-154, e que é necessário mondar. Castilho diz: «derribar co'a fouce quanto ensombre a lavoura», o que indica, pela alusão à foice, que a sua interpretação é a que adoptámos.

Embora *falx* possa significar «podoa», o sentido fundamental da palavra é «foice». As ferramentas usadas para podar árvores e vinha, e para cortar erva dos prados e colmos de cereais, designavam-se, quando necessário, apondo a *falx* os epítetos *arboria* (ou *silvatica*), *vineatica*, *foenaria* e *messoria*.

160. *dicendum et quae sint duris agrestibus arma,*
 161. *quis sine nec potuere seri nec surgere messes;*
 162. *vomis et inflexi primum grave robur aratri,*
 163. *tardaue Eleusinae matris volventia plaustra,*
 164. *tribulaque traheaeque et iniquo pondere rastris;*
 165. *virgea praeterea Celei vilisque supellex,*
 166. *arbutae crates et mystica vannus lacchi.*

O Poeta entra na descrição dos apetrechos agrícolas, do que ele chama as *armas* do agricultor.

Permita-se-nos, a este propósito, uma digressão. As metáforas militares são frequentes nas *Geórgicas*, a-pesar destas serem, essencialmente, um poema de Paz. Era inevitável que Vergílio fosse influenciado pelas ideias e preocupações de um povo que devia, numa larga parte, a sua formação e o seu extraordinário desenvolvimento às virtudes guerreiras que sempre tinha cultivado. Embora o Poeta tivesse fortes motivos para se queixar dos privilégios concedidos aos soldados (e não deixa de o fazer, como, por exemplo, quando se refere à *infelix Mantua*, II.198), embora não tivesse servido (ao contrário de Horácio, que teve uma curta e não muito brilhante história militar), fazia parte de um conjunto

social apoiado na força das armas, e habituado a admirar o legiãoário como o Prussiano se desvanece com a sua *Wehrmacht*. Veja-se (III.343-345) o orgulho com que Vergílio fala da presteza da marcha do soldado romano (*patriis acer Romanus in armis*) a-pesar da carga que o oprime. E assim é que naturalmente é levado a comparar a Agricultura a uma luta entre o Homem e a Natureza; que descreve um amanho da terra como um combate (I.104-105); que se serve amiúde de termos militares (*imperat arvis*, I.99, *signa movet*, III.236, etc.); que, para ensinar como devem alinhar-se as cepas, nos transporta a um campo onde vae travar-se uma batalha (II.279-283); que, no maravilhoso hino à Itália do Livro II, exalta as raças belicosas e os grandes chefes que serviram Roma.

Das *armas* dos lavradores, ou seja, pois, das suas alfaias, a primeira a ser citada é, como é natural, a charrua, fazendo-se menção da sua peça operante, a relha (*vomis*). Mas o Poeta reserva para os versos I.169-175 a referência mais pormenorizada ao instrumento de maior importância para a Agricultura, e certamente um dos fundamentais para a vida da Humanidade.

A *Eleusina mater* é a deusa Ceres, identificada com Deméter (*Δημήτηρ* = γῆ μήτηρ), em honra de quem se celebravam os mistérios de Eleusis.

Tanto o *tribulum* como a *trahea* eram, ao que parece, trilhos, semelhantes aos que ainda se usam em Portugal e em Espanha. A segunda era mais leve do que o primeiro, sem rodas, e servia para completar o trabalho do *tribulum*.

Rastris são os instrumentos a que já se aludiu na Nota a I.94-95, discutindo-se o valor das palavras *iniquo pondere*.

A *vannus* era a joeira, ou crivo, por meio do qual o cereal, depois de trilhado, se limpava de glumas, joio, etc. Também se usava, como nas nossas eiras, lançar o grão ao vento, à pá (III.133-134). A aposição de *mystica* e *lacchi* a *vannus* dá foros de nobreza ao humilde apetrecho: lembra que a joeira se revestia de qualquer significado esotérico nos ritos de Eleusis, e que tinha que ver com a personagem divina ateniense chamada Iaco, identificada com Dioniso, cuja imagem era conduzida em procissão a Eleusis por ocasião das celebrações.

169. *continuo in silvis magna vi flexa domatur*
 170. *in burim et curvi formam accipit ulmus aratri.*
 171. *huic a stirpe pedes temo protentus in octo,*
 172. *binæ aures, duplici aptantur dentalia dorso.*
 173. *caeditur et tilia ante iugo levis altaque fagus*
 174. *stivaque, quæ currus a tergo torqueat imos,*

A ideia que se faz da charrua romana funda-se em pouco mais do que conjecturas.

As peças componentes da charrua que Vergílio enumera são: (1) o *buris*; (2) o *temo*; (3) os *dentalia*; (4) as *aures*; (5) o *vomis*; (6) a *stiva*; (7) o *iugum*.

Julgamos que o *buris* seria uma só peça, correspondente a várias peças da charrua moderna, as mais importantes das quais são o *ateiró* e o *rasto*. A este conjunto damos, à falta de melhor termo, a designação de *corpo* da charrua, e estamos convencidos de que os romanos lhe atribuíam, por vezes, o nome de *aratrum*, por ser a parte essencial da máquina; tudo o mais eram acessórios. Hesíodo refere-se a uma charrua que consistia apenas na peça a que aludimos, denominando-a *αὐτόγυον ἄροτρον*, em contraste com a charrua formada por diversas peças, *πικτὸν ἄροτρον*.

Da robustez do *buris* dependia a solidez e duração da charrua, e por isso Vergílio recomenda que se escolha *ainda na mata* a árvore que o há de constituir; assim se poderá apreciar com segurança se a madeira é sã, e se reúne as necessárias qualidades de resistência. Desta mesma forma procediam os antigos construtores navais quando se tratava de mastros para um navio; as árvores de que eles viriam a ser feitos escolhiam-se *de pé*. Para tomar a forma conveniente, a árvore (um ulmeiro, especifica o Poeta) era obrigada a vergar; não ficaria pois havendo, no corpo da charrua, ligações que compromettessem a rigidez indispensável a uma peça *mestra*, que servia de suporte a todas as restantes.

Acerca do *temo*, não se apresentam dúvidas. Era com certeza o *apo*, ou antes o *temão*; nem outra cousa podia ser uma peça com oito pés de comprimento. Sobre o modo de ligar o temão ao corpo é que faltam pormenores.

Os dois *dentalia* adaptavam-se, presumivelmente, à parte inferior do *buris* correspondente ao *rasto*, talvez por meio de sam-

blagens, e convergiam para a frente; nos extremos uniam-se, e aí se applicava o *vomis*, isto é, a *relha* ou *dente*. Certamente era do facto de suportarem o *dens* que os *dentalia* derivavam o nome.

Era ainda no *buris* que se implantavam as duas aivecas (*aures*).

A *stiva*, para a qual convinha a madeira de faia, ligava-se ao extremo posterior do *buris*, e corresponde à *rabíça*; o *iugum*, feito de tília, é o *jugo* ou *canga*, que hoje não é costume incluir entre as peças da charrua, e se agrupa com o resto da apeiragem.

Em I. 174 a charrua é apodada de *currus*. Esta palavra, associada ao adjectivo *imos*, tem sido objecto de preocupações para os comentadores. Page admite que a charrua em andamento devia dar ideia de um carro, mas declara, inesperadamente, que o contexto exclue a hipótese de que ela tenha sido munida de rodas.

Não vemos em que se estriba esta opinião, e é-nos difícil aceitar que se compare a um carro, cuja parte mais característica são as rodas, uma máquina que as não possua. Por outro lado, afigura-se-nos que o conjunto de peças que compunham a charrua romana devia atingir peso considerável (*grave robur aratri*, I. 162). Bastará notar que, segundo Plínio, na Itália a charrua era por vezes puxada por quatro juntas de bois: «*cum multifariam in Italia octoni boves ad singulos vomeres anhelanti*». Não era ela, pois, comparável ao ligeiro arado que ainda hoje se usa em alguns recantos do Alentejo, de Trás-os-Montes e da Beira Baixa para armar o terreno em margio; antes devia aproximar-se, pelas suas dimensões e peso, do *labrego*, da *charrua do Ribatejo*, ou da charrua escosseza do Século XVIII, que Walter Scott chama «a heavy cart-load of timber», e que Trevelyan descreve nestes termos: «In Scotland... the enormous phoughs of primitive design were all of wood except the share and coulter and were usually made by the farmers themselves...». É pois natural inferir que a charrua romana não seria fácil de manobrar se não estivesse munida de um rodado, por primitivo que este fosse. Presumimos que se assemelhasse à *croca*, acessório que se adaptava ao temão do labrego e lhe servia de apoio rolante, permitindo o govêrno do toso instrumento e a regulação da profundidade da lavoura.

Parece-nos que algumas das dúvidas que o passo vergiliano suscita se esclarecem se o cotejarmos com a descrição que Hesíodo

faz do processo de construção da charrua, um dos trechos mais notáveis dos *Trabalhos e Dias*.

Depois de recomendar que se abatam no inverno as árvores que não de dar a madeira (Nota a I.256), Hesíodo determina que se corte uma peça de sete pés de comprimento (*ἄξονα δ' ἑπταπόδην*). A tradução que habitualmente se encontra para *ἄξων* é «eixo», significado difícil de admitir. Trata-se certamente do *ιστοβοεύς*, do temão, para o qual Vergílio fixa oito pés de comprido, pouco mais do que o que aponta o poeta grego. Manda depois cortar pinas (*ἄψιν*), notando que facilmente se encontrarão peças curvas apropriadas para esse efeito. A frase *τρισπιθαμον δ' ἄψιν τάρμειν δεκαδύωρον ἁμάξην*, tal como a interpretam os tradutores — v. g., Mazon, «une roue de trois empan pour un chariot de dix palmes» — é incompreensível, mas talvez seja possível descortinar o seu sentido. Segundo Chassang, a *σπιθαμή*, (*empan*) era uma medida de comprimento, equivalente ao espaço compreendido entre os extremos dos dedos polegar e mínimo de uma mão aberta, ou seja o que nós chamamos o *palm*, que se considera ordinariamente igual a 21 centímetros; ainda segundo Chassang, o *δύωρον* era uma medida de comprimento equivalente a 8 centímetros. Supondo que uma roda tinha quatro pinas (o que é quase certo, porque as pinas são, em geral, ou 4 ou 8, como é lógico) a sua circunferência mediria $4 \times 3 \times 0,21 = 2,52$ metros; a esta circunferência corresponde o diâmetro de $\frac{2,52}{3,14} = 0,80$ metro, isto é, dez vezes o *δύωρον*.

E assim, convencemo-nos de que a frase de Hesíodo que acima se transcreve signifique: «Se queres fazer rodas de 80 centímetros de diâmetro, talha as pinas com 63 centímetros de comprimento cada uma», o que constitui uma indicação prática e de evidente utilidade.

Hesíodo prescreve depois que se procure com cuidado, na montanha ou na planície, uma boa azinheira, que dará a peça (*γύνης*) em que se hão-de emchar o dental (*ἔλυμα*) e o apo (*ιστοβοεύς*). Entendemos que esta peça, essencial para a resistência da charrua, como Hesíodo observa, corresponde ao que os Romanos chamavam *buris*. Para o dental e para o apo, as madeiras apropriadas eram, respectivamente, o carvalho, e o loureiro ou o ulmo.

Depois de várias indicações relativas aos bois que hão-de puxar a charrua e ao homem que a há-de guiar, Hesíodo acentua a necessidade de começar a lavoura de sementeira logo que se

ouve o grito de grou, «grito que morde o coração do lavrador desprevenido a quem faltam bois», nessa época de apertos. E, então, de balde ele irá pedir ao vizinho: *Βόε δός καὶ ἁμάξαν*, «empresta-me os teus bois e o teu carro». *Carro*, dizem quase todos os anotadores (deve exceptuar-se, pelo menos, Piovano) porque aqui reaparece o vocábulo *ἁμάξα* (*ἁμάξα* em ático).

Os eruditos não reparam, ao que parece, no facto estranho de se pedir um *carro* para fazer a lavoura de sementeira, quando o utensílio apropriado para tal fim é (apoiamo-nos na autoridade de Mr. de la Palisse) uma *charrua*. Pela nossa parte, persuadimo-nos de que o termo *ἁμάξα* pode ser usado no sentido de *ἄροτρον*, como *currus* no sentido de *aratrum*, e isto por se tratar, em ambos os casos, de uma charrua munida de rodas. A charrua grega, como a romana, estava longe de ser o aparelho simples que muitos supõem, guiando-se pelo aspecto esquemático e porventura convencional dos arados representados em medalhas e baixos relevos; a nosso ver era muito complicada (o que constitui sinal de atraso), tanto assim que Hesíodo diz: *ἑκατὸν δὲ τε δούρατ' ἁμάξης, τῶν πρόσθεν μελέτην ἔχμεν οἰκίαι θέσθαι*, frase que, em nosso entender, se verte para: «*Há cem peças numa charrua, e é preciso tê-las em casa, com antecipação, para as unir umas às outras*». Ora reparamos em que, no verso I.167, quase se traduz a frase acima transcrita: *ante* (*τῶν πρόσθεν*), *provisa* (*μελέτην*), *repones* (*θέσθαι*), como observam muitos comentadores. E não pode duvidar-se de que o poeta latino se refere a uma charrua e não a um carro.

Tem certo interesse averbar que no Norte de Portugal se chama *lavrador* ao proprietário de um carro cujo trabalho se aluga para carretos, em vez de se lhe dar a designação mais adequada de *carreiro*. Por aqui se vê como é fácil a associação *ἁμάξα-ἄροτρον*, ou *currus-aratrum*.

Servius presume que o Poeta alude a um tipo especial de charrua com rodados denominada *plaustraratrum* e usada na Rhétia gaulêsa, charrua que Plínio menciona, entre outras: «*Curus dixit propter morem provinciae suae in qua aratra habent rotas*». A observação de Servius não nos desvia da opinião de que a charrua romana, como a grega (pelo menos a charrua empregada nos alqueives) era, ordinariamente, munida de croca.

175. *et suspena focis explorat robora fumus.*

A prática de expor as madeiras verdes ao calor e ao fumo da lareira, para lhes apressar a secagem e para destruir os insectos xilófagos, é ainda hoje seguida. A expressão *explorat robora* é singularmente descritiva, mas não atinamos com a forma de a verter para português; limitamo-nos a assinalar a tradução de Page, «search out its strenght», que nos parece excelente.

Do ponto de vista gramatical, há uma curiosa construção a registar em I.174-175: *altaque fagus stivaque*. Quase todos os comentadores a consideram um exemplo de hendiade. Lejay diz: «que est explicatif — le frêne élevé est abattu, et / cela est / le manche».

181. . . . : *saepe exiguus mus*
182. *sub terris posuitque domos atque horrea fecit,*

O Poeta estabelece um gracioso contraste entre a solenidade das palavras *domus* e *horreum* e a insignificância do buraco onde se acoita o rato. A colocação de um monosílabo no final do verso é um artifício de que Vergílio se serve com engenho. Em I.181 o efeito produzido pela posição da palavra *mus* é humorístico: «*clausula ipsa unius syllabae non usitata addidit gratiam*», diz Quintiliano. Mas em I.247, *intempesta silet nox*, a situação da palavra *nox* aumenta a sensação de grandiosidade, como sucede também no verso I.65 da *Eneida*, «*Divom pater atque hominum rex*».

184. *oculis captae . . . talpae*

A toupeira vulgar (*Talpa europaea*, L.) não é cega, mas tem os olhos extremamente pequenos. O erro de Vergílio é explicável, porque repete o de Aristóteles. Mas quem sabe se o Poeta se refere à *T. caeca*, L.?

186. *curculio*

Provavelmente a *Calandra granaria*, L., velha e actual praga dos celeiros, é talvez também a *Tinea granella*, L.

187. *contemplator item, cum se nux plurima silvis*
188. *induet in florem et ramos curvabit olentis:*
189. *si superant fetus, pariter frumenta sequentur,*
190. *magnaque cum magno veniet tritura calore;*
191. *at si luxuria foliorum exuberat umbra,*
192. *nequiquam pinguis palea teret area culmos.*

Este passo é, a nosso ver, um dos mais interessantes do Livro I. Note-se a harmonia do verso I.188, e a beleza da expressão *induet in florem*.

Em todos os tempos, e em todos os países, se tem procurado encontrar correlações entre os modos como se desenvolvem as diversas plantas, para, pelo que se passa com umas, se ajuizar com antecedência do que virá a suceder com outras. A ideia é natural e lógica: os agentes meteorológicos, afectando certas plantas de determinada maneira, com efeitos visíveis, podem exercer idêntica influência sobre outras que se encontram em fase mais atrasada do seu ciclo vegetativo. Não fez por enquanto a Ciência progressos acentuados quanto ao estudo destas correlações; mas há muito que as observa a gente do campo, e que procura formulá-las em anexins, muitas vezes falíveis, o que não é para admirar, porque os fenómenos a que dizem respeito são de grande complexidade, e influenciados por factores muito numerosos. *Pelos favais verás os mais* é um desses anexins, e não é difícil achar-lhe certo fundamento. A fava é uma cultura delicada; se suportar bem as contingências do clima, se a não melindrarem chuvas excessivas, geadas, etc., há motivo para esperar que, com mais forte razão, essas contingências não afectem culturas mais robustas e resistentes.

Mais difícil é justificar o conceito alentejano de que a boa frutificação do marmeleiro anuncia farta produção de bolota; e a afirmação de Vergílio, que abre com o solene imperativo *contemplator*, à moda de Lucrécio, leva-nos para um campo de maior incerteza ainda, porquanto se trata de relacionar o comportamento, não de duas plantas lenhosas, mas de uma cultura herbácea e outra arbórea.

Ao contrário do que pensa Billiard, supomos que o conselho de Vergílio tem sua razão de ser. A amendoeira (pomos de parte a hipótese de Sergeant, de que é da nogueira que o Poeta nos fala) floresce na Itália, como em Portugal, no mês de Fevereiro ou nos fins do mês anterior. É evidente que, se nesta época as chuvas forem excessivas, a polinização será gravemente prejudicada, e poucos frutos vingarão; e o contrário sucederá se durante o referido período não houver temporais, e as chuvas forem moderadas e brandas. Ora, como se indica na Nota a I.100-102, citando a opinião autorizada do Prof. Felipe de Figueiredo, tanto em Portugal como na Campânia, cujo regime pluviométrico se assemelha ao do Além Douro Litoral, os cereais, e nomeadamente o

trigo, sofrem com as precipitações pesadas de Fevereiro, e são beneficiadas se este mês *crítico* for pouco chuvoso. Tanto assim é que o Prof. Figueiredo verificou que, num grupo de anos em que as chuvas de Fevereiro foram inferiores a 60 mm., foi boa a colheita de trigo; num grupo de anos, em número igual, em que as referidas chuvas excederam aquela altura, a produção frumentária oscilou entre o medíocre e o péssimo.

A indicação de Vergílio é confirmada pela existência em Portugal de um rifão, recolhido pelo Prof. D. Manuel de Bragança, que reza: *Ano de amêndoa, ano de pão.*

Nem no Algarve, nem na região de amendoais de Trás-os-Montes parece ter sido observada correlação entre a frutificação da amendoeira e a colheita do trigo; mas o facto explica-se por serem ambas as zonas comparativamente secas, pouco sujeitas, portanto, aos malefícios das chuvas excessivas de Fevereiro.

Tem certo interesse transcrever o relato que consta das *Observações Botânico-Meteorológicas do ano de 1800 feitas em Thomar por José Veríssimo Alvares da Silva*, inserto nas *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências*:

«Temperamento do ano: As duas primeiras estações foram frias e chuvosas em demasia, tendo por vento dominante o Sul. Prognosticarão, que o ano havia de ser falto de pão, as colmeas morrendo muitas, e melando pouco... *O mesmo prognostico derão as amendoeiras, mostrando-se muito frondosas com pouco fruto, cujo sinal refere Vergílio...* O Inverno, a Primavera foram de continuas chuvas; os trigos nesta continuada humidade perderão as suas principais raízes, nas quais haviam de afillhar; encherão-se de más ervas, que lhes consumirão os sucos; e por fim tiverão o fungão e a ferrugem, que acabarão de os destruir...».

193. *semina vidi equidem multos medicare serentis*
 194. *et nitro prius et nigra perfundere amurca,*
 195. *grandior ut fetus siliquis fallacibus esset,*
 196. *et quamvis igni exiguo properata maderent.*

Delille e muitos outros tradutores supõem que o tratamento das sementes a que Vergílio se refere tinha por fim tornar os legumes que haviam de provir dessas sementes mais fáceis de cozer, o que é evidentemente absurdo.

O tratamento das sementes, quer por meio de água quente, quer recorrendo a agentes químicos, pode ter quatro objectivos: (1) apressar a germinação; (2) proteger as sementes do ataque dos insectos; (3) defendê-las dos fungos; (4) fornecer alimento aos embriões. Um dos processos mais antigos e vulgares consiste em lançar água quente sobre uma porção de cal viva, de peso igual a 1 % do da semente a tratar, de modo a obter uma solução branca, de aspecto leitoso, com que se rega a semente, remechedo-a bem, até os grãos ficarem impregnados. Vinte e quatro horas depois, as sementes acham-se revestidas de uma camada de cal que adere perfeitamente a elas. Em vez de cal, usa-se moderadamente o sulfato de cobre, a formalina, etc.

No passo em questão, a palavra *properata* (no neutro) concorda evidentemente com *semina*, e refere-se ao facto, acima citado, de se pretender acelerar a germinação. *Quamvis* (que Page diz ser aqui um advérbio) parece-nos não poder ser senão uma conjunção, com o significado habitual de «a-pesar de». *Quamvis properata* quererá pois dizer: «a-pesar de se ter apressado a sua germinação». O tratamento relatado por Vergílio tem por fins (1) *medicar* as sementes, para as defender da vegetação criptogâmica e dos insectos, e (2) facilitar a germinação. Concorda, aliás, com a prática ainda hoje corrente, à parte substituir-se a cal por outras substâncias alcalinas ou cáusticas.

Poucas são as traduções que não aludem à cozedura dos legumes. Page diz numa nota: «The object aimed at was that the beans might cook easily and not need long boiling». Delille traduz:

«... et pour rendre le grain
 Plus prompt à s'amollir en bouillant dans l'airain »

e Castilho segue-lhe as pisadas:

«e assim melhor creado o rústico legume
 se deixasse cozer depressa em pouco lume;»

A versão espanhola (Edição de Buenos Aires) é das que consideramos mais correctas: «También he visto a muchos labradores aderezar con varias sustancias las semillas, rociándolas primero con nitro y negra amurca para obtener en los falaces zurriones un grano más crecido; y, a pesar de haberlas reblande-

cido a fuego lento para activar su sazón, adverti que degeneraban las más prolijamente escogidas y miradas con mayor afán, a no ser que cada año se pusiese empeño en elegir una a una las mayores...» Exceptuando o advérbio *prolijamente*, tudo nos parece excelente nesta tradução. Note-se que ela exige que o verso I.197 passe a ter a seguinte pontuação:

et quamvis igni exiguo properata maderent,

Outra tradução que reputamos fiel é a de Sommer e Desportes: «J'ai vu beaucoup de laboureurs ne semer leurs légumes qu'après en avoir préparé la semence en l'arrosant d'eau nitrée et de marc d'huile d'olive, afin que, dans leurs cosses souvent trompeuses, les grains devinssent plus gros; mais quelque soin qu'on prit d'accélérer, par une chaleur sage et modérée, la germination de ces semences, j'ai observé que même les mieux choisies et les mieux préparées dégénéraient à la longue, si chaque année un nouveau choix ne mettait à part ce qu'il y avait de plus beau grain».

O que Virgílio recomenda para o tratamento das sementes de leguminosas, é natural que fosse extensivo a quaisquer outras sementes, às dos cereais, por exemplo: é o que pensa Columela.

Embora as palavras *properata maderent* nada tenham que ver, em nossa opinião, com a cozedura dos legumes, notaremos que é certo que estes, e em especial o grão (*Cicer arietinum*, L.) podem ser, como se diz no Baixo Alentejo, *de bom cozer* ou *de mau cozer*. Mas isso depende das qualidades das terras em que são cultivados — desconhecem-se as razões íntimas do facto — e não do tratamento que as sementes recebam.

Sobre o que fosse o *nitrum* (I.194) há discordância de opiniões. Parece provado que era o carbonato de sódio, que os Gregos chamavam *νίτρον*. Savastano, nos seus *Studi Virgiliani*, afirma que era o nitrato de potássio (NO₃K) e vai até ao extremo de asseverar que Virgílio, recomendando o uso deste sal para estimular o desenvolvimento dos embriões, «può ritenersi un precursore del concime nitrico», opinião esta certamente muito arrojada.

197. *vidi tecta diu et multo spectata labore*
 198. *degenerare tamen, ne vis humana quotannis*
 199. *maxima quaeque manu legeret.*

Não só Vergílio, como os geopónicos latinos anteriores e posteriores a ele, acentuam a importância da selecção das sementes em termos perfeitamente claros. Varrão determina que «seja qual for a colheita (de cereais) de que se trate, a parte melhor e mais pesada se separe em lotes de espigas na eira, a-fim de se apartar a melhor semente»: «*quae seges grandissima atque optima fuerit, seorsum in aream secerni oportet spicas, ut semen optimum habeat*» Columela recomenda também que se examine o grão, ainda na eira, para apurar para semente o mais volumoso e pesado, e observa que, se é certo que nem sempre a semente pesada produz grão pesado, não é menos verdade que este não pode provir de semente magra e enrugada: «*neque enim dubium est, ex robusto semine posse fieri non robustum: quod vero protinus exile natum sit, nunquam robur accipere manifestum est*» Plínio dá conselhos análogos, e faz a interessante observação de que se devem rejeitar as espigas em que haja intervalos desprovidos de grão: «*quae spica, per intervalla semina habebit, abiicietur*». Este preceito revela que se apreciava o facto de que a boa semente deve provir de espiga bem conformada.

Os versos I.198-199 só aludem à separação das sementes de maiores dimensões. Quase todos as experiências efectuadas modernamente levam à conclusão de que há com efeito vantagem em proceder dessa forma. Os ensaios realizados na Europa (Middleton, Lubanski, Desprez, por exemplo) indicam que tal vantagem é apreciável; os ensaios americanos conduziram a resultados menos significativos.

... *sic omnia fati*

200. *in peius ruere ac retro sublapsa referri,*
 201. *non aliter quam qui adverso vix flumine lembum*
 202. *remigiis subigit, si bracchia forte remisit,*
 203. *atque illum in praeceps prono rapit alveus amni.*

O facto experimentalmente verificado da degenerescência das sementes, serve a Vergílio de ponto de partida para a construção de uma filosofia repassada de pessimismo lucreciano, que os versos acima transcritos reflectem. Esta filosofia, transportada para o campo das ciências naturais, conduziu a singulares conclusões: assim é que Olivier de Serres estava convencido de que o trigo, degenerando, se transformava em joio: «J'ai moi-même esgrené un espi de froment, dans lequel se trouvèrent quelques grains d'yvroie; qui me font ne révoquer en doute le dégénérer du

froment, en telle maligne graine d'yvroie». E o grande Buffon perfilhava teoria semelhante: «Le froment jeté sur une terre inculte dégénère á la première année: si l'on recueillait ce grain dégénéré pour le jeter de même, le produit de cette seconde génération serait encore plus altéré; et au bout d'un certain nombre d'années et de reproductions, l'homme verrait reparaître la plante originaire du froment ...»

204. *Arcturi*

Fez-se já referência a esta estrela nas Notas a I.64-70 e a I.138. Nascendo no princípio do outono, anuncia a proximidade de uma quadra do ano em que são para receiar temporais.

205. *Haedorum ... Anguis*

Os Cabritos (*Haedi*) são duas estrelas da constelação do *Auriga*, que se elevam em 25 de Abril e 27 de Setembro. A segunda destas datas cae numa época em que é de prever mau tempo. O Dragão (*Anguis*) é uma constelação cujo interesse para o agricultor provém, presumivelmente, de estar situada entre a Ursa Maior e a Ursa Menor, indicando por conseguinte o Polo Norte.

206. *quam quibus*

Submetendo-se *iis: quam iis quibus*, «como por aqueles por quem» (Nota de Page).

208 - 230.

Nos versos I.208-230 fixam-se as épocas de sementeira, de acordo com as indicações dos astros. Em I.203-214 trata-se das sementeiras de outono; em I.215-218, das de primavera; em I.219-226, novamente das sementeiras temporãs; em I.228-230, outra vez das serodias.

208. *Libra die somnique pares ubi fecerit horas*

A referência ao signo da Balança mostra que, ao contrário do que muitos afirmam (Nota a I.33-35), é possível que no tempo de Vergílio a doutrina caldáica, que só considerava onze signos, excluindo a Libra, não fosse já seguida.

O Sol está no signo da Balança na ocasião do equinócio do outono.

Tanto o dia (chamando *dia* ao intervalo de tempo entre o nascimento e o ocaso do Sol) como a noite se dividiam, para os Romanos, em 12 horas. Por conseguinte as horas do dia eram no verão mais compridas do que as da noite, e no inverno sucedia o contrário. Na ocasião dos equinócios as horas do dia e as da noite tinham igual duração.

Die é uma forma arcaica do genitivo de *dies*.

210. ... *serite hordea campis*
211. *usque sub extremum brumae intractabilis imbrem:*

Hordea, no plural, por exigência da métrica. A cevada foi dos primeiros cereais cultivados no mundo. Os Romanos conheciam a cevada de seis carreiras (*Hordeum hexastichon*, L.), a de quatro carreiras (*H. vulgare* L.) e a de duas carreiras (*H. distichon*, L.). A primeira chamavam *cantherinum*, e à última *galatichum*.

A expressão *sub extremum ... imbrem* não podem evidentemente significar «até as fim das chuvas», visto que estas não permitiriam que a sementeira prosseguisse. Kennedy propõe uma tradução que se nos afigura lógica: «right up to the rain of winter which ends your work», Assim pensa também Castilho, que diz: «té que entrem as chuvadas, etc.».

212. *nec non et lini segentem et Cereale papaver*

Fez-se já uma longa referência às duas culturas mencionadas neste verso na Nota a I.77-78. A palavra *seges* não designa aqui a «terra», como é mais vulgar, nem tampouco a «colheita», mas sim a «semente», sentido em que o termo é também usado, ocasionalmente, por Columela.

213. *incumbere aratris*

«Curvar-se sobre a charrua» era indispensável para que ela tanchasse bem e lavrasse certo. Daí o dito de Plínio: «*Arator, nisi incurvus, praevaricatur*».

215. *vere fabis satio; tum te quoque, medica, putres*
216. *accipiunt sulci et milio venit annua cura,*

É curioso que Vergílio aponte a primavera como a época própria para semear as favas. Por sua vez, Plínio fala em *verna*

faba, a semear depois de um descanso de quatro meses a seguir a uma colheita de trigo. Columela dá o outono como a época normal da sementeira da fava, e explica que, «depois do solstício do inverno, já não sae bem, e menos ainda na primavera»: «*post brumam parum recte seritur, pessime vere*». Acrescenta porém, um esclarecimento importante: «há uma fava que se cria em tres meses, e se semeia em Fevereiro, aumentando-se de um quinto a densidade da sementeira em relação à da fava de outono; mas dá poucos caules, e poucas vagens; por isso os agricultores antigos diziam que preferiam a palha das favas temporãs a toda a colheita das serodias»: «*quamvis sit etiam trimestris faba, quae mense februario seratur, quinta parte amplius quam matura: sed exiguis paleas, nec multam siliquam facit. veteres itaque rusticus plerumque dicentes audio, malle se matura fabalia quam fructum trimestrem*».

Não podemos resignar-nos a pensar, como Heyne, que a *faba* de Vergílio não fosse a nossa fava. A minuciosa descrição dos processos de cultura, feita por Columela, é inteiramente elucidativa. E sabemos que não é impossível semear favas na primavera, com rega ou em climas húmidos; apenas é de prever que a colheita seja, como relata Columela, menos abundante que a das favas semeadas em Outubro, como mandam as nossas regras: *S. Simão, fava na mão*.

Não se levantam dúvidas quanto à identificação da luzerna (*Medicago sativa*, L.), embora as haja no que respeita à origem do nome, *medica*. Columela e Plínio dão a entender que ele deriva do facto da luzerna ser considerada um remédio para o gado doente, e a maçã da Assíria, antídoto contra certos venenos, também era chamada *medica* por alguns autores. Por outro lado, Plínio informa-nos de que a luzerna foi trazida da Média, no tempo de Dario.

Acêrca do *miliun*, dividem-se as opiniões sobre se se trata do *Panicum miliaceum*, L. (milho miúdo) ou do *P. italicum*, L. = *Setaria italica* (L.) P. Beauv. (milho painço).

A expressão *annua cura* é introduzida para estabelecer contraste entre o milho, planta anual, e a luzerna, planta vivaz que ocupa uma folha do terreno durante vários anos.

217. *candidus auratis aperit cum cornibus annum*
218. *Taurus et averso cedens Canis occidit astro.*

O Sol entra no signo do Touro em 17 de Abril, abrindo o ano romano. Por isso se usa o verbo *aperio*, do qual se julga derivar o nome *Aprilis*.

Cornibus auratis alude ao facto de se sacrificarem nos triunfos romanos (II.146-148) bois brancos com os cornos dourados.

Há duas constelações com o nome de *Canis*, *Canis maior* e *Canis minor*. A principal estrela da primeira é *Sirius*, cujo ocaso heliaco é no fim de Abril. Parece que o Poeta quer dizer que o Cão (referindo-se seguramente a *Sirius*, à qual se dava com frequência o nome da constelação de que fazia parte) retira diante do Touro.

219. *at si triticeam in messem robustaque farra*

Farra são, segundo se afirma geralmente, os trigos espeltas, muito apreciados pela sua rusticidade (*robusta*). O *Triticum spelta*, L. pertence ao Grupo III da classificação de Percival, grupo que compreende o *T. vulgare*, Host., o *T. compactum*, Host., o *T. sphaerococcum*, Perciv. e o *T. spelta*, L. O número de cromosomas deste grupo é 42.

O trigo espelta tem espigas compridas, pendentes, e pode ser barbado ou não. Ao ser debulhado, o ráquis quebra pelos nós, ficando uma só espiguetta presa a cada segmento internodal do ráquis. As espiguetas contêm em geral dois grãos cada uma, fortemente apertados nas glumas, das quais só podem ser libertados utilizando-se máquinas de moagem especiais. Os Romanos conseguia o mesmo resultado torrando ligeiramente o grão, prática esta imposta por disposição legal, e à qual se alude em I.267, *nunc torrete igni fruges*.

O espelta difere dos demais trigos cultivados por outros caracteres de ordem morfológica, além dos indicados. Os espeltas característicos têm flores truncadas obliquamente, e cálice aristado, com quatro barbas curtas.

A forte aderência das glumas, se constitue um inconveniente para a debulha, é, em compensação, uma circunstância vantajosa no que respeita à conservação do grão. Deixando-se o espelta, com o grão envolvido nas glumas, em lugar seco, mantem-se durante longos períodos sem sofrer o ataque do gorgulho, e talvez

fosse esta uma das causas da preferência que lhe davam muitas vezes os Romanos em relação aos trigos finos. Outra causa era a farinha ser, embora grosseira, de excelente qualidade, e muito própria para a preparação do *puls*, espécie de *porridge* que constituía o alimento tradicional da população da República: *pulte autem non pane, vixisse longo tempore Romanos manifestum* (Pl., XVIII).

Há uma dificuldade na identificação dos *farra* com os trigos espeltas, apontada pelo Prof. António de Sousa da Câmara, e que resulta do facto de se ter como certo que os trigos espeltas provêm das regiões onde se situam hoje a Alemanha e a Suíça, sendo portanto pouco provável que tenham sido importados para a Itália dessas zonas. O mais natural é que os trigos romanos fossem oriundos da África no Norte, e talvez também, em parte da Ásia.

Castilho traduz *farra* por «farrageaes». Mas o sentido primitivo de *farrageal*, ou antes *ferragial*, é, dizem os lexicógrafos, «agro de ferrã», e ferrã, como é sabido, é cevada destinada a ser cortada para verde. Outro sentido de *ferragial* está limitado ao Alentejo, onde se dá este nome a pequenas propriedades, vizinhas das povoações, onde se cultivam intensivamente cereais e leguminosas.

Billiard sugere que *triticeam messem* se refere aos trigos finos, em oposição a *farra*. Mas por vezes esta palavra abrange os trigos em geral, como em I.101.

221. *ante tibi Eoae Atlantides abscondantur*

As Atlântides eram as Plêiades (Nota a I.138), filhas de Atlas e de Plêione.

Eous (do jónico ἤως, correspondente ao ático εἶως) pode significar «oriental» ou «matinal». A tradução de Castilho, «deixa que as orientaes Atlantides se occultem» não nos parece satisfatória. Julgamos que o sentido de I.221 é «deixa chegar a ocasião em que as Plêiades se te occultam de manhã», o que equivale a dizer «deixa chegar os princípios de Novembro», porque as Plêiades desapareciam de manhã no dia 8 de Novembro (Col., XI.2). Por outras palavras, consideramos *Eoae* atributo, não epíteto.

O poema de Hesíodo diz

Πηλιάδων Ἀτλαγενέων ἐπιτελλομενάων
ἀρχεσθ' ἀμήπτου, ἀρότοιο δὲ δυσομενάων.

«Quando as Plêiades, filhas de Atlante, se levantam, começa a ceifa; e principia a lavoura de sementeira quando elas se deitam».

222. *Gnosiaque*

Ariadne, filha de Minos, rei de Creta, e de Pasífaa. Dionisio que, de volta da Índia, a encontrou na ilha de Naxos, tomou-a para esposa, dando-lhe como presente do núpcias uma coroa, que depois colocou no ceu entre as estrelas. A Coroa de Ariadne nasce em Novembro — não desaparece neste mês, como Vergílio supõe.

325. *Maiae*

Maia, mãe de Hermes. Uma das Plêiades.

227. *vilemque phaselum*

O *phaselus* (φάσηλος) dos antigos, que se semeava no outono, não era com certeza o feijoeiro ordinário, *Phaseolus vulgaris*, L. Este é de proveniência americana, quer seja originário do México, quer do Brasil, onde o naturalista Gabriel de Sousa o encontrou em 1557. O *phaselus* de Vergílio era possivelmente um *Dolichos*, talvez, como pensa Sargeant, o *D. melanophthalmus*, de origem asiática, ainda hoje cultivado em Itália.

Se traduzimos *vilis phaselus* por «humilde feijão» é porque supomos que, qualquer que fosse o género a que pertencia a planta em questão, ela era, morfológicamente, muito semelhante ao *Ph. vulgaris*. De mais, os Italianos de hoje chamam *fogiolo dell'occhio* ao *D. melanophthalmus* acima mencionado, e o *D. Lablab* é conhecido em Portugal por *feijão cutelinho*.

232. *duodena*

Em vez de *duodecim*. Na poesia latina, é vulgar usar-se o número distributivo a substituir o cardinal.

mundi

Mundus significa aqui o ceu, como uma das Odes de Horácio, «*qui mare et terras variisque mundum / temperat horis*» (I.12.15-16).

233. *quinque tenunt caelum zonae:...*

 251. ... *accendit lumina Vesper.*

Muito haveria a dizer sobre os conceitos de Vergílio em matéria de Astronomia. Limitar-nos-emos a notar: (1) a noção da inclinação da eclíptica (I.239, *obliquus qua se signorum...*); e (2) a noção, claramente expressa nos versos I.246-251, de que o Sol se move em torno da Terra, iluminando ora o hemisfério Norte, ora o hemisfério Sul, o que é interessante comparar com a ideia de que o mundo dos mortos vê o Polo Sul. Vergílio segue de perto a doutrina de Eratóstenes de Cirene, bibliotecário de Alexandria, autor de diversas obras sobre Astronomia e Geografia, uma das quais é o poema Ἐρμῆς, em que se encontra a descrição das zonas.

As cinco zonas do firmamento correspondem a outras tantas na Terra, em escala menor. O Poeta passa a ocupar-se destas, sem qualquer explicação, que seria desnecessária em virtude do conhecimento geral que havia, entre a gente culta da época, das teorias astronómicas de Eratóstenes.

Relativamente aos signos do Zodíaco, convém notar que, no tempo de Vergílio, a sua posição já não correspondia à das constelações de igual nome, em consequência da retrogradação dos pontos equinociais. O facto tinha sido explicado cem anos antes por Hiparco, e o Poeta certamente não o ignorava; mas preferiu limitar-se a tomar como pontos de referência, para a determinação das épocas mais favoráveis para os diferentes trabalhos agrícolas, as posições de passagem aparente.

234. *ab igni*

Os gramáticos estranham o emprego muito raro, e condenado pelos bons escritores, de *ab* neste verso, com o sentido de «em consequência de», e explicam-no pelo facto da expressão *ab igni* corresponder ao ἐκ πυρός que se encontra no passo de Eratóstenes que Vergílio traslada.

236. *glacie concretæ atque imbribus atris*

Concretæ só se relaciona com *glacie*: por este motivo, preferimos dizer, na tradução, «inteiriçadas pelo gelo e / fustigadas por / pesados aguaceiros».

237. *mortalibus aegris.*

É equivalente, também usado por Lucrécio, da expressão homérica δειλοῖσι βροτοῖσι.

239. *obliquus*

O adjectivo exerce função de advérbio, qualificando *verteret*.

242. *hic vertex ... et illum*

Hic vertex, o Polo Norte; *illum / verticem /*, o Polo Sul. A noção dos dois polos, e dos dois hemisférios, divisa-se em alguns passos de Lucrécio.

247. *illic ... intempesta silet nox*

O *illic* deste admirável verso refere-se a um polo (ou talvez, antes, a um hemisfério), como o *hic* do verso I.244 se refere ao outro. *Intempesta* = *intemperata*, «profunda», segundo Kennedy.

252. *hinc*

«Do que se expôs», isto é, de facto do Mundo ser construído como o Poeta indicou, resulta...

dubio caelo

A ideia implícita é que o simples exame do estado do céu pode não dar elementos de informação seguros; mas a observação dos astros revela a aproximação das quadras do ano em que é de esperar bom ou mau tempo.

255. *armatas deducere classes*

Armari pode significar «apetrechar um navio», sentido que se conservou em português; e pode também querer dizer «muni-lo de armamento». Page prefere a segunda acepção, modo de ver que não acompanhamos, visto que parece tratar-se de operações a praticar regularmente na época própria, o que antes sugere navegação comercial do que marinha de guerra. Afigura-se pois adequada a tradução de Castilho: «aparelhada frota».

Deducere = κατέλκιν: os navios eram habitualmente postos em seco durante o inverno, e lançados de novo ao mar na primavera. Hesíodo descreve estes trabalhos com certa minúcia. (*T. D.*, 624-629).

256. *aut tempestivam silvis evertere pinum.*

Ainda hoje se mantem a persuasão de que o corte das árvores destinadas a fornecer madeira de construção se deve fazer em determinadas épocas, designadamente no inverno ou no outono, por se considerar que nas outras estações é mais activa e abundante a circulação da seiva, e que de tal facto resulta ser a madeira das árvores abatidas na primavera e no verão menos duradoura. Em muitos livros técnicos exprime-se a ideia sob a forma de aforismo indiscutível, como por exemplo em Eckblaw, *Farm Structures*: «Timber felled in winter is more durable than that felled in summer».

A afirmação é excessivamente radical, e dá à questão um aspecto de simplicidade que ela não tem. Vejamos o que diz sobre o assunto uma obra moderna que se ocupa da tecnologia da madeira, o livro *Wood Construction*, de D. F. Holtman:

«Many of the theories which have been advanced regarding the durability of wood attribute too much importance to the time of cutting. As a matter of fact, the time of cutting has very little effect upon the durability, or other properties, if the timber is properly cared for after it is cut».

«When proper storing or handling is impracticable, winter cutting is best. Fungi and insects do not attack wood out of doors in cold weather, and by the time warm weather arrives, the wood is partly seasoned and somewhat less susceptible to attack. It is for this reason that winter cutting is advantageous, and not on account of a smaller amount of moisture or sap in the wood in winter, as popular belief has it».

Outra obra recente (*The Kiln Drying of Lumber*, de A. Koehler e R. Tholon) sintetiza a questão nos termos seguintes:

«Timber cut in winter dries out slowly and, therefore, does not surface check so much as timber cut during the warm season when excessive surface drying takes place. Furthermore, in winter-cut timber the surface becomes dry by the time wood-decaying and stain-producing fungi and insects become active, and, therefore, deterioration is not so great».

A doutrina moderna estabelece portanto que o corte das árvores durante o inverno não apresenta qualquer vantagem pela razão que habitualmente se invoca de ser nessa estação menos activa a circulação da seiva. Outras razões há, porém, que justificam aquela prática, e que determinam que haja uma *seção* própria para se proceder ao corte do arvoredo, como já no tempo de Vergílio, e muito antes, se reconhecera. Servius suspeita que o Poeta considera apropriada para o corte a época em que a madeira é menos atacada pelo *bicho*, notando que Hesíodo, no passo em que se ocupa do mesmo assunto, usa a palavra ἀδηκτοτάτη, de ἀ, privativo, e δακείν, «morder». Sendo assim, os dois poetas estariam em completo acordo com as ideias de hoje.

No texto de Hesíodo lê-se, depois de, por várias formas, se indicar que a estação de que se trata é o inverno:

τῆμος ἀδηκτοτάτη πέλεται τμηθεῖσα σιδήρω
ῦλη...

«então a madeira que o machado derruba corre menor risco de ser atacada pelo bicho».

E, depois,

τῆμος ἄρ' ὑλοτομεῖν μεμνημένος ἤρια ἔργα.

«corta então a madeira, se é que te lembras dos trabalhos que em cada estação cumpre fazer».

258. *parem diversis*

Page salienta a oposição do sentido das duas palavras. O ano divide-se em estações de maneira harmónica: as estações são diferentes entre si, mas esta divergência dos caracteres de cada uma delas contribue para o equilíbrio do seu conjunto.

260. *multa, forent quae post caelo properanda sereno*

261. *maturare datur*:...

Note-se o contraste entre *properanda* e *maturare*: opõe-se o trabalho feito à pressa, e por essa razão presumivelmente imperfeito, *atamancado*, como se diz em linguagem popular, com a tarefa cuidadosa, bem acabada, de quem tem vagar, visto que lhe não é possível sair de casa.

O «ingénieux Delille», cuja mania das antíteses, tão apreciadas no seu tempo, o leva com frequência ao abuso, encontrou, para este passo, uma tradução simultaneamente elegante e fiel:

«Plusieurs font à loisir, retenus par l'orage,
Ce qu'il faudroit hâter sous un ciel sans nuage».

Como a antítese existe no original, Delille está no seu elemento.

A forma *forent* explica-se pelo condicionamento implícito em *caelo sereno*: «se o tempo estiver bom».

262. *lintres*

Lintres tem, para alguns autores, pelo menos, o significado de «dornas», ou vazilhas semelhantes, que serviam para transportar as uvas para o lagar. Mas, neste passo, talvez o termo signifique «gamelas», ou «cochos», de pequenas dimensões. Com efeito, as dornas, para serem de uso prático, certamente deveriam ter capacidade grande; e nesse caso o seu fabrico, escavando troncos de árvore, seria uma operação muito laboriosa, e não comparável em importância com os outros trabalhos que o Poeta menciona: aгуçar ferrões, passar revista à tulha, preparar tutores de vinha e atilhos, etc.

263. *numeros impressit acervis.*

O significado ordinário de *acervus* é «monte» ou «montão» (*v. g.*, de trigo); o de *imprimere* é «imprimir», «estampar». Mas é um tanto difícil entender o que seja «imprimir números em montões de trigo». Para fugir à dificuldade, uns traduzem *imprimere numeros* por «colocar letreiros», ou «pôr dísticos»; outros dão a *acervi* a significação de «sacos» ou «medidas». Assim, Billiard diz «... les chiffres de leur contenance, qu'il pique sur ses tas de grain», e Castilho «o numero se grava das medidas na tulha». A nossa versão «numerar as rasas no celeiro» é, como as outras, hipotética.

265. *Amerina*

O salgueiro da região vizinha de Ameria, cidade da Úmbria, era muito apreciado pela boa qualidade dos atilhos para a empa da vinha que com eles se preparavam. Entre nós são geralmente a

ráfia ou a junca que se empregam para fazer os atilhos da amou-roa; mas nas proximidades de Coimbra, por exemplo, utiliza-se para o mesmo fim o salgueiro.

As tres espécies de salgueiro mais vulgares na Campânia são, informa Savastano, o *Salix alba*, L., o *S. Capraea*, L. e o *S. vitellina*, L.

267. *torrete*

Já se mencionou (Nota a I.219) a prática a que neste passo se faz referência.

269. *rivos deducere*

Nos versos I.106 e I.114 aparecem formando contraste, como se observou, as expressões *inducere / fluvium* / e *deducere / umorem* /. Page reconhece que a primeira significaria «conduzir água para regar» e a segunda «desviar água para conseguir o enxugo», mas entende que em I.269 *rivos deducere* «must describe irrigation by conducting on to the field water from a rivulet flowing along the top of it», e isto porque «the use of *rivos* excludes the idea of drawing off *stagnant* water».

Não nos parece que assista razão a Page para atribuir a *deducere* sentido diferente do que a etimologia aponta; tanto se podem desviar, por serem superabundantes, águas paradas como águas correntes. Por isso, e porque é a estas que se faz referência, traduzimos *rivos deducere* por «sangrar valas». Esta operação toma por vezes carácter de urgência, porquanto, se as valas se enchem e a água acaba por transbordar, podem dar-se sérios prejuízos nas próprias valas e nos terrenos adjacentes.

Este modo de ver é confirmado pelas observações de Servius e de Macrobius, às quais Page não liga importância. Explicam aqueles comentadores que os livros pontificais proibiam rigorosamente a rega em dias festivos, mas toleravam (excepto durante as *feriae denicales*) que se procedesse a trabalhos de enxugo e conservação de valas, trabalhos cuja interrupção ou adiamento podiam originar prejuízos graves.

270. *religio vetuit*

A palavra *religio* parece aparentar-se com o verbo *religare*.

Assim pensava, evidentemente, Lucrécio, a julgar pelo trocadilho contido no verso 1.932 do *De Rerum Natura*:

«*religionum animum nodis exsolvere pergo*»

Neste passo das *Geórgicas*, e noutros de diversos autores, *religio* (que também se escreve *relligio*) quer dizer «restrição de carácter religioso», presumivelmente expressa num preceito.

271. *insidias avibus moliri*

Trata-se apenas das aves que causam danos às culturas: nos dias solenes era permitido armar-lhes laços, como meio de defesa inadiável, mas não se consentia a caça como divertimento.

Surpreende um tanto o emprego neste passo do verbo *moliri*, muito da preferência de Vergílio, e cujo sentido é «fazer, deslocar, etc., com esforço, laboriosamente». É possível que se contenha na expressão *insidias moliri* a ideia do engenho que é preciso pôr em acção para preparar armadilhas eficazes.

272. *balantumque gregem fluvio mersare salubri.*

Balantum = *balantium*, que não cabe no hexâmetro (como *agrestum* = *agrestium* em I, 10, etc.). O qualificativo *salubri* serve talvez para esclarecer que era lícito dar banho aos ovideos para os defender de moléstias («*si curatione scabies abluenda sit*», diz Macrobius); mas não o seria se se tratasse apenas de lhes lavar a lã.

274. *... lapidemque revertens*
275. *incusum aut atrae massam picis urbe reportat.*

Trata-se aqui das mós em que se abrem estrias com o escopro e a maceta: é este o significado de *incusus lapis*. Mas parece natural que o homem do campo tenha ido ao povoado buscar a mó que lá levou para avivar as estrias, desgastadas pelo uso; por isso traduzimos para «picada de novo».

O pez encontrava larga utilização na técnica vinária; Columela dedica-lhe tres capítulos (22., 23. e 24.) do Livro XII. Entre outras aplicações, tinha a de servir para barrar interiormente as talhas onde se guardava o vinho, como ainda hoje se faz no Alentejo e noutras regiões (*pésga*).

A notar em I.275 a palavra *urbe*, usada sem preposição, como se estivesse a substituir *Roma*, o que evidentemente não é o caso, porque se trata de uma povoação qualquer, certamente a mais próxima onde houvesse operários especializados no repicar das mós.

276. *ipsa ... Luna*

Foi sempre, e continua a ser muito grande a importância atribuída pela gente do campo à influência da Lua nas cousas da Agricultura. Os Romanos tinham pela Lua a maior reverência, e entendiam que ela fixava os dias do mês propícios para os diversos trabalhos rurais.

Assim, a quadra própria para estrumar era, quer no outono, quer no inverno, o quarto minguante. Columela indica explicitamente a razão do preceito; tratava-se de estorvar o desenvolvimento das ervas ruins; «*sed id nobis decrescente luna fieri placet: nam ea res herbis liberat segetes*». O mesmo diz Paládio: «*cum luna minuitur: quae res si servetur, herbis officiet*».

Para as sementeiras convinha, pelo contrário, aproveitar o quarto crescente. Paládio estabelece esta regra: «*omnia quae serentur, crescente luna ... sunt serenda*». E julgava-se até que as plantas semeadas em determinadas idades da Lua ficavam ao abrigo de certos acidentes. Ainda Paládio, ao discutir o modo como o curso da Lua influe no crescimento das culturas, recomenda: «*observandum est, ne ante vigesimam quintam lunam seratur, quis sic satam limaces persequuntur*».

Será esta crença na influência da lua sobre a vida das plantas uma simples superstição? Parece-nos imprudente considerar a questão definitivamente resolvida, e preferimos opinar com Dickson: «Creio bem que os antigos atribuíam à influência da lua demasiada importância; mas asseverar que ela não existe, seria afirmar que uma cousa é falsa só pela razão de que a não compreendemos».

277. *... quintam fuge: pallidus Orcus*
278. *Eumenidesque satae; ...*

A questão dos dias favoráveis ou aziagos é tratada por Hesíodo com grande desenvolvimento. Vergílio, a-pesar da sua admiração pelo poeta de Ascra, só de passagem aborda o tema, que evidentemente não tem para ele grande atractivo. E ainda bem que assim é.

A prescrição relativa ao quinto dia reproduz a de Hesíodo

Πέμπτας δ' ἐξάλιασθαι, ἐπεὶ χάλειπαί τε καὶ αἰνοί.
ἐν πέμθτῃ γὰρ θασιν Ἐρινύας ἀμθιπολεῦειν
Ἄρκου γεινόμενον, τὸν Ἐρίς τέκε πῆμα ἑριόσκου.

«Evitae os quintos dias dos meses: são penosos e aziagos. Foi num dia quinto, diz-se, que as Eríneas rodearam o nascimento do Horco, gerado pela Luta, para ser o flagelo dos perjuros.»

O passo suscita animada discussão entre os mitologistas, sobre se sim ou não se deve identificar o deus romano *Orcus* com o deus grego Ἄρκος, sobre se os irmãos que se conjuraram para derrubar o Ceu eram «os filhos asperrimos da Terra», etc. Não nos envolveremos nestas contendas.

285. *et prensos domitare boves*

A palavra *prensos* aposta a *boves* explica-se pelo facto de ser uso deixar os bois em liberdade até aos tres anos; só a partir desta idade se sujeitavam com aros de vime em torno do pescoço, e se ensinavam como se indica no Livro III.

286. *... nona fugae melior, contraria furtis.*

Todos os tradutores que conhecemos vertem *fugae melior* para «melhor para a fuga». Afigura-se nos pouco natural que o Poeta se preocupe com o que é mais vantajoso para os fugitivos; antes supomos que ele se refere ao interesse do agricultor, ou seja do proprietário de escravos, cuja tendência para fugir era motivo de grandes cuidados para o dono. Se é certo o que julgamos, o nono dia seria propício para remediar o prejuizo derivado de tal causa, e portanto para recapturar os escravos evadidos. Trata-se, é bom acentuá-lo, de uma simples hipótese, que não tem a apoiá-la a opinião de qualquer autoridade.

O comento de Goelzer é o seguinte: «À son neuvième jour, la lune donne assez de clarté pour favoriser la fuite des esclaves et pour contrarier les entreprises des voleurs»; afigura-se nos que, para quem pretende evadir-se, uma noite clara é o que menos convém.

licia telae addere

Compare-se com *adnectit licia telis* (Tibulo, I.,6.19.). «Enliça o ordume ás teias» é o venáculo de Castilho.

288. *Eous*

Eous (Nota a I.221), como substantivo, é a estrela da manhã, chamada *Lucifer*, e que era costume distinguir de *Vesper*, a estrela da tarde, embora se tratasse do mesmo astro (*Venus*).

289. *stipulae ... arida prata*

O verso I.289 dá a entender que nem sempre os restolhos se queimavam (Nota a I.84-93). Havia então necessidade de os cortar, e deixavam-se depois, presumivelmente, sobre o terreno, processo preferível, segundo vários autores modernos, a enterrá-los com uma lavoura. A observação de Vergílio, de que os restolhos ou a erva para feno se segam melhor quando húmidos, é perfeitamente justificada.

O epíteto *arida* explica-se, porque só há necessidade de segar de noite a erva dos lameiros se ela estiver seca; no caso de um prado que foi regado pouco antes do corte, essa necessidade não se faz, evidentemente, sentir.

292. *inspicat*

Palavra talvez criada por Vergílio, porque não se encontra em qualquer outro texto. Significaria «aguçar de modo a dar forma de espiga».

294. *arguto coniunx percurrit pectine telas,*

Conington traduz *pecten* por «pente», o utensílio que os tecelões antigamente usavam para apertar os fios da trama; introduzia-se entre estes, e, com um movimento rápido, deslocava-se para cima ou para baixo.

Page refuta a opinião de Conington, e, encostando-se à autoridade de Marquardt, afirma que *pecten* é a «lançadeira».

Billiard acompanha o parecer de Conington, e nota que, ao passo que o pente, ao ser movido entre os fios da trama, produz

um ruído característico (« *crissement* »), o que explica o qualificativo *arguto*, a lançadeira é silenciosa.

Talvez não seja bem assim. A lançadeira não faz ruído quando se desloca na teia; mas fá-lo ao bater de encontro ao caixilho do tear. É o que indica um passo de Tibulo, em que se descreve cena análoga à que Vergílio pinta:

« *hinc et femineus labor est, hinc pensa colusque,
fusus et adposito pollice versat opus:
atque aliqua adsiduae tatrix operata minervae
cantat, et a pulso tela sonat latere* ».

Deve porém reconhecer-se que a construção da frase confirma o modo de ver de Conington. O verso I.294 diz-nos que « a esposa percorre a teia com... ». Se se tratasse da lançadeira, seria natural dizer-se que esta percorre a teia, e não que alguém percorre a teia com ela.

295. *aut dulcis musti Volcano decoquit umorem*
296. *et foliis undam trepidi despumat aëni.*

Columela refere-se com grande minúcia ao emprego do mosto cozido na preparação dos vinhos. Trata-se do *arrobamento*, prática hoje quase abandonada, mas que no tempo dos Romanos tinha justificação, dadas as condições da cultura da vinha, e o tipo de vinhos que eles preferiam (Nota a II. 408-410).

Quere-nos parecer, porém, que o quadro de vida familiar que Vergílio apresenta mostra a preparação dos doces que em Portugal se chamam *arrobe*, ou *uvada*, e que, nas regiões vinícolas, têm papel apreciável na alimentação.

Paládio fala em mosto cozido sem aludir ao seu uso na tecnologia do vinho; chama *defrutum* (de *defruere*) ao mosto concentrado pela fervura até se tornar bastante espesso, *caroemum* e *sapa* aos produtos obtidos pela concentração do mosto até o volume primitivo ficar reduzido a, respectivamente, dois terços ou um terço. Para preparar *sapa*, era costume juntar marmelos ao mosto, exactamente como se faz no Ribatejo.

O mosto, enquanto se concentrava ao lume, remexia-se e escumava-se com um ramo com folhas, para não empregar uma

espátula de madeira, que, pelo contacto com as paredes do tacho, poderia queimar-se, e comunicar mau gosto ao arrobo.

298. *medio... aestu*

Hesitamos em adoptar a versão de Conington, que traduz *medio aestu* por « em pleno verão ». Page entende que neste passo Vergílio estabelece contraste entre as tarefas que podem fazer-se pelo meio do dia, e aquelas, a que antes aludiu, que convém reservar para a noite. A isto pode opôr-se que a ceifa é uma faina que começa à luz das estrelas e só termina quando anoitece: a única paragem que consente verifica-se pelo meio do dia, quando o calor é mais intenso, e é essa a altura em que Teócrito (10.49), muito logicamente, aconselha que os ceifeiros descansem. Decidimo-nos, porém, pela interpretação de Page, porque a asserção de que as horas mais próprias para a debulha são as de maior calor está reiterada no Livro III, 133-134.

299. *nudus ara, sere nudus. hiems ignava colono:*

Nudus ara, sere nudus é a tradução literal de uma frase de Hesíodo adiante transcrita. Quase todos, senão todos os comentadores e tradutores entendem o mesmo que Page: « the point is that such work should be done in hot weather ». Assim, Castilho diz

« Lavar e semear pede ares tão serenos
que andes n'esse labor despido, ou pouco menos. »

O que porém ninguém notou, excepto Dickson, é que as sementeiras podem ir até meados de Novembro (Nota a I.221) e até mais longe. Veja-se o que diz Columela: « *novembri mense. ac decembri, per sementem...* » e Varrão: « *sexto intervallo ab aequinoctio autumnali incipere scribunt oportere serere, usque ad diem XCI post brumam*. Pedir nesta quadra do ano ares serenos, ou tempo quente, é certamente exigir muito dos deuses; e se, tomando à letra o conselho do Poeta, se insistir em trabalhar nesta época, já de invernã, com o traje sumário que ele recomenda, justifica-se o remate que, segundo conta Servius, um humorista propôs para substituir a segunda parte do verso I.299: « *habebis frigora febris* ».

A nosso ver, o que Vergílio tem em mente é assinalar que, dada a importância dos dois trabalhos, lavoura e sementeira, e a

necessidade de os executar no ensejo apropriado, é preciso proceder a eles com tanta actividade e ardor, que a vestimenta constitua um empecilho. Exagero? Evidentemente; mas de modo algum anormal em poesia, e até em prosa. O final do verso, *hiems ignava colono*, quereria então dizer: «no inverno terás tempo de sobejo para te entregares à preguiça»; e repare-se em que os versos que se seguem (I.300-304) não fazem mais do que desenvolver este tema.

Convém notar que Hesíodo salienta também a necessidade de fazer *ràpidamente* (e portanto *com diligência*) os principais trabalhos agrícolas. Com efeito, depois da tríplice exortação

... γυμνὸν σπείρειν, γυμνὸν δὲ βωατεῖν,
 γυμνὸν δ' ἀμάειν'...

(«semeia nu, lava nu, ceifa nu»), acrescenta

... εἴ κ' ὥρια πάντ' ἐθέλησθα
 ἔργα κομίζεσθαι Δημήτερος, ὡς τοι ἕκαστα
 ὥρι' ἀέξεται,...

(«se queres acabar no tempo devido os trabalhos de Deméter, de modo que cada um dos teus frutos te cresça também no tempo próprio»).

304. *puppibus et laeti nautae imposuere coronas.*

Comparar com Ovídio:

«iam mea votiva puppis redimita corona.»

305. *quernas glandes*

Quernus = *querneus*, «de carvalho». O epíteto justifica-se, porque *glans* pode ser outro fruto, como o do castanheiro.

306. *et lauri bacas ... cruentaque myrta.*

As bagas do loureiro de Apolo, *Laurus nobilis*, L., e os frutos da murta, que serviam (e servem) para dar cor aos vinhos.

309. *Balearis*

Os fundibulários baleares eram tão célebres que há quem suponha que o nome das Ilhas deriva do verbo grego βαλλέειν, «lançar», «arremessar».

310. *cum nix alta iacet, ...*

Page pretende, talvez com excesso de imaginação, que a frase alude ao facto de que, quando a neve é espessa, é mais fácil seguir a pista da caça.

... *glaciem cum flumina trudent.*

Trudere significa «fazer sair com violência»: neste caso «expelir para a superfície», e, como consequência, «carrear», Compare-se com *truditur* (II.31), *se trudent* (II.74), etc.

315. *lactentia*

O grão dos cereais está *em leite* durante o período que precede a maturação. Contém, nessa altura, um líquido branco, viscoso, constituído por água, protoplasma azotado e amido. Este estado atinge-se no fim de Abril, quando ainda é de esperar tempo chuvoso. Só no verso seguinte se considera o caso excepcional de se desencadearem tempestades já em pleno verão; por isso, na tradução, introduzimos uma adversativa que não tem correspondente no original.

317. *fragili... culmo*

Vê-se por estas palavras que os Romanos atavam as paveias com barços, ou vincelhos, de palha de cereais. A de centeio é muito própria para este fim, em que continua a ser empregada.

325. *boumque labores*

A mesma expressão que se encontra em I.118, tradução de ἔργα βωῶν (Hes., *T. D.* 46), que tanto pode significar «os trabalhos dos bois» como «o resultado do trabalho dos bois».

326. *cava flumina crescunt*

Estas tres palavras descrevem o engrossar súbito das torrentes, cujos leitos secos (*cava*) durante a maior parte do ano, rapidamente se enchem de águas furiosas, pouco tempo depois da tempestade principiar. Delille, comentando os versos I.326-327, diz: «Virgile a mis dans ces vers une gradation admirable; d'abord on voit les fossés se remplir, ensuite les fleuves mugissants se déborder, et enfin la mer bouillonner dans ses gouffres».

327. *fretis*

Supomos que *freta* não pode ter aqui o sentido habitual de «estreitos», ou «braços de mar»; afigura-se nos que a tradução «pégos» é a que o contexto impõe. Delille, vertendo *freta* para «gouffres», parece pensar do mesmo modo.

328. *ipse pater media nimborum in nocte corusca*334. *nunc nemora ingenti vento, nunc litora plangunt.*

Veja-se, no *Prefácio*, o comentário de Kennedy a este passo.

332. *aut Athon aut Rhodopen aut alta Ceraunia ...*

Atho, montanha da Macedónia; Rhodope, monte da Trácia; Ceráunia, serra do Epiro. Não divisamos a razão por que vários comentadores identificam os Montes Ceráunios com os *scopula Acroceraunia* de que fala Horácio (*Od.*, 1.3.20), visto que estes se citam como escolhidos, perigosos para a navegação.

336. *frigida Saturni sese quo stella receptet,*

Saturno, o planeta mais afastado do Sol, dentre os que se conheciam no tempo de Vergílio, era por isso reputado o mais frio, e esse carácter fazia-se sentir na sua influência sobre as cousas terrenas. Esta influência, como a dos outros astros, considerava-se variável conforme o lugar por eles ocupado junto das diversas constelações, ou dos signos que delas tomavam o nome. Assim, segundo Servius, Saturno, estando no Capricórnio, provoca chuvas torrenciais; estando no Escorpião, granizo; etc.

337. *ignis ... Cyllenius erret*

Cyllenius é um cognome dado a Mercúrio, por ter nascido no Monte Cilénio, na Arcádia. *Erret* é palavra sugerida pelo nome grego *πλανήτης*, derivado de *πλανᾶσθαι*, «errar», «vaguear».

338. *in primis venerare deos,*

A mesma recomendação piedosa de Hesíodo

Ἐὖ δ' ὄπιον ἀθανάτων μακάρων πεφυλαγμένους εἶναι.

«Observa o respeito devido aos bemaventurados Imortais».

339. *sacra refer Cereri laetis operatus in herbis*

Sacra eram ritos purificadores, comparáveis aos *ambarvales*, dedicados a princípio a Marte, e mais tarde a Ceres. *Referre* significa «prestar o que é devido»; de modo análogo, *reddere* quer muitas vezes dizer «dar conforme cumpre». *Operatus*, de *operari*, «celebrar uma cerimónia religiosa», tem sempre o sentido presente, como *feriatus*.

341. *tum pingues agni et tum mollissima vina,*

Este verso reproduz o de Hesíodo

τῆμος πισοτάται τ' αἶγες, καὶ οἶνος ἄριστος

343. *cuncta tibi Cererem pubes agrestis adoret*347. *et Cererem clamore vocent in tecta; ...*

Comparem-se estes dois versos com os de Tibulo:

« ... quam circum rustica pubes
clamet io messes et bona vina date ».

345. *circum*

O rito principal consistia na procissão da vítima (*ambarvalis hostia*) e dos assistentes em torno do local a purificar. Talvez a festa de Janas, aldeia próximo de Colares, em honra de S. Mamede, seja uma reminiscência das cerimónias que Vergílio descreve. O desfile dos gados em volta da capela, que é de forma circular, constitue a parte essencial da festa, cujo cunho pagão é bem acentuado.

347. *neque ante*

Catão descreve cuidadosamente os preceitos a seguir para bem executar o sacrificio a Ceres, *antes das ceifas*, da porca *Praecidania*, e a oferta dos bolos rituais. No tempo de Vergílio, a vítima tinha passado a ser, ao que parece, uma vitela (*quum faciam vitula per frugibus*, *Ecl.*, III.77), o que é confirmado por um passo de Tibulo, *tunc vitula innumeros lustrabit caesa iuencos*.

350. *det motus incompósitos et carmina dicat.*

Traduzimos *motus incompósitos* por «singelas danças», acei-

tando a opinião de Page, de que o Poeta sugere que aquelas de que se trata tinham um encanto especial por não serem executadas por profissionais. Lejay, pelo contrário, dá *incompositos* como significando « qui ne sont pas coordonnés, sans harmonie ».

Tibulo (II.1. 51-56) dá grande relevo aos ritos agrícolas, atribuindo-lhes a origem do canto, da música e da dança:

*« agricola adsiduo primum satiatus aratro
cantavit certo rustica verba pede
et satur arenti primum est modulatus avena
carmen, ut ornatus diceret ante deos,
agricola et minio suffusus, Bacche, rubenti
primus inexperta duxit ab arte choros*

Desde tempos remotos a dança fez parte dos actos dos cultos religiosos, como testemunha a Bíblia. Disso restam ainda vestígios na própria liturgia católica, como a *danza de los seices*, que se realiza em certas cerimónias na catedral de Sevilha.

351. *atque haec ut certis possemus discere signis*
352. *aestusque pluviasque et agentis frigora ventos,*
353. *ipse pater statuit quid menstrua luna moneret,*
354. *quo signo caderent Austri, quid saepe videntes*
355. *agricolae proprius stabulis armenta tenerent.*

As noções de Meteorologia Agrícola que figuram nas *Geórgicas* são porventura a síntese das que Varrão de Reate teria exposto nos *Libri Navales*, obra perdida a que Vegécio se refere nos termos seguintes: « *Pronostica tempestatum signa quae Vergilius divino poene comprehendit ingenio et Varro in libris navalibus diligenter excoluit* ».

Os sinais enumerados por Vergílio servem quase todos para a previsão do tempo *a curto praso*. Muitos deles sobreviveram em rifões rurais, e o seu fundamento é atestado pela moderna Meteorologia; baseiam-se em relações entre fenómenos naturais, observadas desde tempos remotíssimos.

A este respeito, diz Alfred Angot, no seu bem conhecido tratado: « La plus ou moins grande pureté du ciel, l'aspect et les colorations qu'il présente au coucher du soleil dépendent de la quantité d'eau contenue dans l'athmosphère, soit en vapeur, soit

surtout à l'état de petites gouttelettes liquides: on pourra donc en déduire de très bons pronostics pour le temps du lendemain. Enfin, il ne faudra pas négliger les indications fournies par les animaux, surtout les oiseaux et les insectes; ils sont affectés, ainsi que l'homme, par l'état actuel de l'athmosphère; c'est, par exemple, un présage de pluie dans le monde entier que de voir les hirondelles voler près du sol ».

Depois de Vergílio, e até aos fins do século XVII, abandonou-se o método racional de estudar a provisão próxima do tempo, para tentar averiguar os caracteres meteorológicos de épocas futuras afastadas. Assim, no princípio da era de Cristo, procurou-se pre-dizer o modo como decorreriam as várias estações a partir do que sucedia no dia da semana em que caíam as calendas de Janeiro; e, no século X, pretendeu-se caracterizar o tempo dos doze meses do ano pelo dia de Natal anterior e dos onze dias imediatos. Destas extraordinárias regras, e de outras análogas, ficaram em Portugal alguns vestígios, como as *arremedas e as desarremedas*.

356. *continuo ventis surgentibus aut freta ponti*
357. *incipiunt agitata tumescere et aridus altis*
358. *montibus audiri fragor, aut resonantia longe*
359. *litora misceri et nemorum increbescere murmur.*

Observa Page: « O modo como o som se ajusta ao sentido nestes quatro versos é digno de reparo. A assonância e o sibilado em *ventis surgentibus* indicam o primeiro sopro da tormenta; os dáctilos e a cesura fraca de *incipiunt agitata tumescere* denotam movimento tumultoso; o som particularmente áspero do final *aridus altis*, seguido da fracção em duas partes do verso imediato, imitam a *estalaria seca* que se descreve; finalmente, a tirada num arranco do último verso, e a acumulação dos sons em *m* e *r*, marcam a concentração gradual e o avolumar da tempestade ».

A descrição vergiliana tem certas analogias com a de Lucrécio:

*« principio venti vis verberat incita pontum
ingestisque ruit navis et nubila differt
interdum rapido percurrens turbine campos
arboribus magnis sternit, montisque supremos
silvifragis vexat flabris: ita perfurit acri
cum fremitu saevitque minaci murmure ventus. »*

360. *sibi... temperat*

Conington considera *sibi temperat* = *parcit*, mas, como nota Page, embora se admita sem dificuldade que o sentido é o mesmo, é estranho que a construção seja idêntica, empregando-se *sibi temperat* com dativo. Lejay traduz a expressão por «s'abstient», mas observa que *temperare* se usa em geral sem o reflexo. A dificuldade é apenas gramatical, porque o sentido do passo é claro.

361. *cum medio celeres revolant ex aequore mergi*
 362. *clamoremque ferunt ad litora, cumque marinae*
 363. *in sicco ludunt fulicae, notasque paludes*
 364. *deserit atque altam supra volat ardea nubem.*

Compare-se o teor destes versos com o seguinte passo de um livro moderno de Meteorologia (J. Sanson): «En cas d'approche d'une tempête ou d'un orage, les oiseaux de mer se tiennent près des côtes ou volent vers la terre.»

Presume-se que a palavra *mergi* alude ao *Mergus merganser*, L., ou ao *M. serrator*, L.; *fulica* é talvez a *Fulica atra*, L., ou a *F. cristata*, Gmelin; *ardea* será a *Ardea cinerea*, L.

365. *saepe etiam stellas vento impendente videbis*
 366. *praecipitis caelo labi, noctisque per umbram*
 367. *flammarum longos a tergo albescere tractus;*

A Terra encontra enxames de asteroides (*Lírides*, *Aquárides*, etc.) em determinadas épocas fixas. Nestas datas, não só são numerosas as chuvas de estrelas cadentes, como se nota muitas vezes recrudescência de perturbações atmosféricas: segundo Nodon, o facto resulta dos asteroides actuarem como condutores eléctricos entre o Sol e a Terra. O mesmo acontece quando a Terra atravessa a cauda de um cometa cujo núcleo está perto do Sol: o cometa constitue um enorme condutor que traz para a atmosfera terrestre grandes cargas de electricidade de origem solar.

373. *... numquam imprudentibus imber*
 374. *obfuit:...*

É difícil traduzir esta frase se se quiser dar a *obesse* o significado habitual: «prejudicar», «fazer dano». Trata-se, possivelmente, de um sentido primitivo, que seria, pouco mais ou menos,

«confrontar», «apresentar-se a», embora contivesse a sugestão de efeito nocivo.

A tradução de Lejay, «ce n'est qu'à des gens avertis que la pluie a causé des dommages», é muito estranha. Melhora um pouco se substituirmos *avertis* por *inavertis*, mas não fica ainda satisfatória. Atrevemo-nos a supor que a nossa versão «nunca a chuva colherá o homem de supreza» é confirmada pela enumeração, que o Poeta faz nos versos que se seguem (l. 374-392), de uma série de sinais precursores da chuva.

Servius estabelece a comparação que a seguir se indica entre versos de Vergílio e versos do poeta Varrão de Atax, uns e outros reproduzindo passos do poema, muito conhecido em Roma, de Arato de Soles.

Varrão de Atax

Geórgicas

<i>tum liceat pelagi volucres tardaеque paludis</i>	<i>iam variae pelagi volucres . . .</i>
<i>cernere, inexpletas studio certare lavandi</i>	<i>et studio incassum videas gestire lavandi,</i>
<i>et velut insolitum pennis infundere rorem:</i>	<i>certatim largos umeris infundere rores,</i>
<i>aut arguta lacus circumvolitavit hirundo,</i>	<i>aut arguta lacus circumvolitavit hirundo</i>
<i>et bos suspiciens caelum (mirable visu) naribus aërium patulis decerpsit odorem</i>	<i>. . . aut bucula caelum suspiciens patulis captavit naribus auras,</i>
<i>nec tenuis formica cavis non evehit ova</i>	<i>saepius et tectis penetralibus extulit ova angustum formica terens iter . . .</i>

Arato, a quem acima se fez referência, é incluído por Ovídio, com Hesíodo, Vergílio e Lucrécio, na lista dos poetas cujas obras são imorredouras:

«cum sole et luna semper Aratus erit»

375. *aëriae . . . grues*

São frequentes na poesia latina as alusões ao voo alto dos grous. Assim, em Lucrécio, encontra-se

« ... ille gruum quam
clamor in aetheriis dispersus nubibus astris »

e na *Eneida*

« ... sub nubibus atris
*Strymoniae dant signa grues atque aethera tranant
cum sonitu ... »*

377. *aut arguta lacus circumvolitavit hirundo,*

Compare-se este verso com o rifão francês:

« Quand l'hirondelle
A tire-d'aile
Vole en rasant la terre et l'eau
Le mauvais temps viendra bientôt. »

378. *et veterem in limo ranae cecinere querellam.*

Page chama a atenção para o carácter imitativo do verso, pronunciando-se *kekinere* e *querellam*. Vergílio, neste passo, lembrou-se certamente do célebre coro das rãs, de Aristófanos: *βρεκεκεκεκέξ κοάξ κοάξ.*

379. *et tectis penetralibus extulit ova*

O adjectivo *penetralis* dá solenidade à frase (*penetralia* eram as câmaras onde se recolhiam os objectos mais sagrados dos templos), marcando-se contraste com a pequenez da formiga. É o mesmo efeito humorístico dos versos I.181-182, em que se fala do *palácio* e do *celeiro* do rato.

Vergílio segue à risca o texto de Arato quando diz que a formiga retira (*extulit*) os ovos do abrigo, na ocasião em que a chuva ameaça; *intulit* estaria de acordo com a realidade.

382. *corvorum*

O corvo vulgar é o *Corvus corax*, L., que faz o ninho de preferência nas árvores altas e isoladas (I.411).

383. ... *et quae Asia circum*

384. *dulcibus in stagnis rimantur prata Caystri:*

As aves que frequentam o Caïstro, rio da Ásia menor, são o *Cygnus ferus*, Rog., o *C. minor*, Pallas e o *C. olor*, Gmelin.

Asia prata são os paúis formados pelo Caïstro.

387. *incassum*

Traduzimos *incassum* por «alegremente», o que requiere explicação, visto que o advérbio latino tem o sentido habitual de «em vão», «baldadamente». Pensamos, como Page, que o Poeta queira indicar que as aves marinhas, banhando-se, não têm outro propósito que não seja o de dar largas à sua boa disposição.

388. *cornix*

Há várias espécies de gralhas na Itália, a mais vulgar das quais é a *Cornix corone*, L.

390. *nocturna... carpentes pensa puellae*

À versão que adoptámos, «debruçadas à noite sobre o trabalho», é muito vaga, e só se justificará por termos traduzido *puellae* por «moças fiandeiras». *Carpere* significa «tomar entre o polegar e o indicador um floco do lã, e torcê-lo», gesto que as fiandeiras constantemente repetem. *Pensum* era a porção de lã, previamente pesada, que se entregava a cada escrava, e constituia a tarefa do serão.

393. *soles et aperta serena*

Soles, «o bom tempo». *Serena*, adjectivo usado substantivamente, ao qual *aperta* serve de atributo.

395. *acies*

Em *acies* encontra-se a raiz AK que entra também em *acus*, *ἀκρος*, etc., e por isso o seu sentido primitivo é «gume acerado, afiado». É o que aqui se exprime: as estrelas recortam-se no céu com nitidez; as suas orlas não se apresentam indecisas, como que embotadas (*obtunsae*). O sentido «hoste», «exército», para *acies* (*az* é termo usado por Fernão Lopes e outros) é derivado, e não tem neste passo aplicação.

397. *tenuia nec lanae per caelum vellera ferri;*

401. *at nebulae magis ima petunt campoque recumbunt,*

Comparemos com estes versos um passo do livro de Sanson: «Lorsque les vents sont faibles et variables en direction, avec un ciel clair ou peu nuageux, du broiillard le matin, de la rosée ou de la gelée blanche abondante, on se trouve, selon toute vraisemblance, en régime anticyclonique. Il y a alors des fortes probabilités pour que le temps se maintienne tel qu'il est: généralement froid en hiver avec un ciel plus ou moins nuageux, chaud en été avec un ciel pur.»

399. *alcyones*

Traduz-se em geral *alcyones* por «maçaricos» (*Alcedo hispada*, L.), mas o alcião é provavelmente uma ave fabulosa, dadas as lendas que com ela se relacionam, uma das quais é contada por Ovídio (*Met.*, XI. 266-795). Assim, dizia-se que o alcião fazia o ninho em pleno mar, e que, durante catorze dias, antes de sair a ninhada, o oceano se conservava calmo, embora se estivesse na quadra invernos. Daí a expressão «dias alciônicos», ἀλκυονίδες ἡμέραι.

403. *noctua*

Provavelmente a coruja, *Athene noctua*, Retzius.

404. *apparet liquido sublimis in aëre Nisus,*

405. *et pro purpureo poenas dat Scylla capillo:*

406. *quacumque illa levem fugiens secat aethera pennis,*

407. *ecce inimicus atrox magno stridore per auras*

408. *insequitur Nisus; qua se fert Nisus ad auras,*

409. *illa levem fugiens raptim secat aethera pennis.*

Niso, rei de Mégara, tinha uma madeixa ruiva (se é que *purpureus* se pode traduzir por «ruivo»), à qual estava ligada a sorte da cidade. Esta foi assediada por Minos, rei de Creta, a quem Sila, filha de Niso, entregou a madeixa que cortara dos cabelos do pae. Daqui resultou este morrer, e a cidade ser tomada. Minos, indignado com o crime de Sila, mandou que a amarrassem ao leme do seu navio. Foi depois transformada num ave marítima chamada *ciris* e Niso convertido em águia marinha. A história é contada por Ovídio (*Met.*, VIII., 1-151) e num poema atribuído a Vergílio e intitulado *Ciris*.

Os seis versos das *Geórgicas* em que se pinta a furiosa perseguição, e a fuga desesperada de Sila, são daqueles que é difficilimo verter para outra língua. O vigor da descrição, a rapidez do movimento do verso, a repetição propositada das expressões e a posição antitética dos remates (*pennis, auras, auras, pennis*), para mostrar como sem tréguas se renovam as arremetidas de uma das aves e as furtas da outra, são tudo embaraços em que tropeça o engenho dos tradutores. Delille, hábil versejador, deu certa animação ao quadro, mas está longe de ter conseguido exprimir a sanha da perseguição:

«Tantôt l'affreux Nisus, avide de vengeance,
Sur sa fille, à grand bruit, du haut des cieux s'élançe;
Scylla vole et fend l'air, Nisus vole et la suit;
Scylla, plus prompte encor, se détourne et s'enfuit.»

Nesta tradução, que pretende condensar em quatro versos os seis do original, há um adjectivo a mais («affreux») e um verbo de fraqueza lamentável («se détourne», como se poderia dizer de uma pessoa que se desvia de outra na rua).

Castilho, a nosso ver, saiu-se do cometimento com mais felicidade, apesar de dois ou tres senões, como o adjectivo «empinado», que é uma simples *cheville*, de propriedade duvidosa:

«No ar transparente, Niso, empinado, sublime,
em Scylla vai punir da loura coma o crime;
Scylla, as azas batendo, áquem e além se esgarra;
Niso, com grão fragor e ameaçadora garra,
áquem e além a segue, e atroz lhe sobrepõe;
elle a urge, ella o balda, e os livres ares fende.»

A expressão *poenas dat* é provavelmente uma reminiscência do grego *δίδομαι δίκην*. É usada em verso por Ovídio (*Parthe, dabis poenas*), em prosa por Varrão e outros escritores.

Traduzimos as quatro palavras *qua fert se Nisus* por um longo circunlóquio: «seja para onde for que Niso de novo se eleve, para repetir o ataque...», porque tudo isto nelas se contém, como assinala Kennedy.

410. *presso... guttere*

Quase todos os comentadores entendem que o Poeta diz que os corvos, apertando a garganta, soltam gritos agudos e claros.

Mas Page é de parecer que, tomando em consideração as palavras *voces liquidas*, se deve interpretar que o som emitido é velado, de modo que « a meia-voz » será versão apropriada; tanto mais que se estabelece porventura contraste com *plena voce* em I.383.

415. *haud equidem credo, quia sit divinitus illis*
416. *ingenium aut rerum fato prudentia maior;*

A tese de Vergílio á própria de um discípulo de Lucrécio, e excede grandemente as idéias do seu tempo. Só hoje começa a entrever-se a explicação científica da sensibilidade das aves a certas influências, fenómeno que Vergílio, com extraordinária penetração, atribue a causas de ordem puramente física.

haud ... quia sit

Em português é indiferente, em orações deste tipo, usar o indicativo ou o subjuntivo. Em latim, porém, é obrigatório o emprego deste último modo quando, como aqui, se cita uma razão que se rejeita.

fato

Fatum, « o Destino », era uma influência à qual os próprios deuses não podiam eximir-se, e por isso é citada independentemente das vontades divinas.

421. *nunc alios, alios...*

A construção da frase vergiliana, neste passo, é bastante complicada. Em prosa poderia dizer-se: « *pectora nunc concipiunt motus alios quam quos (em vez de alios) concipiebant dum nubila ventus agebat* », o que seria claro, mas notavelmente deselegante.

427. *luna revertentis cum primum colligit ignis,*
428. *si nigrum obscuro comprehenderit aëra cornu,*

Kennedy explica assim estes versos: na ocasião da lua nova, além do crescente, muito brilhante, que reflecte os raios do Sol, vê-se por vezes o resto do orbe lunar, embora menos distintamente, em virtude dos raios reflectidos da Terra, e depois da Lua. Sucede isto quando a atmosfera está límpida; se houver humidade no ar, prenúncio de chuva, só se vê o crescente, cujo brilho é empanado, como Vergílio descreve; os raios reflectidos da Terra são absorvidos, e não se distinguem.

Num velho almanaque de 1675, o *Thesouro de Prudentes*, encontramos esta regra: « Se a primeira vez que a Lua aparecer trazer as pontas ambas brancas, & o meyo negro, mostra no princípio, & fim da Lua bom tempo, & chuvas no tempo de chea ».

432. *sin ortu quarto (namque is certissimus auctor)*
433. *pura neque obtunsis per caelum cornibus ibit,*
434. *totus et ille dies et qui nascentur ab illo*
435. *exactum ad mensem pluvia ventisque carebunt,*

É interessante notar que a única regra que Vergílio cita para a previsão do tempo *a longo praso* coincide com a que o Marechal Bugeaud apresentou em 1840, afirmando ter verificado a sua exactidão durante um extenso período na Algéria: « O tempo comporta-se durante toda a lua como se comportou no quarto dia ». Bugeaud estabeleceu porém uma condição suplementar: « O sexto dia deve ser parecido com o quarto ».

437. *Glauco et Panopeae et Inoo Melicertae.*

Glauco, Panopeia (uma das filhas de Nereu) e Melicerta eram divindades marítimas. Tanto numa poesia de Parténio de Nicéia, que foi mestre de Vergílio, como numa elegia de Calimaco, se encontra o verso

Γλαύκῳ καὶ Νηρηίῃ καὶ Ἰνώῳ Μελικέρτῃ

442. *conditus in nubem*

Justifica-se o acusativo precedido de *in*, porque não se diz que o sol *está occulto numa nuvem*, mas sim que se retira *para dentro de uma nuvem*, logo que nasce.

447. *Thithoni croceum linquens Aurora cubile,*

Reminiscência evidente de passo da Odisséia, com o qual abre a Rapsódia V:

Ἥως δ' ἔκ λειπέων παρ' ἄγαυοῦ Τιθωνοιο
ἄρουθ' ἰὺ' ἀθανάτοισι φῶς φέρει ἠδὲ βροτοῖσιν;

« A Aurora surgia do leito, de junto do Titono ilustre, para ir levar a sua luz aos imortais e aos homens... »

449. *tam multa in tectis crepitans salit horrida grando.*

Exemplo da admirável harmonia imitativa que o verso latino pode atingir.

454. *immiscerier*

Forma arcáica do infinitivo passivo.

458. *at si, cum referetque diem condetque relatum,*
459. *lucidus orbis erit, frustra terreberet nimbis*

Compare-se o teor destes versos com o que diz Gasparin, no seu notável *Cours d'Agriculture*: « Si le soleil est clair et brillant le matin, il présage une belle journée ... Le soleil couchant, clair ou sans nuage, dans un ciel orangé, est signe de beau temps ».

463. ... *solem quis dicere falsum*
464. *audeat ? ...*

Com estas palavras principia a descrição, não já dos sinais do tempo, mas dos *sinais dos tempos*: os prodígios que ocorreram a seguir à morte de Júlio César. Numerosos poetas, prosadores e historiadores se referem a eles, o que constitue base para se acreditar que se produziram, de facto, fenómenos anormais e impressionantes. É interessante comparar com os versos I. 466-492 aqueles em que Tibulo explora o mesmo tema:

« *haec fore dixerunt belli magna signa cometen,
multus ut in terras deplueretque lapis.
atque tubas atque arma ferunt strepitantia caelo
audita et lucos praecinuisse fugam;
ipsum etiam Solem defectum lumine vidit
iungere pallentes nubilus annus equos:
et simulacra deum lacrimas fudisse tepentes
fataque vocales praemonuisse boves.* »

477. ... *simulacra modis pallentia miris*

As mesmas palavras com que termina o verso I. 123 do *De Rerum Natura*.

490. *iterum videri Philippi*

Esta frase tem preocupado muito os historiadores, que não atinam com a razão por que Vergílio identifica os nomes da batalha de Farsália (na Tessália) e da de Filipi (na Trácia). Será porque ambas se deram dentro da mesma província romana — a Macedónia — e dentro de um período de seis anos apenas? Delille afirma que havia dois Filipis, ambos ao pé do Hemus, e que num e noutro se travaram batalhas: mas a questão não está ainda esclarecida.

497. *grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.*

O epíteto *grandia*, que dá tanta magestade ao verso, provém da crença dos antigos de que a estatura dos homens ia minguando com as gerações.

511. *Mars impius*

A *guerra impia* a que o Poeta alude é a luta entre António e Octaviano, que havia de terminar com a batalha de Actium. Quanto às ameaças de guerra com povos estranhos, é difícil discernir quais elas fossem, porque, em 38 a. C., Ventidius tinha derrotado os Partos, e no ano seguinte Agripa tinha atravessado, vitoriosamente, o Reno; e admite-se geralmente que as *Geórgicas* só depois de 37 a. C. começaram a ser compostas.

513. *addunt in spatio*

Spacia são as voltas de pista no circo, e *in spatio* quer dizer « volta a volta », como *in dies* é « dia a dia » e *in annos* « ano a ano ». O emprego de *addere* isoladamente não se encontra noutro texto; *addere gradum* é a expressão habitual (Page).

AS GEORGICAS DE VERGILIO

NOTAS AO LIVRO II

NOTAS AO LIVRO II

1. *Hactenus arborum cultus et sidera caeli :*
2. *nunc te, Bacche, canam, nec non silvestria tecum*
3. *virgulta et prolem tarde crescentis olivae.*

O primeiro verso resume o assunto do Livro I, *Culturas arvenses* e *Meteorologia*. Dizer, como Skrine, que se subentende *cecini* é ignorar a beleza do hexâmetro, que dispensa completamente o verbo. Assim parece pensar Castilho, que traduz: «Té'qui lavoura e ceos», o que só peca, talvez, por excesso de concisão.

Silvestria virgulta são as plantas novas, ou de pequeno porte, das matas, utilizáveis para tutores secos de vinhas. Às vezes *virgulta* significa «ramos delgados» (vergõntes) ou «rebentos». (Nota a II, 23-24).

O *tecum* do verso II.2 serve porventura para lembrar a íntima ligação — o *consórcio* — da videira com o arrimo (Nota a I.2).

4. *... pater o Lenae ...*

A todos os deuses se conferia o título ritual de *pater*, mas Baco é constantemente chamado *Liber pater*, como Vesta é *Vesta mater* (I.497). O cognome *Lenaeus* é o equivalente latino de *ληναίος*, termo derivado de *ληνός*, a pia destinada a recolher o mosto que escorre das uvas espremidas.

... (tuis hic omnia plena

5. *muneribus, tibi pampineo gravidus autumnus*
6. *floret ager, spumat plenis vindemia labris),*

«Hic», diz Lejay, «significa *neste livro*». Não podemos conformar-nos com esta opinião. *Hic*, em nosso conceito, que concorda com o de Skrine, é o local da cena que Vergílio descreve como um pintor de génio, e que bem pode sentir quem, como o autor

destes comentários, passou a sua mocidade numa região de vinhas. O Poeta transporta-nos a um campo cheio de colorido (a palavra *floret* no-lo indica) quer com os tons das uvas, negras, violáceas, rosadas, verdes, alvadias, quer com os cambiantes das parras que vão passando do verde ao amarelo, ao castanho, ao vermelho; a formar o fundo do quadro, um lagar rústico, onde o mosto novo espuma, e onde prossegue o alegre trabalho da pisa, que o deus amigo é convidado a acompanhar.

9. *Principio arboribus varia est natura creandis.*

21. *silvarum fruticumque viret nemorumque sacrorum:*

Há neste passo uma dificuldade que julgamos não ter sido ainda inteiramente dominada.

No verso II.20 declara-se explicitamente que o que precede é a indicação dos processos *naturais* de formação das árvores (*hos natura modos primum dedit*); e o Poeta enumera tres métodos, embora, na realidade, só haja dois distintos: a propagação a partir de semente, forma normal, e a partir de rebentos.

A propagação a partir de rebentos é descrita nos versos II. 17-19, e exemplificada com a ginjeira, o ulmeiro e o loureiro. Nada aparece, na descrição, que suscite dúvidas.

Quanto ao outro processo — o mais importante, voltamos a acentuar — relata-o Vergílio nos versos II. 10-16, considerando: (1) o nascimento espontâneo das árvores (*aliae, nullis hominum cogentibus ... sponte sua veniunt*), e (2) o nascimento das árvores a partir de semente depositada (?) (*pars ... posito surgunt de semine*). É nesta distinção que reside a dificuldade a que aludimos.

Retomando o que foi dito na Nota a I.22, reiteramos a opinião de que o Poeta emprega a expressão *sponte sua* atribuindo-lhe o mesmo sentido que se contém nos termos *vegetação espontânea*, correntemente usados por botânicos e agrónomos. Trata-se sem dúvida de plantas cuja semente foi disseminada, não pelo homem, mas por outros agentes (vento, aves, insectos). É absurdo afirmar, com Skrine, «Vergil seems to have believed in spontaneous generation». Delille nota sensatamente que supor que os Romanos, observadores perspicazes das cousas da Natureza, não conheciam as vagens da giesta ou as cápsulas do salgueiro, e não sabiam donde as plantas provinham, é simplesmente ridículo.

Nem podemos perder de vista que Vergílio é, no que se refere aos conceitos filosóficos, discípulo de Lucrecio, como este o é de Epicuro. E Lucrecio assegura com decisão que «nada pode nascer do nada»: «*nullam rem e nihilo gigni*»; para que surjam os produtos da terra, «tem a terra de conter os germes desses produtos»: «*esse videlicet in terris primordia rerum*»; o facto de tais germes serem por vezes invisíveis, não significa que não existam:

«*neque forte tamen coeptes diffidere dictis,
quod nequeunt oculis rerum primordia cerni,
accipe praeterea quae corpora tute necessest
confiteare esse in rebus, nec posse videri.*»

Mas o Poeta fala, depois das árvores que se multiplicam espontâneamente, daquelas que *posito surgunt de semine*, e toma para exemplos os carvalhos e os castanheiros. Aqui é que as cousas se complicam. O adjectivo *positus* (participio passado de *ponere*) implica em geral ideia de agência activa; e, aparentemente, «posta», «depositada» ou «colocada» (pela mão do homem) são as traduções apropriadas. *Sponte sua* e *posito* estabelecem um contraste análogo ao que, nos versos I.21-22, existe entre *non ullo semine fruges e satis*.

Delille, que não é profundo em questões agrícolas, mas cuja subtilidade todos reconhecem, explica: «Virgile a marqué les trois manières naturelles dont les arbres peuvent naître, ou d'une semence que le hasard a fait germer, ou d'une semence déposée par l'homme, ou enfin de rejetons».

Tudo isto parece lógico, mas o facto é que os sultos e os carvalhais não provêm em regra de sementeira artificial (embora Columela fale em castinçais semeados). Não é o homem quem *deposita* a semente: esta cae das árvores, ou é transportada pelas aves. E, conscientes disto, numerosos tradutores e comentadores recorrem ao expediente cómodo de interpretar *posito semine* por «semente caída das árvores». Por exemplo: «*posito*, tombée de l'arbre qui la porte» (Lejay); «*posito de semine*, seed dropped from trees, or by wandering birds» (Skrine); «d'une semence tombée à terre» (Billiard); «But others rise from fallen seed» (Royds). O autor da tradução espanhola de Buenos Aires omite o adjectivo *posito*, mas diz: «otros nacen de sembradura». Quanto a Castilho, esquivava-se à dificuldade traduzindo:

« ... Árvores por semente
também as tens sem conto: ... »

Qualquer dos métodos se nos afigura pouco satisfatório. Traduzir *posito* por « caída » não parece muito justificado, embora *positae nives* e *positas pruinas* sejam expressões usadas por Horácio e Propércio; na grande maioria dos casos, *ponere* encerra, como se disse, ideia de agência activa, ao passo que a palavra « cair » evoca passividade: comparem-se as expressões *pôr as cousas no seu lugar* e *cair da boca aos cães*. Repare-se, além disso, em como é manifesto o sentido activo de *ponere* e dos seus compostos em muitos passos das *Geórgicas*: I.182, *posuitque domos*; II.24, *deposuit sulcis*; II.354, *seminibus positis*; II.521, *varios ponit fetus*; II.530, *certamina ponit*; III.76, *mollia crura reponit*; III.116, *impositi dorso*; III.348, *positis castris*; III.490, *impositis fibris*. Até em III.347, *positis exuviis* se pone traduzir por « tendo largado a pele ». Por outro lado, passar em claro a palavra *posito* é fechar os olhos ao facto de que Vergílio quer, indubitavelmente, referir-se a duas cousas diferentes e até contrastantes, como bem mostram os termos *aliae*, no verso II.10, e *pars*, no verso II.14; e a intercalação da conjunção *autem* entre dois grupos de versos (II. 10-13 e II. 14-19).

Savastano entende que se abrangem, na segunda categoria de árvores, as sub-espontâneas: « il *surgunt* vuol dire che vengono su spontanee, cioè non vi è l'azione dell'uomo: il castagno (*Castanea vesca* Gaertn.) e la quercia di Giove a gran fogliame *maxima* (*Quercus robur* L.) e la *Quercus aesculus* L. ». Desta forma obter-se-ia uma boa arrumação: (1) árvores espontâneas, (2) árvores sub-espontâneas e (3) árvores reproduzidas por multiplicação artificial. Mas parece-nos que o que Vergílio diz é bem diferente daquilo que o professor de Portici lê.

A mesma ideia exposta por Savastano é hábilmente insinuada por Osório de Pina. Fala este tradutor das árvores que se propagam espontâneamente, nestes termos:

« Humas sem precisão, nem dependencia
Da industria humana, livres nas campinas,
E nas praias dos curvos rios nascem. »

Ao referir-se, depois, às árvores que Vergílio cita em segundo lugar, diz:

« Outras porém, não tanto independentes... »

A distinção entre árvores espontâneas e sub-espontâneas é, como se vê, marcada pelo *Juiz de Fóra d'Alfandega da Fé* de maneira bastante engenhosa.

Tendo de optar entre duas incertezas, usamos na tradução as expressões « sem intervenção humana » e « colocada pela mão do homem », reconhecendo, porém, que há qualquer cousa que nos escapa, pois não é verosímil que Vergílio ensine que soutos, carvalhais e porventura montados são, *por via de regra*, semeados artificialmente.

9. *natura*

Entendemos por *natura* « as leis da Natureza », « os processos naturais ».

11. ... *camposque et flumina late*
12. *curva tenent, ut molle siler lentaeque genistae,*
13. *populus et glauca canentia fronde salicta;*

Em vernáculo é-se forçado a dizer « ocupam as margens sinuosas dos rios », o que atenua o vigor e prejudica o efeito artístico da expressão *flumina curva tenent*.

Molle siler é provavelmente o *Salix viminalis*, L., de ramos delgados e flexíveis, e por isso adequado para fazer canastras e cestos. Tenore informa que se encontram na Campânia, ao todo, oito espécies do género *Salix*, sendo o *S. viminalis* abundante nas margens do rio Volturno. Também são frequentes na mesma região o *S. alba*, L. e o *S. Capraea*, L. É talvez ao primeiro que se alude no verso II.13, e ao segundo nos versos II.434-436.

As duas espécies de giestas (*genistae*) mais vulgares na Campânia são o *Spartium junceum*, L. e a *Genista tinctoria*, L.; a qualquer delas se pode referir o Poeta.

Encontra-se na Campânia tanto o *Populus alba*, L., como o *P. nigra*, L., sendo a segunda espécie a mais disseminada. Usa-se ainda hoje na região para suporte vivo de cepas, em substituição do negrilho.

15. *castaneae, nemorumque Iovi quae maxima frondet*
 16. *aesculus, ...*

O castanheiro a que o Paeta se refere é, segundo Savastano, a *Castanea vesca*, Gaertn. = *C. sativa*, Miller, a mesma espécie que se encontra em Portugal.

O carvalho de Júpiter deve ser o *Quercus robur*, L., var. *latifolia*. Tenore propôs a criação de uma espécie para incluir o *aesculus Iovi*, à qual deu o nome de *Quercus virgiliana*, Ten. A ideia não logrou aceitação por parte dos botânicos, mas tem certo interesse transcrever a diagnose de Tenore:

«*Q. subsempervirens, excelsa, laete virens; foliis petiolatis late obovatis, basi cuneatis subcordatis inaequalibus, profunde sinuato-lobatis, lobis dilatatis rotundatis emarginatis regularibus, aequidistantibus planis; fructibus ovatis (magnis) subpedunculatis 2-5 congestis, cupulis pubescentibus scabris. In nemoribus mari finitimis et collibus prope Neapolim.*»

... *atque habitae Graeis oracula quercus.*

Não pode conjecturar-se a que espécie pertenceriam os carvalhos de Dodona. A menção destas árvores proféticas deve ser uma reminiscência de passos de poemas gregos, como o da *Odisséia* (Rapsódia XIV, 327-328):

τὸν δ' ἔς Δωδώνην φάτε βήμεναι, ὄραθ' αἰεὶ
 ἐκ ἄρουρ ὑψικόμοιο Διὸς βουλὴν ἐπακρίσαι,

«Disse-me também que / Odisseu / fora a Dodona, para conhecer do divino roble de elevada copa a vontade de Zeus...»

17. *pullulat ab radice aliis densissima silva,*
 18. *ut cerasis ulmisque: etiam Parnasia laurus*
 19. *parva sub ingenti matris se subicit umbra.*

Os rebentos, ou sejam os ramos oriundos de gomos adventícios ou dormentes, quando aparecem na touça ou nas raízes das árvores, denominam-se em português *pôlas*, termo directamente aparentado com o matim *pullum*. Desta palavra derivam os verbos *pullare* e *pullulare*.

A cerdeira brava (*Prunus avium*, L.), o ulmeiro (*Ulmus campestris*, L.) e o loureiro (*Laurus nobilis*, L.) são bem escolhi-

dos como exemplos de árvores em que a formação de pôlas é abundante e que facilmente se propagam por meio destes rebentos.

Em geral traduzem-se os versos II.18-19 por: «o loureiro do Parnaso, que cresce sob a protecção da vasta sombra da mãe». Afigura-se-nos que o sentido é outro: «o rebento eleva-se» (o prefixo *sub* em *subicit* indica movimento de baixo para cima, como também em *subit*, I.152, e *subiectat*, III.241) «já ansioso, quando ainda é pequeno, por se libertar da sombra que a árvore mãe projecta sobre ele», e cuja influência é nociva, como se acentua incisivamente nos versos II.53-55.

Silva e *frutex* designam povoamentos de árvores e arbustos; *nemus*, ainda que desacompanhado de epíteto, é nome habitualmente reservado para um bosque sagrado.

22. *sunt alii, quos ipse via sibi repperit usus.*

Em contraste com os processos naturais antes descritos, citam-se a seguir os métodos *artificiais* de reprodução das plantas, que o homem encontrou utilizando a observação e a experiência.

23. *hic plantas tenero abscindens de corpore matrum*
 24. *deposuit sulcis, ...*

Vemo-nos em dificuldades para compreender os comentários do Prof. Savastano sobre este passo. Para ele, a frase acima transcrita descreve a propagação por estacas: «recidendo dei rami nella parte tenera della madre; cioè nella parte legnosa quasi verdeggiante dell'albero, e poi si interrano nei solchi: cioè nel piantonaio e non a dimora: tale è la talea comune» (*Studi Virgiliani*, pág. 44).

Quase todos, senão todos os outros comentadores, entendem que se trata, não de estacas, mas de rebentos. Com efeito, estes são arrancados, e por isso se usa o verbo *abscindere*, ao passo que, se fossem cortados, se diria antes *abscidere*: compare-se com II.300, em que se emprega o verbo *defringere*, «quebrar». Este mesmo facto explica a expressão *tenero de corpore*, que, segundo Conington, sugere um tratamento *cruel* para a árvore mãe. Por outro lado, a palavra *plantae* parece mais apropriada para designar os rebentos, peças delicadas, convindo melhor o termo *stirpes* para as estacas, mais espessas e robustas. O próprio Savastano, na

pág. 47 da obra citada, aponta a correspondência entre *plantae* e pôlas, contradizendo assim a sua primeira asserção.

Lucrécio alude á colocação. em covas ou valas, de *virgulta* (Nota a II.1-3), que Ernout traduz, correctamente em nossa opinião, por «jeunes pousses encore tendres»: «...nova defodere in terram virgulta».

... hic stirpes obruit arvo
25. quadrifidasque sudes et acuto robore vallos.

Considera Savastano que neste passo se alude às pôlas, ao invés da maioria dos comentadores, que presumem, a nosso ver com razão, tratar-se de estacas. Certamente as *quadrifidas sudes* eram estacas grossas fendidas longitudinalmente de modo a dividirem-se em quatro partes: durante muito tempo persistiu esta prática (Dalla Bella cita-a, e Billiard relata que só há pouco tempo foi abandonada em França), inteiramente condenável, visto que cada uma das partes que se separavam ficava com duas faces desprovidas de casca.

Temos a convicção de que *acuto robore vallos* são tanchoeiras, aguçadas na extremidade inferior para melhor se fixarem ao terreno. Esta precaução seria inútil se, ao proceder-se ao enchimento das valas, as tanchoeiras estivessem já disponíveis; mas o mais vulgar é ser difícil obter, de uma só vez, todas as que se pretende plantar; e, sendo assim, explica-se que se abicassem aquelas que se iam cravar em terra já um tanto consolidada, algum tempo depois de efectuada a surriba.

26. silvarum aliae pressos propaginis arcus
27. expectant et viva sua plantaria terra.

Estes dois versos referem-se à mergulhia total, ou *comeação*, muito praticada na antiga Itália, sobretudo para a retanção de vinhas (Nota a II.63-64). O processo é assim descrito por António Augusto de Aguiar: «Para fazer mergulhia deixa-se a cepa com todo o varedo, isto é, não se lhe toca na ocasião da poda. No ano seguinte abre-se uma cova junto da cepa, que é destinada a fornecer as pontas da mergulhia; a cova aberta no solo deve ter tantas voltas ou sinuosidades quantas são as pontas que depois de mergulhadas têm de ficar no alinhamento da vinha; cortam-se algumas pequenas raízes, conservando as principais com toda a

cautela, tomba-se a cepa velha, estendendo-a no fundo da cova feita, e dirige-se cada um dos pâmpanos mais vigorosos para o ponto em que devem ficar. Depois de se lhe deitar meias terras fica a cova tapada até metade ou dois terços, e deixa-se ficar cada uma das novas varas só com dois olhos. Assim se abandonam até rebentarem, e logo que as varas se acham desenvolvidas, o que acontece em Maio ou Junho, acaba-se de entulhar as covas, o que se chama (no Cartaxo) *entulhar as covas da novidade*, colocando um tutor a cada uma das novas varas».

28. nil radicis egent aliae summumque putator
29. haud dubitat terrae referens mandare cacumen.

Aqui a referência é em especial às estacas lenhosas, quer se trate da *estaca simples*, quer da *estaca-cruzeta*, a primeira um ramo sem ramificações, a segunda (chamada pelos Romanos *malleolus*, donde vem o italiano *magliolo*) um ramo nas mesmas condições, mas tendo aderente, na sua extremidade inferior, um pedaço de outro ramo, do ano precedente ou mais antigo, em que estava inserido, colocado mais ou menos ortogonalmente.

A estaca-cruzeta — no caso da vinha o bacelo com talão — é instantaneamente recomendada por Columela, e ainda hoje muitos autores (Sancini, Cetolini, Chancrin, Cavazza, etc.) lhe atribuem vantagens; outros, como Pereira Coutinho, Guyot e Hughes, apontam-lhe inconvenientes sérios, entre os quais o apodrecimento rápido da cruzeta, que se propaga por vezes à base do bacelo. Marcilla entende que não vale a pena discutir os benefícios que derivam das estacas-cruzetas, em virtude dos prejuízos provocados nas videiras onde elas se cortam.

O Poeta exprime certa surpresa (*haud dubitat*) pelo facto de poder servir para estaca um ramo situado na parte mais alta de uma árvore, por se supor que seria reduzida a sua vitalidade, visto estar muito afastado da raiz. Em II.300 recomenda-se que não se escolham rebentos altos, pela mesma razão (*ne... summa defringe ex arbore plantas*).

De um modo geral, a doutrina moderna confirma que há vantagem em preferir às estacas cimeiras as das formações laterais, em que o crescimento é mais lento, e onde por esse motivo se acumulam os hidratos de carbono em maior quantidade. Tal facto confere às estacas cortadas dos ramos laterais um mais largo período de autonomia.

Tratando-se da vinha, as opiniões são muito variadas, quanto à região da vara que deve ser escolhida para a propagação; mas as de maior peso inclinam-se para a regra de rejeitar estacas retiradas da parte superior dos sarmentos. Para Pereira Coutinho « são melhores as / estacas / do meio da vara, de mediana grossura, porque as mais grossas, da base, têm mais dificuldade em enraizar, e as muito delgadas, da ponta, correm maiores riscos de secar, antes de poderem emitir raízes »; para Marcilla, também « ... as melhores estacas são as obtidas da parte média do sarmento, devendo desprezar-se uma boa porção da ponta ... ». Os trabalhos experimentais de Colman e Richey confirmam este modo de ver, e, incidentalmente, o conceito de Vergílio.

30. *quin et caudicibus sectis (mirabile dictu)*
31. *truditur e sicco radix oleagina ligno.*

O adjectivo *sicco* aposto a *ligno* deve ser tomado, diz Savastano, no sentido de « relativamente enxuto » (em comparação com os ramos verdes mais aquosos), porquanto o tronco vivo nunca é completamente seco. *Caudex* pode significar o « fuste » ou a « touça »; ambos lançam raízes quando transplantados; mas o que geralmente se usa nos olivais da Campânia são pedaços de tronco, ou então pernadas grossas.

32. *et saepe alterius ramos impune videmus*
33. *vertere in alterius, mutataque insita mala*
34. *ferre pirum ...*

O Poeta define a enxertia e exemplifica-a em primeiro lugar com o enxerto de macieira em pereira, perfeitamente possível (a-pesar do que afirmam muitos comentadores), como se verifica em alguns pontos da região do Douro. A notar que no latim clássico *pomus* é a árvore (nome feminino) e *pomum* o fruto (nome neutro); assim, *pirus* é a pereira, e *pirum* a pera; *malus* a macieira, e *mala* as maçãs.

... *et prunis lapidosa rubescere corna.*

Enxertar *Prunus* em *Cornus* é, senão impossível, extremamente difícil: os dois géneros pertencem a famílias distintas, *Rosáceas* e *Cornáceas*. Savastano, especialista em arboricultura, e, para mais, muito familiarizado com a flora da Campânia, explica o passo do seguinte modo: na região, o género *Cornus* está representado por

duas espécies, o *C. mas*, L., e o *C. sanguinea*, L. (o nosso *sanguinho legitimo*), a primeira com frutos negros, a segunda com frutos vermelhos. São estes últimos frutos — drupáceos, e parecidos com abrunhos — que dão aspecto novo às árvores da espécie *C. mas*, quando enxertadas com *C. sanguinea*.

35. *proprios generatim discite cultus*

Generatim é um advérbio de cunho erudito de que Lucrécio faz grande uso. O conselho do Poeta é que se dê a cada género de árvore o tratamento que ele requiere; atribuindo-se, bem entendido, à palavra *género* o sentido vulgar, e não o que ela tem em taxonomia. *Genus*, nas *Geórgicas*, quase sempre corresponde a *variedade* ou a *casta*.

36. *fructusque feros mollite colendo,*

Compare-se com este passo o de Lucrécio;

« ... *fructusque feros mansuescere terram
cernebant indulgendo blandeque colendo.* »

Tanto aqui, como em II.47-52, Vergílio estabelece doutrina sobre a questão da origem e evolução das árvores de fruto, e, de um modo geral, das plantas cultivadas. Para ele, como para os seus mestres Teofrasto e Lucrécio, as qualidades originais das plantas eram susceptíveis de melhoramento progressivo sob a influência da cultura, ideia retomada, nas suas linhas gerais, pela Escola Russa moderna. Os amanhos, os grangeios, a poda, a enxertia, etc., constituiriam pois como que métodos educativos por meio dos quais o ser selvagem primitivo (*silvestris animus*) se transformava num *ente civilizado*, por assim dizer. Proceder a estes trabalhos era, na verdade, *remar contra a maré* (I.199-203), porque a Natureza obriga à degenerescência; mas era também a condição do homem, e o dever do agricultor.

37. *Ismara*

Montanha da Trácia. Foi com vinho do Ismaro que Ulisses empiteirou o Ciclope:

ἀτὰρ ἄγειον ἀσκήν ἔχον μέλας οἶνος,
ἠδέος, ὃν μοι δῶκε Μάρων, Εὐάνθεος υἱός
ἱεὺς Ἄπολλωνος, ὃς Ἴσμαρον ἀμφιβεβήκει.

«levando conosco um odre de pele de cabra com saboroso vinho tinto, o qual me havia dado Máron, filho de Evantes e sacerdote de Apolo, o deus tutelar do Ismaro...» (*Od.*, IX. 196-198).

38. *Taburnum*

Um dos mais belos montes da Campânia. Pouco fértil, e exposto às intempéries, não seria tarefa fácil povoá-lo de olival (Savastano).

43. *non, mihi si linguae centum sint oraue centum,*

O exagero seria talvez de gosto duvidoso, se não se tratasse da imitação propositada de um passo de Homero muita vez citado (*Il.*, II. 488-490):

πληθὺς δ' οὐκ ἐν ἐγὼ μυθήσομαι, οὐδ' ὄνομήνω.
οὐδ' εἰ μοι δέκα μὲν γλώσσαι, δέκα δὲ στόματ' εἴεν,
φωνὴ δ' ἄρηκτος, χάλχρον δὲ μοι ἦτορ ἐνεῖν.

«ainda que se abrissem em mim dez bocas e me nascessem mais nove línguas, e meu peito fosse de bronze e nunca me faltasse o fôlego».

Pérsio (V.1-2) permite-se trocar dos dois poetas máximos, nestes termos:

«*Vatibus hic mos est, centum sibi poscere voces,
centum ora, et linguas optare in carmina centum,*»

47. *Sponte sua quas se tollunt in luminis oras,*82. *miraturque novas frondes et non sua poma.*

Nos versos II.47-56 fala-se das árvores que nascem espontaneamente; em II.57-62 das que provêm de sementes colocadas pelo homem; finalmente em II.68-82 discutem-se os processos de propagação artificial. Veja-se como a disposição da matéria é paralela à adoptada nos grupos de versos II.10-13, II.14-21 e II.22-34.

A expressão *luminis oras* é muito característica de Lucrécio, que por vezes lhe dá um sentido filosófico: «a fronteira do ser e do não ser». Aparece já em Ênio (*Ann.* 114):

«... *tu produxisti nos intra luminis oras*»

47. *Sponte sua*

As árvores espontâneas provenientes de semente são, incontestavelmente, vigorosas (*laeta et fortia*); mas são, ao mesmo tempo, *infecundas*, isto é, não produzem bons frutos. Para, mantendo-se aquela virtude, se corrigir esta deficiência, é necessário, segundo Vergílio, *inserere heac / arbores / ; mandare mutata scrobibus subactis*; e aplicar-lhes *frequens cultus*. O Poeta considera pois o que actualmente se chama a *enxertia*, a *plantação*, e os *amanhos* e *granjeios*. Examinemos estes métodos de educação — chamemos-lhes assim, para melhor nos identificarmos com o pensamento de Vergílio — reportando-nos ao que se passa numa exploração arborícola moderna bem conduzida.

«A criação e a educação da árvore na primeira idade» — servimo-nos das próprias palavras do Prof. Joaquim Rasteiro — «faz-se no *viveiro*, que compreende um *seminário* e um *plantório*. Aquele é uma parcela de terreno onde germinam as sementes; este é outra parcela destinada à *plantação* das arvozinhas que provêm da sementeira».

Por vezes, é ainda no viveiro que se procede à enxertia. Define-a Rasteiro como «a operação que tem por fim essencial converter uma árvore noutra, mudando-lhe a copa»: perpassa, nesta linguagem moderna, o eco das palavras de Vergílio, *alterius ramos... vertere in alterius* (II.32-33). Outros trabalhos se praticam nos viveiros, idênticos aos que se executarão no pomar definitivo, e a que adiante se faz referência; e o resultado das várias operações, e especialmente da enxertia, é ir-se transformando a minúscula árvore selvagem num organismo vegetal muito mais dócil e perfeito, subordinável à disciplina e capaz de dar maior, e, sobretudo, melhor produção.

Entretanto, no local destinado ao pomar, procede-se à *surriba*, «operação que mobiliza profundamente o solo, preparando assim uma camada de fácil penetração às raízes das plantas» (Rasteiro). A *surriba* pode ser total, ou reduzir-se, como era vulgar no tempo de Vergílio, à abertura de covas ou valas (*scrobes*), que são estrumadas, como já aconselhava Catão. Em época oportuna (outono, inverno, primavera, conforme as regiões) transportam-se as árvores do plantório para as covas: é o que se chama a *plantação*.

O pomar definitivo é o meio onde as árvores vão viver uma vida civilizada, em contraste com a liberdade selvática da árvore espontânea abandonada a si própria. É um meio *social*, onde os indivíduos, em troca da farta alimentação e dos desvelados cuidados que recebem, ficam sujeitos a uma apertada disciplina, a um conjunto de severas regras que o agricultor aplica com autoridade ditatorial: *dura exercet imperia*.

Além dos granjeios e amanhos da terra (*adubação, encaladeira, amontôa, cava* ou *lavra, sachas*, etc.), além da *rega*, sucedem-se as operações que incidem sobre as próprias árvores, tais como a *poda*, a *empa*, a *espoltra*, a *desponta*, a *capação*, a *desfolha*, etc., sem contar com a enxertia e as operações de multiplicação, que tanto podem executar-se no pomar definitivo como no viveiro. A poda, em particular, tem uma bem marcada acção disciplinadora: «é o conjunto de cortes executados numa árvore com o fim de lhe regularizar a produção, aumentar e melhorar os frutos, mantendo o completo equilíbrio entre a frutificação e a vegetação normal, e também com o fim de ajudar a tomar e a conservar a forma própria da sua natureza, ou até de a sujeitar a formas consentâneas com os propósitos económicos da sua exploração» (Rasteiro). Pormenorizando, de acordo com as conclusões de Bailey, são os seguintes os objectivos da poda: (1) modificar o vigor da árvore; (2) produzir frutos maiores e melhores; (3) manter a árvore dentro dos limites de uma estatura e configuração manuseáveis; (4) modificar a tendência da árvore para lançar mais ou menos ramos de madeira ou de fruto; (5) suprimir ramos supérfluos e doentes; (6) facilitar a colheita e os tratamentos; (7) facilitar os amanhos do solo; (8) levar a árvore a uma forma desejável.

Assim se dá a passagem da vida livre, mas inútil, da árvore bravia, para a vida gregária e produtiva da árvore domesticada, em perfeito paralelo com o que sucede com os animais e com o homem.

Completa Vergílio a sua admirável síntese com a observação (que Savastano qualifica de *preciosa*) do que acontece aos rebentões radicais de muitas árvores, que é forçoso afastar da planta-mãe, contra o que pareceria natural: só transportados para campo aberto podem prosperar; se se deixarem abrigados pela mãe, depressa a sombra desta os sufoca, a menos que ela própria se definhe.

57. *seminibus iactis*

«Árvore proveniente de semente, mas que se abandonou a si própria, cresce com lentidão, e fatalmente degenera». Aqui retoma o Poeta a teoria pessimista condensada nos versos I. 199-203, a que constantemente se mantém fiel. Só com a intervenção activa do homem, à força de muito trabalho e de muita despesa, se tornará produtiva a árvore que cresceu a partir de semente; reproduz os caracteres da *espécie*, mas é incapaz de conservar os da *variedade*, como sejam frutos de maior volume, melhor conformação e mais apurado sabor.

Tratando-se da vinha, a que se refere o verso II.60, é fora de dúvida que a cepa que provém de semente é lenta no crescer (*tarda venit*) e degenera com facilidade (*degenerant sucos oblita priores*). Por isso a multiplicação da videira por via de semente poucos resultados práticos tem dado, embora alguns se possam citar, como a obtenção da casta *Moscatel de Saumur*.

63. *sed truncis oleae melius, propagine vites*64. *respondent...*

É inteiramente exacto que os processos de propagação a adoptar devem variar consoante a árvore de que se trata. *Trunci* podem ser *tanchoeiras*, ramos grossos e compridos (um metro e meio ou dois metros, em geral) como entre nós se empregam na multiplicação da oliveira, e se usam também no Venafro, segundo refere Savastano. Com efeito, a palavra *truncus* não se reserva exclusivamente para designar o fuste; aplica-se por vezes a uma pernada. Supomos, como dissemos já, que *trunci* são os *acuto robore valli* de II.25.

Acerca da preferência pelas tanchoeiras, vem a propósito citar um passo de Mendo Trigoso, extraído de uma das *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências*: «As estacas podem ser de varias maneiras; as melhores serão as plantadas em viveiros, e cortadas poucas pollegadas fóra da terra; pois que assim lançando raizes, arrebentão com mais vigor em huma vergonteia direita, valente, e sem contaminação alguma, a qual depois se transplanta para o lugar onde deve ficar: o outro methodo (que he o mais usado entre nós) consiste em cortar estacas grandes, que se plantão logo d'huma vez, nos sitios que lhes são destinados: quanto maiores são estas estacas (vulgarmente chamadas tanxoeiras) tanto melhores se reputão, e maior preço tem...»

A mergulhia (*propago*) é, como antes se apontou (Nota a II. 26-27), um meio de repovoar rapidamente as vinhas rareadas. Com razão diz Vergílio que é um processo de multiplicação artificial próprio para a vinha: com efeito, pouco se usava, até época recente, em arboricultura fruteira.

... *solido Paphiae de robore myrtus*

A murta (*Myrtus communis*, L.) multiplica-se a partir de estaca lenhosa; *solido robore* identifica-se com as *stirpes* de II. 24. Savastano diz que a murta de Pafos é talvez uma especialidade que ele não conseguiu determinar; pela nossa parte, supomos que se trata de um simples epíteto ornamental: a murta era (Nota a I. 28) consagrada a Venus, e Pafos era a moradia preferida da graciosa deusa.

65. *plantis et durae coryli nascuntur et ingens*
 66. *fraxinus Herculeaeque arbor umbrosa coronae,*
 67. *Chaoniique patris glandes; etiam ardua palma*
 68. *nascitur et casus abies visura marinos.*

Entre as árvores que se reproduzem por meio de rebentos, Vergílio cita em primeiro lugar uma das mais típicas, a aveleira (*Corylus Avellana*, L.), banida das vinhas (II. 299) talvez por esse motivo, e a seguir o freixo, cujo epíteto, *ingens*, leva a crer que se trate do *Fraxinus excelsior*, L., ao passo que o *ornus* de II. 71 e II. 111 será, porventura, o *F. ornus*, L.. Menciona-se também a árvore com cuja folhagem Hércules fez uma coroa ao sair dos Infernos (*populus Alcidae gratissima*, Ecl., VII. 61), ou seja o choupo, *Populus alba*, L. (o qualificativo *umbrosa* não parece ser dos mais apropriados). Faz-se ainda referência ao carvalho de Jove (*Quercus robur*, L.), à tamareira (*Phoenix dactylifera*, L.), e a um abeto próprio para a construção naval, possivelmente o *Abies pectinata*, D. C.

69. *inseritur vero et fetu nucis arbutus horrida,*
 70. *et steriles platani malos gessere valentis,*
 71. *castaneae fagos; ornusque incanuit albo*
 72. *flore piri, glandemque sues fregere sub ulmis.*

A enxertia, à qual já fora feita uma primeira alusão em II. 32-34, é agora discutida a fundo nos versos II. 69-82. Mas há um contraste acentuado entre a descrição muito exacta da técnica

da operação em II. 73-82 e a enumeração, em II. 69-72, dos diversos resultados a que a enxertia pode conduzir. Consideremos em primeiro lugar estes últimos.

São cinco os exemplos de associação por via de enxerto entre duas árvores que o Poeta nos apresenta, dando como certo que em cada caso se obtém *pegamento*, isto é, que os indivíduos heterogêneos provenientes da referida associação têm possibilidade de viver e prosperar. A saber: (1) medronheiro (*Arbutus unedo*, L.) em nogueira (*Juglans regia*, L.); (2) plátano (*Platanus orientalis*, L.) em macieira (*Pirus malus*, L.); (3) fália (*Fagus silvatica*, L.) em castanheiro (*Castanea vesca*, Gaertn.); (4) freixo (*Fraxinus ornus*, L.) em pereira (*Pirus communis*, L.); (5) ulmeiro (*Ulmus campestris*, L.) em carvalho (*Quercus*).

Normalmente, só a combinação mencionada em terceiro lugar pode realizar-se com êxito. Entre *cavalo* e *garfo* tem de haver correspondência de características fisiológicas e bioquímicas traduzida pelo que denomina *afinidade*, suficiente para que seja viável e duradoura a união das plantas; *facillime coalescunt quibus eadem corticis natura, quaeque pariter florentia eiusdem horae germinationem succorumque societatem habent* (Pl., XVII, 163); e, como é natural, a afinidade relaciona-se, pelo menos até certo ponto, com o grau de parentesco botânico dessas plantas: *videndum qua ex arbore in quam transferatur: non enim pirum recipit quercus...* (Varr., I, 40). Em regra, enxertam-se facilmente uma na outra duas plantas de variedades diferentes da mesma espécie; mais dificilmente plantas de espécies distintas do mesmo género; mais dificilmente ainda plantas de géneros diversos, sobretudo se não pertencerem à mesma família.

Nos tempos modernos tem-se estudado a afinidade com grande interesse, mas o que principalmente se pretende é averiguar das relações entre variedades da mesma espécie, atentando sobretudo nos casos de combinação em que a percentagem de *pegamentos* é razoável, e em que o comportamento cultural dos produtos é satisfatório. Contudo as enxertias *heterogêneas* (chamemos assim as que se efectuam entre indivíduos de famílias diferentes) não deixam de ser possíveis, e por vezes de dar número relativamente elevado de *pegamentos*. Conforme relata o Prof. Dr. Branquinho de Oliveira, existem no concelho de Santa Comba Dão bastantes castanheiros enxertados em *Quercus suber*, «em boa produção, dando castanhas em nada inferiores, antes

pelo contrário, às das árvores donde foram tirados os garfos». Estas árvores, que já passaram dos 18 anos de idade, resistiram ao ciclone de Fevereiro de 1941, que na região fez sentir os seus efeitos com grande violência.

Dos cinco exemplos de enxertias citados por Vergílio, quatro dizem respeito à associação de árvores de famílias botânicas distintas: (1) *Ericácea - Juglandácea*; (2) *Platanácea - Rosácea*; (4) *Oleácea - Rosácea*; (5) *Ulmácea - Castanácea*. Apenas a fâia e o castanheiro pertencem à mesma família, a das *Castanáceas*.

Causa surpresa o facto de Vergílio descrever, nos quatro magníficos versos a que esta nota se refere, associações vegetais que só excepcionalmente poderiam realizar-se por via de enxerto. E ocorre, em primeiro lugar, perguntar: poderiam elas operar-se por qualquer outro processo? A resposta de Savastano a esta pergunta é francamente afirmativa. Segundo o professor da Escola de Portici, cuja opinião coincide com a do comentador Waltz, Vergílio relata-nos simples casos de *epifitismo*, não muito frequentes (e por isso mesmo de molde a despertar a atenção) nas regiões temperadas, mas vulgaríssimos nas zonas tropicais. No tronco de uma árvore velha abre-se uma fenda, que alarga de ano para ano; forma-se uma cavidade: esta cavidade enche-se de terra, que o vento para lá conduz, e de detritos que o tronco cariado fornece; casualmente cae nesse meio, rico em princípios nutritivos, uma semente; germina, lança uma plântula que se desenvolve; e, ao fim de algum tempo, é uma árvore que, aparentemente, nasce de outra árvore, com a qual não tem o menor parentesco: um pinheiro, por exemplo, sae da pernada de uma azinheira, como se pode ver, aqui e ali, em montados do Alentejo; ou uma oliveira brota de uma alfarrobeira; etc. Para Savastano, o erro — um dos raríssimos erros do Poeta — consiste apenas na interpretação defeituosa do facto: «Virgilio determina con esattezza l'epifitismo, ma non lo precisa».

Não ficamos, porém, convencidos com a explicação do cientista italiano. A custo podemos resignarmo-nos a admitir que Vergílio — que tantas vezes se revela observador arguto e estudante consciencioso da biologia das plantas e dos animais agrícolas — fosse iludido pelos casos de epifitismo, cuja origem para ele era tão aparente como para nós. Certamente haveria, em Itália, árvores nascendo em edifícios, como a oliveira e a figueira que cresceram no cimo das torres da igreja de Samora Correia; e é

evidente, até para um observador de medíocre penetração, que, se árvores podem surgir das pedras, podem também criar-se nos troncos de outras árvores.

Talvez — apresentamos uma mera hipótese — o Poeta cite exemplos de enxertias difíceis e raras (mas não impossíveis) referidas por autores antigos, cujas obras não chegaram até nós, mas que com certeza ele, erudito profundo como era, conhecia em todos os seus pormenores. Recordemos a extensa bibliografia agrícola que Varrão aponta no seu tratado: é admissível que alguns dos velhos geopónicos registassem casos anómalos de enxertia, do mesmo modo que mencionam estranhos exemplos de reflorescência: e acreditamos sem grande esforço que Vergílio tenha respigado em obras antigas, de muitas das quais só conhecemos os nomes dos autores, a notícia dos enxertos a que alude, escolhendo precisamente os mais curiosos e imprevistos, e portanto os mais apropriados para pôr em relevo as *possibilidades* da operação cuja técnica a seguir nos indica (Diófanes, citado por Voss, falava na enxertia de plátano em macieira, uma das que Vergílio enumera). É facto que Varrão e Teofrasto, ambos autoridades a que Vergílio com frequência se arrima, só dão como viáveis as enxertias entre indivíduos de espécies próximas; mas Columela, que escreveu mais tarde, insurge-se contra esta opinião.

73. *Nec modus inserere atque oculos imponere simplex.*

82. *miraturque novas frondes et non sua poma.*

Vergílio descreve dois métodos de enxertia — provávelmente os mais usados — com impecável rigor: a *inoculatio* (II. 74-77) e a *insitio* (II. 78-80), isto é, o enxerto de *escudo* e o de *fenda*. O primeiro é um enxerto *de gomo destacado*: o indivíduo que se enxerta no outro é representado pelo escudo (um ou mais gomos inseridos no mesmo nó) que se separa de um ramo da árvore-mãe (*alieno ex arbore germen*) e se aplica por deslizamento (*includunt*) debaixo da casca levantada do cavalo, numa cavidade apertada (*angustus sinus*). A incisão para permitir o acesso a esta cavidade executava-se no próprio sítio onde um olho fazia saliência (*in ipso nodo*): hoje prefere-se fazer o corte um pouco abaixo ou um pouco acima do referido olho. As *tenues tunicas* são os tecidos (colênquima e parênquima) que se encontram sob a epiderme da casca: as palavras *udo libro* designam a zona de regeneração dos

tecidos, onde o liber está imbebido em câmbio. A incorporação da borbulha no porta-enxerto é bem definida pelo verbo *inolescere*.

O outro método descrito — o mais vulgar entre nós — é de *ramo destacado*: efectua-se decepando um tronco, ou um ramo grosso (já se notou que *truncus* pode ter uma ou outra acepção) em que não haja nós (*enodes*) e talhando nele uma fenda, que se mantém aberta por meio de uma cunha. Como observa Savastano, a precisão de Vergílio é admirável: convém que o cavalo seja liso, sem nós, porque, se os houver, a fenda, topando com um deles, torcer-se-á, e não se conseguirá encastrar bem o garfo. Insere-se então (*immittuntur*) o ramo com um ou mais gomos (*feraces plantae*) antecipadamente separado da árvore-mãe, e retira-se a cunha, deixando os bordos da fenda fechar sobre o garfo.

Em todo o passo, é maravilhoso o poder descritivo do Poeta, que confere à arvore enxertada faculdades humanas para ver e sentir. «Não passa muito tempo: e eis que uma grande árvore se lançou para o ceu (repare-se no emprego do pretérito perfeito, *exiit*, para exprimir a rapidez dos acontecimentos); e agora que cresceu, está assombrada (note-se a reversão para o presente, *miratur*) talvez não tanto com as folhas, que não diferem muito das que tinha antes de enxertada, como com os frutos, *que não reconhece como seus*, porque os que antes produzia eram bravios, e os novos são grados e saborosos».

83. *Praeterea genus haud unum*

Vergílio chama atenção para a multiplicidade das raças de árvores e arbustos. A palavra *genus* corresponde em geral, nas *Geórgicas*, a *variedade* (Nota a II.35), mas por vezes a *espécie*. Assim, de ulmeiro há na Campânia duas espécies, o *Ulmus campestris*, L. e o *U. suberosa*, Ehrh., esta última pouco frequente; o género *Salix* é representado na mesma região por sete ou oito espécies. O lodão, se é, como supomos, o *Celtis australis*, L., tem muitas variedades; mas a respeito do *lotus* dividem-se as opiniões: para Savastano é o *Dyospirus Lotus*, L.; para Skrine, o *Ramnus Lotus*, L.; para Billiard, o *Zizyphus vulgaris*, Desf.; etc. O cipreste (*Cupressus sempervirens*, L.) é denominado *Idaeus cyparissus* por ser originário do Monte Ida, em Creta (não da montanha do mesmo nome, na Frígia).

86. *orchades et radii et amara pausia baca,*

Vergílio cita apenas tres castas de oliveiras, mas no seu tempo já se distinguiam umas quinze. As *orchades* derivavam o nome de *ὄρχις*, por serem redondos os seus frutos; as azeitonas *radii* eram alongadas, em forma de lançadeira; *pausia* era uma azeitona reservada exclusivamente para a extracção do azeite, a qual se colhia um pouco *sobre o verde*, e daí a expressão *amara baca*.

87. *pomaque et Alcinoi silvae*

Os frutos dos pomares de Alcínoo são os produtos de todas as fruteiras. Alcínoo era o rei da Feácia, que deu hospitalidade a Ulisses; o seu esplêndido palácio e os seus magníficos pomares são objecto de uma das mais célebres descrições da *Odisséia* (VII. 84-132). Savastano estabelece paralelo entre os jardins de Alcínoo, o horto de Corício (IV. 125-148) e a vinha de Renzo: «tre orti agricoli classici insuperati ed insuperabili». Sem querer contestar o interesse agrícola e botânico da descrição de Manzoni, afigura-se nos que não é ela que pode emparelhar-se com as de Homero e Vergílio, mas sim a dos pomares da *Ilha dos Amores*, traçada por um Poeta igualmente genial.

88. *Crustumiiis Syriisque piris gravibusque volaemis.*

Crustumium era uma cidade da Sabina, sobre o Tibre. A pera síria, muito afamada, chamava-se também *Tarentina*. *Volaema* é palavra de derivação e sentido incertos; alguns querem relacioná-la com *vola*, a palma da mão.

89. *arboribus*

Arbores, aqui, como também em II.267, II.278, II.290, etc., são os suportes vivos das vinhas de enforcado (negrilhos, choupos, etc.).

90. *quam Methymnaeo ...*

Nos versos II.90 a II.102 citam-se variadas castas de videiras que é completamente impossível identificar com segurança. Mas interessa mais notar a arte consumada com que cada uma é caracterizada por meio de um epíteto apropriado, ou de uma incisiva e elegante frase. Transcrevemos, a este propósito, as observações de d'Hérerville: «Pour divers motifs / Virgile / renonce à dresser

une liste exhaustive; il égrènera seulement un certain nombre de noms propres, point du tout pris au hasard de la mémoire, ni selon les besoins de la métrique, mais sciemment triés, entrelaçant, avec une souple fantaisie, raisins de cuve et raisins de dessert, noms de crus et noms de plants, épithètes de qualité et termes géographiques, mots exotiques et dénominations latines. En un inventaire forcément restreint, mais capable de donner au lecteur une initiation suffisante, le poète mentionne des variétés indigènes ou censées, la *Rhetica*, par exemple, et surtout ces vignes *aminnées* que, depuis Caton jusqu'à Saint Isidore de Séville, les auteurs ont constamment vantées comme préférables à toutes par la qualité de leur vin et leur facilité d'accommodation aux terrains et aux climats. Mais les plants étrangers ont leur tour, notamment ceux de îles grecques, Lesbos (Méthymne), Thasos, Chio, Rhodes. Les vignes de Tmolus représentent la Lydie; la variété blanche du Maréotis honore l'Égypte... Les *preciae* (hâtives) sont vraisemblablement une variété spéciale, décorée, em guise de nom propre, de l'épithète qui leur revenait par excellence. D'autres sont désignées par la couleur des grains, comme les *purpureae*, et probablement cette *Argitis*, dont le nom, grec d'origine, évoque une idée de blancheur; peut-être aussi la *lageos*, couleur de lièvre. Quant au *bumastus*, nul doute qu'il ne doive son surnom à sa forme et à son imposant volume...»

93. *et passo psithia utilior tenuisque lageos*

Psithia e *lageos* (de ἰάγειος, cor de lebre) podem ser nomes de vinhos, ou de castas de videiras. Presumimos que se trate de castas gregas já aclimatadas em Itália, e que *tenuis* se refere às dimensões do bago da segunda. Outros supõem que *tenuis* signifique «delgado», e sirva de epíteto ao vinho: o que não se ajusta à indicação, no verso seguinte, de que a sua graduação alcoólica seria elevada.

100. ... *aut totidem durare per annos*

A conservação dos vinhos era para os Romanos um problema grave, que só se resolvia elevando ao máximo a graduação alcoólica (Notas a I.9 e II.408-410).

109. *Nec vero terrae ferre omnes omnia possunt.*
 110. *fluminibus salices crassisque paludibus alni*
 111. *nascuntur, steriles saxosis montibus orni;*
 112. *litorâ myrtetis laetissima; denique apertos*
 113. *Bacchus amat collis, Aquilonem et frigora taxi.*

O verso II.109 repete a exposição da doutrina já expressa em I.53-55, considerando em especial o *habitat* preferido pelas diversas árvores. As que o Poeta cita, os *Salices*, os amieiros (*Alnus glutinosa*, L., ou *A. cordifolia*, D.C.), os freixos (*Fraxinus ornus*, L. e *F. excelsior*, L.), a murta (*Myrtus communis*, L.), os teixos (*Taxus baccata*, L.), são, declara Savastano, características do ambiente local (Campânia). A notar a frase célebre: *apertos Bacchus amat collis*. *Apertos* («desafrentados») e por conseguinte *apricos* («ensoalhados»).

114. *aspice et extremis ...*

Neste passo (II.114-135), Vergílio, continuando a insistir no facto de que cada árvore tem o seu campo de expansão determinado, envereda para a descrição de espécies exóticas (algumas só vagamente conhecidas pelos Romanos) e para a indicação dos seus produtos. Refere-se ao ébano (do qual a espécie mais difusa é o *Diospyros ebenum*, Koenig.); ao incenso, já mencionado em I.57; ao acanto, que Savastano supõe ser a *Acacia Farnesiana*, Wild., e outros a *Mimosa Nilotica*, L.; ao algodão (*Gossypium herbaceum*, L., ou *G. arboreum*, L.); aos bálsamos, talvez pensando em especial no que era extraído do *Amyris opobalsamum*, L.; à seda, que o Poeta, como os seus contemporâneos, imagina ser um produto vegetal (só muito mais tarde, em 166 d. C., se conheceu em Roma a sua verdadeira origem).

115. *pictos Gelonos*

Horácio fala em *ultimi Geloni* (*Od.*, 2.19.) e em *pharetratos Gelonos* (*Od.*, 3.4.).

123. *sinus orbis*

Camões (*Lusíadas*, IX-21) usa a expressão «terreno seio», discutida numa das notas do Prof. José Maria Rodrigues.

126. *Media fert...*

No passo II.126-135 Vergílio descreve, com minúcia, uma Auranciácea, limoeiro ou cidreira, originária do Himaláia. Savastano julga provável que o Poeta tenha visto esta árvore durante a sua viagem à Grécia, ou até em Napoles, atendendo a que a *Citrus medica* é representada em alguns frescos murais de Pompeia. Afigura-se nos que Vergílio só teria da árvore um ideia imperfeita,

porque a semelhança entre o limoeiro e o loureiro está longe de ser tão flagrante como ele afirma.

130. *ac membris agit atra venena*

Compare-se com os versos dos *Lusiadas*:

«Cujo pomo, contra o veneno urgente
He tido por Antidoto excelente»

134. *ad prima*

Locução adverbial nunca empregada, que se saiba, antes de Vergílio, e que é talvez um helenismo: o equivalente do ἐς τὰ πρῶτα de Heródoto, significando «no mais alto grau» (Skrine).

136. *Sed neque Medorum silvae, ditissima terra,*176. *Ascræumque cano Romana per oppida carmen.*

Abrangem estes versos um dos mais admiráveis passos das *Geórgicas*, talvez o mais conhecido de todos, e o mais exaltado. Iluminado, como é, pelos clarões do génio de Vergílio, não cremos que haja outro hino, em poesia ou em prosa, que atinja tamanha elevação. Na essência, porém, tem certa analogia com os louvores da Itália agrícola que Varrão pronuncia com sentido entusiasmo: «Que haverá noutras terras que se não encontre na Itália, e que não seja aqui de maior excelência? Que cereais se comparam aos da Campânia? Que trigo ao da Apúlia? Que vinho ao Falerno? Que azeite ao do Venafro? Não está a Itália coberta de árvores de modo tal que, em toda a sua extensão, parece um só pomar? E terá menos vinhos do que a Frigia, à qual Homero confere o epíteto de ἀμπέλῳσσα, ou menos fartura de pão do que Argos, que o mesmo poeta apoda de πολύπυρον?» Assim vemos que, quer nos escritos de Varrão, agrónomo sabedor mas prosador mediocre, quer nos voos da águia mantuana, vibra com a mesma emoção o orgulho do Romano, convicto de que a sua pátria era um canto privilegiado do mundo.

137. *Hermus*

Rio da Ásia Menor, um dos afluentes do qual era o famoso Pactolo. *Hermus* e *Ganges* representam as regiões que banham, o que é vulgar na poesia latina.

139. *Panchaia*

Ilha de fabulosa fertilidade, que se supunha ter sido descoberta por Euémero, navegador e explorador do Século III a. C. (provavelmente um Jehan de Mandeville da época). Traduzimos *turiferis pingues harenis* por «rica em solos turíferos» pelas razões apontadas nas Notas a I.105 e I.114-117.

Camões (*Lusiadas*, II.12) fala-nos em

«Os cheiros excelentes produzidos
Na Panchaia odorifera ...»

140. *tauri spirantes naribus ignem*

Uma das provas a que Jasão teve de se sujeitar na Cólchida foi lavrar um campo com uma charrua puxada por bois que lançavam chamas pelas ventas, e semeá-lo depois com dentes de dragão, dos quais surgiu uma hoste de guerreiros armados («*armigera proelia sevit humo*», como diz Propércio). O Poeta marca o contraste entre esta agricultura fantástica e as realidades tranquilas da cultura dos campos italianos, talvez com uma ponta de ironia para com os excessos da imaginação grega, que o Romano, com o seu senso prático, olhava com certo desdém.

148. *duxere ...*

Os bois brancos não iam à cabeça da procissão, mas precediam a parte mais importante do cortejo, os chefes cativos dos povos vencidos e o carro triunfal.

149. *... atque alienis mensibus aestas*

Compare-se com Lucrécio:

... *atque alienis partibus anni.*

150. *bis pomis utilis arbos*

É para nós evidente que Vergílio, ainda que arrastado pela veemência da inspiração, não pode afirmar (porque o seu génio é sempre sereno e nunca se desprende de um equilibrado sentido da realidade) que *as árvores*, isto é, *todas as árvores*, dão fruto em Itália duas vezes por ano. Não hesitamos em traduzir «há árvores

que duas vezes no ano dão fruto», e, posta nestes termos, a asserção do Poeta é inteiramente exacta. É sabido que existem, na Itália como em Portugal, diversas árvores *reflorescentes*, algumas das quais produzem duas ou mais camadas de frutos. O exemplo da figueira é o mais conhecido, mas podem acrescentar-se os de certas castas de ginjeira, o da algumas Auranciáceas, etc. Savastano regista o facto accidental de Pomáceas e Drupáceas serem bíferas, nas cercanias do Vesúvio e do Etna. Plínio fala de vinhas que davam fruto tres vezes por ano, as chamadas *vinhas doidas* (*quas ob id insanas vocant*). Varrão conta que *muitas plantas* frutificavam duas vezes no ano, como as videiras de Esmirna, á beira-mar, e as macieiras de Cosentia.

152. *aconita*

Existem em Itália, e é de presumir que existissem no tempo de Vergílio, diversas espécies de acónito (*Aconitum variegatum*, L., *A. Napellus*, L., *A. Anthora*, L. e *A. Lycoctonum*, L., todas mencionadas por Fiori), a mais frequente das quais seria, na Campânia, o *A. Lycoctonum*. É possível, porém, que o Poeta se refira a outra planta, porventura exótica, não identificável.

159. *Lauri maxime*

Larius é o Lago de Como, de beleza tão celebrada.

160. *Benace*

Benacus é o Lago de Garda, perto de Verona. Dadas as suas dimensões, não é de estranhar que por vezes se agite e brame como o mar (*fluctibus et fremitu adsurgens marino*).

161. *Lucrino*

O *Lucrino* é um lago pequeno, junto à costa, um pouco ao Norte de Pozzuoli (*Puteoli*), na Campânia. Outro lago maior, o *Averno*, ligou-se com ele por meio de um canal artificial. Entre o *Lucrino* e o *Tirreno*, ao longo do litoral, construiu-se uma muralha quebra-mar, na qual havia uma ou mais aberturas, presumivelmente munidas de comportas, a que se seguiam canais que estabeleciam comunicação entre o mar e o porto interior formado pelos lagos, denominado *Portus Iulius*, em honra de Octaviano. Na construção desta obras empregou Agripa vinte mil operários.

Nos versos II. 161-164, as palavras *addita claustra* referem-se ao quebra-mar, contra o qual as ondas do *Tirreno* batiam, furiosas (*indignatum*) por serem repelidas (*ponto refuso*); *Iulia unda* é a água do porto que a muralha defendia; *sonat unda* descreve o ruído das águas quando se abriam as comportas, e elas se lançavam do mar para os lagos pelas condutas de comunicação. É esta a interpretação que damos ao passo, que é bastante complicado.

É provável que no tempo de Vergílio esta grande obra de engenharia, destinada a abrigar a frota de Augusto, causasse impressão pelas suas proporções e novidade. Mas foi em breve abandonada, supomos que em consequência de assoreamentos não previstos (o que é tão vulgar em trabalhos marítimos) provocados pelas areias transportadas pelas águas do *Tirreno*, que reduziram a profundidade da água no porto ou nos canais de acesso até a tornarem insuficiente para as embarcações de guerra, a-pesar do seu exíguo calado.

165. ... *argenti rivus aerisque metalla*166. *ostendit venis* ...

A palavra *rivus* aplicada aos jazigos de metais é usada com frequência pelos autores antigos. Também *Lucrecio* diz:

«... *argenti rivus et auri,*
aeris item et plumbis.»

Lucrecio explica que o calor devido ao incêndio de florestas fez derreter grandes massas de metais, que correram *em regatos* pelas depressões do terreno, amoldando-se a elas quando esfriaram.

167. ... *Marsos pubemque Sabellam*168. *adsuetumque malo Ligurem Volscosque verutos*

Os *Marsos*, raça montanhosa, foram alternadamente excelentes aliados e perigosos inimigos dos Romanos, a ponto tal que se dizia «ser impossível vencer os *Marsos*, ou sem os *Marsos*». *Horácio* usa a expressão *Marsa cohors* para designar «a fina flor da infantaria Romana». *Pubes* é o conjunto de homens em idade de pegar em armas. *Sabelli* abrange provavelmente todos os povos de raça *Sabina*, à excepção dos *Marsos*, aos quais se fez antes referência especial. *Liguri* são os habitantes da região acidentada que contorna o Golfo de Génova, gente aguerrida por estar acostumada a um meio inhóspito (*adsuetum malo*), como os monta-

nheses das *Highlands* da Escócia ou dos Hermínios da Lusitânia. Os Volscos, do Lácio, eram, pelo que se depreende das palavras de Vergílio, destros no manejo do *veru*, lança curta (de cerca de um metro de comprimento) que durante algum tempo foi usada por parte da infantaria legionária; julga-se que não se destinava a ser arremessada, como o dardo, mas que servia para o combate a distância curta: por isso traduzimos *veru* por «chuço», embora esta palavra não seja um termo militar bem definido.

Com esta enumeração das raças guerreiras, Vergílio põe em evidência a maior riqueza da Itália, riqueza demográfica sem a qual não poderiam fruir-se as outras: os recursos mineiros e agrícolas e as vantagens do clima.

169. ... *Decios Marios magnosque Camillos,*
 170. *Scipiadas duros bello et te, maxime Caesar,*
 171. *qui nunc extremis Asiae iam victor in oris*
 172. *imbellem avertis Romanis arcibus Indum.*

Não só Roma possuía povos aptos para a guerra, como nunca lhe faltaram insígnies chefes para os comandar. O Poeta cita alguns dos grandes nomes da História, terminando com a inevitável apologia de Augusto — *et te, maxime Caesar* — vencedor do Índio (se bem que Octaviano nunca tivesse passado além de Eufrates, se é que lá chegou).

O epíteto *imbellem* não pode, evidentemente, traduzir-se por «imbele», o que seria apoucar o triunfo de César: significa «incapaz de combater, de tal modo as derrotas o haviam esmo-recido»: «with no fight left in him», como diz Skrine.

Jackson Knight nota que Vergílio chama aos Cipiões (descritos na *Eneida* como *geminos duo fulmina bello*) *Scipiadas duros bello*, «homens da estirpe de Cipião, que se endureceram para a guerra», o que implica que eles não eram naturalmente duros: «They hardened themselves to endure both doing and suffering, though they were naturally gentle».

174. ... *tibi res antiquae laudis et artis*
 175. *ingredior sanctos ausus recludere fontis,*
 176. *Ascraeumque cano Romana per oppida carmen.*

Evidencia-se neste passo o carácter do poema. Afunda as suas raízes nas velhas e sagradas tradições da Itália; destina-se à grei

romana; mas, a-pesar de profundamente nacional na essência, inspira-se num modelo grego. Análogamente, a *Eneida*, não obstante a sua textura latina e finalidade patriótica, ajusta-se aos cânones de Homero. O prestígio dos *exemplaria graeca* de que fala Horácio era tamanho para os poetas da idade de Augusto que, ainda que se propuzessem navegar no mar livre (*pelago patenti*, II.41) da sua inspiração, não se atreviam a perder de vista o farol da cultura helênica.

A frase *sanctos ausus recludere fontis* lembra a de Lucrecio:

«... *iuvat integros accedere fontis
 atque haurire* ...»

177. *Nunc locus arborum ingeniis, quae robora cuique,*
 168. *quis color et quae sit rebus natura ferendis.*

Ingenii são as qualidades intrínsecas (*ingignuntur*, γίγνομαι, «nascidas em nós»), próprias de seres pensantes, mais do que de entes inanimados. Vergílio, seguindo a sua tendência habitual, personifica as terras, como, afinal, nós também fazemos, ao apodá-las, por exemplo, de *ingratas*.

As qualidades a apreciar são o potencial produtivo (*robora*); a cor (*color*), que pode servir de indício de certas propriedades latentes; e a aptidão cultural (*rebus natura ferendis*).

179. *difficiles primum terrae collesque maligni,*

 258. *interdum aut hederæ pandunt vestigia nigrae.*

Nestes oitenta versos, Vergílio resume as noções fundamentais do que hoje se chama *Agrologia*. Primeiramente (II. 179-225) descreve vários tipos de terras; depois (II. 226-258) ocupa-se dos métodos que permitem reconhecer as suas propriedades mais importantes.

Na primeira parte da sua exposição, o Poeta refere-se a terras de aptidão cultural definida, à excepção de um tipo de quase impossível aproveitamento. Assim procedemos nós também em Portugal, quando falamos em *terras centieiras*, *terras de batata*, etc. Vergílio considera sucessivamente (1) a terra de olival; (2) a de vinha; (3) a de pastagem; (4) a de cereais (não se trata de

afecção exclusiva, evidentemente, mas sim de especial vocação para uma ou outra cultura); menciona a seguir (5) terrenos tão pobres e defeituosos que é muito reduzida a sua utilidade; e finalmente (6) cita o tipo ideal de solo, onde qualquer cultura pode prosperar. Como se vê, o Poeta não perde de vista a *individualidade* das terras, e este conceito aproxima-se mais dos da moderna Edafologia do que dos da Química Agrícola do Século XIX, que não via no solo outra cousa que não fosse uma associação de humus, calcáreo, argila e areia, não distinguindo as suas características de *ente natural*, que a Escola Russa (Glinka, Doyarenko, Dokutchaiev, etc.) foi a primeira a pôr em destaque.

179. *difficiles primum terrae collesque maligni,*
 180. *tenuis ubi argilla et dumosis calculus arvis,*
 181. *Palladia gaudent silva vivacis olivae.*
 182. *indicio est tractu surgens oleaster eodem*
 183. *plurimus et strati bacis silvestribus agri.*

O primeiro tipo de terra que Vergílio cita é inçado de calhaus (*calculi*), e povoado de moitas (*dumi*) de arbustos espontâneos. É um solo ingrato, avaro (*malignus* é o contrário de *benignus*, «liberal», «generoso»), e as condições ainda mais se agravam quando é acidentado. As palavras *argilla tenuis* marcam o seu defeito essencial.

Skrine atribue a *argilla* o sentido de «marga», opinião que reputamos insustentável. Plínio descreve as margas com precisão e minúcia (*N. H.*, XVII. 5.6.7.8.), e designa-as pelo mesmo nome que hoje se lhes dá: «*quod genus vocant margam*»; classifica-as por várias formas, notando que há um tipo de marga argilosa, assim como há outro de marga siliciosa, etc. Tanto basta, parecidos, para se verificar que *marga* e *argilla* eram reconhecidas como substâncias distintas.

Por outro lado, os vocábulos *argilla* e *creta* (este último deu origem a «greda») serviam para designar a *terra de oleiro*: é este, até, o seu sentido próprio. Só por extensão se chamava *argilla* (como no Alentejo se chama *barro*) um terreno fortemente argiloso; e os antigos sabiam bem que, se a percentagem de argila excedesse certos limites, a terra poderia ser boa matéria-prima para a cerâmica, mas era imprópria para a cultura. Veja-se o que diz Columela: «*cretosa humus utilis habetur viti; nam per se ipsa creta, qua utuntur figuli, quamque nonnulli argillam vocant, inimicissima est*».

Billiard e outros traduzem *tenuis ubi argilla / est /* por «onde a argila é fina», o que não faz sentido, porque a finura da argila não é defeito, antes se pode dizer que é boa qualidade: no Alentejo é aos *barros finos* que, com razão, se dá maior apreço. Castilho considera *tenuis* = «seca», o que não tem justificação possível.

Outros supõem que *tenuis* queira dizer «delgada», «pouco espessa», o que é perfeitamente admissível, porque o sentido do vocábulo é este em *tenui sulco* (I.68 e II.289), e em muitos passos de Columela, Plínio, etc. Há porém dois sentidos, derivados, de *tenuis*, frequentemente empregados pelos bons autores (Cícero, Tito Lívio, etc.), que se ajustam ainda melhor à descrição agrológica do Poeta: um é «pobre»; outro «escassa». Com efeito, pode tratar-se de um terreno onde a argila é pobre (e portanto de má qualidade), ou de um solo onde ela existe em quantidade diminuta, e no qual predominam por isso a sílica ou o calcáreo, faltando aquilo que dá às terras o *corpo*, como se diz na expressiva linguagem agrícola popular. Optamos pela última hipótese; e traduzimos *tenuis ubi argilla* por «em que a argila escasseia» (Nota a III.335).

A-pesar das suas evidentes deficiências, o terreno que o Poeta descreve pode ser aproveitável para olival: o que vemos em todo o nosso País amplamente demonstra que assim é. E, para eliminar dúvidas, Vergílio manda o agricultor recorrer ao mais seguro dos sinais: o exame da vegetação espontânea. Se o zambujeiro cresce, e espalha pelo chão as suas bagas, pode haver confiança na aptidão do solo para a cultura olivícola: conselho excelente.

Suspeitamos que as terras a que o Poeta se refere neste passo eram caracterizadas por elevada percentagem de calcáreo; deviam assemelhar-se às dos arredores de Santarém, onde esta percentagem chega a atingir 90%, o que não impede que a oliveira se dê nelas perfeitamente.

Note-se o epíteto *vivaces* dado às oliveiras: são, na verdade, das árvores de maior longevidade, a ponto de não ser impossível que, como reza a tradição, algumas haja em Portugal, nas margens do Guadiana, que tenham assistido à invasão dos Árabes.

184. *at quae pinguis humus dulcique uligine laeta,*
 185. *quique frequens herbis et fertilis ubere campus*
 186. *(qualem saepe cava montis convalle solemus*

187. *dispicere: huc summis liquuntur rupibus amnes*
 188. *felicemque trahunt limum) quique editus Austro*
 189. *et filicem curvis invisam pascit aratris:*
 190. *hic tibi praevalidas olim multoque fluentis*
 191. *sufficiet Baccho vitis...*

O terreno que Vergílio agora considera é o que, em seu parecer, oferece condições optimas para a cultura da vinha; e deve reconhecer-se que não são poucos, nem de somenos importância, os atributos que ele reúne. É um solo argiloso, mas moderadamente compacto (é o que entendemos por *pinguis humus*) e bem abastecido de humidade (*dulcis uligo*, porque os terrenos salgadiços têm *salsa uligo*), o que se revela pela abundância de erva e pela forma por que esta se desenvolve; fertilizado, porventura, pelos nateiros carregados de alturas vizinhas; exposto ao Sul; e será bom sinal estar povoado de fetos.

A menção do feto (*Pteridium aquilinum*, Kuhn.) parece indicar que o Poeta se refere a terras graníticas. Numa região de Portugal — o Alto Alentejo — são vulgares os terrenos em que há tantos fetos que uma das cavas da vinha tem por único fim destruí-los, e chama-se por isso *cava de desfetar*. Estas terras, derivadas do granito, são lenteiras, o que condiz com uma das indicações de Vergílio; mas são areentas, e de modo algum se poderiam qualificar de *pinguis humus*. A abundância de fetos, que coincide com a de esteva, explica-se pela avidez, comum às duas plantas, da potassa que o granito fornece, e denuncia que o terreno é ácido.

Mas nem todas as terras graníticas são pobres. É certo que, quando na rocha-mãe abunda o quartzo, se formam solos quase exclusivamente constituídos por areias ou saibro; mas, se o feldspato predomina, são argilosos e por vezes ricos. Sucede até que o *mesma* rocha granítica, na *mesma* região, pode, conforme aponta o Prof. Filipe de Figueiredo, «dar terra arenosa, solta, delgada, estéril, nas encostas deslavadas pela água, e *terra argilosa, espessa, fértil, nos vales onde as águas vão acumulando os elementos mais finos*». Note-se a concordância entre as palavras que sublinhamos e o passo em que Vergílio descreve o solo que recomenda para o vinhedo.

É o que Ferreira Lapa observou na região de Torres Vedras, onde o terreno «é o mais possível montanhoso, mas de pequenos

montes, muito repetidos e de encosta abrupta pela maior parte. Esta orografia é a causa necessária de que as águas das chuvas arrastem para os fundos grande quantidade de materiais. A flor substancial do solo é à vista disto prontamente despida das colinas e dos montes, e transportada para os vales e várzeas. Resulta daqui que tão magro e seco deve ser o terreno dos montes, quanto húmido, gordo, pastoso e fundável o solo das baixas».

Um tal solo é sem dúvida apto para proporcionar à vinha meio de prosperar e de dar fartas produções. Todavia, se considerarmos o aproveitamento económico da videira, temos de reconhecer que não são as terras mais ricas e frescas as que melhor convêm para a sua cultura. É o que explica Perold, neste termos: «Solos bastante húmidos, ricos em humus, não são apropriados para a vinha, porquanto contêm muito azoto, que dá origem a grande desenvolvimento vegetativo e a produções irregulares, e torna as videiras e as uvas particularmente susceptíveis às doenças e pragas». Marcilla diz: «As terras ricas em humus, sobretudo as argilo-humíferas, muito férteis, são as menos aptas para a cultura da vinha, precisamente por causa da sua grande fertilidade; podem obter-se nestes terrenos enormes colheitas, mas a qualidade dos frutos e mostos é muito baixa». A opinião de Pereira Coutinho é a seguinte: «Quanto à qualidade dos vinhos, pode estabelecer-se que os terrenos húmidos, fortes e ricos dão vinhos albuminosos e de má conservação...; os terrenos com muita matéria orgânica, vinhos taninosos, ásperos, rascantes...»

Ouçamos ainda um italiano, Cavazza: «As terras frescas, profundas e férteis das aluviões recentes do Pó e dos outros grandes rios, predominantemente argilo-arenosas, assim como consentem a cultura mais perfeita e rendosa de cereais e forragens, assim também proporcionam à videira a mais luxuriante vegetação e a produção mais copiosa, se bem que, em geral, de qualidade inferior... *Qui è il trionfo dei pampini, non il regno di Bacco*. Pelo contrário, nas terras altas, ou, melhor, nas colinas com boa exposição em que os solos areno-argilo-calcáreos são leves, embora saibrosos ou cascalhentos, de fácil aquecimento, e não contêm mais humidade do que aquela que a vinha requiere, a vegetação é moderada, mas os produtos são apurados e conservadiços».

Para fechar esta série de citações, transcreveremos alguns períodos em que Ferreira Lapa se refere aos vinhos da região torrejana. «A vinha, mais do que nenhuma outra cultura, desagra-

dece a carnação e a pingue qualidade do solo. O que faz a beleza do cacho e a superioridade do vinho, não é o que mais estende e multiplica as varas da cepa, e o que mais a enfolha de pampos. O vinho precioso nunca nasceu do terreno forte do pão, nem do almargal que se coalha de pastos virentes e succulentos.»

Mas as condições mesológicas dão por vezes aspecto diferente à questão. Lembremo-nos, por exemplo, de que as vinhas de Bucelas estão, na sua maior extensão, instaladas nos vales que se escalonam entre a Romeira e a Bemposta, e de que na região se consideram os vinhos que elas produzem muito superiores aos das vinhas das terras magras das encostas vizinhas; e pensemos na modificação profunda que se daria nas características dos vinhos do Minho, se a cultura da vinha nesta região se transferisse dos solos ricos que hoje ocupa para solos pobres.

Aconselha Vergílio, neste passo, que a vinha fique exposta ao Sul: em II.298 determina que se evite a exposição ao Poente. Trata-se de questão muito debatida (*vetus dissensio*) entre os geopónicos latinos. Columela, depois de citar as opiniões discordantes, sugere a exposição ao Sul nas regiões frias, e ao Nascente nas regiões cálidas, a menos que o regime local dos ventos dê contra-indicação.

195. *sin armenta magis studium vitulosque tueri,*
196. *aut ovium fetum aut urentis culta capellas,*
197. *saltus et saturi petito longinqua Tarenti,*
198. *et qualem infelix amisit Mantua campum*
199. *pascentem niveos herboso flumine cycnos;*
200. *non liquidi gregibus fontes, non gramina deerunt,*
201. *et quantum longis carpent armenta diebus*
202. *exigua tantum gelidus ros nocte reponet.*

Para mostrar o que são os bons terrenos de ervagens, basta a Vergílio apontar o seu protótipo: os campos de Tarento, e os das cercanias da sua querida Mântua. Deve tratar-se de várzeas nas margens dos rios, onde há solos profundos e frescos, formados por depósitos de aluviões, como os que Ferreira Lapa descreve assim: «Uma terra que arrelva ubertosamente até no pino da canícula, onde o gado, nunca faminto, retouça nédio e alegre pelos almargeais viçosos, é necessariamente uma terra forte, frescal, rica de adubo e fundável».

O epíteto *infelix* dado a Mântua é um desabafo de Vergílio, sempre ressentido com a expropriação forçada do seu património; e revela até que ponto o Poeta contaria já com a amizade de Augusto para arriscar uma recriminação que, com um príncipe de idéias menos largas, não seria isenta de perigos.

203. *nigra fere et presso pinguis sub vomere terra*
204. *et cui putre solum (namque hoc imitamur arando),*
205. *optima frumentis; ...*

As características de maior relevo das boas terras trigueiras são definidas pelos epítetos *nigra*, *pinguis* e *putris*, cuja significação agrológica tão exacta quanto possível convém determinar.

nigra fere

A cor das terras era tida pelos agrónomos antigos como indício valioso das suas qualidades. Durante o Século XIX, quando a Agricultura começou a reger-se por métodos científicos, quase não se lhe deu importância; veja-se o desdém com que Billiard a ela se refere: «la couleur se borne à nous faire connaître la présence de certains oxydes métalliques ou les conditions thermiques du sol, et rien de plus». Mas à meia-ciência que informa as palavras de Billiard sucedeu a Ciência Agrológica moderna, a *Edafologia*, e voltou-se a estudar com interesse as colorações, agora não só da camada superficial do solo, como ainda dos horizontes inferiores, e a atentar cuidadosamente no modo como elas se distribuem. A cor negra dos *tchernozioms*, a cor de cinza dos *podzols*, a cor vermelha da *terra rossa*, a cor castanha dos *chestnut soils*, e as variantes que apresentam ao longo dos perfis, não só individualizam um solo como produto das influências combinadas da origem geológica e do clima, balisando a sua evolução genética, como permitem apreciar fenómenos locais, de eluviação, de troca de bases, etc.

Mas vejamos, em primeiro lugar, qual o sentido da expressão *fere nigra*. *Fere* pode significar «em geral», «por via de regra». Skrine entende que o *fere* do verso II.203 deve acompanhar *optima frumentis*: «é geralmente a melhor, etc.»; e Lejay adopta a mesma opinião, apoiando-se num passo de Horácio (*Sat.*, 1.3.96). Mas Paládio, na frase «*sed glaeba putris et fere nigra*», refere-se a terras de tom anegrado; como também Plínio, quando diz: «*nigra terra, et cinerei coloris*»; e ainda Columela, que, citando as palavras do antigos, nota que para eles era bom sinal

ter a terra «*nigrum colorem vel cinereum*». Há pois fortes razões para crer que é uma série de colorações, desde o cinzento escuro até ao negro, que Vergílio abrange na designação *fere nigra*. A tradução «noirâtre», de Delille, é aceitável.

A cor negra é com frequência característica das terras em que o teor de humus é relativamente elevado. A este respeito diz Hilgard: «Desde os tempos mais antigos que um solo rico e negro mereceu atenção e apreço. Como as cores negra e castanha-escura são quase sempre devidas à presença de humus abundante, é óbvio que o juízo favorável do agricultor resulta da valia que ele atribue ao humus. A cor negra aparece mais vezes em terras baixas, de aluvião, mas quem busca uma boa terra considera a referida cor indício favorável, ainda que a encontre fora das zonas aluvionais. Há manchas de terra negra em encostas e planaltos, que evidentemente não têm essa origem, e no entanto são altamente produtivas... Estes solos negros são sempre caracterizados pela presença de abundante carbonato de cal, sob cuja influência se forma o humus de cor mais carregada... Justifica-se pois, em ambos os casos, a boa opinião que os práticos têm acerca dos solos escuros. A cor negra é também favorável à absorção do calor solar, e provoca por isso maturação mais rápida do que a que se pode esperar em terras de localização semelhante, mas de cor clara».

Observa ainda Hilgard: «Mas o *tom* da cor escura do solo requiere atenção, que em regra se lhe dá». (Veja-se como o que nota o eminente agrológico da Califórnia se relaciona com o emprego do advérbio *fere* em II. 203). «Se é acastanhado, denuncia humus ácido...» Com efeito, o excesso de acidez pode constituir um defeito grave de certas terras húmidas, e Columela põe em evidência, com vivacidade, que os paúis turfosos, retintamente negros, são inadequados para a cultura dos cereais: «*nisi forte in eo fallor ipse, quod non putem in solo limosae paludis ... gigni posse laeta frumenta*».

et presso pinguis sub vomere terra

Para determinar a acepção de *pinguis*, ver-nos-íamos em sérios embaraços, se nos não esclarecesse o passo (II. 248-250) em que se indica o ensaio a efectuar para reconhecer se uma terra merece aquele epíteto: toma-se uma porção dessa terra, que se amassa à mão, a formar uma bola; se ficar ligada, consistente, e se pegar

aos dedos como pez (*picis in morem*) é certamente *pinguis humus*.

Depreende-se do que o Poeta nos diz que se procurava averiguar se o grau de coesão da terra era satisfatório, e se revelaria como tal ao lavar-se (*presso sub vomere*); conviria sem dúvida que a plasticidade da terra fosse suficiente para se moldar e revirar bem a leiva; e ainda — ponto este de essencial importância — que a sua textura permitisse que, depois da lavoura, reduzindo-se o teor de humidade, e mediante trabalhos complementares (*namque hoc imitatur arando*), o solo ficasse bem mobilizado, isto é, que atingisse facilmente o estado que a palavra *putris* define.

Quase todos os comentadores traduzem *pinguis humus* por «terra gorda»; e, para eles, *gorda* quer dizer *argilosa*. É o que afirma claramente Billiard: «*la terre grasse, c'est à dire argileuse, happait aux doigts...*», e o que outros dão a entender. Ora é certo que a propriedade adesiva da argila só se manifesta quando este constituinte dos solos atinge certa proporção relativamente aos outros, areia e limo; mas uma terra argilosa pode ter excelentes qualidades e sérios defeitos: veja-se a diferença que se assinala, na região de Beja, entre *barros finos* e *barros galegos*. A verdade é que influem, além da textura, a estrutura (que actua por forma acentuada no comportamento do solo, nomeadamente no que diz respeito a arejamento, temperatura, permeabilidade e capacidade de retenção de água), bem como a percentagem de coloides e sua natureza.

É evidente que o ensaio a que acima se alude tem de ser praticado com discernimento, porque a argila quase extreme, a terra de oleiro, péssima para a cultura, também adere aos dedos; o que importa averiguar é se a terra tem, não só argila em quantidade razoável, mas ainda sob forma tal, e em tal conjugação com outros constituintes, que com facilidade dê origem a uma camada arável *putris*, quando bem amanhada. Assim diz Columela:

*«pinguis ager putres glaebas resolutaque terga
qui gerit, et fossus graciles imitatur harenas»*

Se houvesse apenas a considerar o teor de argila, não se marcaria distinção entre *pinguis tellus* e *spissa tellus*: ambas seriam «terra forte». Mas a distinção existe, e é bem assinalada por Columela, que estabelece, para as qualidades fundamentais dos terrenos, a seguinte classificação:

- (1) *pinguis* em oposição a (2) *macrus*
 (3) *spissus* em oposição a (4) *levis*;
 (5) *humidus* em oposição a (6) *siccus*.

À excepção das combinações (1)-(2), (3)-(4) e (5)-(6), que são impossíveis, porque se trata de qualidades antagónicas, todas as outras se podem dar, associando-se as características duas a duas ou tres a tres. E assim uma terra *pinguis* pode ser *spissa*, mas também pode ser *levis*. Para Columela a combinação (1)-(4), *pinguis-levis*, parece ser tida como a melhor; a peor é com certeza a (2)-(3)-(6), *macra-spissa-sicca*.

et cui putre solum

Putris tem, além do sentido vulgar de «podre», um significado agrológico difícil de explicar em poucas palavras, e muito mais numa só: «friável» não é suficiente, tanto assim que Skrine associa tres epítetos, *friable*, *crumbly*, *mouldering*. Um solo chega ao estado que o adjectivo latino define quando os torrões meteorizados se dividiram em partículas finas, dando boa cama à semente, permitindo o fácil movimento da água e a penetração das raízes mais delicadas; não estando porém as partículas afastadas, como que *suspensas*, mas brandamente aconchegadas umas às outras. Interessante é notar que em algumas regiões do nosso País (Alcobaça, Torres Vedras, etc.) se chama *terra podre* à camada arável, para a distinguir das camadas inferiores não mobilizadas: por onde se vê que, se em Portugal as classes cultas deixaram de saber latim, o povo ainda o não esqueceu.

207. *aut unde iratus silvam devexit arator*
 208. *et nemora evertit multos ignava per annos,*

A par dos solos que se oferecem, já desbravados, à cultura cerealífera, considera o Poeta os que se arroteiam depois de derrubadas as matas que os cobriam; a descrição poética é magnífica, e o verso que a remata, *at rudis enituit impulso vomere campus*, é dos mais formosos das *Geórgicas*. Pena é que incite o lavrador, bastas vezes irritado (*iratus*) em demasia contra o arvoredo, que erradamente supõe improdutivo (*ignavus*), a destruir irremediavelmente aquela mesma riqueza que Vergílio louva com tanto fervor nos versos II.429-457. Savastano, impressionado pela beleza do passo, exclama: «È spettacolo meraviglioso vedere la feracità dei prodotti di un terreno di recente scassato: è la terra nuova». Mas não é raro suceder que o excesso de acidez de tais

terrenos conduza a decepções, nos primeiros tempos a seguir à derruba.

212. *nam ieiuna quidem clivosi glarea ruris*
 213. *vix humilis apribus casias roremque ministrat;*

A terra saibrosa e cascalhenta e de encosta, e que por tal motivo não pode conservar humidade, pouco préstimo tem; dará, quando muito, algum alecrim e rosmaninho, que só poderão fornecer parco sustento às abelhas. Temos em Portugal, infelizmente, bastantes charnecas deste tipo.

214. *et tofus scaber et nigris exesa chelydris*
 215. *creta negant alios aequae serpentibus agros*
 216. *dulcem ferre cibum et curvas praebere latebras.*

Vergílio refere-se agora a terrenos formados por greda ou por *tofus*, que provavelmente não é o tufo ou travertino que nós mais conhecemos, de formação sedimentar, mas o tufo vulcânico que abunda na Campânia; tanto a este como àquele se aplica bem o epíteto *scaber*. O Poeta não assinala directamente a inutilidade destes terrenos para a agricultura, mas afiança, humoristicamente, que nenhuns outros lhes ganham quanto a fornecer bons abrigos e alimento aprazível às cobras. A idéia de que as serpentes comiam greda pode explicar o adjectivo *exesa* (participio passado de *exedo*), embora ele se traduza também por «escavada», «minada».

O *chelydrus*, que torna a ser mencionado em III.415, parece ser uma cobra anfíbia, cuja pele teria semelhança com a carapaça da tartaruga (*χελύς, ὑδρῶν*).

217. *quae tenuem exhalat nebulam fumosque volucris,*
 218. *et bibit umorem et, cum vult, ex se ipsa remittit,*
 219. *quaeque suo semper viridi se gramine vestit,*
 220. *nec scabie et salsa laedit robigine ferrum,*

O Poeta termina a sua enumeração de tipos de solos descrevendo aqueles a que, entre todos, confere o primado: os de Cápua, os das vizinhanças do Vesúvio e os do ribeira do Clânio. Estes terrenos da Campânia eram de notável fertilidade, que ainda hoje conservam; a prova é que as encostas do Vesúvio, a-pesar do perigo das erupções, nunca deixaram de ser intensamente cultivadas, e habitadas por densa população. Dão sinal da bondade destas terras os vapores, parados (*nebulam*) ou em movimento

(*fumos*) que, diz Vergílio, delas ressumam; na realidade, a neblina não é emitida pelo terreno, mas parece sê-lo, porque cae sobre ele revestindo-o como um lençol, fenómeno vulgar na Campânia, conforme testemunha Savastano. Hesíodo chama-lhe *ἀτὴρ πυροπορός*, «a neblina carregada de trigo». *Bibit umorem et, cum vult, ex se ipso remittit* é uma frase de admirável poder descritivo: Vergílio, atribuindo ao solo vontade própria, aponta uma das mais valiosas propriedades dos terrenos aluvionais de boa composição física, que absorvem facilmente a água e a retêm, mas cedem a humidade às plantas sem grande dispêndio de energia por parte destas. Em tais terrenos a ervagem espontânea desenvolve-se com abundância e vigor, indício a que os agrónomos latinos davam grande apreço. Não é para admirar que tudo vá bem nesta terra, a vinha de enforcado, a oliveira, o cereal, a pastagem; com efeito, não há que temer excesso de acidez, nem álcalis nocivos, nem salsugem prejudicial.

Julgamos provável que na zona privilegiada da Campânia a que o Poeta se refere abundasse a *terra tenera*, tão gabada pelos geopónicos romanos, que dava, com pouco trabalho, excelentes rendimentos: «*quia cum plurimum reddat, minimum possit; et quod postulat, exiguo labore atque impensa conficitur*» (Col., II. 2.).

226. *Nunc quo quamque modo possis cognoscere dicam.*

.....

258. *interdum aut hederæ pandunt vestigia nigrae.*

Nestes trinta e tres versos, Vergílio trata, conforme anuncia em II 226, dos métodos de que os agrónomos antigos dispunham para apreciar as qualidades dos terrenos.

229. *densa magis Cereri ...*

As melhores terras para a cultura dos cereais, como são, na Europa, as da Ucrânia, e, na América, as do Canadá e Argentina, têm consistência média; correspondem mais ou menos às que a Agrologia do Século XIX denominava *terras francas*, e classificava em *areno-argilosas*, *argilo-calcáreas* e *argilo-arenosas*. Mas na Itália, que está fora das regiões tipicamente cerealíferas, e onde predominam os terrenos fracos, o mais vulgar é as boas terras de trigo e cevada serem acentuadamente argilosas. O mesmo sucede no nosso País, onde, se é verdade que há alguns solos, como por exemplo as lezírias da Golegã, cuja composição física é muito bem equilibrada e que por isso são, além de férteis, fáceis de amanho,

não é menos certo que a zona de maior produção de cereais de praga é a dos *barros* do Baixo Alentejo: terras eminentemente densa.

A terra mais elogiada por Plínio é aquela que, cortada pela relha, apresenta nas leivas uma superfície espelhada — *post vomerem nitescens* — característica saliente dos barros fortes, que bem se observa durante os alqueives de verão no Alentejo.

... *rarissima quoque Lyaeo*

Não nos parece que *rarissima* tenha aqui o valor de um verdadeiro superlativo. Nos versos II.184-191 qualifica-se de *pinguis* o terreno mais apropriado para a vinha: ora uma terra *pinguis* poderá não ser compacta, mas não é provável que seja «extremamente solta». Supomos que Billiard tem razão em traduzir o verso II.229 deste modo: «la compacte surtout à Cérès et la plus légère au dieu Lyaeus», isto é, em considerar *rarissima* um comparativo.

O modo de ver de Vergílio é corroborado pelas autoridades modernas. Assim, Pereira Coutinho diz-nos que «os terrenos muito argilosos, muito compactos, húmidos ou encharcados no inverno e muito secos no verão, prestam-se mal para a cultura da vinha»; e Marcilla esclarece, referindo-se à Espanha, que «os terrenos mais adequados para a cultura da vinha são os soltos, areno-calcáreos ou calcáreos-arenosos profundos, ainda que cascalhentos...; os terrenos onde predominam barros fortes... são menos próprios para a videira...».

231. *in solido puteum demitti...*

No passo II.231-237 descreve-se um ensaio cujo objectivo é avaliar, numa terra crua e mal conhecida, a resistência que ela oferecerá ao trabalho dos instrumentos aratórios. Consiste em abrir uma cova, e lançar de novo para o seu interior a terra que dela se extraiu; e, conforme o material é insuficiente para encher a cova, ou superabundante, assim se conclue que o solo será fácil de mobilizar, ou que, pelo contrário, obrigará a grandes esforços. Na realidade, o que o ensaio permite determinar é o *empolamento*, que atinge o maior valor no caso de uma terra fortemente argilosa, e é minimo no caso de uma areia solta.

238. *salsa... tellus et quae perhibetur amara*

Todos os autores antigos que se ocupam de solos falam dos sabores ácido e amargo, que com razão consideram indícios de defeitos de certas terras. Vergílio julga-as incapazes de melhorarem com os amanhos, e afirma que nelas tanto vinhas como fruteiras degeneram com rapidez: a expressão usada pelo Poeta, *nec pomis sua nomina servat*, é, diz Savastano, «veramente geniale».

É provável que o gosto salgado denunciase apenas a presença de cloreto de sódio; quanto ao que é designado por amargo — o uso do vocábulo *perhibetur* denota que era de difícil ou duvidosa definição — é de presumir que fosse sobretudo devido a sais de magnésio. Há outros sais minerais cuja presença em excesso no solo é muito de temer, sendo o carbonato de sódio — o *álcali negro* — o mais perigoso de todos; mas os carbonatos, insolúveis na água, não se prestam ao ensaio que Vergílio recomenda, e a que outros autores, como Columela e Plínio, dão a sua aprovação.

241. ... *qualos*

242. *colaque prelorum...*

Quali e *cola* eram cestos de vime que serviam para filtrar o mosto. *Prelum* só por extensão significa «lagar»; o sentido fundamental da palavra é «vara»: a *trave* ou *feixe* que se utilizava para a espremedura.

246. ... *et ora*
247. *tristia temptantum sensu torquebit amaror.*

Há talvez uma aproximação a fazer entre esta frase e a de Lucrécio:

«*foedo pertorquent ora sapore*»

Ora torquere é o que Ferreira Lapa chama, falando de vinhos, *caretear*.

A palavra *amaror*, muito rara (Lejay) encontra-se no verso V.224 da obra de Lucrécio:

«*cum tuimur misceri apsinthia, tangit amaror*»

247. *pinguis item quae sit tellus...*

Na Nota a II.203-205 aludiu-se já à maneira de determinar se uma terra deveria ou não considerar-se *pinguis*.

Para verificarmos se o ensaio perconizado por Vergílio é ainda hoje valioso, vejamos em que termos Hilgard se refere a êle: «... take a wetted lump and work it between the fingers and on the palm of the hand, until its «stickiness» or adhesiveness ceases to increase. This «hand test» is of first importance and in skilful hands will largely supersede the need of elaborate mechanical analysis. It will at once enable the operator to classify the soil as a light or heavy loam, clay loam or clay soil; it will show directly what will be the result of plowing the land when wet, the liability to the formation of a plow-sole, and whether a single or a double team will generally be needed to cultivate it properly. Also whether stock can be allowed to pasture the land soon after rain. Comparison with the known land of neighbors will also become easy, and in a measure the crops best adapted to the physical qualities of the soil, subsoil and substrata, taking into account their respective depths, will at once be at least approximately determined».

251. *umida maiores herbas alit,...*

Nas terras húmidas e férteis pode facilmente dar-se a *acama* dos cereais. A vegetação espontânea, pelo seu aspecto luxuriante, e, mais ainda, pela sua natureza, revela esse perigo.

254. *quae gravis est ...*

255. *quaeque levis ...*

Certamente Vergílio não se refere ao *peso específico real* dos solos, que varia entre limites muito próximos (2,65 a 2,75, segundo Hilgard), mas sim ao *peso específico aparente*. Um metro cúbico, abrangendo partículas terrosas e espaços intersticiais, de um solo calcáreo, pode facilmente pesar 1,8 toneladas; igual volume de um solo turfoso pode pesar menos de 800 kg.

As designações *pesado* e *leve*, aplicadas a um solo, dizem respeito, na linguagem agrícola vulgar, à maior ou menor resistência que esse solo oferece ao trabalho da charrua, e não à densidade relativa. Uma terra argilosa, de difícil fabrico, tem o peso específico aparente de 1,2 toneladas por metro cúbico, ou

até menos; uma terra franca, boa de amanhar, atinge com frequência o peso de 1,5 toneladas por metro cúbico.

256. *et quis cui color ...*

Já se fez referência, na Nota a II.203-205, às indicações que pode dar a cor negra, ou «tirante a negra», como diz Castilho, dos solos. A cor vermelha (*rubricosa*, lhe chama Plínio) é, a seguir à escura, aquela a que os agricultores dão instintivamente preferência, em Itália e noutras regiões. É devida à presença de hidrato férrico, que, embora não torne a terra produtiva, indica certas condições favoráveis. Assim, sabe-se que o hidrato férrico deixa de existir em terras onde o enxugo é deficiente, de modo que, em regra, um solo vermelho é um solo bem drenado. Além disso, a referida substância tem, como o humus, embora em menor grau, a propriedade de tornar mais fácil o amanho dos solos argilosos pesados. Em contraposição, atribue-se por vezes ao hidrato de ferro uma influência prejudicial: a de dificultar a assimilabilidade do ácido fosfórico do terreno. Uma vantagem intrínseca da cor vermelha é facilitar a absorção do calor solar pela terra, e é sem dúvida esta a razão por que nas regiões do Centro e Norte da Europa, onde tudo quanto favoreça a maturação tem importância, as vinhas criadas em encostas onde o solo é avermelhado dão vinhos de qualidade superior aos demais.

A cor amarela denuncia também a existência de hidratos de ferro, mas em menores quantidades, e portanto com efeitos atenuados.

Os solos brancos, ou antes cinzento-claros, têm em Itália, e, de um modo geral, nas regiões húmidas, fraca reputação: a sua coloração revela escassez de humus e de hidratos de ferro. Por vezes, essas terras estiveram sujeitas à acção da água estagnada, que transformou o hidrato férrico em sais ferrosos, e acumulou sob a forma de concreções inertes todo, ou quase todo o ácido fosfórico e o ferro, bem como a cal, de que o solo dispõe.

... *at sceleratum exquirere frigus*

257. *difficile est: piceae tantum taxique nocentes*

258. *interdum aut hederæ pandunt vestigia nigrae.*

As terras frias a que o Poeta se reporta são provavelmente as que contêm permanentemente humidade em excesso. Os teixos (*Taxus baccata*, L.) figuram na flora característica dos brejos, e a

hera (*Hedera helix*, L.) dá-se bem, como se sabe, em sítios húmidos. Não se divisa a causa da aversão que Vergílio tem aos teixos, que qualifica de *nocentes* neste passo, e que, em IV.47, recomenda que não se plantem perto das colmeias. Billiard sugere que será por existir neles um alcaloide muito activo.

Dos processos, necessariamente simples, de que os antigos dispunham para apreciar o valor das terras e a sua aptidão cultural, certamente o mais seguro era o exame da vegetação espontânea, ainda actualmente um precioso recurso. Catão, Columela e Plínio dão bastantes indicações a este respeito. Por exemplo: «*ebulum, vel prunus silvestris, vel rubus, bulbus minutus, trifolium, herba pratensis, quercus, silvestris pirus. malusque, frumentarii soli notae*» (Pl., *N. H.*, XVIII.6.). Vimos já que, em II.182-183, Vergílio manda recorrer ao mesmo método. O conceito dos velhos agrónomos coincide com o que Hilgard formula nos seguintes termos: «Ao considerar as relações entre os solos e a vegetação natural que neles se desenvolve, o consenso geral da humanidade reconheceu há muito a íntima ligação que une uns e outra, e em toda a parte fez dela a base de uma apreciação geral, pelo menos, do valor agrícola da terra de que se trata».

259. *His animadversis...*

«Atentando em tudo isto»: quer dizer, tomados em consideração os caracteres do solo, que antes se discutiram.

Vergílio inicia no verso II.259 um verdadeiro tratado de Viticultura, que só termina em II.419. À oliveira dedica apenas seis versos (II.420-425) e às fruteiras tres (II.426-428), mas no começo do Livro II discutiram-se já diversos aspectos da biologia da árvore cultivada. O resto da segunda *Geórgica* ocupa-se das árvores e arbustos silvestres (II.429-457), das vantagens e amenidades da vida rural (II.458-474 e II.490-542) e das aspirações intelectuais e artísticas do Poeta (II.475-489).

A atenção especial dada à Ampelotecnica explica-se talvez em parte pela predilecção de Vergílio pelo assunto, mas certamente também pela importância económica que a vinha revestia na agricultura romana durante o período de formação e expansão do império, importância que todos os geopónicos latinos põem em evidência.

... *terram multo ante memento*

260. *excoquere et magnos scrobibus ciondere montis,*

«... deixar a terra a recozer com grande antecedência, e saíbrar a fundo os extensos montes» é a tradução habitual, que adoptámos, sem todavia ter a certeza de que seja exacta. Que entenderá o Poeta por *cozer*, ou *recozer*? *Coquere*, no verso I.66, significa «fazer experimentar os resultados da exposição ao calor solar», como explicitamente se indica; mas terá *excoquere* o mesmo sentido? Temos a impressão de que *excoquere* exprime uma acção muito mais enérgica do que aquela que *coquere* implica: há porventura entre os dois verbos a mesma relação que existe entre *efficio* e *facio*, e a confirmar esta hipótese há o sentido que às vezes tem *excoquere*, de «fundir no cadinho». Por outro lado, tratando-se de expor o terreno à acção do sol, pareceria natural que a surriba, operação a executar previamente, fosse mencionada em primeiro lugar, o que não sucede. Ficamos pois com a suspeita de que, possivelmente, *excoquere* significará «fazer uma queimada» (as *borralheiras* a que se alude na Nota a I.84-93), tanto mais que há paralelismo entre as expressões *terram excoquere* e *incendere agros* (I.84). Outro ponto a considerar é que antes da surriba é necessário roçar o mato, operação a que Vergílio se não refere: e não haveria razão para a mencionar no caso da esboiça, que abrange a citada operação.

A sugestão que apresentamos não tem, tanto quanto é do nosso conhecimento, o apoio de qualquer autoridade.

A surriba, trabalho violento, é descrita com a enérgica expressão *magnum concidere montis*, muito próxima da de Lucrécio «*magnum ... divellere montis*».

262. ... *optima putri*
 263. *arva solo: id venti curant gelidaeque pruinae*
 264. *et labefacta movens robustus iugera fossor.*

O Poeta alude uma vez mais ao estado definido pela palavra *putris*, ao qual o solo deve chegar, já pela influência dos agentes naturais (o que chamamos hoje *meteorização*), já pela acção dos amanhos. O verso II.264 é de um admirável vigor e de esplêndida sonoridade: certamente este *pulcherrimus versus* merecia mais do que a pobre tradução de Castilho: «os braços dos cavões».

Savastano observa que as geadas (*gelidae pruinae*) são frequentes na Campânia, e presume que Vergílio, ao descrever a surriba, tem em mente os solos argilosos: «Virgilio si riferisce specialmente ai terreni argillosi, le cui debbono frantumarsi prima

di procedere al piantamento». Mas a opinião do professor de Portici não se coaduna com o teor dos versos II.227-229, em que se aconselha que se destinem à vinha as terras mais soltas (*rarisima*), reservando-se para os cereais as encorpadas (*densa*).

266. ... *locum similem exquirunt ...*

Vergílio preconiza que o terreno do viveiro (é este o sentido que atribuímos a *seges arborum*) e o terreno onde é feita a plantação definitiva sejam tanto quanto possível parelhos, e esta opinião é acompanhada pela maioria das autoridades modernas. Mas vae mais longe: recomenda que se marque, na casca das árvores (presumimos que se trata sempre dos tutores vivos, e não das cepas) um sinal que permita, ao plantá-las no local definitivo, mantê-las com a mesma exposição que tinham no viveiro. Savastano diz que esta prática é muito aconselhada aos arboricultores, e pouco seguida por eles; Billiard exclama: «C'est une précaution que nous avons redécouverte de nos jours! (Cf. *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences, 19 Décembre 1921*)». Pela nossa parte, podemos testemunhar que em Trás-os-Montes e na Beira Alta o preceito continua a ser seguido, pelo menos quando se trata de estacais de oliveiras; ainda que não se marquem as arvorezinhas a transplantar, serve de sinal o musgo que se criou na respectiva casca.

273. *collibus an plano melius sit ponere vitem*
 274. *quaere prius. ...*

Sabemos bem em Portugal que a vinha tanto prospera nas planícies como nas encostas, mas é destas que, em geral, provêm os vinhos mais selectos; por isso Vergílio diz *Bacchus amat collis*. Daí a diferença assinalada por Ferreira Lapa entre os *vinhos finos das colinas e outeiros* e os *vinhos bastões das várzeas*, diferença que na região de Torres Vedras é particularmente acentuada, assim como no *bairro* e no *campo* do Ribatejo. Savastano refere que na Campânia havia, e continua a haver, dois tipos de vinhas: a de enforcado, em arrimos vivos, na planície, e a de tutores secos nas colinas.

- ... *si pinguis agros metabere campi,*
 275. *densa sere: ...*
 276. *sin tumulis acclive solum collisque supinos,*
 277. *indulge ordinibus; ...*

A densidade da plantação varia com diversos factores, mas um deles é sem dúvida a riqueza do solo. Vergílio aconselha a plantação basta nas terras ricas (persuadimo-nos de que *pinguis* tem neste passo a acepção vulgar de «rico» e não o sentido agrológico a que se fez referência na Nota a II.203-205), e a plantação com compasso mais largo nas terras de encosta, normalmente mais pobres e secas do que as aluviões dos vales.

A questão que o Poeta aborda tem sido muito sujeita a controvérsia. Foëx observa que em França o compasso se torna maior à medida que se caminha para o Sul. Dá para o facto a seguinte explicação: «A observação tem demonstrado que o desenvolvimento das raízes em profundidade está habitualmente em relação directa com o seu desenvolvimento em superfície, de modo que uma plantação apertada está sempre mais superficialmente enraizada do que uma plantação em que os pés estejam afastados. Ora, nos vinhedos meridionais, o fim geralmente visado é uma vegetação vigorosa e uma produção abundante, que só se podem obter, dada a secura do meio, por meio de um enraizamento profundo». E acrescenta: «A pobreza, bem como a secura das terras, parece ser uma condição que determina o afastamento das plantas; compreende-se, com efeito, que se um certo volume de uma terra encerra menor quantidade de princípios nutritivos do que o mesmo volume de outra, é necessário que na primeira o compasso seja maior para se obter uma vegetação equivalente».

Note-se que Foëx associa as ideias de *riqueza em princípios nutritivos* e de *riqueza em água*, o que não tem inconveniente, se nos colocarmos no ponto de vista prático. Além disso, Vergílio põe em confronto terras ricas e frescas de várzea e terras pobres e secas de encosta.

Perold entende que o número de videiras por hectare deve fixar-se tendo em atenção a quantidade de água disponível no solo, e estabelece que o compasso deve ser tanto maior quanto mais seco e menos profundo ele for. Portes e Ruysen, bem como Ottavi, acompanham a opinião de Foëx. Marcilla opina que nas terras pobres e não muito permeáveis, que secam rapidamente, as distâncias entre as cepas hão de ser, como é lógico, maiores do que quando se trate de terras férteis ou das que retenham bem a humidade. Com efeito, sendo a quantidade de água que cada cepa recebe do terreno mais reduzida no primeiro do que no

segundo caso, as videiras terão de tomar aquela de que necessitam de um maior cubo de terra.

Todas estas opiniões confirmam a de Vergílio. Mas outras há que se lhe opõem. Pereira Coutinho diz: «Nos sítios onde a vinha tem crescimento mais vigoroso, o compasso deve ser maior. Assim, deve ser maior nas terras fundas, ricas e frescas, relativamente às terras superficiais, pobres e áridas. Nas terras secas dos climas quentes, a diminuição das distâncias tem ainda a vantagem de vestir o terreno, para melhor conservar a humidade; nos terrenos húmidos, pelo contrário, é útil espaçar as plantas, para que o sol as enxugue. Nas planícies convém, de ordinário, alargar mais as plantações do que nas encostas, não só porque o chão é quase sempre mais fértil, mais espesso e menos seco, mas ainda para que as videiras se assombriem menos». Um autor moderno, Jacob, perfilha este modo de ver: «A distância entre as videiras deve depender do solo, do clima, da variedade e dos métodos de poda e de amanho. Em solos férteis e climas quentes onde as videiras têm grande desenvolvimento vegetativo, cada videira deverá dispor de 100 pés quadrados ou mais. Em climas mais frios, solos menos férteis ou videiras com menor crescimento, 80 pés quadrados devem bastar».

... *omnis in unguem*

278. *arboribus positis secto via limite quadret:*

O preceito expresso nestes versos é que as ruas entre as carreiras de arvores-arrimos, ou sejam as entrelinhas, fiquem a formar ângulo recto — em perfeita esquadria. A ideia da exactidão é dada por *in unguem* (= *ad unguem*): os escultores e os canteiros verificavam o acabamento do trabalho passando a unha sobre o mármore, a ver se sentiam quaisquer rugosidades.

Muitos comentadores acham difícil conciliar o facto das entrelinhas constituírem dois sistemas ortogonais com a hipótese da disposição adoptada nas vinhas ser o quincôncio, como se depreende da comparação com a formatura da legião romana. Mas a dificuldade provém apenas de se supor que só existem quincôncios quando os dois sistemas de linhas formam um ângulo de 60°, o que é uma noção moderna, a que os geopónicos latinos não fazem qualquer alusão.

Até ao tempo de Mário (*circa* 100 a. C.), a formatura da legião romana, em ordem de combate, era a seguinte:

299. *neve inter vitis corylum sere, neve flagella*
 300. *summa pete aut summa defringe ex arbore plantas*

A recomendação terminante de excluir a aveleira das vinhas pode explicar-se por ser aquela árvore das que mais facilmente se propagam por meio de rebentões, invadindo o terreno: «é planta semiselvática, forte e invadente», diz Savastano. Mas talvez a incompatibilidade da vinha e da aveleira tenha que ver com qualquer tradição mitológica desconhecida: em II.396 alude-se ao rito que consistia em assar as entranhas das vítimas dedicadas a Baco em espetos de aveleira, o que faz suspeitar que se trate de motivos de carácter sentimental, mais do que de ordem prática.

O preceito de rejeitar os alporques, e os rebentos destacados da parte mais alta das árvores, prende-se com a teoria já citada (Nota a II.28-29), que sustentava que nas regiões mais afastadas da raiz era reduzida a vitalidade, ao contrário do que sucederia nas partes mais chegadas à terra (*tantum amor terrae*, II.301).

301. ... *neu ferro laede retunso*
 302. *semina, ...*

Se o gume da podoa não estiver bem afiado, o corte é irregular, e a cicatrização torna-se mais difícil.

... *neve oleae silvestris insere truncos.*

Surpreende-nos grandemente que Savastano interprete esta frase como significando que não deve *enxertar-se* zambujeiro em oliveira, «porque nem sempre pega, e daria azeitona miúda e com pouco óleo». Todos os outros comentadores que conhecemos entendem que se recomenda que não se *platem* zambujeiros nas vinhas, para evitar perigo de incêndios; tanto mais que nos versos seguintes Vergílio faz a descrição — formosíssima — de um fogo ateiado na casca oleosa do zambujo, que se propaga de umas árvores para as outras, e acaba por destruir todas as videiras que nelas se enroscam. Um comentador observa que são raros os incêndios nos olivais: assim é, de facto, se entre as oliveiras não houver qualquer cultura, e o terreno estiver cuidadosamente limpo de ervas ruins. O mesmo não sucede, porém, se no olival houver pasto, pelo qual, quando seco, o fogo passa com facilidade de árvore para árvore; e Vergílio fala-nos, precisamente, do incêndio provocado por um descuido de pastores,

É evidente que a confusão de Savastano provém da atribuição a *inserere* do sentido derivado «enxertar», em vez do sentido fundamental, «plantar». E, para o verbo ter o primeiro dos significados, teria de adoptar-se a lição *olea*, muito duvidosa, em lugar de *oleae*.

A associação, quer do zambujeiro, quer da oliveira, com a vinha, não é recomendável, a não ser que se possa dar grande compasso tanto às árvores como às cepas. No relato da sua *Visita às principais comarcas vinhateiras do centro do Reino em 1885*, diz António Augusto de Aguiar: «Nota-se tendência para fazer desaparecer a oliveira das vinhas, e todos os vinhateiros afirmam que há perfeita antipatia entre ela e as cepas».

315. *Nec tibi tam prudens quisquam persuadeat auctor*
 316. *tellurem Borea rigidam spirante movere.*

Prudens auctor é como o Poeta chama, com ironia, ao sabichão sentencioso que sobre todos os assuntos dá opinião — tipo que abunda nos meios rurais e que, como se vê, é de velha estirpe. Fazer a mobilização do solo quando sopra o vento Norte seria desastroso na Campânia, onde esse vento, como observa Savastano, é frio e violento, e onde nos terrenos soltos, *sempre frescos* (é ainda o professor de Portici quem salienta este pormenor) a água congela por camadas sucessivas, tornando impossível semear ou plantar, e danificando gravemente a estaca que começa a criar raízes.

319. *optima vinetis satio cum vere rubente*
 320. *candida venit avis longis invisae colubris,*

Na maior parte do nosso País as épocas mais oportunas para a plantação da vinha são o outono — não o princípio da estação, mas de preferência o final — e o inverno, o que não quer dizer que em sítios húmidos se não meta bacelo durante a primavera. É esta estação que Vergílio indica (a cegonha chega à Itália no começo de Março) e Savastano não faz a este respeito qualquer comentário. Deve tomar-se em linha de conta que o clima da Campânia é caracterizado por uma precipitação vernal mais abundante do que a da maioria das regiões vitícolas portuguesas, e, como se observou na nota precedente, as terras soltas, apropriadas para a vinha, são em regra lenteiras. Não deve pois haver risco de murchar o bacelo por falta de humidade.

323. *ver adeo frondi nemorum, ver utile silvis,*

 345. *... et exciperet caeli indulgentia terras.*

Este passo é um hino, de maravilhosa perfeição artística, às energias criadoras da Primavera. O verso II, 324, *vere tument terrae et genitalia semina poscunt*, é sem dúvidas dos mais belos de toda a Poesia latina, e os que se lhe seguem formam um magnífico conjunto, em que transparecem o sentimento, a imaginação viva e a ternura pelas cousas da Natureza tão características de Lucrecio, mas em que a dignidade austera e por isso um tanto hirta do estilo do poeta-cientista é substituída por uma harmonia constantemente variada, por uma elegância e riqueza de forma incomparáveis: «the stateliest measure ever moulded by the lips of man», como disse Tennyson. Lucreciano pelo conceito, o passo é intensamente vergiliano pelo tratamento poético.

Para comparação, transcreve-se o passo em que Lucrecio entoa também o seu hino à Primavera:

*«postremo pereunt imbres, ubi eos pater aether
 in gremium matris terrae praecipitavit;
 at nitidae surgunt fruges ramique virescunt
 arboribus, crescunt ipsae fetuque gravantur;
 hinc alitur porro nostrum genus atque ferarum,
 hinc laetas urbis pueris florere videmus,
 frondiferasque novis avibus canere undique silvas;
 hinc fessae pecudes pingui per pabula laeta
 corpora deponunt et candens lacteus umor
 uberibus manat distentis; hinc nova proles
 artubus infirmis teneras lasciva per herbas
 ludit lacte mero mentis percussa novellas.»*

A ideia de que a vida surgiu na Terra durante a primavera é também expressa por Lucrecio:

*«principio genus alituum variaequae valucres
 ova relinquebant exclusae tempore verno,

 tum tibi terra dedit primum mortalia saecula.

 at novitas mundi nec frigora dura ciebat,
 nec nimios aestus nec magnis viribus auras.»*

346. *Quod superest, quaecumque premes virgulta per agros*
 347. *sparge fimo pingui et multa menor occule terra,*

Talvez ainda sob a influência de Lucrecio, o Poeta adopta a fórmula de transição *quod superest*, tantas vezes usada no *De Rerum Natura*, para, abandonando as altas regiões que só as águias alcançam, regressar às realidades da vida agrícola, que pareceriam humildes se as não enobrecesse a arte de Vergílio. Fala-nos agora em questões de pura técnica, recomendando que na vala onde se colocaram os bacelos se lance estrume bem curtido, cuidadosamente coberto de terra. Talvez nenhum outro poeta tivesse recursos de génio para, logo a seguir ao grandioso canto à Primavera, se referir a cousa tão modesta como o estrume, sem nos dar a sensação penosa de um *anti-climax*. Como disse Addison, numa frase que é um verdadeiro achado, «Vergil ... tosses the dung about with an air of gracefulness».

A precaução aconselhada por Vergílio é plenamente justificada: importa assegurar alimentação abundante às plantas novas, e a adubação orgânica, de utilização lenta, é encarregada de a administrar; convém que o estrume se resguarde com uma camada espessa de terra para evitar perdas das substâncias amoniacais voláteis que se vão formando.

348. *aut lapidem bibulum aut squalentis infode conchas:*
 349. *inter enim labentur aquae, tenuisque subibit*
 350. *halitus, atque animos tollent sata ...*

É muito judicioso o preceito de instalar valas cegas nas vinhas. Trata-se em geral — uma vez mais o notamos — de terras húmidas, pelo menos durante grande parte do ano, e das quais é preciso fazer sair a água em excesso.

Diz Pereira Coutinho: «Antes da plantação, deve merecer particular cuidado o esgoto da terra; a humidade excessiva, acumulada junto às raízes, é muito prejudicial à videira. Se o terreno não enxugar naturalmente, pelas condições de impermeabilidade do solo ou do sub-solo, é indispensável sangrá-lo: já abrindo valas convenientemente traçadas, já estabelecendo uma drenagem, cujas despesas são bem compensadas pelo excesso de rendimento da vinha. Nas terras húmidas, e muito mais nas encharcadiças, a não se poderem fazer estes trabalhos prévios de enxugo, melhor é não plantar vinha, que se ressentem muito nesse meio contrário,

produz vinhos inferiores, e fica muito atreita a acidentes vegetativos graves (*apoplexia, vermelhidão*) e a maior invasão de doenças parasitárias, como o apodrecimento das raízes, exagerada intensidade do *oidio, antracnose, mildio*, etc.».

Embora sejam múltiplas as vantagens do enxugo, a que consiste em provocar o arejamento da terra tem importância predominante. É a esse arejamento que Vergílio alude com a frase *tenuis-que subibit halitus*.

Castilho foi infeliz na tradução deste passo. Não compreendeu a idéia do Poeta, que nos diz claramente que as plantas, em consequência da oxigenação devida ao enxugo, «criam alma nova» (*tollunt animos*). A versão

«... As pedras arentas
se na cova as puzeste, ou conchas gordurentas,
dão ás aguas escape, e deixão que se eleve
a recrear a vide um bafozinho leve»

é de uma pobreza lamentável.

Não só Castilho, como Lejay e muitos outros, se apegam ao significado «bafo» de *halitus*, e supõem que se trata de vapor de água que sobe (*subibit*). Mas *halitus* pode também ter o sentido, aqui evidentemente aplicável, de «respiração», e o emprego do verbo *subire* justifica-se, visto que o ar circula no solo, e portanto *debaixo* das plantas.

Fez-se ampla referência às valas cegas na Nota a I.113-117. *Squalentis* significa para alguns «húmidas», para outros «rugosas», para Castilho «gordurentas». Temos a convicção de que *squalere* implica a idéia de «desarrumação», «desordem», «desalinho» (veja-se *squalent arva*, em I.507), e de que se trata, portanto, de conchas lançadas a granel, sem arrumação, para a água poder passar pelos intervalos. Heyne nota que *squalere* se opõe a *nitere*: «*Omnino squalent quae non sunt levia et nitida*». Mas observe-se que *nitidus* se emprega com frequência na acepção de «bem ordenado».

É claro que as idéias de *aceio* e *ordem* facilmente se associam, e o mesmo sucede com as idéias respectivamente opostas: mas há casos, e este parece-nos ser um deles, em que é preciso não as confundir. Percebe-se que se fale em conchas *desarrumadas*: mas

que interesse terá elas serem *suvas*, ou, como especifica Castilho, *gordurentas*, para o efeito da passagem da água pelos vazios?

Sata refere-se, indubitavelmente, aos bacelos. Skrine, numa nota, assim o reconhece; e, no entanto, na Introdução, traduz *sata* por «the corn crops», o mesmo erro em que cae Castilho, ao verter o verso II.423.

... *iamque reperti*

351. *qui saxo super atque ingentis pondere testae*

352. *urgerent; ...*

Colocar uma pedra pesada (e portanto grande) ou uma telha, cravada obliquamente no terreno, e saindo em parte dele, por cima do bacelo, é prática hoje abandonada, mas à qual se não pode negar fundamento. Há a contar, na Campânia, com a seca excessiva do trimestre Junho-Agosto; neste período, a defesa pelo meio indicado contra os ardores do sol não deixaria de trazer resultados favoráveis, com moderado dispêndio. Por outro lado, estando a pedra colocada, como se disse, obliquamente, funcionaria como a aba de um telhado, afastando do bacelo a água das chuvas copiosas do inverno.

354. *Seminibus positis superest diducere terram*

355. *saepius ad capita...*

Segundo a maior parte dos comentadores, este passo diz respeito à *amontoa*, cujo fim é, entre outros, proteger as plantas novas da dissecação. *Diducere saepius terram ad capita* querará então dizer «chegar amiúde terra às cabeças dos bacelos»; é esta a versão de Billiard, «*butter souvent / les boutures / en ramenant la terre autour de leurs têtes*».

Mas há dois factos a considerar. Primeiramente, os bacelos, no caso da vinha de pé franco, não precisam da *amontoa*, que só virá a ser útil quando a cepa tiver atingido um certo desenvolvimento; o que o bacelo exige é que a terra seja bem remexida em torno dele, sobretudo se o solo for um tanto argiloso e criar *crosta*, ou *côdea*, depois das chuvadas. Por outro lado, tratando-se da *amontoa*, o que vem fazer o advérbio *saepius*? A *amontoa* não é operação a executar com frequência, nem se compreenderia que o fosse.

Skrine, que é um humanista, e provavelmente pouco versado em questões de técnica vitícola, propõe no entanto uma tradução que se nos afigura mais acertada do que a anterior: entende ele que *diducere* significa «dividir», «desfazer», e cita o verso de Juvenal «*diducit scopulos, et montem rumpit aceto*» (X.153), em que evidentemente se diz que / Aníbal / «desfez rochedos»; e observa ainda, o que é uma indicação de interesse, que *ad capita* pode perfeitamente traduzir-se por «ao pé das raízes» ou «até às raízes» («up to the very roots»), uso este das palavras *caput* e *κεφαλή* que não é raro. É assim a versão «remexer amiúde a terra em torno dos bacelos» não só se justifica filologicamente, como descreve uma prática de evidente utilidade.

Poderá objectar-se que a seguir se fala na *cava* e na *lavra*; mas estas operações abrangem as entrelinhas só até às proximidades das carreiras de bacelos. Junto a estes, a mobilização do solo tem de efectuar-se com especial cuidado: nunca correndo o risco de atingir o bacelo com a relha da charrua ou com algum golpe da enxada manejada com movimento largo (*iactata*).

... *et duros iactare bidentis,*

O verbo *iactare* dá-nos a visão do gesto amplo do cavador que brande o pesado bidente. Não há motivo para traduzir esta última palavra, que se conserva no nosso vocabulário agrícola, pelo menos na região duriense. O bidente é, como o nome indica, uma enxada com duas pontas, compridas e delgadas; própria para a cava da vinha, porque pode remexer a terra junto aos pés das cepas, muito melhor do que uma enxada vulgar. Suspeitamos, pelo que se diz em II.400, que o bidente romano teria na parte posterior uma peta, para quebrar os torrões mais rijos.

356. *aut presso exercere solum sub vomere et ipsa*
357. *flectere luctantis inter vineta iuvencos;*

Mostra-nos este passo que o emprego da charrua no amanho das vinhas era corrente na antiga Itália; e sabemos, porque o diz Columela (Nota a I.97-98), que se usava lavar ao longo das entrelinhas nas duas direcções normais que estas tomavam, de modo que cada lavoura se completava com uma estravessa. Para Skrine, *flectere* significa «drive crosswise»; mas parece-nos que *flectere iuvencos* não pode deixar de exprimir a ideia de «conduzir», «guiar os novilhos». Quanto ao epíteto *luctantis*, supõem alguns

que descreve a resistência que os bois ofereciam (presumivelmente por serem novos) ao trabalho que se lhes impunha. Castilho diz: «embora a seu máo grado» e Billiard fala em «les jeunes bœufs qui regimbent». Afigura-se-nos mais natural que *luctantis* queira dizer «afadigados», porque tanto esta palavra como *presso, iactare, duros*, contribuem para acentuar que se tratava de uma faina violenta, que exigia grande esforço — o que, diga-se de passagem, depressa tiraria aos animais veleidades de rebeldia. Outra hipótese a considerar é a de *luctantis* significar simplesmente «que brigam um com o outro», reproduzindo a frase de Hesíodo οὐκ ἄν τῷ γ' ἐπισσάτε etc. (T. D., 439), que figura no passo em que o poeta de Ascre adverte que não devem escolher-se para a lavoura bois muito novos.

358. *tum levis calamos et rasae hastilia virgae*
359. *fraxineasque aptare sudas furcasque valentis,*

Desde nova, a videira devia acostumar-se a trepar, como preparação para o seu futuro consórcio com a árvore que lhe serviria de arrimo definitivo. Por isso tinha de ser suportada por canas (*calami*), por varas (*hastilia*) direitas, às quais se tirava a casca, por paus de freixo (*fraxineas sudas*) e por forquilhas (*furcae*), que haviam de ser robustas (*valentis*), porque sobre elas descansava o resto da armação.

Por que razão recomendará Vergílio que se descasquem as varas utilizadas para apoios? A explicação sugerida por alguns é que se teria observado que, quando a casca se despega por efeito da dissecação, fica, debaixo dela, espaço onde se abrigam insectos nocivos à vinha e às próprias árvores ou arrimos secos.

362. *Ac dum prima novis adolescit frondibus aetas,*
.....
370. *exerce imperia et ramos compesce fluentis.*

O quadro que Vergílio apresenta neste passo tem tres aspectos diferentes:

(1) O renovo (*pampinus*) sae do gomo; durante algum tempo, enquanto é delicado, não convém tocar-lhe: *parcendum teneris*.

(2) A vara (*palmes*) desenvolve-se e cresce alegremente (*laetus*); ainda se não deve cortar com o ferro; o *esladramento*

faz-se com a unha: *acie falcis nondum temptanda, sed uncis carpentae manibus.*

(3) O sarmento adquiriu maior vigor, e há varas lenhosas que é necessário suprimir, para que a seiva afluente às que se conservam; é agora ocasião de empregar a podôa: *tunc stringe comas-tunc brachia tonde.*

A técnica indicada por Vergílio é inteiramente racional. Quando se efectua a *poda em verde*, convém *descolar* o pâmpano do nó com suavidade, à mão, e assim a ferida cicatriza mais facilmente do que se se empregar a podôa. Pelo contrário, o arranque à mão de sarmentos já robustos nem sequer pode praticar-se: é com um instrumento de corte bem afiado que eles se separam, evitando que haja *esgaçamento*. Não vemos a razão por que os preceitos do Poeta levantam dúvidas no espírito de alguns comentadores, entre eles Billiard. Diz este tradutor, que escreveu um livro interessante sobre *A Vinha na Antiguidade*, que «il faut éclaircir / les sarments / seulement lorsque le bois est solide»: mas Billiard, que é viticultor na Borgonha, com certeza não ignora que o esladroamento dos pâmpanos verdes é uma operação indispensável, sobretudo para a vinha alta.

A construção da frase *novis adolescit frondibus* parece indicar que não se trata da adolescência da videira no seu conjunto, mas sim *da parte da videira que se encontra nessa primeira idade*: não encontramos porém forma de exprimir a idéia na tradução sem esta se tornar deselegante em demasia.

371. *Texendae saepes etiam et pecus omne tenendum,*

.....

379. *dentis et admorsu signata in stirpe cicatrix.*

O encerramento da vinha por meio de sebes ou muros é tão vulgarmente praticado que na Borgonha a vinha de um proprietário se chama *clos*, designação que tem equivalente em alguns dialectos regionais da Itália. As vedações não só servem para impedir a entrada (*tenendum*) dos animais nocivos — cabras, ovelhas, bezerras — como ainda, observa Cavazza, «imprimem um cunho de ordem e de estética, a tal ponto que, pelo modo como está vedada a vinha e conservada a sebe, se pode ajuizar da diligência do viticultor».

Se há regiões onde as vinhas se resguardam por meio de muros, as mais das vezes de pedra solta, noutras é ainda corrente o uso das sebes vivas — pilriteiro, espinheiro da Virgínia, etc. — como as que os Romanos preferiam. A sebe viva paga em geral as despesas de conservação com o rebotalho da limpeza bi-anual; mas rouba espaço e luz, e com o raizame apodera-se de água e princípios nutritivos, o que vae prejudicar as carreiras de cepas ou árvores-arrimos mais próximas.

374. *silvestres uri... capreaeque sequaces*

Um dos animais que Vergílio menciona — o *uro* — é de identificação um tanto incerta. Não se trata, evidentemente, do *urus* que César encontrou na floresta Hircínia, o *Bos primigenius*, L., ou auroque, feroz e «quase tão corpulento como o elefante» nem daquele que fala Plínio, que seria talvez o *B. caucasicus*, Hilz. É possível que fosse o *B. bubulus*, L., semi-selvagem e autóctono na Itália. Macrobius informa-nos de que *urus* é palavra estranha ao vocabulário latino: «*Uri enim Gallica vox est, qui feri boves significantur.*»

Caprea deve ser o *Cervus capreolus*, L.

376. *frigora nec tantum cana concreta pruina*

A construção da frase é muito curiosa. *Frigora concreta* é, literalmente, «o frio congelado», e Skrine explica que Vergílio adoptou a expressão de Lucrecio *nix acri concreta pruina*, sem reparar que *concreta* se apõe mais justificadamente a *nix* do que a *frigora*; todos sabem o que é «neve endurecida», e não se entende, à primeira vista, o que sejam «frios endurecidos». Para nós o mais plausível é que se trate de uma das hipálages a que Vergílio tão frequentemente recorre: o epíteto pertence, em rigor, a *pruina*; mas foi transposto para *frigora*. É o que Lejay chama «peindre la nature par l'image qu'elle produit au dedans de nous». Assim, pensamos que «os frios que a branca geada torna mais regelados» é tradução aceitável para o verso II.376; a frase portuguesa é compreensível, e nada tem de estranho: e todavia, não é tanto o frio que é regelado; regelado fica quem o sente.

377. *aut gravis incumbens scopulis arentibus aestas*

Quem tiver suportado os calores de Agosto ou Setembro nas margens penhascosas do Douro não terá dificuldade em apreciar

a propriedade do qualificativo *gravis* aposto a *aestas*. A sensação que se experimenta é, com efeito, a de opressão, semelhante à que sofre quem está sujeito à acção de um peso exagerado. Vergílio imagina a rocha sentindo essa opressão como um ser humano, seguindo a tendência, que tanto adorna a sua poesia, para dar vida às cousas inanimadas. Não nos parece que se deva tomar *gravis*, seguindo a opinião de Lejay, como um advérbio (*gravis incumbens = graviter incumbens*); para nós *gravis* é um epíteto, muito justificado, de *aestas*.

378. *illi...*

Illi pode ser nominativo ou dativo. Se for nominativo, como opina Lejay, apõe-se a *greges*, e marca a censura que o Poeta faz aos animais que causam estragos nas vinhas.

... *venenum*

Julgava-se antigamente (e ainda há vestígios desta crendice nos nossos campos) que a mordedura dos animais — sobretudo das cabras — empeçonhava as árvores. Já em II.196 se fala em *urentis capellas*.

379. *admorsu ... stirpe*

A notar que *stirps*, no sentido próprio de «touça», é palavra masculina, ao passo que, quando significa «linhagem», é do género feminino.

380. *not aliam ob culpam Baccho caper omnibus aris*

381. *caeditur...*

Para castigar os seus crimes contra a videira, sacrificavam-se bodes a Baco: «*sic factum ut Libero patri, repertori vitis, hirci immolarentur, proinde ut capite darent poenas*», diz Varrão.

Em contraposição, o facto da grei caprina *envenenar* (II.378) as oliveiras com a sua mordedura, impedia que as cabras se sacrificassem em honra de Minerva: «*contra ut Minervae caprini generis nihil immolarent propter oleam, quod eam quam laeserit fieri dicuntur sterilem: eius enim salivam esse fructis venenum*».

... *et veteres ineunt proscaenia ludi,*

O *proscaenium* (προς-σκήνιον) era o «palco». Alude-se à origem da tragédia, e ao uso de premiar o melhor recitador com um bode. Deste costume fala Horácio, na *Ars Poetica* (220 *et seq.*):

«*carmine qui tragico vilem certavit ob hircum,
mox etiam agrestes satyros nudavit ...*»

382. ... *pagos et compita circum*

Na origem, a comédia era a marcha dos bebedos (κώμος) através das comarcas do país (δήμος em ático, κώμη em jónico). Entre κώμος e κώμη estabeleceu-se uma confusão que perdurou, e que porventura influe na descrição de Vergílio, como se depreende do emprego das expressões *laeti ... inter pocula*, por um lado, e *circum pagos et compita*, por outro (Lejay).

384. ... *unctos saluere per utres*

Alusão ao desporto chamado na Grécia ἀσκήσιασμός, que consistia em dançar a pé-coxinho sobre um odre untado de azeite; o odre, com o vinho que continha, era o prémio do vencedor. Há evidente parentesco entre esta diversão rural e a do mastro ensebedo, ainda praticada nas nossas aldeias em dias de festa.

389. *oscilla ex alta suspendunt mollia pinu.*

390. *hinc omnis largo pubescit vinea fetu,*

391. *complentur vallesque cavae saltusque profundi*

392. *et quocumque deus circum caput egit honestum.*

A superstição descrita nestes quatro versos residia, não em supor que todas as vinhas se tornavam produtivas pelo facto de se suspenderem nas árvores imagens móveis de Baco, mas sim em crer que os vinhedos para os quais essas imagens se viraram com maior frequência prosperavam, e davam mais abundante colheita.

Delille compreendeu perfeitamente o texto, e explicou-o, em prosa, com clareza: «C'étaient des petites têtes de Bacchus que les vignerons suspendaient à des arbres, persuadés que, dans tous les endroits vers lesquels se serait tournée cette image, les vignes deviendraient fécondes». Mas, ao traduzir o passo em verso, afastou-se da interpretação exacta:

«Et de l'objet sacré de leurs bruyants hommages
Suspendent à des pins les mobiles images.

Soudain l'aspect du dieu fertilise les monts,
Les arides coteaux, les humides vallons.

Não há que censurar o mesmo à versão de Castilho:

«as de qualquer lugar por onde alegre mira
a imagem...»

Castilho traduz *oscilla* por «Bacchozinhos de barro». Mas porquê *de barro*? Skrine, mais prudente, diz que as imagens eram «talvez feitas de casca de árvore, ou cortiça», e esta hipótese não parece desacertada.

O *honestum* do verso II,392 deve definir a aparência gentil do Dioniso grego; o Baco latino era menos gracioso, e o facto de ser o deus do vinho (e dos beberrões) faz-nos esquecer a sua mocidade heroica e amorosa. A tradução de Dryden, «Bacchus's honest face», evoca um deus familiar, democrático, com quem os seus devotos se sentem à vontade.

395. *et ductus cornu stabit sacer hircus ad aram,*

Para o sacrifício ser auspicioso, devia a vítima deixar-se *conduzir* sem que houvesse necessidade de a puxar, e ficar *quieta*, sem ser preciso prende-la, ao pé do altar.

396. *colurnis*

Veja-se a Nota a II.299-300.

399. *terque quaterque solum scindendum glaebaque versis*

400. *aeternum frangenda bidentibus, ...*

Scindendum / aratro / dá a entender claramente que se trata da lavoura, a qual, como se disse (Nota a II.356-357) se praticava correntemente nas vinhas; mas era completada com a cava. Pode conjecturar-se, pela expressão *bidentibus versis*, que a enxada teria na parte posterior uma peta, para quebrar torrões mais duros, embora para esse fim também servisse o olho da ferramenta. Skrine chama a atenção para a cadência das palavras *aeternum - frangenda - bidentibus*, que evoca o compasso regular das pancadas da enxada.

... *omne levandum*
401. *fronde nemus. ...*

Por *nemus* («bosque») entende-se aqui a vinha e as árvores que lhe servem de esteio. A mesma palavra, com igual sentido, ocorre em II,308. A operação a que se alude é a *espoltra*, ou «supressão de ramos delgados, desnecessários ou inconvenientes» (Rasteiro).

403. *olim*

Advérbio que introduz a idéia de que um acontecimento se realiza numa época afastada, no passado ou no futuro.

407. *persequitur vitem attondens fingitque putando.*

A palavra *at-tondens* (*tondere*, «tosquiar») descreve perfeitamente o *desbarbamento*, ou corte dos rebentos basilares e das raízes superficiais da videira nova, que, se se conservassem, dariam como resultado a cepa ser prejudicada pelos amanhos, por pouco profundos que estes fossem, e pelos calores do verão. A ablação (*ablaqueatio*) desses órgãos supérfluos fazia-se descalçando a cepa até à profundidade de um pé e meio (cerca de 45 centímetros) e procedendo depois a uma verdadeira *tosquia*. Em França, nos vinhedos mediterrâneos, chama-se *cavaillonage* à operação; em Itália dá-se-lhe o nome de *sbarbettatura*. É curioso que para Savastano *attondens* signifique *arredondando / a videira /*, «perchè la vite si allunga soverchiamente e perciò la si deve raccorciare». Sem quebra do respeito devido à autoridade do professor de Portici, parece-nos que ele confunda o desbarbamento com a *desponta*, prática útil e até indispensável, mas para a videira em plena pujança — não para a que é ainda juvenil. E é evidentemente a esta que o Poeta se refere.

Em relação a tudo o que precede, não deve perder-se de vista que se trata de cepas de pé franco: em muitos pontos, a técnica difere quando se cultiva a videira enxertada.

Fingit putando é, como *attondens*, uma expressão sugestiva, porque o verbo *fingere* descreve o trabalho do oleiro (*figulus*). Alude-se agora à *poda de formação*, que dá à planta «arborescência e forma regular, adaptadas à sua natureza e às condições do meio e da cultura» (Rasteiro). É uma *poda em seco*, visto que

o Poeta assinala que ela se pratica depois da videira ter perdido as últimas folhas (*cum vinea posuit seras frondes*). Cavazza, referindo-se à Itália em conjunto, diz que, em geral, «a queda das folhas inicia o período útil para a poda»; precisando mais, Varrão e Columela indicam o outono como a época própria para a *putatio* «nas regiões quentes de inverno suave»; com efeito, se o frio for rigoroso, o lenho é frágil, os golpes não ficam *lisos*, e os tecidos expostos pelos cortes recentes correm o risco de gelar.

408. *primus humum fodito, primus devecta cremato*
 409. *sarmenta, et vallos primus sub tecta referto*;
 410. *postremus metito*. ...

A interpretação dada por Savastano a este passo é inesperada, e não conseguimos entendê-la. Transcrevemos textualmente a versão do professor italiano:

«prima di tutto seminerai il sovescio *humus* — pratica normale nella Campania — ed in questo caso l'*humus* è il sovescio non lo stallatico, poichè Virgilio dice che si dovrà mietere *metito*; prima brucerai i tralci, cioè li consumerai nel focolare; poi riporterai i pali, cioè i sostegni, al riparo; in ultimo mieterai, cioè infossarei il sovescio, ma prima lo farai pascolare secondo l'uso».

A bem dizer, só concordamos com a tradução de *vallos sub tecta referto* por «riporterai i pali al riparo». Tudo o mais nos parece pura fantasia.

Assim, como pode traduzir-se *humus* por *sovescio*, que significa «adubo verde»? Será porque *metito* se aplica a *humum*? Certamente não. *Metito* diz respeito à vindima, e *postremus* indica que se pretende que ela seja tardia, o que não é difícil explicar, como veremos. Nada tem de extraordinário que Vergílio use o verbo *metere*, que em regra tem a acepção de «ceifar» / os cereais, etc. / para designar a colheita das uvas; o Poeta aplica à viticultura as palavras *seges* (II.267 e II.411), *semina* (II.354), *serere* (II.275), etc. Aliás Savastano traduz *metere* primeiro por *mietere* e depois por *infossare*, o que é, na verdade, forçar demasiadamente as conjecturas; não se encontra, em toda a prosa dos geopónicos latinos, um só passo que autorize a segunda versão: seria, de facto, estranho que o mesmo vocábulo tivesse os sentidos de «ceifar» e «enterrar».

Por outro lado, se se admitir — o que terminantemente nos recusamos a fazer — que *humus* pode significar «adubo verde», como se explica a expressão *humum fodito*? O verbo tem sempre o sentido de «cavar», e atribuir-lhe o de *seminare* não tem justificação possível, tanto quanto nos é dado apreciar.

A própria tradução de *devecta sarmenta cremato* por «brucerai i tralci» é insuficiente, tanto assim que Savastano se vê obrigado a acrescentar, como parêntesis, «cioè li consumerai nel focolare»; e supomos que não é bastante falar nos sarmentos, antes convém esclarecer que se trata dos resíduos da poda, aquilo que chamamos — parece-nos que em bom português — o «retraço da chapota».

O preceito *postremus metito*, com o sentido de «sê o último a vindimar» tem toda a razão de ser, se atendermos ao objectivo principal da vinificação romana, que consistia em preparar vinhos de alta graduação alcoólica. Como o clima húmido obrigava ao uso predominante da vinha de embarrado, o objectivo não era fácil de conseguir, e tornava-se necessário esperar, não a maturação, mas a super-maturação das uvas. Assim se obtinham vinhos muito alcoólicos, é certo, mas desequilibrados, de pouca dura, e sujeitos a toda a espécie de percalços. Daí resultava ser forçoso recorrer a tratamentos complicados, sobre os quais Columela, Paládio e outros fazem extensas e minuciosas considerações.

A nosso ver, Skrine interpreta perfeitamente o pensamento de Vergílio quando explica o teor dos versos II.408-410 pela forma seguinte: «You are to be the first to dig, because there can never be too much of that; to cart rubbish, because it will leave you free when other work calls; to bring in the vine-props, lest the weather should make them rot; but the later you gather the grapes the riper they are».

Ferreira Lapa, analisando as características da técnica vinária na região de Torres Vedras, nota que o que lhe dava um cunho especial eram, no seu tempo (tudo mudou consideravelmente desde que a vinha de pé franco, então cultivada, foi substituída pela vinha enxertada em cavalo americano) «os artificios empregados para suprir a deficiência da maturação da uva, e acelerar o andamento das fermentações. A-pesar de ser tardia a vindima, nunca começando antes do fim de Setembro, e indo até Outubro, raras vezes a uva atingia, na região, o limite máximo da maturação». O facto é atribuído pelo eminente oenólogo «não à natureza do

vidonho, mas à humidade do ambiente, ao aquecimento solar pouco intenso, e à pouca riqueza em potassa dos terrenos. Daí as práticas de fazer *arder* a uva, antes de a lagarar, de *escaldar* os mostos, antes de começarem a fermentar, e de *arrobar* os mesmos mostos».

Não seriam, todavia, estas práticas suficientes para obter nos vinhos a elevadíssima graduação alcoólica a que por vezes os Romanos os levavam. Plínio refere que o Falerno se inflamava e ardia com facilidade. Explicar como se conseguia tal resultado (*si credere dignum est*) sem o recurso à adição de álcool (lembremo-nos de que a destilação só na Idade Média foi inventada pelos Arabes) é problema que ainda não foi possível resolver. É o que observa Remark: «Welche Methode die Alten nwardten, um diesen Alkoholgehalt zu erzielen, wissen wir nicht. Jedenfalls wurde es *auf natürlichem Wege* und recht durch Zusatz von reinem Alkohol erreicht».

Os *valli* mencionados no verso II.409 ou são as armações que sustentam a vinha alta enquanto nova, a que se alude em II.358-359, ou os suportes com que se ampara a vinha rasteira. Para que esta não fique caída no terreno, o que, sobretudo em regiões húmidas, tem inconvenientes óbvios, procede-se ao que entre nós se chama a *alevanta*, operação que consiste em apoiar os sarmentos da vinha que têm fruto em forquilhas, que tomam diversos nomes, conforme as regiões (*pontões, forcas, frades, tanchões, granzépios, paus de falca, rodrigas*, etc.). Varrão diz-nos: «logo que os vindimadores terminaram a sua tarefa, o proprietário traz para casa as forquilhas, para aí as arrecadar durante o inverno, de modo que se possa servir delas no ano seguinte, e evitar assim novas despezas».

... *bis vitibus ingruit umbra,*

411. *bis segetem densis obducunt sentibus herbae;*

412. *durus uterque labor: ...*

O Poeta alude primeiramente à *desparra*, ou seja a supressão, quer de folhas individuais com os seus pecíolos, quer de partes de sarmentos com a respectiva folhagem, a-fim de dar luz e ar aos cachos, e de conseguir que as uvas se tornem mais doces.

A utilidade desta prática tem sido largamente debatida. É fóra de dúvida que as folhas são indispensáveis para a perfeita elabo-

ração dos sucos das uvas; e só quando mudam de cor e caem, desarticulando-se naturalmente, é que terminou a deslocação para os eixos das reservas nutritivas que nelas se preparam. Arrancá-las antecipadamente é pois privar a planta de alimentos que lhe são úteis, e ocasionar fraca rebentação futura. Em vinhas pouco vigorosas, o arranque das folhas vivas mais as debilita; em regiões quentes e secas a desfolha pode ser inconvenientíssima, chegando a provocar a queima dos cachos: por isso em algumas das nossas zonas vitícolas «não só não há necessidade de desparrar, como até é preciso lançar mão de processos contrários, a-fim de proteger as uvas da acção do sol...; neste caso, se é possível, pratica-se a *arregaça*, cobrindo os cachos com a rama voltada das mesmas cepas, ou, se a rama não dá para tanto, com um punhado de erva ou de fetos» (Pereira Coutinho).

Todavia, a desparra é aconselhável «quando as uvas estão muito assombreadas, ou nos anos em que a maturação se atrasou ou nas vinhas das terras baixas e húmidas» (Pereira Coutinho), este último caso frequente na Campânia. Como diz Ottavi, confirmando este parecer, «por vezes a vinha tem tal abundância de vegetação herbácea e tão volumoso amontoado de folhas, que a regra que prescreve que não sejam suprimidas nenhuma deve sofrer excepção, para se não criar um meio de humidade, de obscuridade e de falta de ar, no qual a videira pode não se encontrar bem...». Não esqueçamos, tampouco, que na Campânia predominava a vinha de enforcado; e Pereira Coutinho, que, de um modo geral, condena a desparra, concorda em que ela é «muito empregada / na vinha alta / e bastante necessária, para auxiliar a difícil maturação das uvas».

Em resumo, parece que a última palavra na discussão que ainda hoje continua acerca das vantagens e inconvenientes da desparra foi dita há séculos por Columela: «Nos lugares abrigados, húmidos e frios despoja-se a videira, tirando as folhas aos sarmentos, para que o fruto *se chegue* à maturação; nos lugares secos e quentes, ensoalhados, devem, pelo contrário, conservar-se as uvas protegidas pelos pânpanos, e, se a cepa é pouco rica em ramagem, convém defender os frutos com folhas, ou, se for preciso, com palha».

Menciona-se a seguir, no passo de que nos estamos ocupando, a *sacha*, *raspa* ou *redra*, «operação, geralmente feita à enxada rasa, que consiste em cortar a crosta da terra dissecada e abatida para

conservar a lentura do solo, e, ao mesmo tempo, em extirpar as ervas que tenham nascido ou tornem a vegetar depois da cava» (Rasteiro). Vergílio refere-se especialmente ao segundo objectivo.

A primeira sacha chamava-se em latim *sarculatio*, ou *sarritio*. Por vezes, os escritores agrícolas latinos usavam as palavras *radere*, *eradere* e *deradere*, todas aparentadas com os verbos portugueses «rapar» e «raspar» / erva /.

Ambos os trabalhos, desparra e sacha, são duros, no dizer de Vergílio; certamente o segundo muito mais do que o primeiro. Fala-nos o Poeta em duas redras; Graecinus, Celsus e Atticus, citados por Columela, consideravam indispensáveis tres; por vezes são convenientes quatro, ou mais. Columela vae a ponto de afirmar que não pode fixar-se o limite do número de vezes que o granjeio se deve repetir, visto que as videiras sempre o agradecem; e acaba por estabelecer, como máximo imposto por considerações de ordem económica, que se sache uma vez cada mês, desde as Calendas de Março até às de Outubro, recomendando que se extirpem todas as ervas, e sobretudo a grama, porque, se ficarem alguns pés, por pouca que seja a terra que os cobre, revivem e acabam por invadir a vinha.

O emprego da expressão *bis ... bis* em I.48 e em II.410-411 leva-nos a formular uma hipótese. Viu-se como é difícil localizar no tempo as quatro lavouras a que parece referir-se o verso I.48

bis quae solem, bis frigora sensit;

vê-se, por outro lado, como é estranho que se diga que tem de fazer-se *duas vezes* a desparra e *duas vezes* a sacha das vinhas, visto que deve proceder-se às duas operações quando seja oportuno, e à segunda, por via de regra, não duas, mas diversas vezes, conforme a rapidez com que a erva cresce. É a pergunta que se suscita é a seguinte: Não poderá a expressão *bis ... bis* ter sentido mais indeterminado do que o literal? Não será lícito pensar que ela queira dizer, não *duas vezes*, mas *repetidas vezes*, como em inglês se diz *again and again*? Supomos que a hipótese nunca foi discutida, mas afigura-se-nos digna de estudo, que não está ao nosso alcance fazer.

... *laudato ingentia rura*

413. *exiguum colito.* ...

O trabalho persistente que a vinha requer justifica o célebre conselho de Vergílio: «gaba a extensão dos prédios alheios, mas prefere que seja pequeno o que cultivas». A exortação repete a que se contém num velho adágio latino, citado por Plínio, «*satius est minus serere et melius arare*», e a de um rifão cartaginês, a que alude Columela, que determina que «a propriedade tenha menos força do que o dono».

A frase a que nos estamos referindo lembra, pelo jeito do estilo, um verso de Hesíodo (*T. D.*, 643) *Νῆ δὲ ἰγνυ αἰνεῖν, μελάλη δ' ἐνὶ φορτία θέσθαι*: «gaba os navios pequenos, mas carrega as tuas mercadorias nos grandes».

417. *iam canit effectos extremus vinitor antes*:

A tradução «já o viticultor alcançou o extremo das carreiras, e canta, ao renatá-las» procura amoldar-se ao texto considerado de maior autoridade. *Effectos* apõe-se a *antes*; trata-se do acabamento dos cuidados — amanhos e granjeios — dispensados à vinha; *extremus*, atributo de *vinitor*, significará que o agricultor atingiu, com o seu trabalho, as últimas carreiras. Outros lêem *iam canit effectus extremos vinitor antes*, o que é talvez mais claro. Em qualquer dos casos, o acusativo *antes* explica-se por serem as carreiras de cepas, ao mesmo tempo que o objecto do desvêlo do vinhateiro, o tema da sua canção.

418. *pulvisque movendus*

A mobilização da terra levada a ponto de desfazer os torrões em partículas finas, é correntemente designada, na linguagem agrícola, por *pulverização*. Columela (XI.2.) usa o termo *pulveratio*, acrescentando «*quam vocant rustici occationem.*»

419. *et iam maturis metuendus Iuppiter uvas.*

Iuppiter Pluvius está bem no seu papel ameaçando as uvas e a vindima com chuva e saraiva. Castilho traduz este verso com grande elegância:

«... Vês o ar limpo e sereno,
e ainda estás a tremer que ás maduras uvas
(Jove é prompto em mudar) não sobrevenhão chuvas.»

420. *Contra non ulla est oleis cultura: neque illae*
 421. *procurvam expectant falcem rastrosque tenacis,*
 422. *cum semel haeserunt arvis aurasque tulerunt;*
 423. *ipsa satis tellus, cum dente recluditur unco,*
 424. *sufficit umorem et gravidas, cum vomere, fruges.*
 425. *hoc pinguem et placitam Paci nutritor olivam.*

Nestes seis versos se resume a Olivicultura que as *Geórgicas* ensinam. A-pesar da concisão do passo, Savastano opina que nele «... Virgílio svolge la coltivazione dell'oliva nella parte essenziale». Pela nossa parte, não só se nos afigura muito escassa a informação que o Poeta dá sobre a cultura da preciosa árvore de Minerva («*olea, quae prima omnium arborum est*», no dizer de Columela), como encontramos no passo várias dificuldades de interpretação, em que Savastano e muitos outros comentadores não fazem qualquer reparo.

Non ulla (ou *nonnulla*, lição que alguns preferem) *est oleis cultura* é evidentemente um exagero, que se atenua no caso de entendermos que o advérbio *contra* encerra o sentido de «em comparação com» / a cultura da vinha /, da qual antes se tratou desenvolvidamente. Em prosa corrente, a doutrina de Vergílio poderia exprimir-se com as palavras de Columela «*omnis tamen arboris cultus simplicior quam vinearum est, longeque ex omnibus stirpibus minorem impensam desiderat olea...*», e levaríamos à conta de adorno poético a afirmação incisiva do verso II.420. Mas o Poeta, continuando, assegura que a oliveira nada espera do curvo podão, nem dos *tenacis rastros*, isto é, que dispensa a poda e a cava.

Abramos um parêntesis para notar que o adjectivo *tenax*, aparentado com o verbo *tenere*, significa «que agarra», o que confirma que o rastro era uma espécie de enxadão de pontas curvas, aduncas, próprio para segurar os torrões antes de os erguer ao ar, para depois se esmigalharem pelo choque de encontro ao chão. Neste passo, como em vários outros, é manifesta a impossibilidade de atribuir a *rastrum* o sentido de «rojão» ou «grade».

Causa na verdade surpresa que Vergílio, depois de acentuar a necessidade da poda para a vinha, nos diga que a mesma operação é inútil para a oliveira, e também (II.426-429) para as árvores de fruto. Savastano traduz o texto deste modo: «nè esse

richieggono quando sono piccole olivette il molto curvo potatoio nè le molte zappature», o que está de acordo com a recomendação de Columela, de que não se podem as oliveiras senão a partir dos dois anos de idade; mas não vemos onde o professor de Portici encontra no original as palavras que correspondem a «quando sono piccole olivette».

As idéias de Vergílio divergem da tendência moderna para principiar cedo a poda das oliveiras, e para as conduzir, à custa de numerosos cortes, a uma forma geométrica de copa (*esférica, taça baixa, vaso*); mas ajustam-se a uma tendência moderníssima, que teve a sua origem nos notáveis trabalhos experimentais de Bioletti. Este conhecido investigador da Estação de Berkeley preconizou, a partir de 1923, a redução ao mínimo das podas durante a fase formativa das oliveiras, limitando-se tais podas à supressão dos ramos nascidos na base do fuste e atarraques das formações desgarradas. Marinucci, em 1946, ainda foi mais longe do que Bioletti, aconselhando, para evitar o efeito desvitalizador da poda nas oliveiras, que, em vez de se suprirem os ramos mal situados, se procedesse a uma empa total, a-fim de atrazar o desenvolvimento daqueles ramos, sem deixar de aproveitar o seu poder elaborador. Note-se que a orientação de Bioletti, aplicável ao caso especial da oliveira, tende a generalizar-se a toda a técnica arborícola, no sentido de se reduzir a intensidade dos golpes da poda de formação, tanto nas árvores de folha persistente, como nas de folha caduca.

Depois de declarar que as oliveiras nada esperam do rastro, diz-nos Vergílio, em II.423-425, «que a terra, quando aberta pelo dente curvo (evidentemente do rastro, do bidente ou de outro utensílio semelhante), fornece abundância de sucos às árvores, e, rasgada pela relha, fá-las produzir copiosa safra». E acrescenta: *hoc (ablativo de causa) nutritor olivam...* «Assim» (isto é, com o amanhã do solo) «sustentarás a oliveira...». A segunda parte do passo parece pois rectificar uma das asserções contidas na primeira.

Não se refere Vergílio à adubação dos olivais, ao contrário de Catão, que recomendava que, cada ano, se desbarbassem as árvores e se estrumassem as covas: «*et si ibi olea erit, simul ablaqueato, stercusque addito.*» Columela aconselha a mesma prática, e quer que, além de lavrar, se escave profundamente a terra em torno das árvores pelo menos duas vezes por ano, porque, quando ela abre fendas na ocasião dos calores estivais, é preciso

evitar que estes afectem as raízes. No outono convém desbarbar, e, se as oliveiras estão plantadas em encosta, abrir regos que encaminhem para elas as águas carregadas de limo vindas de sítios altos. Deve acrescentar-se que Columela, longe de acompanhar a opinião de Vergílio acerca da inutilidade da poda das oliveiras, cita um provérbio antigo que rezava: «*qui aret olivetum, rogare fructum; qui stercoret, exorare; qui caedat, cogere.*»

Satis, para nós, é o dativo de *sata*, termo que aqui se aplica às oliveiras, como em II.350 diz respeito às cepas. Castilho parece supor que se trata de cearas

«*quaes tirão só do arado os pães alma substancia*»

o que viria pouco a-propósito, e introduziria um motivo de confusão; e alguns imaginam que *satis* é um advérbio, hipótese que não julgamos defensável.

Sufficit umorem significa, segundo a maioria dos tradutores, «*fornece seiva*», ou «*sucos*», às plantas, e é natural que se use esta expressão, visto que os organismos vegetais recebem os alimentos dissolvidos na água. A tradução de Savastano «*è sufficiente il solo terreno che si ari e riceva il concime*» não é admissível: nem *sufficit* quer dizer «*é suficiente*», nem *umor* significa «*adubo*», nem é o solo quem recebe o humor, mas sim quem o fornece à vegetação.

426. *poma*

Poma significa, literalmente, «*os frutos*», mas aqui trata-se das fruteiras, como o seguimento mostra.

428. *vi propria nituntur opis que haud indiga nostrae.*

Vergílio associa, com o *que* aposto a *opis*, um substantivo adverbial (*vi*) a um adjectivo (*indiga*). Compare-se com *altior ac penitus defigitur* (II.290) e *largior et lumine vestit purpureo* (*En.*, VI.640). Esta anotação é da autoria de Skrine.

Vê-se que no tempo do Poeta, como também durante alguns séculos depois da sua época, a fruticultura estava reduzida a uma extrema simplicidade. No entanto, muitas das observações sobre biologia vegetal, no princípio do Livro II, aplicam-se às fruteiras.

429. *nec minus interea fetu nemus omne gravescit,*

457. *et magno Hylaeum Lapithis cratera minantem.*

«*Não menos / do que as árvores dos pomares / se carregam de frutos as árvores das matas*». Vergílio entra agora com entusiasmo na apologia da floresta, das «*árvores agrestes*», como diz Camões. Refere-se primeiro a arbustos que dão bagas vermelhas — há vários, entre eles o medronheiro — e depois ao cítiso. Pensam alguns comentadores que se trata do *Cytisus Laburnum*, L., ou *codeço bastardo*, o que é lógico, porque se menciona como planta do sub-bosque; mas o *tondentur* de II.431 mostra que o cítiso era um bom alimento para o gado, o que dificilmente se poderá dizer do codeço, e, em compensação, se aplica bem à *Medicago arborea*, L., ou *luzerna arborescente*, tão gabada por Columela, e a que alude Varrão (Nota a III.394-395). Quanto às árvores altas, o Poeta cita em especial as resinosas, das quais se tiram archotes (*taedas*) portadores de luz. E Vergílio exclama, como que indignado: *et dubitant homines serere atque impendere curam?*

Repare-se em que o movimento deste verso é o mesmo do da *Eneida* (XI.807): *et dubitamus adhuc virtutem ostendere factis?*

434. *quid maiora sequar?*

Esta frase pode ter diversos sentidos. Supomos que o Poeta reputa inútil ir buscar exemplos às plantas de maior porte do que as que logo a seguir menciona, como os salgueiros, as giestas, etc. Verdade seja que na enumeração que depois faz se refere a árvores corpulentas, como os ulmeiros, as azinheiras, etc.

437. *at iuvat undantem buxo spectare Cytorum*

Iuvat: o mesmo prazer se deriva da contemplação da liberalidade da Natureza que dos resultados da diligência do Homem — *iuvat Ismara Baccho conserere* (II.37). *Buxo* é o *Buxus sempervirens*, L., que prosperava no Citorio, montanha da Panflagónia.

438. *Naryciaeque picis lucos*

«*Os bosques de pez*» (isto é, de pinheiros) «*da Narícia*».

Narycus, ou *Narycium*, era uma cidade da Lócrida, donde vieram colonos para o Sul da Itália, que fundaram Locri no terri-

tório de Bruttium. Perto de Locri ficava a mata de Sila (a que se faz referência em III.219), da qual se exportava o *Bruttia pix*, considerado de excelente qualidade. Vergílio qualifica o pez da cidade italiana com um epíteto que, em rigor, só deveria aplicar-se-lhe se proviesse da cidade grega; e o pez, produto da árvore, serve para designar a própria árvore.

440. *steriles*

Steriles, como em II.53, não é bem o contrário de *frugiferas*: as matas do Cáucaso não dão frutos comestíveis, mas dão produtos (*fetus*) de grande utilidade.

444. *trivere*

Note-se o emprego do perfeito aorístico aqui e em II.445, *posuere*, graças ao qual a descrição é mais vívida.

448. *Ituraeos*

Os Itúrios eram árabes do Líbano, de notável proficiência no manejo do arco, e por isso utilizados pelos Romanos como tropas especializadas. Compreende-se que os arcos que usavam deviam ser de excepcional qualidade, o que justifica o epíteto, chamado pelos gramáticos de *excelência*. Aliás bastaria para tanto o facto do arco ser a arma característica dos Itúrios.

456. *Centauros*

A história da rixa entre os Centauros e os Lápitias, por ocasião das bodas de Piritoo e Hipodâmia, é contada em pormenor por Ovídio (*Met.*, XII.210 *et seq.*). Mas já a *Odisseia* (XXI.294-304) se refere a ela.

Os versos II.455-457 contêm uma inesperada diatribe contra o vinho. Não queremos deixar de transcrever, sem os traduzir, os comentários de Skrine, que nos parecem um exemplo típico do *humour* inglês: «Vergil overdoes his advocacy of the wild trees. After devoting nearly half of the whole poem to the vine, it is a little too late to turn round on it, and read his hearers a Temperance lecture».

458. *O fortunatos nimium, sua si bona norint,*
459. *agricolas...*

Traduzimos *nimum* por «mais talvez do que é consentido» porque, como é sabido, para os Romanos, como para os Gregos, a felicidade exagerada pressagiava uma reviravolta da fortuna. Os deuses irritavam-se com o excesso de boa sorte dos mortais, sentimento que os Gregos exprimiam pela palavra *νέμεσις*.

É interessante notar como a frase vergiliana é traduzida, quem sabe se inconscientemente, pelos versos de Sá de Miranda:

«Ai vida de lavradores,
Se eles conhecessem bem
As vantagens que tem...»

Agrícolas é o acusativo de *exclamação*.

460. *iustissima tellus*

A terra, dando frutos ao homem em troca do esforço que ele dispense, revela-se, não apenas magnânima, mas também justa: como diz Lejay, Vergílio introduz a idéia romana do Direito.

O conceito da luta entre o Homem e a Natureza é incisivamente exposto por Lucrécio. Veja-se, por exemplo, o passo seguinte:

«*quod superest arvi, tamen id natura sua vi
sentibus obducat, ni vis humana resistat
vitai causa valido consueta bidenti
ingemere et terram pressis proscindere aratris.
si non fecundas vertentes vomere glebas
terraique solum subigentes cimus ad ortus,
sponte sua nequeant liquidas existere in auras;
et tamen interdum magno quaesita labore,
cum iam per terras frondent atque omnia florent,
aut nimiis torret fervoribus aetherius sol
aut subiti perimunt imbres gelidaeque pruinae
flabraque ventorum violento turbine vexant.*»

E ainda o passo:

«... *vix nostro grandescunt aucta labore,
conterimusque boves et viris agriculturalum,
conficimus ferrum vix arvis suppeditati:
usque adeo parcunt fetus augentque laborem.*»

Enquanto, porém, Lucrécio aceita a hostilidade da Natureza com um encolher de hombros, Vergílio, reconhecendo que ela é severa, mas justa, propõe que se lhe oponha uma atitude enérgica, a mais própria do carácter romano.

461. *si non ingentem foribus domus alta superbis*

474. *Iustitia excedens terris vestigia fecit.*

É flagrante a analogia entre este passo e o de Lucrécio:

«*si non aurea sunt iuvenum simulacra per aedes
lampadas igniferas manibus retinentia dextris,
lumina nocturnis epulis ut suppeditentur,
nec domus argento fulget auroque renidet,
nec citharae reboant laqueata aurataque templa,
cum tamen inter se prostrati in gramine molli
propter aquae rivum, sub ramis arboris altae,
non magnis opibus iucunde corpora curant,
praesertim cum tempestas arridet, et anni
tempora conspergunt viridantis floribus herbas.*»

462. *totis vomit aedibus undam*

Segundo a opinião de Mollevaut (um dos numerosos tradutores das *Geórgicas*, e não dos mais felizes), a expressão *vomit* marca o desprezo do Poeta pela chusma vil dos adulares. Talvez não seja bem assim, porque o verbo pode simplesmente descrever o despejar de um recinto onde a multidão de visitantes se aperta. As saídas do circo ou dos anfiteatros chamavam-se *vomitória*, o que certamente nada implicava de depreciativo para os frequentadores desses edifícios.

mane salutantum ...

Os grandes senhores romanos recebiam os visitantes de manhã a cerimónia era comparável à *levée* dos reis de França.

464. *vestes*

Vestes significa, de um modo geral, «tecidos», ou então aplica-se às colchas que revestiam os leitos.

Ephyreiaque aera

Ephyre era o nome antigo de Corinto, donde se exportavam para Roma bronzes de grande valor artístico.

465. *alba neque Assyrio fucatur lana veneno,*
566. *nec casia liquidi corrumpitur usus olivi:*

A escolha dos termos *fucatur*, *corrumpitur*, *veneno* revela como Vergílio quer verberar ásperamente os requintes do luxo romano. *Fucare* pode significar «tingir», mas contém a idéia de *disfarce*; *corrumpere* implica, evidentemente, o sentido de «estragar» (o que não nos custa a admitir, se por *casia* se tem de entender «canela», que devia fazer detestável combinação com o azeite); *venenum* pode designar qualquer droga, mas neste passo trata-se certamente de uma má droga. *Assyrio* é sinónimo de *Syrio*: era a província romana da Síria que pertencia a Fenícia, donde provinha a púrpura.

497. *secura quies*

Segundo Skrine, *secura* significaria «livre de cuidados». Mas a tradução «segura» não nos parece contradizer aquele sentido.

... et nescia fallere vita,

A vida rural não mente, porque cumpre a sua promessa de felicidade tranquila, ao contrário da vida das cidades, que promete grandezas e traz desilusões.

468. *at latis otia fundis*

Latis fundis designa «os espaços amplos onde se respira à vontade» (Lejay). A expressão nada tem que ver com a palavra *latifundia* empregada na mesma acepção que *ingentia rura* (II. 412). Vergílio não se dirige ao proprietário de grandes herdades, que em regra nem sequer nelas vivia, mas ao agricultor que cuida de administrar ele próprio os seus bens.

469. *Tempe*

Tempe era um vale da Tessália, por onde corria o Peneu. Foi tão celebrado pelos poetas que o nome de *Tempe* acabou por se aplicar a qualquer vale fresco.

471. *lustra ferarum*

Como noutros passos (I.307-310, III.409-413) Vergílio não se esquece de que a caça é um desporto que muito contribue para dar sã alegria à vida rural.

475. *Me vero primum dulces ante omnia Musae,*
476. *quarum sacra fero...*

Vergílio expõe, nos versos II.475-483, a sua suprema ambição de poeta: explicar a natureza das cousas e a sua concatenação; por outras palavras, emular Lucrecio como cientista e filósofo. Na qualidade de vate digno de ser portador dos emblemas sagrados (*sacra*) das Musas (*Musarum sacerdos*, como Horácio se intitula) seria a sua maior glória descrever, do mesmo modo que o bardo Iopas no banquete de Dido (*En.*, I.740 *et seq.*), a razão recôndita dos fenómenos. É frisante o paralelismo entre os assuntos que Vergílio quereria abordar e aqueles de que trata Iopas, a tal ponto que há dois versos iguais nas *Geórgicas* (II.481-482) e na *Eneida* (I.745-746):

«*quid tantum Oceano properent se tingere soles
hiberni, vel quae tardis mora noctibus obstet.*»

Na *Écloga* VI, o canto de Sileno tem por tema a formação dos mundos:

«*Namque canebat uti magnum per inane coacta
semina terrarumque animaeque marisque fuissent
et liquidi simul ignis; ut is exordia primis
omnia et ipse tener mundi concreverit orbis;
tum durare solum et discludere Nerea ponto
coeperit et rerum pulatim sumere formas;*»

O tratamento das questões científicas em verso não só estriba na tradição helénica, como é justificado por Lucrecio, que se orgulha de «compôr, sobre assuntos obscuros, versos luminosos», e acrescenta:

... *quoniam haec ratio plerumque videtur
tristior esse quibus non est tractata, retroque
volgus abhorret ab hac, volui tibi suaviloquenti*

*carmine Pierio rationem exponere nostram
et quasi musaeo dulci contingere melle,*»

477. *caelique vias et sidera*

Lucrecio dedica os versos V.614-679 do *De Rerum Natura* a formular hipóteses sobre o curso do Sol, da Lua e dos outros astros.

478. *defectus solis... lunaque labores*

Defecti e *labores* têm o mesmo sentido: «eclipses». Nas *Geróginas* fala-se em *lunae labores*, na *Eneida* em *solis labores*, o que exclue a hipótese daquela expressão significar «fases da lua».

Os eclipses do Sol e da Lua são discutidos nos versos V.751-770 do *De Rerum Natura*.

479. *unde tremor terris*

No poema de Lucrecio expõe-se a teoria dos sismos nos versos VI.535-607.

481. *properent... soles*

A explicação da duração desigual dos dias no inverno e no verão é dada por Lucrecio nos versos V.680-704 do *De Rerum Natura*.

483. *sin has ne possim naturae accedere partis*

«Se, porém, falta ao Poeta envergadura para realizar tão altas aspirações como as que delineou, então seja-lhe permitido, desistindo da fama reservada aos altos espíritos (*inglorius*), enfronhar-se no encanto dos campos». Lejay afirma (no que é acompanhado por outros comentadores) que Vergílio «ne veut pas dire qu'il se rabattra sur le poème rural comme sur une sorte de pis-aller»; mas parece-nos difícil tirar outra conclusão das palavras do Poeta. O que ele diz é precisamente que, já que se não sente com forças para investigar as causas primárias — *rerum cognoscere causas*, ou, como diz Lucrecio, *naturam cognoscere rerum*, vae buscar o seu consolo às amenidades da poesia rural. A modéstia,

certamente sincera, do Poeta não amesquinha porém, de modo algum, o tema que ele elege, e cuja grandeza tão bem salienta noutros passos. Se há motivo para admirar o filósofo e o cientista (*felix qui potuit*, etc.), igualmente o há para celebrar a sorte do homem do campo (*fortunatus et ille*, etc.).

484. *frigidus obstiterit circum praecordia sanguis,*

Vergílio alude à teoria de Empedocles, condensada na frase *αἷμα γὰρ ἀνθρώποις περιχώριον ἔστι νόημα*, segundo a qual a vivacidade da inteligência estava relacionada com a temperatura do sangue em torno do coração.

497. *coniurato ... ab Istro*

Adoptamos a tradução «do Istro, forja de conjuras», convencidos de que se alude às coligações contra Roma dos povos das margens do Danúbio; mas há quem pense que o sentido é outro. Os Dacos, antes de marcharem para a guerra, bebiam água da Danúbio, jurando não voltar a prová-la se não regressassem vitoriosos; e assim a versão seria: «do Istro, pelo qual juraram».

499. *doluit*

Muitos estranham que Vergílio, cuja poesia sempre respira bondade — o «milk of human kindness» de que fala Shakespeare — indique como condição da felicidade própria, a indiferença pela sorte dos outros. Não nos parece que o Poeta quizesse dizer semelhante cousa, antes lhe atribuímos a intenção de acentuar que, dada a mediania (a *aurea mediocritas* elogiada por Horácio) da vida dos campos, não há ensejo para ter piedade da miséria, que não existe, e tampouco o há para invejar riquezas desmedidas, que mais avultam nas cidades. Assim entende Castilho:

«... O aspecto da indigência
raro alli vai doer-lhe; e inveja nunca o tolhe.»

503. *freta caeca*

A ocorrência neste passo da palavra *freta* confirma a nossa convicção de que ela tem com frequência o sentido de «mares», em vez do de «estreitos». O epíteto *caeca* tem sido explicado de diversos modos: para uns, quer dizer «ocultos», «desconhecidos»; para outros, «negros», «tenebrosos»; outros, ainda, interpretam-

-no por «traíçoeiros», «pérfidos». Optamos pela primeira aceção, aquela em que o termo é empregado amiúde por Lucrécio, e com a qual Vergílio o usa em I.89 90 (*caeca spiramenta*) e em I.464 (*caecos tumultus*).

506. *Sarrano ostro*

Sarra era um nome antigo de Tiro (*Sar* em fenício), donde vinha a púrpura.

510. *gaudent perfusi sanguine fratris*

Frase que lembra a de Lucrécio: «*gaudent in tristi funere fratris*».

514. ... *hinc patriam parvosque nepotes*

515. *sustinet...*

A frase que o Instituto Superior de Agronomia escolheu para seu lema. A menção dos *parvos nepotes*, os rebentos mais tenros da família, sugere que *patriam* tenha um sentido restrito, aquele que se dá por vezes em francês à palavra *pays*, a *patria chica* dos espanhóis; e o Poeta apressa-se a citar, a seguir à *canalha* (como se diz no Norte de Portugal), os bois e os novilhos, *armenta boum iuvenosque*. Eis um aspecto bem típico da vida do campo, em que os animais companheiros de trabalho são o complemento, quase a continuação da família rural, de tal modo estão a ela associados.

519. *Sicyonia baca*

Epíteto de excelência, por serem as oliveiras de Sicyon, no Peloponeso, das mais afamadas; e que assinala a origem grega da árvore de Minerva.

523. *interea dulces pendent circum oscula nati*

Compare-se este verso com o de Lucrécio:

«*optima nec dulces occurrent oscula nati*»

529. *Lenaee*

A segunda *Geórgica*, que abre com uma invocação a Baco, e trata largamente da cultura da vinha, termina com o quadro do

dia festivo, em que se celebra o deus do vinho com libações. Nota Benoist que este remate é um exemplo frisante de sentimento artístico que domina toda a composição vergiliana.

532. *hanc olim veteres vitam coluere Sabini,*
 533. *hanc Remus et frater, sic fortis Etruria crevit*
 534. *scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma,*

Por certo não deixará de vir à mente de qualquer leitor português destes comentários o passo de *A Cidade e a Serras* em que Jacinto e Zé Fernandes, reconfortados pelo arroz com favas e pelo vinho esperto de Tormes, murmuram com beatitude versos das *Geórgicas*:

«Eu, que não gosto que se me avante em saber clássico, espantei logo o meu Virgílio, louvando as doçuras da vida rural:

Hanc olim veteres vitam coluere Sabini . . . Assim viveram os velhos sabinos. Assim Rómulo e Remo . . . Assim cresceu a valente Etrúria. Assim Roma se tornou a maravilha do mundo!

E, imóvel, com a mão agarrada à infusa, o Melchior arregalava para nós os olhos, em infinito assombro e religiosa reverência.»

545. *et iam tempus equum fumantia solvere colla.*

A tradução deste verso por Dryden é modelar:

«'Tis time to set at ease the smoking horse.»

AS GEORGICAS DE VERGILIO

NOTAS AO LIVRO III

NOTAS AO LIVRO III

1. *Te quoque, magna Pales, et te memorande canemus*
2. *pastor ab Amphryso, vos, silvae amnesque Lycaeï.*

A invocação a Pales, divindade protectora dos rebanhos puramente italiana, e cujas festas (*Palilia*) se celebravam no dia 21 de Abril, em que também se comemorava a fundação de Roma, marca uma vez mais o caracter *nacional* do poema; mas, evidentemente, o Apolo *Néμιος*, que durante algum tempo foi, êle próprio, pastor nas margens do Anfriso, na Tessália, não podia ser esquecido. Há ainda uma alusão indirecta a Pan (cognominado em I.17 *ovium custos*) por se mencionar o seu paradeiro preferido, as matas do Liceu.

O propósito de honrar estas divindades basta para indicar o escopo do Livro III das *Geórgicas*: tratar das raças dos animais, das artes de criação do gado, o que hoje chamamos *Zootecnia*. Ficaria incompleta a obra didáctica de Vergílio se, depois das culturas, não se ocupasse da produção e exploração dos animais agrícolas. A clássica frase de Olivier de Serres, «*labourage et pâturage sont les deux mamelles de l'État*», formula uma idéia que estava no espírito do Poeta, como no de todos os agrónomos latinos. Columela, no prefácio do seu sexto livro, põe em evidência a necessidade da pecuária para, pelo fornecimento de matéria orgânica, se manter a fertilidade das terras. Por seu lado, Catão assinalava incisivamente que nada traz mais proventos ao agricultor do que o gado: «*Idemque Cato interrogatus, quis esset certissimus quaestus? respondit, si bene pascas. quis proximus? si mediocriter pascas*» (Pl., *N. H.*, XVIII.5).

A expressão *pastor ab Amphryso*, equivalente a um epíteto, tem aspecto mais grego do que latino: *ποιμήν ὁ ἀπ' Ἀμφρυσοῦ* seria uma forma normal, ao passo que em latim é raro, como observa Page, unir-se uma locução adverbial a um substantivo.

4. *Eurystea*

Acusativo de forma grega de *Eurysteus*, nome do rei de Argos que impôs a Hercules, seu meio-irmão, os doze trabalhos.

5. *inlaudati... Busiridis*

A substituição de *inlaudabili* por *inlaudati* é uma curiosidade gramatical. O uso do qualificativo, aparentemente frouxo, é um exemplo de litote: « não louvável » = « odioso », « execrando ».

Busiris, protótipo de crueldade para os poetas gregos, era um rei do Egito que sacrificava nos altares os visitantes, e a quem Hércules castigou.

6. *Hylas ... Latonia Delos*

Hilas foi um dos companheiros de Hércules na expedição dos Argonautas. A sua excepcional beleza física (devia ser um Robert Taylor daqueles tempos) fez que um grupo de ninfas excitadas o arrebatasse.

Delos é uma da Cícladas, no Mar Egeu. Foi nesta ilha que Latona deu à luz Apolo.

7. *Hippodameque umeroque Pelops insignis eburno,*

Hipodâmia era filha de Enómao, rei da Élida, que a prometeu a quem o vencesse na corrida de carros. Pélope conseguiu alcançar a vitória graças à cumplicidade do cocheiro de Enómao, Mítilo (pelo menos é esta uma das versões), e veio a ser rei do Peloponeso, que dele tomou o nome.

Pélope teve uma história acidentada. Em pequeno, foi morto por seu pae, Tântalo, e servido à mesa dos deuses, que se abstiveram de provar o assado, à excepção de Deméter, que comeu, distraidamente, um pedaço de ombro. Os deuses ressuscitaram Pélope, mas foi preciso aplicar-lhe um ombro de marfim.

Nos versos III.4-7 alude-se a episódios extensamente tratados por poetas gregos: o de Eristeu por Teócrito, o de Busiris por Calímaco, o de Hilas nada menos que por Apolónio de Rodes, Teócrito e Nicândro, o de Latona por Calímaco, o de Pélope por

Píndaro. Vergílio considera gastos estes velhos temas — talvez até os olhe com certo desdém, como o que manifesta em II.140-143, por serem fantásticos em demasia — e expõe a seguir as suas ambições de poeta, e a nova estrada que conta trilhar (*temptanda via*) para atingir a imortalidade.

9. *virum volitare per ora*

Alusão evidente ao epitáfio que Ênio compôs para si próprio:

« *nemo me lacrumis decoret, nec funera fletu
faxit. cur? volito vivu' per ora virum.* »

A forma *virum*, que Vergílio emprega com frequência, é um arcaísmo que sobreviveu em certas expressões.

10. *primus ego ...*

A afirmação do Poeta (*primus ego... deducam*) não é inteiramente justificada, visto que já antes do seu tempo Ênio tinha escrito um poema épico,

« *Ennius... qui primus amoeno
detulit ex Helicone perenni fronde coronam,
per gentis Italas hominum quae clara clueret;*

como diz Lucrécio.

11. *Aonio*

O Hélicon estava situado nos Montes Aónios, e perto do Hélicon ficava Ascra, terra natal de Hesíodo.

13. *et viridi in campo templum de marmore ponam*39. *immanemque rotam et non exsuperabile saxum.*

O templo que Vergílio anuncia propor-se edificar, e que seguidamente descreve com amor, é uma epopeia. Assim como a uma catedral se tem chamado um poema de pedra, assim os versos de Vergílio virão a formar uma magestosa obra de architectura poética. Não disse Horácio, das suas *Odes*, « *exegi monumentum* »? A alegoria que ambos os Poetas adoptaram, e que Píndaro

também usa, é, não só de grande beleza, como justa, e presta-se admiravelmente ao tratamento artístico de Vergílio, que prolonga as comparações, sem nunca as tornar fatigantes, até ao verso III.39.

O que é esta esplêndida introdução da terceira *Geórgica*, onde se desenha a concepção da *Eneida* em traços fulgurantes, talvez ninguém o tenha dito melhor do que Sainte-Beuve, na magnífica página que a seguir se transcreve:

«... qu'est-ce... que ce début solennel du Livre III, cette espèce de triomphe qui se décerne à lui-même le poète pour avoir le premier enrichi sa patrie des dépouilles d'Ascrée et y avoir amené les Muses de l'Hélicon? Il bâtit, dit-il, un temple de marbre au sein d'une vaste prairie verdoyante, sur les rives du Mincio. Il y placera César (c'est-à-dire Auguste) comme le dieu du temple, et il instituera, il célébrera des courses et des jeux tout à l'entour, des jeux qui feront désertir à la Grèce ceux d'Olympie. Lui, le fondateur, le front ceint d'une couronne d'olivier et dans tout l'éclat de la pourpre, il décernera les prix et les dons. Sur les dehors du temple se verront gravés dans l'or et dans l'ivoire les combats et les trophées de celui en qui se personnifie le nom ramain. On y verra aussi debout, en marbre de Paros, des statues où la vie respire, toute la descendance d'Assaracus, cette suite de héros venus de Jupiter, Tros le grand ancêtre, et Apollon fondateur de Troie. L'Envie enchaînée et domptée par la crainte des peines vengeresses achèvera la glorieuse peinture. Les vers sont admirables et des plus polis, des plus éblouissants qui soient sortis de dessous le ciseau de Virgile. Cette pure et sévère splendeur des marbres au sein de la verdure tranquille du paysage nous offre un parfait emblème de l'art virgilien. Le poème didactique ici est dépassé dans son cadre: c'est grand, c'est triomphal, c'est épique déjà.»

17. *illi victor ego et Tyrio conspectus in ostro*

Illi, no dativo, « em honra sua » (de Augusto).

Conspectus é a palavra apropriada, porque se refere a alguém que é o alvo das atenções gerais.

Tyrio ostro: o magistrado que presidia aos jogos usava uma toga vermelha, ou guarnecida de púrpura.

18. *ad flumina*

« Junto ao rio », e portanto « pela margem do rio ». *Flumina* é um plural poético.

19. *cuncta mihi Alpheum linquens lucosque Molorchi*

Mihi é um dativo ético, que traduzimos por « acudindo ao meu chamado ».

O Alfeu era o rio que corria junto das planícies de Olímpia, onde se celebravam, de quatro em quatro anos, os célebres jogos. Vergílio pretende que o Mincio venha a suplantar o Alfeu.

Molorco, o pastor que deu hospitalidade a Hércules quando este matou o leão de Nemea. Os Jogos Nemeus, instituídos por Hércules depois da façanha, e chamados também Jogos de Molorco, realizavam-se de dois em dois anos.

Vergílio não só espera que os seus jogos lancem para a sombra os Olímpicos e os Nemeus, como ainda que a Grécia em peso (*cuncta*) neles participe ou a eles assista.

24. *vel scaena ut versis discedat frontibus, utque*

25. *purpurea intexti tollant aulaea Britannii.*

Nestes dois versos alude-se aos processos por que se efectuava a mudança do cenário: um deles consistia em puxar de cada um dos lados (*discedere*) a parte que formava o fundo; o outro em dar movimento de rotação a dois prismas triangulares («*versatiles trigonoe, habentes in singula tres species ornatationis*», informa Vitruvius), que constituíam as partes laterais da cena (*frontibus versis*). No *pano* achavam-se representadas diversas figuras (Bretões, por exemplo, que habitando regiões muito remotas, lembravam a vastidão do Império), e as quais, quando o pano subia, davam a impressão de puxá-lo. A Britannia, no tempo de Augusto, não estava incorporada no Império, mas mantinha com Roma relações comerciais de certo vulto.

27. *Gangaridum*

Os *Gangaridae* ou *Gangarida* eram um povo das margens do Ganges, contra o qual Augusto não combateu, mas que lhe enviou

uma embaixada a Samos, em 30-29 a.C., facto que, como é natural, aumentou o prestígio do Príncipe, a tal ponto que Propércio não hesita em dizer:

«*India quin, Auguste, tuo dat colla triumpho*».

28. ... *magnumque fluentem*
29. *Nilum ac navali surgentes aere columnas*

Magnus fluens é um helenismo (πολύς ῥέων).

Aes navalis é o material de que eram feitos os esporões (*rostra*) das galés de guerra. No tempo de Servius, no Século IV, ainda estavam de pé no Capitólio quatro colunas, construídas com o bronze dos esporões dos navios de António e Cleópatra, vencidos pela frota de Octaviano.

30. *Niphaten*

O Nifates era uma montanha, ou talvez um rio, da Arménia. Augusto contava organizar uma expedição contra os Arménios, mas não chegou a fazê-lo. Só em 20 a.C. eles foram submetidos ao domínio de Roma por Tibério.

35. *Assaraci proles*

Assáraco era um dos antepassados da *gens Iulia*, à qual Augusto pertencia por adopção. A genealogia parte de Júpiter (*excusez du peu*) e segue por Dardano, Ericónio, Tros, Assáraco, Capis, Anquises, Eneas, Ascânio ... até Júlio César.

36. *Troiae Cynthius auctor*

Apolo, nascido no Monte Cíntio, em Delos, colaborou com Neptuno na edificação de Troia. É natural que a sua estátua figure no templo de Vergílio, já para acompanhar os heróis troianos, já por ser o patrono de Augusto.

38. *Cocty ... Ixionis*

39. *immanemque rotam et non exsuperabile saxum*

Κόκκυτος, um dos rios dos Infernos, que se unia ao Aqueronte e formava com ele a lagoa Estígia.

A roda de Ixião e o rochedo de Sísifo são peças do mobiliário infernal sobejamente conhecidas. É de notar a solenidade dos epítetos *immanis* e *non exsuperabilis*, bem próprios para qualificar os terrores do mundo das sombras.

42. *en age*

«Eia, pois!» Como o *nunc age* de Lucrécio e o *ἄγε δή* dos poetas gregos, a exclamação é dirigida pelo Poeta a si próprio, para se animar a pôr em execução os seus projectos.

43. *vocat ingenti clamore*

Vergílio imagina, num quadro cheio de animação, os latidos dos cães, os relinchos dos cavalos e as vozes dos vários animais que povoam o Citéron, formando um coro que o exorta a levar a cabo a sua tarefa.

O Citéron era uma região montanhosa entre a Ática e a Beócia, notável pelas pastagens e pelas matas abundantes em caça. O Taigeto e o Epidauró, a que se refere o verso III.44, davam, respectivamente, cães de caça (da famosa raça espartana) e cavalos de corrida.

46. *mox tamen ...*

Antes, porém, de entrar no assunto do terceiro Livro, Vergílio, como que com pena de ter de abandonar o seu sonho grandioso, torna a prometer o poema épico em que cantará as glórias do César.

48. *Tithoni*

Titono, em rigor, não era antepassado directo de Augusto, mas sim sobrinho-neto de Assáraco, e pertencente portanto a um ramo colateral da estirpe de Ilus. Trata-se, todavia, de um herói troiano muito remoto, e por isso a época em que ele viveu é tomada para referência.

49. *Seu quis Olympicae miratus praemia palmae*

50. *pascit equos, seu quis fortis ad aratra iuencos,*

Os Romanos destinavam o cavalo ao desporto, à guerra, e, excepcionalmente, ao tiro ligeiro, e são os dois primeiros fins os que mais preocupam Vergílio. É fácil de explicar que a cria de cavalos

para a remonta do exército fosse, como hoje sucede, uma tarefa ao alcance do médio agricultor, a quem o Poeta em especial se dirige. Quanto à criação de cavalos de corrida, é provável que só a empreendesse o grande e opulento proprietário; mas percebe-se que Vergílio não tenha querido pôr de parte um tema tão interessante para a poesia como a corrida de carros (III.103-114), tratado por Homero e outros clássicos gregos, e por isso não deixe de se ocupar do cavalo de velocidade.

No que respeita aos bois, o Poeta assinala claramente que se criavam, sobretudo, para o trabalho agrícola, para a charrua (*ad aratra*), e que a robustez era a qualidade a que neles se dava maior apreço. Faz referência, mais tarde (III.157), aos animais que se destinavam aos sacrifícios e cuja engorda devia ser objecto de cuidados especiais, mas logo a seguir preceitua que, além destes e dos que se reservem para padreadores (III.156), se atente nos que hão de *scindere terram et campum horrentem fractis invertere glaebis*.

Os Romanos seguiam pois o método que ainda hoje se adopta geralmente: os bois só eram abatidos depois de bastantes anos de trabalho em serviços de lavoura e transportes; poderiam, talvez, quando gastos e enfraquecidos pela idade, descansar e engordar um pouco durante alguns meses, antes de serem entregues ao marchante. O facto é que a criação do gado bovino para o fim primário de fornecer carne só modernamente se desenvolveu, e apenas em certas regiões, das quais a Inglaterra e a Escócia, com as suas notáveis raças de ceva, são os mais destacados exemplos. Em quase todo o mundo o boi é o motor agrícola por excelência, e só lentamente o tractor Diesel o vae desalojando dessa posição.

É de presumir que os Romanos atribuíssem considerável importância à produção de leite, não só de ovelhas e cabras, como também de vacas. Mas nas *Geórgicas*, embora em II.524-525 e III.176-177 se aluda a ela, não se faz qualquer esforço para definir os sinais que distinguem a boa vaca leiteira; e é bem escasso o que a tal respeito se pode respigar nos escritos dos geopónicos latinos.

Assim, devendo a vaca procriar bois de trabalho, não é para admirar que os caracteres nela mais apreciados fossem os que denotavam robustez e rusticidade. Não só a corpulência, a espessura da cerviz, a cabeça grosseira e tosca eram tidas por bons indícios, como também o olhar torvo, a relutância em aceitar o

jugo, a braveza mais de touro do que de vaca, denunciavam um vigor primitivo, quase selvático, que a domesticidade não conseguira ainda quebrantar. Vergílio pretende que tudo na vaca seja grande, *basto*, até as patas (*pes etiam*), e neste último ponto diverge do critério de Varrão, do qual também se afasta quando aceita como marca favorável a pelagem negra manchada de branco. Quanto ao mais, o Poeta e o agrónomo concordam plenamente: ambos dão valor à barbela caída, à cauda longa, à abundância dos pêlos compridos que saem das orelhas; e é interessante notar que este último carácter — as *pendurelhas* — é saliente na raça mirandêsa, típica para trabalho, e considerado excelente sinal na região onde ela tem o seu solar.

Cotejando as descrições dos bovinos de trabalho que constam das obras dos vários *scriptores rei agrariae*, de Varrão a Paládio, pondo de parte as discrepâncias e registando apenas as qualidades que todos exigem, Dickson chega à seguinte resenha do animal tipo: « Cor preferida, avermelhada ou castanha-escura. Pêlo curto e espesso, pele macia. Testa larga, orelhas grandes e pilosas. Cornos negros, fortes, levantados e curvos. Nariz achatado e um pouco elevado no extremo; narinas bem abertas; lábios negros. Pescoço carnudo, barbela caída até aos joelhos. Ventre amplo, espáduas fortes, costado comprido, flancos largos. Dorso recto, horizontal ou descendo ligeiramente para a parte posterior. Ancas roliças, pernas compactas, curtas, direitas e musculosas; articulações dos joelhos pouco salientes; unhas grandes e unidas. »

51. *corpora praecipue matrum legat*

Porque razão recomendará Vergílio que se atenda, *principalmente*, à configuração dos corpos das mães? A criação dos animais agrícolas tem por base a escolha dos reprodutores, cujos caracteres se associam, em geral por juxtaposição, no indivíduo procriado. Por outras palavras, a hereditariedade é, normalmente, *bi-lateral*, embora possa haver *preponderância* de um dos progenitores. Poderá admitir-se que as mães tenham, *em regra*, influência predominante na transmissão dos caracteres? Os agrónomos antigos estavam, ao que parece, disso convencidos; mas a Genética moderna não confirma este modo de ver, embora o preconceito dure: « Commonly too much importance is paid... to descent in the direct female line from some particular *foundation female*. There is no biological justification for this », diz Crew.

Tampouco tem fundamento a idéia de que a influência do progenitor masculino tem primado sobre a do feminino: como o padreador é polígamo, pode transmitir as suas qualidades a um grande número de produtos, mas isso não significa que, *em cada caso*, a sua influência seja preponderante. Como diz Diffloth, «l'observation n'a pas permis d'accorder, au point de vue prépondérance, une supériorité évidente à l'un ou à l'autre sexe».

É fora de dúvida, porém, que o preceito vergiliano tem indiscutível razão de ser se o interpretarmos como exigindo boa conformação das mães para a tarefa da procriação. A configuração adequada dos quartos trazeiros, a largura da bacia, tudo, enfim, quanto possa assegurar a fecundação normal e o desenvolvimento regular do embrião, são condições altamente desejáveis para as fêmeas.

Vergílio não enumera as qualidades que deve reunir o touro semental: mas, em III.75-78, refere-se às do cavalo padreador, e é evidente que os conceitos do Poeta sobre hereditariedade se aplicam igualmente à grei bovina e à equina. Por outro lado, em III.159 recomenda-se que se marquem os vitelos que se destinam a reprodutores (*habendo pecori*).

Varrão, depois de indicar, com bastante minúcia, os caracteres morfológicos das vacas, atribuindo aparentemente às mães importância primacial, acrescenta que, *além disso*, convém que os reprodutores masculinos sejam de boa raça, o que se averigua pela sua conformação e descendência (*progeny test*), e tomando em linha de conta a região donde provêm: «*neque non praeterea ut mares seminis boni sint, quorum et forma est spectanda, et qui ex his orti sunt respondent ad parentum speciem; et praeterea quibus regionibus nati sunt refert.*»

55. *Camuris ... cornibus*

«*Camuris*», diz Macrobius, «*peregrinum verbum est, id est, in se redeuntibus.*»

60. *aetas Lucinam...pati*

O conselho de Vergílio de que não se mandem cobrir as vacas antes dos quatro anos, não pode ser criticado sem se atender ao grau de maturidade dos animais nessa idade, ou antes dela. Mas a maturidade atinge-se cedo se as vacas recebem alimentação farta

e de boa composição, tarde se o tratamento é deficiente. Billiard entende que há também a considerar que nas raças cujo estado de domesticação é ainda atrasado — e isso parece ser o que se verificava no tempo de Vergílio — o desenvolvimento sexual é mais lento. Não há dúvida de que a domesticidade acelera a ovulação, e aproxima as épocas dos cios.

Silvestre Bernardo Lima opina que no Barroso, onde se levam as vacas ao touro na idade de dois a tres anos, a cobrição é tardia, e que seria vantajoso antecipá-la para os quinze ou dezoito meses. «*Sendo as vacas cobertas aos tres anos*», diz o eminente zootecnista, «*têm de sustentar-se um ano inteiro sem compensação alguma, e perdem-se alguns cios, que, não sendo satisfeitos, dispõem as novilhas à engorda, atenuando-lhes, por isso, a fecundidade, que chega a entestar, não raro, com completa esterilidade*».

Afigura-se nos, porém, que é apenas aparente o antagonismo entre Bernardo Lima e a gente do Barroso, que, segundo as palavras do Mestre, «*segue a prática aconselhada pelo poeta mantuano*». Com efeito, o ilustre professor admite, imparcialmente, que tal prática «*é talvez a mais consoante às condições actuais do Barroso, onde nem sempre há fartura de alimentação prestada às crias, para lhes conseguir precoce desenvolvimento e constitui-las fortes e aptas para receberem o touro*»; e nota que «*as gravidações prematuras são causa de esfalfamento e enfraquecimento para as novilhas, e de degeneração para as raças*».

A tese de Bernardo Lima é, a-final, que, com melhoria de regime («*pensando-as com menos parcimónia, dando às tenreiras grávidas mais farta alimentação do que ora usam*», são as suas palavras) se poderia obter maior precocidade nos animais. Mas ele próprio implicitamente reconhece que, a não se realizar essa condição — que aliás, segundo a Zootecnia moderna, não é a única — melhor é renunciar às cobrições temporãs, e esperar que, com o tempo, o organismo das novilhas se consolide, e atinja a plenitude do desenvolvimento: assim, não só as mães se conservarão sãs e robustas depois das partições, como as crias serão, presumivelmente, mais vigorosas, fim principal a alcançar. A melhor idade para os trabalhos de Lucina, afirma o Poeta (Lucina era a deusa que presidia aos nascimentos), é aquela em que a juventude exuberante transborda das manadas (*superat gregibus dum laeta iuventus*); ora a juventude não é a adolescência, e por isso só no caso excepcional de se conseguir, com um regime alimentar copioso

e sempre bem equilibrado, acelerar o desenvolvimento orgânico por forma harmónica, é que o preceito de Vergílio se pode abandonar.

A opinião de Vergílio condiz sensivelmente com a de Varrão, exposta nestes termos: «*non minores oportet inire bimas, ut trimae pariant, eo melius, si quadrimae, pleraeque pariunt in decem annos, quaedam etiam plures.*».

66. *optima quaeque dies miseris mortalibus aevi*
 67. *prima fugit; subeunt morbi tristisque senectus*
 68. *et labor, et durae rapit inclementia mortis.*

Tres versos célebres, e dos mais citados das *Geórgicas*. Page nota com subtilidade que eles são «perhaps more effective as a quotation than in their actual connection». La Fontaine traduziu o melancólico passo nesta quadra:

«La plus belle saison fuit toujours la première;
 Puis la foule des maux amène le chagrin,
 Puis la triste vieillesse; et puis l'heure dernière
 Au malheur des mortels met la dernière main.»

69. *semper erunt quarum mutari corpora malis:*
 70. *semper enim refice ac, ne post amissa requiras,*
 71. *ante veni et subolem armento sortire quotannis.*

Vergílio acompanha, ao expôr este preceito, a doutrina já expressa por Varrão: «*item ut in reliquis gregibus pecuariis dilectus quotannis habendus et reiculae reiciundae, quod locum occupant earum quae ferre possunt fructus.*»

O que Vergílio e Varrão aconselham é, evidentemente, uma das operações a executar quando a *selecção* constitue a base do método explorativo. Pode, de facto, definir-se a *selecção*, de um modo geral, como o processo que consiste em aproveitar para a reprodução os indivíduos de maior valor e pôr de parte os restantes, quer exista, quer não exista o propósito de alterar as características da raça de que se trata.

A eliminação rigorosa de todos os indivíduos que se afastam do tipo que se pretende manter ou melhorar é indispensável para evitar os efeitos indesejáveis da hereditariedade atávica. É esta

eliminação que Vergílio reputa indispensável, conforme acentua o imperativo *refice*, bem mais categórico do que seria o gerundivo *reficienda*.

71. *Nec non et pecori est idem dilectus equino.*
 72. *tu modo, quos in spem statues summittere gentis,*

«O que disse do gado bovino, quando a *selecção*, aplica-se ao gado cavalari». Mas desta vez Vergílio recomenda que se dedique cuidadosa atenção á criação dos padreadores, *esperança da raça*. A importância do progenitor masculino, passada em claro a propósito dos bovinos, é agora vigorosamente evidenciada.

Os Árabes atribuem influência aos dois progenitores, e têm idéias definidas quanto á que cada um deles exerce sobre o produto. Do padreador vêm, segundo a tradição, as partes essenciais do corpo: ossos, tendões, nervos, veias; da mãe a cor da pelagem e a conformação geral. As qualidades morais procedem geralmente do pae. Quando se conjugam um semental e uma égua ambos de raça pura, *alia-se o oiro com o oiro*.

75. *continuo pecoris generosi pullus in arvis*

 88. *tellurem et solido graviter sonat ungula cornu.*

A formosa descrição do semental contida neste passo evoca sobretudo o cavalo de guerra, cuja qualidade mais apreciada era, naturalmente, a coragem. É difícil averiguar qual a raça, das actualmente existentes, mais semelhante áquela cujo tipo Vergílio desenha, acompanhando Varrão muito de perto. Pela nossa parte — e nisto estamos em desacordo com quase todas as autoridades — conjecturamos que os Romanos criavam, para o exército, um cavalo parecido com o árabe. Garrote saliente, cabeça leve e bem talhada, peitoral largo e musculado, assim como fácil excitabilidade do sistema nervoso e aptidão natural para a corrida e para o combate, são tudo caracteres de uma raça fina. A finura não devia excluir a robustez, visto que o ideal seria combinar a capacidade para suportar o peso (aliás não muito grande) do cavaleiro armado com a agilidade necessária para dar voltas rápidas, tão úteis no *proelium equestre*: é o que nos parece condensar-se na frase *insultare solo sub armis* (III.116-117). Nada nos diz o Poeta sobre a conformação dos membros do cavalo bem arraçado, mas, com a expressão *mollia crura reponit* (III.76)

sugere-nos que teria movimentos elásticos e graciosos, o que é incompatível com a hipótese desses membros serem grossos e curtos.

74. *praecipuum iam inde a teneris impende laborem.*

O preceito de «dedicar cuidados especiais aos futuros reprodutores desde tenra idade» — assim reza a maioria das traduções — seria, na verdade, excelente: o futuro dos poldros depende em grande parte dos cuidados que se lhes dispensarem durante o período que vai da desmama até aos dezoito meses. Mas não nos parece que seja intenção do Poeta dar este conselho. Pensamos que o que Vergílio afirma é que «se deve observar com atenção o poldro, para formar um juízo sobre o que ele será quando chegar a adulto». A frase é, a nosso ver, paralela à de Varrão «*qualis futurus sit equus, e pullo coniectari potest, si ...*» E o Poeta a seguir insiste em que *continuo in arvis*, isto é, «quando ainda no campo» (e portanto muito novo, visto que no inverno, o primeiro inverno da sua vida, será preciso abrigá-lo no estábulo) o potro já denuncia, por vários sinais, as suas qualidades.

76. *mollia crura reponit*

A mesma frase se encontra em Énio — *mollia crura reponunt* — aplicada às cegonhas. Variam bastante as interpretações que se lhe dão, mas, se se confrontar com a que a precede — *altius ingreditur* — não nos parece difícil encontrar-lhe o sentido. O potro de boa casta ergue com elegância os braços, e torna a pisar (daí o *re de reponit*) o chão com ligeireza. Para se avaliar até que ponto se dava importância a esta característica, bastará lembrar que o primeiro livro moderno sobre equitação, escrito por Grison, da Academia de Nápoles, durante a Renascença, recomenda que se leve o cavalo, quanto principia o seu ensino, para um campo lavrado há pouco, ou cheio de pedras, para o habituar a levantar os membros a boa altura. Xenefonte, no *περί ἵππων*, ensina que o potro que curva os joelhos com facilidade (*ὕψως*, que se pode traduzir por *molliter*) dá sinal de que terá, mais tarde, membros ágeis, o que lhe dará firmeza no andar e resistência à fadiga.

77.78. *primus... audet*

«O cavalo verdadeiramente nobre», dizem os Árabes, «reune a coragem à altivez». A coragem, que em nada é prejudicada pela excitabilidade nervosa, sinal seguro de *sanguis*, manifesta-se pelas

reações do animal ao sentir, ao longe, o ruído das armas, como descrevem os admiráveis versos III.83-85.

Compare-se a frase *primus audet*, etc., com este passo de Varrão: «*equi boni futuri signa, si cum gregalibus in pabulo contendit in currendo aliave qua re, quo potior sit; si, cum flumen travehundum est gregi, in primis progreditur ac non respectat alios.*»

79. ... *illi ardua cervix*
80. *argutumque ecaput, brevis alvus obesaque terga,*
81. *luxuriatque toris animosum pectus...*

Comparem-se estes caracteres com algumas das qualidades que os Árabes exigem do cavalo de raça, segundo o General Daumas: «...peito e garrote salientes...ventre pouco pronunciado, garupa arredondada...» São precisamente os epítetos usados pelos Árabes, mestres incontestados em Hipologia, que nos guiam na tradução dos adjectivos que Vergílio emprega. *Ardua cervix* quer certamente dizer «pescoço alto»; mas «*cerviz*» é termo usado por Bernardo Lima, e não há motivo para o rejeitar; *argutum caput* é a «cabeça bem talhada» («*clean-cut*», como diz Page).

Brevis alvus não pode, a nosso ver, significar «ventre curto», tradução geralmente adoptada, porque a qualidade desejável é precisamente a oposta; o ventre é uma das quatro cousas *compridas* que, segundo a sabedoria árabe, o cavalo bem conformado deve possuir. O que de modo algum convém é que o ventre seja saliente, denunciando desenvolvimento excessivo do estômago e dos intestinos, donde resulta pressão sobre o aparelho respiratório; deve, pelo contrário, ser «recolhido», e é esta a acepção em que tomamos *brevis*. Parece-nos que esta interpretação é plenamente confirmada pelo facto de Varrão empregar o adjectivo *modicus* (*ventre modico*) na sua resenha, que só difere da de Vergílio em ser mais pormenorizada. A tradução de Letranc de Pompignan «*le ventre peu fourni*» coincide com a que adoptámos.

Obesa terga não pode traduzir-se por «garupa obesa», visto que o qualificativo implica para nós a ideia de excesso de carne, e portanto peso exagerado que desequilibraria o animal; «cheia», ou, melhor ainda, «arredondada», é o epíteto que se ajusta à pintura que Vergílio faz do cavalo de guerra, e que é completada pela menção do peitoral amplo e com os musculos bem desenhados.

O que precede parece confirmar a nossa suspeita de que o

cavalo romano — ou pelo menos o seu tipo mais perfeito, o modelo que o criador se proporia atingir — longe de ser, como quer Billiard, « un sujet assez épais, commun, mal membré », era um animal fino, elegante, bem equilibrado, talvez semelhante ao Árabe, com o qual não é difícil admitir que tivesse afinidades étnicas, dadas as relações de Roma com a Síria e a África do Norte.

... (*honesti*

82. *spadices glaucique, color deterrimus albis*
83. *et gilvo*) ...

A intercalação destas considerações acerca da cor dos cavalos é talvez um tanto inoportuna. Cournol observa, e a crítica afigura-se nos acertada, que o quadro ficaria ainda mais belo se, à vigorosa expressão *luxuriatque toris animosum pectus*, se seguisse, sem interrupção, *tum si qua sonum procul arma dedere*, etc.

Para muitos zootecnistas, o carácter *cor* nada significa como indicio de qualidades de robustez, velocidade, resistência ou saúde. Mas os Árabes não pensam assim, e têm preferência decidida pelas pelagens escuras, como o próprio Profeta acentuou. Dizem eles: « escolhe o pêlo de cor uniforme e sombria; o pêlo claro e deslavado, assim como as manchas brancas na cabeça, no corpo e nos cabos, denotam degenerescência da raça, ou debilidade ». Esta coincidência de critérios é para nós um motivo suplementar que nos leva a crer que, para os Romanos, o tipo ideal de cavalo era, fundamentalmente, o mesmo que ainda hoje é o tipo ideal para os Árabes.

Spadices eram, provavelmente, os cavalos castanho-escuros, ou talvez os alazões de tom carregado; a palavra *σπάδιξ*, em dórico, designava o ramo de uma palmeira de frutos vermelho-acastanhados. *Glauci* supõe-se serem os ruços (note-se que esta cor é vulgar nos cavalos árabes das regiões pedregosas). *Gilvus* é termo com o qual talvez se aparente o alemão *gelb*, e pensamos que a tradução « melado », ou « amelado », que Freire de Carvalho propõe e Bernardo Lima aceita, seja admissível; certamente o não é a que Lejay indica: « d'un bleu verdâtre ».

Paládio preocupa-se, muito mais do que Vergílio, com as cores da pelagem dos cavalos, mas conclue, inesperadamente, manifestando preferência pelas cores claras para os reprodutores, « *sed in admisariis praecipue legamus clari* », a menos que um mérito assinalado

compense os defeitos da cor: « *nisi magnitudo meritorum culpam coloris excuset* ».

- ... *tum, si qua sonum procul arma dedere,*
84. *stare loco nescit, micat auribus et tremit artus,*
85. *collectumque fremens volvit sub naribus ignem.*

Estes versos, e os que se lhes seguem até III.88, quase podem traduzir-se com este passo de um sermão de Vieira (5.22.2): « ... o cavalo feroso... que, ouvindo o sinal da guerra, fita as orelhas... bate a terra, enche de relinchos o ar, não lhe cabem os espiritos pelas ventas, treme todo de fogo e de coragem com o alvoroço e brios de sair à batalha. ».

Amiúde se estabelece confronto entre a vibrante descrição vergiliana do cavalo de guerra e a do *Livro de Job*, e muitos consideram esta última mais vigorosa. Mas, ao passo que no quadro de Vergílio se admira uma perfeita harmonia, o do Livro de Job é, como nota Cournol, um conjunto de pinceladas dadas ao acaso, com força, mas sem ordem e sem arte; ou, se se quiser, com uma arte rude e inculca:

« *Numquid praebebis equo fortitudinem, aut circumdabis collo eius hinnitum? numquid suscitabis eum quasi locustas? gloria eius terror. terram ungula fodit, exultat audacter; in occursum pergit armatis. contemnit pavorem, nec cedit gladio. super ipsum sonabit pharetra, vibrabit hasta et clypeus. fervens et fremens sorbet terram, nec reputat tubae sonare clangorem. ubi audierit buccinam, dicit: vah! procul odoratur bellum, exhortationem ducum et ululatum exercitus.* »

A frase das *Geórgicas* (III.85) *collectumque fremens volvit sub naribus ignem* pode aproximar-se, como notam vários comentadores, da de Eurípedes *πῦρ πνέουσι μυκτῆρον ἄπο*, e da de Lucrecio « *et Diomedis equi spirantes naribus ignem* ».

86. *et dextro iactata recumbit in armo*

« Quando o cavalo sacode a cabeça e agita a crina » (tudo isto se contém na palavra *iactata*) « esta cae sobre a espádua direita ». Supomos que não se trata de um atributo natural; obrigava-se a crina a adquirir a tendência para cair para a direita, porque se montava por esse lado; hoje procura-se, nos cavalos de sela, que caia para o lado esquerdo; e, nas parelhas de tiro, para o lado exterior à lança.

Notemos que a crina caída para a direita é tradicional, desde tempos remotos, no cavalo árabe.

87. *at duplex agitur per lumbos spina*

Não é, evidentemente, à própria espinha que se faz referência, mas sim aos músculos que guarnecem a parte superior do dorso, ficando entre eles como que um rego, o que indica que o cavalo é forte e está bem tratado — e nada mais. Varrão insiste também nesta característica: «*spina maxime duplici, si minus, non extanti*». Xenofonte, no seu tratado de equitação, diz: «a espinha dupla (*ῥάχτις ἢ διπλή*) é a mais perfeita, e a mais cómoda para o cavaleiro». E, para citar um autor comparativamente moderno, vejamos o que diz Jacques de Solleysel, no seu *Parfait Maréchal* (1664): «Un cheval doit avoir les reins doubles, qui est lorsqu'il les a un peu plus élevés aux deux côtés qu'au milieu du dos, et passant la main tout au long de l'épine, on la trouve large, bien fournie et double par le canal qui s'y fait». Note-se como a expressão *épine double*, aliás manifestamente incorrecta, ocorre naturalmente ao hipólogo.

88. *et solido graviter sonat ungula cornu*

A solidez dos cascos (*ungulis duris*, exige Varrão) era evidentemente muito de apreciar nos tempos antigos, quando se desconhecia a ferradura. Mas ainda hoje os Ingêleses dizem: «No foot, no horse».

89. *talis Amyclaei domitus Pollucis habenis*
 90. *Cyllarus et, quorum Grai meminere poetae,*
 91. *Martis equi biuges et magni currus Achilli.*

Vergílio recorre a uma das suas habituais digressões mitológicas, para adornar e dignificar o tema. Castor e Polux, de Amicleia, receberam de Neptuno a dádiva de dois cavalos, Xanto e Cilaro. Xanto (*Ξάνθος*) era também o nome de um dos cavalos de Aquiles; o outro era Balios (*Βάλιος*).

92. *talis et ipse iubam cervice effundit equina*
 93. *coniugis adventu pernix Saturnus...*

Saturno, em risco de ser surpreendido pela esposa em flagrante delito de infidelidade, transformou-se em cavalo.

95. *Hunc quoque, ubi aut morbo gravis aut iam segnior annis*
 96. *deficit, abde domo, nec turpi ignosce senectae.*
 97. *frigidus in Venerem senior, frustra que laborem*
 98. *ingratum trahit...*

Muitos tradutores entendem que Vergílio, com a sua habitual bondade, recomenda que se dê ao garanhão envelhecido e esgotado um albergue tranquilo; e, para eles, a negativa *nec* recae sobre *turpi*, o que, como nota Lejay, é construção contrária ao uso clássico. Pretende-se assim traduzir *turpi ignosce senectae* por «fait grâce à sa vieillesse qui n'est pas chose laide» (Goelzer), «ménage son honorable vieillesse» (Lemaistre), «com honra acabe a lânguida velhice» (Osório de Pina), etc.

Para nós, o sentido do passo é inteiramente diverso. A humanidade de Vergílio não impede que ele revele, quando é oportuno, o senso prático e até a dureza da raça romana. De mais, não se trata neste passo de pura poesia, mas da técnica da exploração do gado: e a utilização de reprodutores novos tem vantagens de ordem fisiológica incontestáveis. Por isso, o conselho do Poeta é que não se hesite em arredar de casa (não podemos convencer-nos de que *abdere domo* signifique «recolher em casa») o semental fatigado pela idade ou enfraquecido pela doença: *abde domo nec turpi ignosce senectae* terá então, sem forçar a sintaxe e em conformidade com a lógica, o sentido que lhe dá Billiard, a quem, desta feita, acompanhamos sem restrições: «bannis-le de la ferme et n'aie aucune indulgence pour sa vieillesse sans vigueur».

Tibulo também se refere à velhice do cavalo, mas do que se notabilizou nas pistas de corrida, e para lamentar o seu declínio:

«*quam iacet infirmae venere ubi fata senectae*
qui prior Eleo est carcere missus equus!»

- et, si quando ad proelia ventum est,*
 99. *ut quondam in stipuli magnus sine viribus ignis,*
 100. *incassum furit. ...*

Muitos tradutores parecem supor que o termo *proelia* deve ser tomado no sentido próprio, como Castilho («se adregasse ir à guerra»). Mas pelo contexto verifica-se sem dificuldade que é ao *combate amoroso* que se alude aqui. O paralelo entre as lutas de Marte e as de Eros é clássico na poesia latina, como testemunha o célebre verso de Ovidio,

« *militat omnis amans, et habet sua castra Cupido* »,

e a comparação do ardor senil com o fogo de palha é bem explícita para se reconhecer que é ainda ao mesmo assunto — o decréscimo do vigor genésico — que o Poeta se refere, possivelmente com o propósito de justificar o duro preceito que obriga a afastar um servidor fiel, quando não pode servir mais.

... *ergo animos aevumque notabis*

101. *praecipue: hinc alias artis prolemque parentum*

102. *et quis cuique dolor victo, quae gloria palmae.*

Resumindo, Vergílio mande atentar (*notabis* é um futuro com a função imperativa, que muitas vezes também tem na nossa língua) nos indícios do que os hipólogos de hoje chamam o *sangue*, isto é, de um sistema nervoso desenvolvido, em relação directa com a rapidez das acções e com a potência muscular, qualidades que num cavalo de velocidade têm de se combinar; volta a recomendar que os reprodutores se escolham *novos*, assinalando que a isto se deve atender de preferência a tudo o mais (*praecipue*).

Em segundo lugar (a notar o emprego de *hinc* no sentido de « em seguida », uso novo do termo, que mais tarde veio a ser adoptado em prosa) coloca o Poeta *as outras qualidades* — provávelmente tudo quanto respeita à conformação — e a « prole dos paes » (*prolemque parentum*). Por estas palavras entendem os tradutores e comentadores das *Geórgicas* a « ascendência », ou seja o que os Ingleses chamam o *pedigree*. Assim, Billiard traduz « la généalogie de ses ascendants », Goelzer « la race de ses parents », etc.; e Page julga esclarecer o assunto, dizendo: «... « the race of their parents, i.e., their parents' pedigree. This seems simpler than to render « other offspring of their parents », as though Vergil recommended an inquiry into the racing career of any « own brother » they possessed. »

Mas o facto é que *proles* significa « prole », e não « ascendência », e por isso o assunto merece discussão mais profunda, tanto mais que é uso de Vergílio dizer precisamente aquilo que quer dizer.

Em rigor, o meio mais seguro de averiguar o valor de um semental é observar a sua própria descendência: é o que se chama actualmente o *progeny test*, ou *breeding test*, por meio do qual

« the breeding value of an individual is estimated by a sample of its early progeny » (Crew). Varrão é perfeitamente explícito a este respeito: « *in primis videndum ut boni seminis pecus habeas, id fere ex duabus rebus potest animadverti, forma et progenie* ». Noutro passo, já transcrito na Nota a III, 51, torna claríssima a sua idéia, nestes termos: « *forma est spectanda, et qui ex his* » (referindo-se aos padreadores) « *orti sunt respondent ad parentum speciem* »: e, quando trata dos ovinos, outra vez acentua: « *ex progenie autem animadvertitur, si agnos procreant formosos* ».

Tanta importância se atribue modernamente ao *breeding test*, que se entende que o factor *idade*, em que Vergílio tanto insiste, pode, e por vezes deve passar para segundo plano. « However promising / a new young sire, no matter what his individuality or his pedigree / he must be subjected to the actual test, and after having proved his breeding power with known females, he should be used to the utmost as long as he will breed successfully, and not discarded because of loss of bloom... It is from the proved patriarchs... that real excellence will come, and the real value of proved breeders... is beyond computation » (Davenport).

Varrão, como se viu, preconiza os métodos que hoje se consideram mais eficazes para avaliar as qualidades dos reprodutores; mas Vergílio dá importância predominante à idade; repetidas vezes afirma que o garanhão deve ser novo, e portanto vigoroso, em pleno esplendor de actividade fisiológica; critério este que colide inevitavelmente com o da observação dos resultados do *breeding test* no próprio indivíduo. Para sair deste dilema, parece realmente indicado examinar os animais oriundos dos mesmos paes que já deram as suas provas, mas que, por serem mais velhos, não convém, de acordo com as ideias do Poeta, continuar a usar como sementais. Por outras palavras, Vergílio parece reconhecer o valor do *breeding test*, mas em vez de esperar, como hoje se aconselha, que por ele se aprecie a aptidão do próprio animal de que se trata, toma em linha de conta as indicações do referido *test* aplicáveis aos indivíduos da geração anterior. A idéia é certamente racional, e a única crítica que se pode fazer ao ponto de vista de Vergílio é ser porventura exagerado o peso que atribue ao factor *idade*.

Quanto ao *pedigree*, Vergílio alude, na verdade, a ele, mas, a nosso ver, apenas em III, 122, *Neptuniquae ipsa deducat origine gentem*.

Por último, além da idade, da conformação, dos sinais de sangue e da progénie dos paes, há a tomar em consideração as *qualidades morais* — o modo como cada um (*cuique*) dos animais reage perante a vitória ou a derrota. Assim se completam os elementos de que o criador dispõe para seleccionar os individuos que destina à padreação.

103. *nonne vides ...*

A abertura de fase tão característica de Lucrécio. Não é porém este poeta, mas sim Homero, que Vergílio imita na descrição da corrida de carros, que se prolonga até ao verso III.112, cheia de movimento e de entusiasmo, talvez até um pouco excessivo, como na hiperbólica expressão *videntur ... adsurgere in auras*.

Note-se, em III.109, a maneira de dizer *dant lora*, comparável com o português *dar a mão*.

113. *primus Erichthonius*

Erichtónio, rei de Atenas, foi o inventor da quadriga das corridas.

115. *frena Pelethronii Lapithae gyrosque dedere*

116. *impositi dorso, atequae equitem docuere sub armis*

117. *insultare solo et gressus glomerare superbos.*

Encontramos neste grupo de versos uma dificuldade que não conseguimos ver esclarecida. Com explicar, num passo em que tudo se refere ao cavalo, a palavra *equitem*? Page diz-nos que «se imagina o cavaleiro (*eques*) fazendo tudo quanto faz o animal que ele monta; a transição entre um e outro torna-se mais fácil graças ao *insultare solo* interposto, que se aplica igualmente aos dois.» Tudo isto se nos afigura muito artificioso, e de modo algum convincente. Preferível é, a nosso ver, admitir com Servius que Vergílio seguiu os autores antigos, como Ênio, que usavam o termo *eques* tanto na acepção de «cavalo montado» como na de «homem a cavalo»: «*Omnes enim antiqui scriptores, ut hominem equo insidentem, ita ut equum, cum portaret hominem, equitem vocaverunt*». De facto, o mesmo sucede com o vocábulo português *ginete* e com o espanhol *jinete*.

Glomerare é um termo curioso. Deriva de *glomus*, «bola» / de *lã* /, e o verbo descreve o airoso movimento circular dos braços

do cavalo, habituado, por índole ou por educação, a erguer os membros com graça e energia. Em II.311 aparece a palavra *glomerat* com singular valor pictural.

118. *aequus uterque labor, aequae iuvenemque magistri*

119. *exquirunt calidumque animis et cursibus acrem;*

120. *quamvis saepe fuga versos ille egerit hostis,*

121. *et patriam Epirum referat fortisque Mycenae,*

122. *Neptunique ipsa deducat origine gentem.*

Quer se trate do cavalo de guerra, quer do de corrida, a tarefa dos criadores (é certamente nesta acepção que deve tomar-se aqui a palavra *magistri*) é igualmente árdua, no que respeita à escolha dos reprodutores. Vergílio apontou já (III.100-102) os critérios a adoptar, e a sua importância relativa; mas torna a acentuar que o semental deve ser *novo*, ao mesmo tempo que fogoso e veloz. Aquela qualidade tem, para o Poeta, primado sobre todas; figuram em plano inferior as que possam resultar da hereditariedade remota, ou as que sejam atestadas por proezas que em tempos o animal praticou, mas que já não é capaz de repetir.

O *ille* do verso III.120 refere-se ao *outro* cavalo, já velho para as lides sexuais, e é tão estranha a colocação do pronome neste verso que há quem tenha sugerido que III.120-122 se teriam seguido, no texto original, a III.96.

Já em I.59 foi citado o Epiro como região afamada pelos seus cavalos. Também o era Micenas, capital de Argos, cognominado por Homero *ἵπποβοτον*.

Como se disse na Nota a I.12-14, Neptuno foi quem, com um golpe de tridente, fez nascer do chão o primeiro cavalo. Por isso lhe é com frequência conferido o epíteto *ἵππιος*.

123. *His animadversis instant sub tempus et omnis*

124. *impidunt curas denso distendere pinguis*

125. *quem legere duces et pecori dixere maritum;*

«L'étalon doit, pendant la saison de la monte, recevoir une nourriture abondante que lui permette de réparer les pertes subies par l'organisme durant cette période» (Diffloth); «pendant la saison de monte, on pourra associer à la ration ordinaire du froment, des pois, des lentilles, etc.» (Huzard). A Zootecnia moderna exprime precisamente a mesma ideia contida nos versos vergilianos.

Pingui é um adjectivo usado substantivamente, o que é vulgar (*albo*, III.56, *ardua*, III.288, etc.).

126. *florentisque secant herbas fluviosque ministrant*

127. *farraque ...*

Fluvios, água corrente em abundância; *florentis herbas*, gramineas e leguminosas segadas logo após a floração, e portanto quando é máximo o seu teor em princípios nutritivos (uma parte destes princípios emigra das folhas e caules para as sementes quando estas se formam); *farra*, ração de grão — trigo espelta ou cevada, visto que a aveia pouco ou nada se cultivava, o milho não era conhecido e a fava se reservava, provavelmente, para a alimentação humana, pelo menos na sua maior parte. Aqueles alimentos forneciam os constituintes essenciais das rações de conservação e de produção: *proteína, gordura, hidratos de carbono, vitaminas, sais*.

O valor alimentar do espelta é superior ao da cevada: contém 1 unidade alimentar por quilograma, e a sua riqueza em albumina digestível aproxima-se de 9% (Niels Hanssen). Talvez por isso fosse mais utilizado do que a cevada na alimentação do gado.

129. *ipsa autem macie tenuant armenta volentes*

Armenta, «as éguas» (como *pecori* em III.125 e III.155). *Volentes* (subentende-se *magistri*), «propositadamente».

130. *... ubi concubitus primos iam nota voluptas*

131. *sollicitat, frondesque negant et fontibus arcent.*

Iam nota não quer dizer, como muitos tradutores supõem, «já conhecida das éguas», mas sim «cujos sinais os criadores já conhecem» — o que os leva, logo que tais sinais se manifestam, a reduzir a alimentação e a bebida às fêmeas. Castilho compreendeu perfeitamente o pensamento do Poeta:

«mal vê mostras do ardor que o sangue lhes aquece

.....
sonega-lhes o verde, as fontes lhe evita.»

132. *saepe etiam cursu quatiunt et sole fatigant,*

133. *cum graviter tunsis gemit area frugibus, et cum*

134. *surgentem ad Zephyrum paleae iactantur inanes.*

Além das restrições alimentares, recomenda Vergílio que as éguas que vão ser cobertas se obriguem a exercício activo. É verdade que a gordura excessiva das fêmeas pode ser causa de esterilidade; mas os antigos parecem ter levado longe de mais as suas preocupações a este respeito, e a explicação contida nos versos III.135-137, que as edições escolares das *Geórgicas* pudicamente omitem, afigura-se forçada. Varrão, reportando-se ao gado bovino, diz que o método que ele próprio praticava «consistia em evitar que as vacas se fartassem, e bebessem muita água durante o mês que precedia a cobrição, porque *se pensava* que, estando magras, conceberiam com mais facilidade»: «*ante admissuram mensem unum ne cibo et potione se impleant, quod extimantur facilius macrae concipere.*» A palavra *extimantur* parece revelar que, embora houvesse esta opinião, não se tratava de doutrina unânime assente.

Não é possível traduzir literalmente os versos III.132-134 sem se cair num contrasenso, que seria admitir que o tempo das debulhas, Julho e Agosto, precedia a época da cobrição. A escolha desta época tem importância considerável, porque é de grande interesse que os potros nasçam na primavera, para poderem acompanhar as mães á pastagem. Como o período de gestação, para a égua, é de cerca de 11 meses, deve a cobrição verificar-se nos fins de Março ou princípios de Abril, e assim os potros nascerão em Março do ano seguinte, aproximadamente. Por vezes, a cobrição efectua-se mais tarde, para se aproveitar o segundo cio das éguas não fecundadas da primeira vez, mas sem ir além dos meados do mês de Junho.

Haverá algum motivo para crer que esta prática, que é actualmente seguida, seja diferente da que os Romanos adoptavam? Pode responder-se negativamente sem hesitar, porque Varrão dá sobre o assunto informações explícitas: «a cobrição das éguas deve principiar pelo equinócio da primavera (21 de Março) e continuar até ao solstício, a-fim de que as parições se realizem em tempo favorável...»: «*horum feturae initium admissiois facere oportet ab aequinoctio verno ad solstitium, ut partus idoneo tempore fiat.*»

Mais ainda: Na segunda *Geórgica*, é o próprio Vergílio quem nos diz (II.329) que é na primavera que, em períodos certos, o cio se manifesta

et Venerem certis repetunt armenta diebus

e repare-se no emprego da palavra *armenta*, aplicada no Livro III a vacas e a éguas.

Parece-nos pois evidente que Vergílio se refere à debulha não para marcar uma data, mas para indicar que o exercício a que as éguas se obrigavam, antes de serem cobertas, havia de ser feito à hora de maior calor (note-se o *sole fatigant* do verso III.132), ou então, como sugere Lejay, quando estivesse tão bom tempo como o que é habitual na época estival em que se malham cereais.

Nestes versos alude-se ao uso do mangoal na debulha, conforme julgamos deduzir-se claramente do emprego da palavra *tunsis*; Tibulo também se refere ao mangoal no verso «*area dum messes sole calente teret*» (I.V.22.); e nas *Geórgicas*, em I.192, diz-se: *pingues palea teret area culmus*. Por qualquer razão, são numerosos os eruditos que afirmam que na antiga Itália se não malhavam os cereais; e, no entanto, há uma frase de Plínio que não deixa dúvidas (*N. H.*, XVIII.30.): «*messis perticis flagellatur*». *Pertica* deu em português *peritico*, *perugo*, etc., nomes da parte móvel do mangoal que bate no cereal a debulhar, e que se liga por uma correia à outra parte, o *mango* ou *cabo*, que o malhador empunha. É provável, porém, que a debulha a pé de gado, com *cobras* de éguas, ainda hoje vulgar entre nós, o fosse também na antiga Itália; e mais, talvez, a debulha com trilhos (o *tribulum* e a *trahea* mencionados em I.164).

138. *Rursus cura patrum cadere et succedere matrum*
 139. *incipit. exactis gravidæ cum mensibus errant,*
 140. *non illas gravibus quisquam iuga ducere plaustris,*
 141. *non saltu superare viam sit passus et acri*
 142. *carpere prata fuga fluviosque innare rapacis.*
 143. *saltibus in vacuis pascunt et plena secundum*
 144. *flumina, muscus ubi e viridissima gramine ripa,*
 145. *speluncaeque tegant et saxea procubet umbra.*

Rursus abre um parágrafo em que se faz uma afirmação que contrasta com o que se disse anteriormente. *Mensibus* são os meses de gravidez, alguns dos quais já decorreram (*exactis*). *Errant*, porque nessa altura as fêmeas andam à solta na pastagem.

A frase *non illas ... quisquam ... sit passus* tem analogia,

pelo tipo especial do imperativo, com *non illa quisquam me nocte suadeat* (I.456) e *nec tibi ... quisquam persuadeat auctor* (II.315).

O emprego do verbo *carpere* para significar «percorrer velozmente» é muito interessante, porque o vocábulo exprime a ideia de movimento fácil, graças ao qual o terreno é rapidamente galgado (*taken in the stride*, se diz em inglês).

Quase todos os comentadores entendem que Vergílio deixou, em III.137, de se ocupar das éguas. Castilho intercala por isso na sua tradução um verso que não tem correspondente no original:

«da egua para a vacca o trato não varia».

Com efeito, a parte do texto que se segue parece dizer respeito a vacas, já porque se determina que os animais se não atrelem a carros (trabalho que se não dava às éguas), já porque o passo reproduz as advertências de Varrão, acerca das novilhas cobertas: «*eas pasci oportet locis viridibus et aquis. cavere oportet ne aut angustius stent aut feriantur aut concurrant*». Devemos, contudo, observar que *salto superare viam*, *carpere prata fuga* e *fluvios innare* são proezas que requerem agilidade mais própria de éguas do que de vacas.

146. *est lucos Silari circa...*

147. *... Alburnum...*

O Silaro (hoje Selo) é o rio que separa a Campânia da Lucânia. O Alburno é um monte da Lucânia, chamado actualmente Monte Capaccio.

148. *oestrum Grai vertere vocantes*

Certamente, como nota Page, Vergílio não nos quer dizer que os Gregos traduziram a palavra do latim, porque Homero já se refere ao *οιστρος*. O insecto de que se trata é o *Tabanus bovinus*, L. (tabão, atabão, moscardo, etc.). Varrão não lhe chama *asilus*, palavra já arcaica no seu tempo, mas sim *tabanus*.

O mito de Io é muito conhecido. A filha de Inaco foi transformada em bezerra por Júpiter; Juno, ciumenta e rancorosa, lançou contra ela um bando de moscardos, que a perseguiram à ferroada até ao Egipto. Aí, restituída à forma primitiva, casou com Osiris, e tomou o nome de Isis.

151. *Tanagri*

O Tanagro (hoje Nero) é um afluente do Silaro.

157. *post partum cura in vitulos traducitur omnis;*

O Poeta vai referir-se aos bezerros, para depois (III.179-208) se ocupar da cria e ensino dos potros. Vergílio não se subordina a uma arrumação metódica dos assuntos, antes os dispõe com propósito desalinho, que realça o efeito artístico das descrições, e permite a introdução, no momento propício, dos *episódios* que tanto animam e adornam o poema.

158. *notas et nomina gentis inurunt*

Tanto por *notae* como por *nomina* entendam-se marcas que indicavam quem era o criador (equivalendo portanto ao *ferro*), e também o destino que se havia de dar ao animal.

159. *et quos aut pecori malint summittere habendo*160. *aut aris servare sacros aut scindere terram*

Os exemplares selectos, de conformação mais perfeita, apartavam-se para o grupo donde viriam a sair os reprodutores, ou reservavam-se para os sacrifícios, e é natural que os últimos se cevassem com particular esmero (como os bois da Páscoa no Minho) de modo a honrar o nome do proprietário quando exibidos nas procissões solenes. Tanto uns como outros se deixavam retouçar tranquilamente nas pastagens. Os restantes, que constituíam, evidentemente, a grande maioria, e deviam utilizar-se para o trabalho, aconselha Vergílio que, sem perda de tempo, se principiassem a educar (*hortare*) enquanto a pouca idade e a docilidade do temperamento o tornavam fácil.

O uso da palavra *hortare* (*hortator* se chamava muitas vezes ao mestre de primeiras letras) indica que se tratava apenas de uma iniciação. A tanto se limitava o ensino rudimentar dos *vituli*; não era ainda a *doma*, que só se fazia quando os animais, perto dos tres anos, se dominavam já *iuvenci* (III.169), mas a preparação para ela (*viam domandi*), precisamente o método racional que mais tarde o Poeta preconiza para o gado cavalari.

166. *ac primum laxos tenui de vimine circlos*167. *cervici subnecte; ...*

Dos vários sistemas de jungir os bois ao carro ou à charrua, os mais vulgares são as *molhelhas* e o *jugo*, ou *canga*. Nem um nem outro valem o colar, ou *coelheira*, de modelo igual ao usado para os equídeos, que permite ao animal utilizar ao máximo a sua força. Assim diz Diffloth: «... si l'on se basait uniquement sur des considérations mécaniques et physiologiques, on classerait en tête le collier ...». A despeito de opiniões em contrário, pensamos que os bois dos Romanos nunca usaram coelheira, porque os geopónicos latinos não fazem qualquer referência a este arreo. Os colares de que aqui se trata, de vime entrançado, leves e folgados, serviam apenas para os animais muito novos acostumarem o pescoço à sujeição (*libera colla servitio adsuescere*).

168. *... ipsis e torquibus aptos*169. *iunge pares, et coge gradum conferre iuvenco;*

Há duas interpretações para este passo. Alguns autores, como Goelzer e Lejay, entendem que a expressão *ipsis torquibus* designa, não já os ligeiros arcos de vime mencionados em III.166, mas as *coelheiras a valer*, aquelas que porventura se aplicariam aos bois adultos. Outros, como Page, opinam que não há diferença entre *torques* e *circulus*: trata-se ainda, em III.168, dos colares leves, mas desta vez os novinhos estão emparelhados e a ligação entre os dois que formam uma junta faz-se por meio de uma correia ou corda que ata uma à outra as respectivas coleiras. *Ipsis e torquibus* significará assim que é dos próprios colares, e não de qualquer acessório, que sae a ligadura que os une. Afigura-se nos que, aceitando a hipótese de Page, se explica melhor a função da preposição *e*.

Aptos é o participio de um verbo arcaico, *apio*, ou *apo*, cujo sentido é «atar».

172. *post valido nitens sub pondere faginus axis*173. *instrepat, et iunctos temo trahat aereus orbis.*

Damos a esta frase interpretação um pouco diversa da da maioria dos tradutores. Para nós, continuam a indicar-se graus sucessivos de intensidade de trabalho: (1) primeiro, os novinhos puxavam o carro vazio (*inanis*); (2) atrelavam-se depois a um carro pesadamente carregado, mas este carro (supomos nós) teria duas rodas apenas; (3) por fim engatavam-se (provavelmente duas ou tres juntas) a um veículo de maiores dimensões, «com dois pares de rodados» (é assim que nos parece dever traduzir-se *orbis*

iunctos). Só, com efeito, uma viatura de grande peso, talvez parecida com o *lezirão* do Ribatejo, exigiria que a lança tivesse a reforçá-la chapas de bronze (*aereus temo*).

Varrão dá mais pormenores sobre o modo de amansar os novilhos: «começa-se por lhes sujeitar o pescoço a uma peça de madeira em forma de canga, dando-lhes de comer à mão, e assim, em poucos dias, se tornarão mansos. Depois, para os acostumar gradualmente ao jugo, emparelha-se um garraio novo com outro já ensinado. Fazem-se andar primeiro em terreno chão, e sem charrua; depois engatam-se a um arado, a lavar areia ou terra leve. Para os afazer ao carro, atrelam-se a um veículo vazio, e, se for possível, fazem-se percorrer as ruas de uma povoação.»

174. *interea pubi indomitae non gramina tantum*
 175. *nec vescas salicum frondes ulvamque palustrem,*
 176. *sed frumenta manu carpes sata; ...*

É evidente que o agricultor romano pendia fortemente para o lado da avareza, seguindo as pisadas do velho Catão. Por isso Vergílio o instiga a que não se limite a dar aos animais em via de crescimento (*pubi indomitae*, portanto com menos de tres anos) a vegetação espontânea dos paúis e folhas de salgueiro, cujo único mérito é serem comestíveis (*vescas*) mas que são certamente de escasso valor nutritivo: darão, no máximo, 1 unidade alimentar por 4 quilos de peso em verde. É indispensável que no penso entrem *sata frumenta*, isto é, cereais semeados para verde, provavelmente a mistura que os Romanos denominavam *farrago*, correspondente ao que em algumas das nossas regiões se chama *alcacêr*.

Varrão é mais liberal do que Vergílio, pois determina que se dê aos bezerros, logo depois dos seis meses, farelos de trigo, cevada triturada e erva tenra.

A *ulva palustris* seria, segundo Billiard, a *Typha latifolia*, L., chamada entre nós «tabúa».

- ... *nec tibi fetae*
 177. *more patrum nivea implebunt mulctralia vaccae,*
 178. *sed tota in dulcis consument ubera natos.*

O Poeta volta a referir-se aos animais mais novos, aconselhando que todo o leite das mães lhes seja destinado. Com efeito,

a alimentação láctea copiosa predispõe para a gordura, o que não só era vantajoso no caso dos animais apartados para reprodutores e para sacrificios, como também no dos que se destinavam ao trabalho, visto que estes últimos acabariam por ser abatidos para corte. Pode acrescentar-se que haveria conveniência em fazer tarde a desmama, o que é já discutível se os animais se dedicarem à produção de leite.

179. *Sin ad bella magis studium turmasque ferocis,*

 208. *verbera lenta pati et duris parere lupatis.*

De III.179 a III.208, Vergílio percorre as quatro fases da educação do cavalo, que Bonnefont descreve pela seguinte forma: «*l'apprivoisement*, pendant lequel le cheval se familiarise avec l'homme; le *débourrage*, pendant lequel il apprend à le comprendre; le *dressage d'utilisation* ou *d'adaptation*, pendant lequel il apprend son métier; le *dressage de mise en valeur*, pendant lequel il se perfectionne et apprend à faire son travail avec grâce, énergie et facilité».

179. *Sin ad bella magis studium...*

Vergílio preceitua que o cavalo que se destina à guerra se habitue, desde que é desmamado, a ruídos de toda a espécie. Os Arabes passeiam o potro, logo que ele nasce, pelo meio de clamores e estrondos, e pensam que assim o cavalo não ficará sujeito a temores durante toda a sua existência. Varrão refere-se também à vantagem de familiarizar o poldro com o que Castilho chama «o retintim dos freios»: «*eosque, cum stent cum matribus, interdum tractandum, ne, cum sint deiuncti, exterreantur; eademque causa ibi frenos suspendendum, ut eculi consuescant et videre eorum faciem et e motu audire crepitus.*».

185. *tum magis atque magis blandis gaudere magistri*
 186. *laudibus et plausae sonitum cervicis amare.*
 787. *atque haec iam primo depulsus ab ubere matris*
 189. *audeat, inque vicem det mollibus ora capistris*

Para comentar este passo, nada nos parece mais apropriado do que transcrever de um tratado moderno de Zootécnia o seguinte trecho: «*Quelle que soit la destination du jeune poulain, il sera bon, dès le sevrage, de l'habituer à être conduit à la longe.*

On lui passera un licol de chanvre à large *têtière* et on l'accoutumera à être attaché à l'aide d'une longe... *Graduellement*, le cheval sera habitué à subir l'influence de l'homme; *on lui parlera, on devra le caresser* » (Diffloth). Comparem-se as palavras sublinhadas com *primo depulsus ab ubere matris, capistris, magis atque magis, laudibus blandis et plausae cervicis sonitum*: ver-se-á que a beleza dos versos vergilianos em nada prejudica a exposição de métodos que se mantiveram sem alteração através dos tempos.

190. *at tribus exactis ubi quarta accesserit aetas,*

191. *carpere mox gyrum incipiat...*

A idade de tres para quatro anos (é indiferente que se leia *aetas*, ou, lição que alguns adoptam, *aetas*, visto que o poldro deve ter nascido na primavera) que Vergílio indica de forma tão positiva é aquela que os Árabes consideram própria para submeter o cavalo a trabalho regular e intenso. A partir dos dezoito meses, o potro é montado, sem freio, por um rapaz que o leva à pastagem; aos dois anos começa-se a acostumá-lo ao freio e à sela, mas usando sempre as maiores precauções; aos trinta meses é montado por um homem, sem esporas, que o faz andar a passo, tomando o maior cuidado em o não excitar; e assim se continua até aos tres anos.

É, como acima se diz, dos tres para os quatro anos que os Árabes principiam o ensino propriamente dito, com o auxílio da espora, até que o cavalo execute os vários exercícios que se consideram indispensáveis para o preparar para a guerra: partida a galope, paragem brusca depois de lançado a gulope, quarteio rápido à direita e à esquerda, corrida, salto, etc.

Até à época em que se inicia o treino intensivo, o cavalo árabe é proposadamente alimentado com grande parcimónia, não só para o conservar dócil, como para se avaliar das condições de resistência do seu organismo. Depois, quando se exige dele um trabalho violento, passa a receber alimentação abundante e de elevado valor altriz. Esta orientação coincide, de certo modo, com a que Vergílio aponta nos versos III, 205-208.

Os métodos árabes demonstraram a sua eficácia para a preparação do cavalo de guerra, e é lícito admitir que os Romanos usassem uma técnica análoga, quer por lhe terem descoberto os judiciosos fundamentos, quer por conhecerem os processos dos

criadores da Síria e da África do Norte, praticados por algumas das suas tropas auxiliares, e possivelmente já divulgados na Espanha.

Quanto ao cavalo de desporto, não seria aceitável fazê-lo correr (lembremo-nos de que a corrida de carros devia exigir esforço violento) antes de ter atingido a robustez e o estado de equilíbrio orgânico que só a idade superior a tres anos podia trazer. O hábito moderno de fazer frequentes corridas de cavalos de dois anos tem, em regra, péssimas consequências: « *les chevaux* », diz Bonnefont, « *se tarent, dépérissent, s'usent avant l'âge et leur constitution s'altère pour toujours.* »

Nem todos seguiam a opinião de Vergílio, como se verifica pela frase de Varrão: « *haec facere, cum sit trimus: tum enim maxime crescere ac lacertosum fieri. sunt qui dicant post annum et sex menses eculum domari posse, sed melius post trimum...* »

As indicações de Vergílio sobre a doma e o ensino do cavalo seguem de perto as de Varrão; este, porém, dá muitas informações acerca do regime alimentar.

204. *Belgica vel molli melius feret esseda collo.*

Julgamos, ao contrário do que pensa Page, que o *essedum* era uma carruagem de cavalos. O comentador inglês nota que Silius dá ao termo este sentido num dos seus versos, imitado de Vergílio, « *aut molli pacata celer rapit esseda collo* », mas observa, para destruir o argumento, que Vergílio nunca se refere a carros de cavalos (a não ser os de guerra ou de corrida) que não eram muito usados no seu tempo, e dos quais os Romanos falam com certo desdém.

Page não considera os factos seguintes: (1) Varrão, por cuja doutrina Vergílio se regula tantas vezes, cita, além do cavalo de combate e do de desporto, o que serve de montada e o que se utiliza para puxar veículos ligeiros de transporte; (2) no tempo de Augusto o Império era sulcado por uma rede de estradas excelentes, e por elas se faziam longas viagens em carros de parelha, como a de Roma a Brindisi, em que Vergílio acompanhou, numa parte do percurso, os seus amigos Mecenas e Horácio, que descreve a jornada com tão bom humor na *Sátira V*. Quanto ao serviço de mala-posta, que não era público, mas reservado para os funcionários e pessoas munidas de autorização especial, fazia percursos

de cerca de 120 quilómetros por dia, e sabe-se que era possível ir de Roma a Aquilêia — uma tirada de 800 quilómetros — em 100 horas.

Parece-nos que Lejay acerta, quando diz que o *essedum* era um «cabriolet à deux roues, attelé de deux chevaux, qui avait servi de char de guerre aux Gaulois et n'était plus employé à cet usage qu'en Grande Bretagne au temps de César; il avait pénétré en Italie comme voiture ordinaire.»

209. *Sed non ulla magis viris industria firmat*

283. *miscueruntque herbas et non innoxia verba.*

Neste longo passo descrevem-se vigorosamente os terríveis efeitos do amor, paixão dominante para o homem e para os animais. Desde os mais ferozes, como o tigre e o urso, até aos mais pacíficos e aos mais humildes, como o veado e o varrasco, todos se excitam e se enraivecem quando o instinto genésico os perturba. Todo o passo é de uma incomparável beleza, e, se algum trecho se pode distinguir, é o que descreve a carreira das éguas fecundadas pelo vento.

216. ... nec...
217. *dulcibus illa quidem inlecebris...*

Os latinistas consideram muito interessante o uso de *illa* neste passo, sublinhando fortemente o encanto («sweet witchery», como diz Page) da fêmea. Há outros exemplos deste emprego do pronome nas *Geórgicas*, como em II.434, II.453, III.359, III.497, IV.128, IV.157); mas em III.217 o Poeta ainda reforça o efeito apondo *quidem*, que supomos ter valor afirmativo, e não restritivo, como quer Lejay.

219. *pascitur in magna Sila formosa iuvenca:*
220. *illi alternantes multa vi proelia miscent*

Vale a pena transcrever a tradução destes dois versos por Delille, e os comentários que ele próprio faz:

«Tranquille, elle s'égare en un gras pâturage»

«J'ai tâché en multipliant les *a* dans ce vers, de rendre quelque chose de la douce harmonie du vers latin, qui peint si bien la génisse errant paisiblement».

«Ses superbes amants s'élancent pleins de rage»

«Quelle différence entre la douceur du premier vers et l'âpreté du second!».

E que pena, acrescentaremos nós, perder-se na tradução a vigorosa simplicidade do *illi*, plural masculino que dispensa mais explicações!

O passo III.219-241 tem sido imitado por numerosos poetas, entre eles Lucano, na *Pharsalia*. Eis uma oitava de Juan de Arjona, da sua tradução da *Thebaida*, de Estácio, em que o tema reaparece:

«Cual toro que el amado valle deja después que, victorioso, su enemigo, la amada vaca le quitó, y se aleja, del campo de su bien y mal testigo, doloso brama y com dolor se queja, ausente de su vaca y campo amigo, hasta que nueva furia y sangre nueva la antigua fuerza en su cerviz renueva.»

Sila

Montanha do Bruttium, revestida de densa cobertura florestal.

230. *instrato cubili*

Intrato (*in + strato*) não é o particípio de *insternere*, «entender sobre», mas sim o adjectivo *stratus* associado a uma partícula de negação. São raríssimos os adjectivos deste tipo, mas pode citar-se (Page) *indictus* (*in + dictus*), a distinguir de *indictus*, particípio de *indicere*, «proclamar».

231. *carice acuta*

Possivelmente alguma espécie do género *Carex*.

232. *irasci in cornua*

Outra curiosidade gramatical. O *in* com acusativo desenha a idéia de que a colera do animal se lança, se concentra nos cornos. É evidente que Vergílio aprecia a expressão, porque a repete na

Eneida (XII.103-104), quando volta a descrever um combate de toiros:

« *mugitus veluti cum prima in proelia taurus
terrificos ciet atque irasci in cornua tentat* ».

Eurípedes também diz ταύροι ... εἰς κέρασ θυμούμενοι.

236. *signa movet*

«Avança os estandartes»: expressão tipicamente militar, mas que César não usa; comparável a *signa ferre, signa tollere*, etc.

242. *Omne adeo genus in terris hominumque ferarumque*

243. *et genus aequoreum, pecudes pictaeque volucres,*

244. *in furias ignemque ruunt: amor omnibus idem.*

Lima Leitão, numa das suas notas, cita uma décima improvisada por Bocage, na qual se sente a influência deste passo:

« Amor, doce flamma accêsa
Vibrada por mão de Jove,
Agita, transporta e move
O seio da Natureza:
O leão despe a braveza
Se o vem lêda amimar,
E no amplo bojo do mar
Arde o mundo nadador;
O Mundo tôdo é amor,
Quem pode deixar de amar? »

247. *ursi*

O *Ursus arctos alpinus*, Cuvier.

248. *aper*

O javali, *Sus scrofa*, L.

258. *quid iuvenis... in ossibus*

Referência à conhecidíssima história de Leandro, que, para ir ter com Hero, atravessava a nado o Helesponto. Segundo Lejay, a lenda é citada neste passo pela primeira vez.

Traduzimos *quid iuvenis...* por «a quanto não se atreve, etc.». A versão é manifestamente pobre e banal: no texto latino não há verbo, e daí resulta muito maior força para a expressão.

In ossibus: porque se entendia que na medula dos ossos se localizavam os sentimentos mais arreigados.

264. *lynces*

O linco, ou lobo cerval, *Lynx lynx*, L.

267. *Glauci*

Glauco, de Pótnia, na Beócia, filho de Sisifo e pae de Belerofonte, «... vedava o coito às suas Eguas a fim de serem mais ligeiras. Venus se vingou delle, embravecendo-as de tal forma que o despedaçarão com os dentes» (Osório de Pina).

270. *Ascanium*

Rio da Bitínia.

272. (*vere magis, quia vere calor redit ossibus*) *illae*

273. *ore omnes versae in Zephyrum stant rupibus altis,*

274. *exceptantque levis auras, et saepe sine ullis*

275. *coniugiis vento gravidae (mirabile dictu)*

A fábula das éguas fecundadas pelo vento é já mencionada por Homero (*Il.*, XVI.150), que nos conta que «Xanto e Balios» (Nota a III.89) «acompanhavam a correr o voo dos ventos, o que não admira, porque eram filhos do vento Zéfiro»; Aristóteles repete a história, localizando-a em Creta; Varrão transfere-a para as imediações de Lisboa: «*in fetura res incredibilis est in Hispania, sed est vera, quod in Lusitania ad oceanum in ea regione, ubi est oppidum Olisipo, monte Tagro quaedam a vento concipiunt certo tempore equae*»; Plínio e Columela atestam a veracidade do facto; e, através da Idade Antiga, da Média e até da Moderna, continua a falar-se nesta anemogénese «*incredibilis, sed vera*». Refere-se a ela o cruzado que participou no assalto a Silves, no tempo de D. Sancho I: «perto de Lisboa, à distância de tres milhas das nossas, demora o castelo de Sintra, onde as éguas concebem dos ventos e os potros são mui velozes»; André de Rezende relata que um lavrador de Benavente lhe dissera que «uma sua Egoa achara prenhe sem lhe chegar cavalo e que aos

oito mezes movera»; Frei Bernardo de Brito conta, com grande seriedade, que «no seu tempo uma égua dos campos de Santarém concebeu do vento».

277. *diffugiunt, non, Eure, tuos, neque solis ad ortus*
 278. *in Borean Caurumque, aut unde nigerrimus Auster*
 279. *nascitur...*

Os ventos que Vergílio menciona nas *Geórgicas* são o *Bóreas*, equivalente ao *Aquilo*; o *Auster*, equivalente ao *Notus*; o *Caurus*; o *Eurus*; e o *Zephyrus*. Na *Eneida*, refere-se também ao *Africus* e ao *Iapix*.

Segundo d'Hérouville, o *Bóreas* correspondia ao N., ou N.E.; o *Austro* ao S.; o *Cauro* ao N.W.; o *Euro* umas vezes ao E., outras ao S.E., outras ao E.S.E.; o *Zéfiro* ao W.; o *Africo* ao S.W. ou S.S.W.; e o *Iapix* ao W.N.W.

Aristóteles, relatando as aventuras das éguas que concebiam do vento, diz que elas galopavam na direcção do Norte ou do Sul (*πρὸς ἄρκτον ἢ νότον*) para atingirem o mar, o que é natural em Creta, cuja menor dimensão se estende na linha N.-S. Vergílio reproduz as palavras de Aristóteles, mas sem menção topográfica, o que torna a lenda ainda mais obscura (Page).

280. *hic demum, hippomanes vero quod nomine dicunt*
 281. *pastores, lentum destillat ab inguine virus,*

Hic demum, «então e só então»: parece entender-se que unicamente quando as éguas emprenham do vento se obtém o raro e temível veneno que os pastores chamam *hippomanes* («e muito bem», aplaude Vergílio, surpreendido com a derivação etimológica erudita, *ἵππος, μείνομαι*). Mas a secreção das mucosas dos órgãos genitais da égua a que o Poeta alude costuma aparecer na ocasião dos cios, e não durante a gravidez.

Tibulo também se refere ao hipómane, em termos parecidos;

«*hippomanes cupidae stillat ab inguine equae*»,

e finalmente, Ovídio, nos *Amores*, diz:

«*quid valeat virus amantis equae*».

282. *... quod saepe malae legere novercae*
 283. *miscueruntque herbas et non innoxia verba.*

Confrontem-se estes versos com os II.128-129;

*pocula si quando saevae infecere novercae
 miscueruntque herbas et non innoxia verba,*

A malvadez das madrastas e a sua tendência para envenenamentos e bruxedos são ideias fixas de Vergílio.

286. *hoc satis armentis. superat pars altera curae,*

Vergílio assinala claramente que terminou a parte da terceira *Geórgica* em que se ocupa do gado grosso, cavalos e bois. A segunda parte (*pars altera*) do trabalho, que se prolonga até ao verso III.477, diz respeito ao gado ovino e caprino. Goelzer observa que é de admirar que o gado suino seja excluído da dissertação zootécnica do Poeta, e considera que o motivo da exclusão seria ele não julgar o assunto digno de ser tratado nos nobres versos das *Geórgicas*: «... le porc n'éveillait pas les mêmes idées que les brebis et les chèvres, et l'on ne voit pas bien comment Virgile aurait pu, en rappelant ce qui concerne cet animal, trouver l'occasion de peintures aussi séduisantes que celles qu'il consacre à la vie des autres, aux chèvres surtout...».

Para nós a explicação não é de modo algum convincente. Os recursos da arte vergiliana vão além de tudo quanto poderíamos suspeitar, se os não conhecessemos. Nas *Geórgicas* (não diremos o mesmo das *Éclogas*) é de realidades que se trata: nunca o Poeta se arreceia delas. Discute, em versos finamente burilados, cousas tão humildes como a estrumação das terras, e pormenores da fisiologia íntima dos animais. Dificilmente nos persuadiríamos de que Vergílio se sentisse incapaz de enquadrar na sua composição poética os ditames do abalizado Scrofa, que constituem o recheio do Capítulo IV do Livro I de Varrão. Pales, que o Poeta invoca para o ajudar a revestir de dignidade a descrição dos métodos de cria dos ovídeos, não lhe recusaria o seu auxílio para se ocupar de um animal tão útil como o porco, e de tamanha importância para os sacrifícios religiosos. Para mais, teve Homero algum rebuço em falar em suínos, e mais de uma vez, na *Odisseia*? E não chama ao maioral dos porcos *δρακονορβός*?

287. *lanigeros... greges hirtasque capellas*

Vergílio associa, muito naturalmente, animais pertencentes ao mesmo género (*Ovis*), os ovídeos arietinos e os ovídeos caprinos,

cuja exploração zootécnica tem bem marcadas afinidades: de uns e de outros se utilizam o leite, a lã ou o pêlo, e a carne.

289. *nec sum animi dubius verbis ea vincere magnum*

294. *nunc, veneranda Pales, magno nunc ore sonandum.*

O Poeta reconhece que vae tentar obra de vulto: *verbis ea vincere*, «dominar pela expressão poética as dificuldades do tema», ou, como traduz Page, «to treat so humble a theme with such mastery that it shall become truly poetic» — que extensos circunlóquios são precisos para exprimir o que o latim condensa em tres curtas palavras! A seguir reproduz, por certo intencionalmente, o tom e alguns dos próprios termos de que Lucrécio se serve no prólogo do *De Rerum Natura* (I, 136 *et seq.*):

«*nec me animi fallit Graiorum obscura reperta
difficile inlustrare Latinis versibus...*»

Mas, afinal, um dos grandes objectivos das *Geórgicas* é *angustis ... addere rebus honorem*, e Vergílio realiza-o não só aqui como em todo o resto do poema. Enquanto não se abalança à epopeia que anuncia no começo da terceira *Geórgica*, enquanto não ascende aos cimos do Parnaso, percorre as encostas que conduzem suavemente à fonte Castália, trilhando caminhos que outros poetas nunca devassaram.

A invocação a Pales, antes de encetar o modesto tema, tem evidentemente feição humorística. O Poeta, diz Page, «... marks his consciousness of the fact that there is something half comic in dealing with his present subject in the heroic vein.»

295. *Incipiens stabulis edico in mollibus herbam*

296. *carpere ovis, dum mox frondosa reducitur aestas,*

Edicere (no participio *edictum*, que deu «edito») é um verbo ordinariamente usado quando se trata de ordens emanadas de altas autoridades (*consul, imperator, praetor*) e tem por isso cunho apropriado para manter o tom de jocosa solenidade que o Poeta adoptou.

É fora de dúvida que o regime exclusivamente pastoril não é aconselhável para os ovinos: até nas regiões temperadas convém instalar estábulos onde eles possam abrigar-se, sobretudo das

chuvas prolongadas, já que os velos os defendem bem do frio. Mas o decreto que Vergílio promulga parece demasiadamente radical, se o interpretarmos como impondo a estabulação continua das ovelhas durante o inverno. No Sul da Europa, e até em países do Norte onde os invernos não são muito rigorosos, como a Inglaterra, não se mantêm durante muito tempo os rebanhos nos ovis; só se resguardam nos dias mais ásperos, deixando-os pastar nos restantes. As *herbae* a fornecer ao gado estabulado seriam presumivelmente feno finos, dos sítios montanhosos, que constituem excelente alimento de inverno para os ovinos, talvez associado a palha de leguminosas.

A estabulação invernal é o meio de defender os ovinos da fome e do frio, que, diz o rifão português, «faz o gado galego». Isto é, comenta Ferreira Lapa com o seu característico estilo, «amesquinha-lhe a estatura, desengraça-lhe as formas, desentrajá-lhe a vestimenta, degrada-o, ensendeira-o, e fá-lo lazarento e maltrapilho.»

Com a primavera (parece-nos que não pode ser outro o significado de *frondosa aestas*) regressavam as ovelhas ao regime alimentar mais adequado para elas, o consumo da erva dos pastos. São, com efeito, os animais que começam mais cedo o aproveitamento das ervagens e que o terminam mais tarde; e, além disso, os que melhor utilizam os pastos pouco nutritivos e os que se encontram nas zonas mais altas.

Não se suponha, todavia, que a estabulação dos ovinos fosse regra geral em Itália. Era corrente o regime de transumância, como assinalam as frases seguintes de Varrão: «*longe enim et late in diversis locis pasci solent, ut multa milia absint saepe hibernae pastiones ab aestivis. ego vero scio, inquam: nam mihi greges in Apulia hibernabant, qui in Reatinis montibus aestivabant, cum inter haec bina loca, ut iugum continet sirpiculos, sic calles publicae distantes pastiones*».

297. *et multa duram stipula filicumque manipulis*

298. *sternere subter humum, glacies ne frigida laedat*

299. *molle pecus scabiemque ferat turpisque podagras.*

A humidade é sempre prejudicial para os ovinos, quer na pastagem, quer no bardo, quer no estábulo. Espalhar uma camada espessa de terra ou mato no pavimento do ovil é precaução indispensável. Varrão prescreve que este pavimento seja liso e com

declive, para se poder varrer bem e conservar limpo, sem o que a humidade prejudicará não só a lã como os pés das ovelhas, e as fará contrair sarna: «*ubi stent, solum oportet esse eruderatum et proclivum, ut everri facile possit ac fieri purum. non enim solum ea uligo lanam corrumpit ovium, sed etiam ungulas, ac scabies fieri cogit.*»

Scabies é a «ronha», a afecção parasitária mais vulgar dos ovinos. Manifesta-se pelo aparecimento de pústulas nas regiões revestidas de lã, começando pelo pescoço e pelo dorso. Das chagas escorre um líquido seroso, que forma crostas duras e espessas. Os animais sofrem comichões intensas, o que os leva a esfregar-se de encontro aos corpos duros ao seu alcance; o velo esfiampa-se e acaba por cair às mechas (Guénaux). Nos estábulos o contágio é rápido, e a mortalidade atinge por vezes sérias proporções. Em III.440-463, Vergílio torna a referir-se à etiologia e ao tratamento da ronha.

Podagra é seguramente a «pieira», inflamação ulcerosa dos tecidos do pé, doença de evolução lenta, cujo agente infeccioso ainda não foi determinado, mas que tem o seu *habitat* nos estrumes e no terreno. O animal afectado começa por coxear, depois o pé incha (daí talvez o epíteto *turpis*, designando a deformação), torna-se doloroso, e aparece uma supuração de cheiro fétido na região inter-ungular.

300. ... *iubeo frondentia capris*
301. *arbuta sufficere et fluvios praebere recentis,*

«Le régime le plus convenable à la chèvre», diz Diffloth, «est celui du pâturage ... cependant le régime de la stabulation, pour certaines races en particulier, adaptées déjà héréditairement à cette pratique, peut donner d'excellents résultats.»

Por pouco familiarizados que estejamos, em Portugal, com a estabulação das cabras, temos de reconhecer que ela corresponde à necessidade de proteger os animais da humidade e das chuvas frias, que muito os prejudicam. Por outro lado, o facto da cabra ser um animal sóbrio não quer dizer que não necessite alimentação tão rica, em proporção com o seu peso, como os outros ovídeos. Niels Hanssen considera que as cabras requerem, em relação às ovelhas, uma quantidade inferior de princípios nutritivos correspondentes ao crescimento da lã; mas, para produzirem leite

com abundância, é preciso dar-lhes uma compensação; e indica os seguintes números: para a ração de conservação, 1,0 a 1,2 unidades alimentares e 100 a 110 gramas de albumina digestível por cada 100 kg. de peso vivo; para a ração de produção, 0,3 a 0,4 unidades alimentares e 45 a 50 gramas de albumina digestível por cada quilograma de leite.

Vergílio recomenda que se dê às cabras água corrente e pura (*fluvios* tem precisamente o mesmo sentido em III.301 e III.126) e folhagem de medronheiro; compare-se este preceito com a indicação de Diffloth: «si le régime est celui de la stabulation, on distribuera des *feuilles* sans brindilles de mûrier, frêne, orme, vigne, acacia». Este penso é certamente escasso: na Suíça, onde se dá excelente tratamento às cabras estabuladas, recebem elas, durante o inverno, uma ração que compreende batatas, farinha de centeio, trigo ou cevada, e feno.

O Poeta não se atreve, provavelmente, a pedir muito à mesquinhez do agricultor romano. Mas, depois de enaltecer os méritos do gado caprino, lembra-se (III.320-321) de que as forragens secas e lenhosas (o chamado *roedouro*) convêm muito mais a este gado do que as forragens aquosas, e cobra ânimo para sugerir que, na quadra invernos, se lhe facultem *virgea pabula* em abundância (*laetus*). Citemos outra vez Diffloth: «si l'on veut obtenir un lait de chèvre très gras, très nutritif, très aromatique, les *branches* d'orme, de noisetier, de mûrier parvenues à leur développement, seront utilement employées.»

302. *et stabula a ventis hiberno opponere soli*
303. *ad medium conversa diem ...*

Do que Vergílio antes expôs, deduz-se que ele tem em mente uma região relativamente fria: talvez porque a maior parte dos rebanhos de gado lanífero se apascentavam nas encostas dos Apeninos. Não só o Poeta insiste, conforme vimos, na necessidade da estabulação invernal, como determina que ovís e currais fiquem expostos ao Sul (*ad medium ... diem = ad meridiem*), para receberem o máximo aquecimento, e estarem protegidos dos ventos frios do Norte. A opinião de Varrão, a este respeito, não condiz com a de Vergílio, pois aquele autor prefere que os estábulos enfrentem o Nascente: «*stabula idoneo loco ut sint, ne ventosa, quae spectent magis ad orientem quam ad meridianum tempus.*»

O período de estabulação terminava quando o Aquário, signo de Fevereiro, se desfazia em chuvas: *extremo anno*, no final do ano romano, visto que o seguinte começava em Março.

305. *hae quoque non cura nobis levioere tuendae*

Vergílio exprime a convicção de que as cabras não merecem menores cuidados do que as ovelhas: e ainda hoje esta opinião tem defensores. Assim, diz Diffloth: «La chèvre, par sa sobriété, sa rusticité, les facilités de son exploitation, les bénéfices qu'elle procure, *mérite les soins attentifs accordés aux autres branches des animaux domestiques*».

306. *... quamvis Milesia magno*
307. *vellera mutantur Tyrios incocta rubores*,

A produção e a indústria da lã tinham adquirido, no tempo de Vergílio, apreciável desenvolvimento. Além da lã que se produzia em Itália, importavam-se quantidades avultadas das províncias asiáticas. De há muito se conheciam os processos de preparação da lã, que era mergulhada e lavada em balseiros, depois esmagada, batida, estirada, seca e cardada numa instalação mecânica denominada *spina fullonica*; a seguir era tratada com enxofre, limpa, aparada e enfardada. Os operários que trabalhavam no fabrico de tecidos de lã pertenciam a corporações especializadas, como a dos tintureiros (*offertores*), cardadores (*carminatores*), tecelões (*textores*) e pisoeiros (*fullones*). Certos tipos de lãs tinham grande fama, contando-se entre as mais finas a *Milesia* (de Mileto, cidade na fronteira da Jónia) que em regra era aí tinta com púrpura (*Tyrios incocta rubores*) e alcançava elevado preço.

308. *... hinc largi copia lactis;*
309. *quam magis exhausto spumaverit ubere mulctra*
310. *laeta magis pressis manabunt flumina mammis.*

A hipérbole tem certa justificação. Uma cabra com o peso de 30 quilos pode dar anualmente 400 kg. de leite, isto é, mais de 13 vezes o próprio peso, ao passo que a vaca não dá senão 5 a 6, e a ovelha 3 a 4.

312. *Cinyphi... hirci*

Cinyphus é um epíteto decorativo: a referência é ao gado caprino em geral. Havia na África do Norte, numa região onde as

cabras abundavam, como na Cilícia, um rio chamado *Cinyps* (hoje Cinifo).

313. *usum in castrorum et miseris velamina nautis.*

Com pêlo das cabras, o qual não se desengordurava completamente e que por isso a chuva a custo repassava, preparava-se um tecido felpudo que servia para o fabrico de tendas de campanha e de mantas ou samarras para os marinheiros. Este tecido denominava-se *cilicium*, porque inicialmente se importava da Cilícia, e daí provém o nome da cintura com que os penitentes mortificam o corpo.

314. *pascuntur vero silvas et summa Lycaei,*
315. *horrentisque rubos et amantis ardua dumos.*

Pasci é em geral usado na acepção de «apascentar». Aqui, porém, significa «pastar», e emprega-se como verbo transitivo, regendo acusativo. Repare-se (Nota de Page) na diferença entre *pascuntur silvas* («pastar em ...») e *pascuntur rubos* («pastar os...»).

322. *at vero Zephyris cum laeta vocantibus aestas*

338. *litoraque alcyonen resonant, acalanthida dumi.*

Neste passo surge uma dificuldade, que aos comentadores que conhecemos parece ter passado despercebida. Se nos guiarmos pela ordenação do assunto, a primeira idéia que acode é que por *laeta aestas* se deve entender, não o verão, porque se acabou de tratar da estabulação invernal, mas a época em que o tempo principia a aquecer: «*aestas*», observa Page, «as in 296, seems here to describe the first warm weather», e Castilho pensa o mesmo, pois traduz «ahi volve a primavera». Mas a hipótese tem de ser abandonada, se confrontarmos o texto das *Geórgicas* com o de Varrão, que, na parte relativa aos ovinos, Vergílio segue muito de perto. Varrão explica claramente (1) que é durante o verão que as ovelhas se levam para a pastagem ao romper do dia, quando a erva está fresca («*aestate, quod cum prima luce exeunt pastum, propterea quod tunc herba ruscida*»), e (2) que se lhes dá de beber várias vezes por dia. «Na primavera», esclarece o mesmo autor, «só se levam as ovelhas para o pasto depois da geada branca ter desaparecido completamente, e basta dar-lhes água uma vez, pelo

meio do dia» («*reliquae pastiones hiberno ac verno tempore hoc mutant, quod pruina iam exalata propellunt in pabulum et pascunt diem totum ac meridiano tempore semel agere potum satis habent.*»).

A doutrina de Varrão, à qual certamente Vergílio se cingia, é perfeitamente justificada. Não convém que as ovelhas comecem a pastar muito cedo nos dias de primavera, porquanto a erva aquosa, embora muito apetecível (*gratissimus ros in tenera herba*) para os ovinos, pode causar-lhes perturbações digestivas (*aventamento*) por vezes graves. Isto aplica-se sobretudo às leguminosas, como o trevo, que, ingeridas de manhã em grande quantidade, provocam fermentações no estômago dos animais; e até se aconselha, para as evitar, que os ovinos consumam diariamente, antes de saírem dos estábulos, alguma forragem grosseira seca, ou palha, que absorva o excesso de humidade. Assim se estabelece uma transição, que muitos consideram indispensável, entre o regime de forragem seca e o de verde. Outra prática que em algumas regiões se adopta, para obstar à ingestão excessiva de alimentos aquosos, consiste em levar para o campo manjedouras portáteis, por meio das quais se fornece aos animais a quantidade de forragem verde que se julga poder dar-lhes sem inconveniente.

É evidente que no verão, quando a erva é muito menos aquosa, já não há motivo para recear que ela esteja orvalhada; é também nessa estação que mais razão há para o gado sair cedo do aprisco, abrigar-se à sombra de árvores quando o calor é mais forte e descedentar-se mais amiúde.

Conclue-se portanto que Vergílio nos transporta da época em que termina a estabulação de inverno para aquela em que é já intensa a calma: o período de transição é passado em claro.

327. *inde ubi quarta sitim caeli collegerit hora*

Para os romanos a quarta hora era, no verão (lembremo-nos de que o dia, entre o nascimento e o ocaso do Sol, se dividia em doze intervalos de extensão variável, conforme as estações) a compreendida entre as 9 ¹/₂ e as 10 ¹/₂ (tempo astronómico).

Sitim colligere é uma expressão de admirável poder descritivo. Sustentar, como Lejay e outros, que *colligere* é o mesmo que *adducere*, revela, a nosso ver, falta de imaginação. Se o Poeta tivesse empregado a palavra *adduxerit* queria dar-nos a entender

que a sede aparecia bruscamente, às 10 horas em ponto, ou às 10 horas e 25 minutos, por exemplo; mas o que ele indica, numa só palavra, é o aumento progressivo, lento, gradual, da sensação, desde o romper da alva até à meia-manhã.

328. *cantu... querulae... cicadae*

O mesmo processo imitativo de I.378 (*ranae cecinere querulam*) baseado na repetição dos *kk*. A intensidade do ruído que, à hora do calor, fazem as cigarras ou os ralos, é marcada, no mesmo verso, pelo verbo *rumpere*. Como se se dissesse: «um barulho de estoirar os ouvidos».

Hesíodo, na sua descrição do estio, fala-nos também do canto da cigarra:

Ἦμος δὲ σκόλυμος τ' ἀνθεὶ καὶ ἠκέτα πέττιξ
δενδρέη ἐφαζόμενος λιγυρὴν καταχέουτ' αἰοῖδην
πυκνὸν ὑπὸ πτερύγων, θέρος καματόδεος ὄρη.

«Quando o cardo está em flor, e a estrídula cigarra, empoirada numa árvore, espalha, com o bater apressado das asas, a sua canção sonora nos dias pesados de verão...».

330. *ilignis... canalibus*

Não vemos nesta expressão, que intriga alguns comentadores, qualquer obscuridade: deve tratar-se simplesmente de calhas de madeira, ou casca de árvore, por onde a água das nascentes corria para bebedouros permanentes ou temporários (*puteos aut stagna*). Não é de presumir que fossem tubos, como imagina Sidgwick.

Os bebedouros a ceu aberto (*stagna*) têm a vantagem de administrar água a temperatura conveniente, mas para isso é necessário que ela tenha tempo de aquecer, durante o percurso em caleiras, até chegar ao bebedouro; e que a capacidade deste seja considerável em relação ao caudal da nascente.

331. *aestibus at mediis umbrosam exquirere vallem,*

332. *sicubi magna lovis antiquo robore quercus*

333. *ingentis tendat ramos, aut sicubi nigrum*

334. *ilicibus crebris sacra nemus accubet umbra;*

O passo acompanha as indicações de Varrão: «*sole exorto*

potum propellunt... circiter meridianos aestus, dum defervescent, sub umbriferas rupes et arbores patulas subiciunt.».

335. *tum tenuis dare rursus aquas...*

Page considera *tenuis* «a perplexing epithet». Sidgwick entende que ele se refere ao *fio de água* que corre pelas condutas (*canalibus*) mencionadas em III.330, e Goelzer é da mesma opinião.

Ao nosso ver, o epíteto explica-se com a maior facilidade: o Poeta recomenda que a quantidade de água que, pelo meio da tarde, se dá às ovelhas, seja moderada. O adjectivo *tenuis* é neste passo empregado, e muito naturalmente, como na expressão *tenui mensa*, usada por Horácio (*Od.*, II.15.) quando fala na refeição parca, frugal, para que convida os seus amigos. E assim se confirma, incidentalmente, a acepção que atribuímos a *tenuis argilla* em II.180.

A advertência de Vergílio é de incontestável acerto. Quando sucede, no verão, os ovinos comerem grão seco de cereais em alguma resteva, e a seguir se deixam beber água à farta, é fácil produzirem-se acidentes graves, e não é raro morrerem, por este motivo, muitos animais.

Concordamos pois inteiramente com a tradução de Billiard: «*donne-leur de nouveau un peu d'eau...*» Todas as outras que conhecemos, «*eaux limpides*», «*dulces aguas*», «*des minces filets d'eau*», «*claro bebedouro*», «*ondas remansadas*», «*pellucid founts*», etc., são pretenciosas e vazias de sentido.

338. *litoraue alcyonen resonant, acalanthida dumi.*

Vergílio quis, evidentemente, dar acentuado ressaíbo helénico a este verso, com as referências ao alcião (nome derivado de *άλκυώνη*) e ao *acalanthis* (*ἀκαλάνθης*). Do primeiro, já se tratou na Nota a I.399; o segundo é provavelmente o *Carduelis elegans*, Stephens, ou seja o pintassilgo. Em nenhum outro texto aparece a palavra *acalanthis*.

339. *Quid tibi pastores Libyae, quid pascua versu*

383. *et pecudum fulvis velatur corpora saetis.*

Vergílio interrompe a sua prédica sobre a exploração dos ovideos para intercalar dois quadros em que se debuxam regiões, povos e costumes exóticos. De III.339 a III.348 descrevem-se as imensas planuras da África do Norte e o nomadismo dos pastores da Libia; de III.349 a III.383 o inverno das zonas do extremo Norte da Europa, já sob a influência do clima boreal. O desígnio do Poeta é, porventura, mostrar uma vez mais como a Itália é favorecida pela Natureza, que lhe deu um clima temperado e solos que permitem a agricultura e a exploração pecuária intensivas.

340. *raris... mapalia tectis*

Mapalia são, segundo Salústio, «*aedificia Numidarum... oblonga, incurvis lateribus tectis, quasi navium carinae*». É este o sentido que nos parece ter aplicação, e não o de «acampamentos», ou «aldeamentos», que alguns tradutores atribuem ao termo, dando a *tecta* o significado de «cabanas».

345. *...Amyclaeumque canem Cressamque pharetram*

Os epítetos são simplesmente decorativos. Não é provável que o nómada da Libia tivesse cães de Esparta e aljavas de Creta.

347. *iniusto sub fasce*

Compare-se com *iniquo pondere* (Nota a I.160-166). Os Romanos tinham justificado orgulho na resistência e robustez dos seus legionários. Veja-se o que diz Cícero: «*Qui labor et quantus agminis: ferre plus dimidiati mensis cibaria, ferre si quid ad usum velint, ferre vallum! nam scutum, gladium, galeam in onere nostri milites non plus numerant quam umeros, lacertos, manus*».

349. *Maeotia unda*

O Mar de Azov, onde desemboca o Don.

368. *intereunt pecudes*

Trata-se dos animais surpreendidos por tempestades de neve, antes de haver tempo de os recolher nos estábulos.

372. *puniceae... formidine pennae*

Para espantar a caça grossa, e obrigá-la a fugir para os locais onde estavam armadas redes, estendiam-se nas orlas dos bosques

cordas com penas de cores vivas. Como a corda provocava o terror, ela própria tomava o nome de *formido*: *ab ipso effectu dicta formido*, elucidada Séneca.

376. *defossis specubus*

O Poeta não se refere a furnas naturais, mas a abrigos subterrâneos escavados pelo homem. Tácito é a este respeito muito explícito: «*solent et subterraneos specus aperire ... suffugium hiemi ... quia rigorem frigoris eiusmodi locis molliunt*».

381. *septem ... trioni*

Exemplo curioso de *tmese*. Aliás é também interessante a existência do singular *septemtrio*. *Trio* é palavra que nunca se encontra isolada, a não ser como apelido. *Triones* são os bois de lavoura, e os «Sete Bois» são as estrelas que formam a Ursa Maior.

384. *Si tibi lanitium curae, primum aspera silva*
385. *lappaeque tribolique absint; fuge pabula laeta,*

O Poeta parece indicar, com as aberturas dos versos III.384 (*si tibi lanitium curae*) e III.394 (*at cui lacti amor*) que a criação dos ovinos se orientava ou para a produção de lã ou para a produção de leite, revestindo aspectos diferentes consoante a aptidão a explorar. Não alude ao consumo da carne, que todavia não podia deixar de ter importância económica apreciável; nem ao aproveitamento do sebo e da pele separada do velo, a que outros autores se referem; nem tampouco à utilização dos estrumes, à qual Columela dá justo relevo.

O preceito de evitar a vegetação espontânea espinescente (*lappaeque tribolique*, expressão que já tínhamos encontrado em I.153, volta a aparecer aqui, para designar aquela vegetação em geral, como nós poderíamos dizer *cardos e tojo*) justifica-se não só pela razão óbvia de que o mato áspero suja e esfarrapa a lã e chega a ferir a pele (III.444), como ainda porque nesse mato se abriga o *estro de carneiro* (*Oestrus ovis*), insecto que deposita nas ventas dos ovinos as suas larvas, que invadem as fossas nasais e depois os seios frontais (Marotel). Continua hoje a ser boa regra, por tal motivo, não deixar que os rebanhos percorram, entre Junho e Setembro, e sobretudo à hora de maior calor, pastagens em cujas orlas exista vegetação espontânea do tipo mencionado; e, se fôr possível destruí-la, tanto melhor.

Fuge pabula laeta: «evita os pastos ricos». Porquê? É certo que a criação de ovinos em pastagens ricas, sobretudo nas situadas no fundo dos vales, nem sempre decorre em boas condições. A razão, porém, não está na abundância de princípios nutritivos, que só poderia contribuir para o bom desenvolvimento dos animais, mas sim no facto de, em geral, as melhores pastagens serem em dos sítios húmidos. Ora, como se frisou na nota a III.297-299, a humidade é sempre um perigoso inimigo dos ovinos, podendo determinar várias doenças, não só as que já foram referidas, como sobretudo a *caquexia aquosa*, *distomatose* ou *papo*, cujos agentes são os *distomas hepático* e *lanceolado*. Os embriões do distoma hepático realizam a primeira fase da sua existência no corpo de um molusco (*Limnaea truncatula*) que abunda nas pastagens húmidas, onde os ovinos absorvem com a erva esses embriões, que evoluem e se alojam nos canais biliares do fígado. Em alguns pontos do Ribatejo os pastores chamam *erva papeira* a uma planta que se cria em lugares apaúlados, porque a experiência os ensinou a associar a presença dessa planta com o perigo para os animais de contraírem a distomatose.

386. *continuoque greges villis lege mollibus albos.*

Continuo: com este advérbio assinala-se que a selecção de animais de velos brancos e macios deve ser a preocupação do criador. Para o efeito do fabrico de tecidos a lã branca era, naturalmente, a mais valiosa; *mollibus* deve referir-se à qualidade que resulta da combinação da finura do fio com a plasticidade, característica das lãs merinas, por exemplo.

A macieza, a suavidade da lã, revelada pela sensação que se experimenta ao apalpar uma mecha entre os dedos polegar e indicador, dá idéia bastante exacta da *resistência* do fio: se a lã estiver impregnada de um suco untuoso muito fluido, que penetre facilmente nos interstícios que separam os elementos sólidos, o fio é ao mesmo tempo tenaz e plástico, qualidades que o tecelão muito aprecia; se o suco escassear, ou se fôr pouco fluido e pobre em oleína, a lã é seca, e conseqüentemente quebradiça.

Não vemos razão de peso para admitir, com Lejay, que *greges* designe apenas as ovelhas: mais provável nos parece que diga respeito ao pegulhal no seu conjunto.

387. *illum autem, quamvis aries sit candidus ipse,*
388. *nigra subest udo tantum cui lingua palato,*

389. *reice, ne maculis infuscet vellera pullis*
390. *nascentum...*

Vergílio mais uma vez segue Varrão, que diz: «*animadvertendum quoque lingua ne nigra, aut varia sit, quod fere qui eam habent nigros aut varios procreant agnos*». Aristóteles já fazia idêntica afirmação; e, num livro moderno, lê-se: «les reproducteurs mâles qui présentent à la muqueuse interne de la lèvre, à la langue, ou sur la muqueuse buccale des traces de pigmentation procréent souvent des agneaux à toison noire ou tâchetée; il importe donc d'éliminer les sujets ainsi marqués» (Diffloth). A doutrina, como se vê, não variou.

Como curiosidade, transcrevemos uma tradução rimada dos versos III.387-390 das *Geórgicas*, citada por Bernardo Lima e assinada M.S. (talvez Rodrigo de Moraes Soares):

«Embora seja candido o carneiro,
Se tiver sob a lingua mancha escura,
No campo, onde os rebanhos se juntarem,
Para reproductor outro procura;
Que pode aquelle dar filhos malhados
Com vellos de côr fusca assignalados.»

391. *munere sic niveo lanae ...*

«Com lâ tão branca como a que assim se obtém», isto é, se se atender às recomendações do Poeta. O mito a que Vergílio a seguir se refere é pouco conhecido, e parece ter sido relatado pelo poeta alexandrino Nicândro de Colofônia, de quem se perderam quase todas as obras.

394. *At cui lactis amor, cytisum lotosque frequentis*
395. *ipse manu salsasque ferat praesepibus herbas:*

A necessidades nutritivas das ovelhas em regime de lactação são forçosamente elevadas. Segundo Niels Hanssen, podem fixar-se do seguinte modo, por 100 kg. de peso vivo, em comparação com as das mesmas ovelhas no começo do inverno, e durante a gravidez:

	Unidades alimentares	Albumina digestível (Gr.)
No princípio da alimentação de inverno	1,0 a 1,2	70 a 84
Durante os últimos meses de gestação	1,3 a 1,5	110 a 128
Durante o período de lactação	1,8 a 2,0	180 a 200

Os valores mais altos são aplicáveis às ovelhas em regular estado de nutrição e os mais baixos às que no outono regressam bem alimentadas dos pastos.

Volta neste passo a mencionar-se o cítiso, e é ponto muito debatido saber o que fosse esta planta forraginosa. Várias autoridades botânicas inclinam-se para a opinião de que ela seria a luzerna arborescente, *Medicago arborea*, L., que em Itália se chama *citiso*. Assim pensa Bernardo Lima, e vem a talho de foice citar o que o eminente zootecnista aconselha a propósito desta forragem: «Havendo por aí, por esse Alentejo, Estremadura e Algarve, tantas charnecas, cujas pastagens arbustivas não são para equiparar, em qualidades forraginosas, com as da planta em questão, valia a pena tentar generalizar esta planta por tais pastagens, que se tornariam assim de melhor produto; parecendo-nos, que se colheria resultado mais certo e seguro, ou que bem vingaria esta luzerna naquelas partes da charneca, em que rebentam os codeços, as giestas e piornos, isto é, nos terrenos menos arenosos, mais fortes e um pouco calcáreos, frescais sem serem almargios.»

O cítiso não era, ou pelo menos nem sempre era aproveitado pelos Romanos como forragem espontânea. Procedia-se, ao que parece, à sua sementeira em viveiro, e plantação, ou fazia-se a reprodução por estacas, dispondo estas a intervalos regulares. Assim diz Varrão, que, depois de se ter referido à luzerna ordinária, *Medicago sativa*, L., no Capítulo XLII do Livro II do seu tratado, expõe o seguinte no Capítulo XLIII: «*cytisum seritur in terra bene subacta tamquam semen brassicae. inde differtur, et in sesquipedem ponitur, aut etiam de cytiso duriore virgulae deplantantur, et ita pangitur in serendo*». O que é certo, porém, é que o cítiso e a luzerna vulgar se consideravam alimentos de eleição para animais em regime de lactação ou de engorda: «*maxime amicum cytisum et Medica, nam e pingues facit facillime et genit lac*», declara Varrão.

Pensamos, com Billiard, que o *lotus* de III.394 seja o meliloto, *Melilotus officinalis*, L. Mas não é de excluir a hipótese de que o Poeta aluda ao trevo, a que Homero em vários passos da *Iliada* chama *λωτός*.

Salsas herbas devem ser forragens às quais se adicionou sal marinho, prática que os pastores continuam a adoptar. Não só o sal é um alimento e um condimento que activa a digestão e esti-

mula a secreção lactea, como tem a função fisiológica interessante de compensar as perdas de sais de sódio determinadas pelos sais de potássio que as rações ordinárias dos herbívoros contêm.

Uma ovelha requer uns 4 a 8 gramas de sal por dia. É conhecido o uso de colocar nos estábulos, ao alcance dos animais, uma bola de sal gema; mas o processo mais recomendável é misturar o cloreto de sódio com os alimentos, quer no estado sólido, quer dissolvido em tres a quatro vezes o seu peso de água. Talvez este último método fosse praticado no tempo de Vergílio.

397. *et salis occultum referunt in lacte saporem.*

A adição do sal à forragem aumenta o teor de cloreto de sódio no leite: não resulta daí este ficar com gosto a salgado, mas com um longínquo ressaíbo que lhe apura o sabor, e que o adjetivo *occultum* subtilmente define.

398. *multi etiam excretos prohibent a matribus haedos,*

399. *primaque ferratis praefigunt ora capristis.*

Aparentemente, nos versos III.394-395 trata-se de ovelhas. Billiard traduz: «Mais celui qui préfère le lait, qu'il donne lui-même en abondance à ses brebis» (estas tres palavras não têm correspondentes no original) «luzerne arborescente et mélilot...» Mas os versos III.398-399 referem-se a *haedi*, vocábulo que costuma significar «chibos», «cabritos». Parece estranho que Vergílio passe tão bruscamente de ovelhas para cabritos, mas quase todos os tradutores admitem que assim é. Billiard verte III.398 para «beaucoup d'éleveurs éloignent des mères les chevreaux...» Apenas Page, no resumo do passo III.394-403, diz: «do not let the lambs be suckled». Julgamos que Page, a-pesar de isolado, tem razão em supor que neste passo *haedi* significa «borregos» ou «cordeiros».

Modernamente, a prática de *embarbilhar* (*praefigere ora capistris*) ainda se segue, embora os barbilhos sejam de madeira, e não picantes (*ferratis*), com o fim de facilitar a desmama. Por isso se nos afigura que *etiam excretos* (ou *iam excretos*, lição talvez preferível) quererá dizer «quando são desmamados», quer se trate de chibatos, quer de borregos. Page traduz: «as soon as they are born (lit. «separated from the mother»)», o que não é admissível, porque as crias forçosamente terão de ser amamentadas durante algum tempo. Martyn prefere a versão «as soon as they are grown

big», igualmente indefensável, porque, como nota Page, em tal caso não se diria que «*muitos* os separam das mães», visto que *todos* necessariamente o fazem.

400. *quod surgente die mulsero horisque diurnis,*

401. *nocte premunt; quod iam tenebris et sole cadente,*

402. *sub lucem exportant calathis (adit oppida pastor),*

403. *aut parco sale contingunt hiemique reponunt.*

Os Romanos faziam queijo com leite de vaca, de ovelha e de cabra, conforme testemunha Varrão, que disserta sobre o valor nutritivo e digestibilidade dos queijos das tres origens nos seguintes termos: «*ex hoc lacte casei qui fiunt, maximi cibi sunt bubuli et qui difficillime transeant sumpti, secundo ovilli, minimi cibi et qui facillime deiciantur caprini.*» Preparavam-se, como actualmente, queijos frescos e queijos curados: «*est etiam discrimen, utrum casei molles et recentes sint, an aridi et veteres.*» Vergílio, como se vê, refere-se a um e a outro tipo.

O fabrico do queijo praticava-se desde a costa da Etrúria até às montanhas da região Sabina, sendo especialmente apreciados os queijos de Luna e o queijo Vestino do Lácio.

Calathus (*καλαθος*) era um cesto de verga onde se colocava o queijo fresco, para o soro poder escorrer pelos intervalos do entrançado.

Parco sale contingunt: o sal serve, não só para a conservação do queijo, como para regular as fermentações que levam a cabo a *cura* e melhorar o paladar do produto. Varrão indica que o sal de mina é, para este efeito, preferível ao sal marinho.

Contingere tem neste passo o sentido exacto e técnico de «polvilhar», mas em III.448 significa «aplicar um unguento». Trata-se, de facto, de dois verbos distintos: *con — tingo* = *con* + *tingo*, e *con — tingo* = *con* + *tinguo*.

O método que Vergílio aponta corresponde à rotina ainda actualmente seguida, e não isenta de defeitos. Durante as horas que decorrem entre a manhã e a tarde, ou entre a tarde de um dia e a manhã do dia seguinte, podem produzir-se fermentações que venham a afectar a qualidade do queijo. O processo preferível seria prepará-lo imediatamente depois de cada mungidura.

404. *Nec tibi cura canum fuerit postrema, sed una*
 405. *velocis Spartae catulos acremque Molossum*
 406. *pasce sero pingui. ...*

As raças de cães a que Vergílio se refere não se afiguram das mais apropriadas para auxiliar o pastor. Um dos tipos citados, o *espartano*, parece ter sido uma espécie de galgo; o outro, o *molosso*, era um grande cão de fila. O Poeta alude uma vez mais aos desportos cinegéticos, recreação naturalmente indicada para o homem do campo.

O uso de dar soro é seguido habitualmente pelos pastores. Tal prática é, no caso dos cães de caça, reprovada pelos entendidos.

407. *nocturnum furem*

Nacturnus fur corresponde ao ἡμερόκοιτος ἀνὴρ, «o homem que dorme de dia», pitoresca expressão de Hesíodo.

408. *Hiberos*

Hiberos — subentende-se talvez *abigeos*, «ladrões de gado» — é um qualificativo de *excelência* (se assim se pode dizer no presente caso). Varrão também se refere aos salteadores da Espanha, dos confins da Lusitânia; por onde se vê que vem de longe a ascendência dos *Niños de Écija* e seus confrades.

409. *timidos... onagros*

«Le choix du mot est une recherche de style; il y avait des troupeaux d'ânes sauvages en Phrygie, en Lycaonie et en Afrique, mais non pas en Italie»: não sabemos em que dados se baseia Lejay para fazer esta afirmação perentória. Há quem sustente que, durante o domínio árabe, ainda se encontravam zebras na Península Hispânica. O *zevro*, ou *zebro*, é muito citado em documentos portugueses da Idade Média, às vezes como sinónimo de onagro, entre os animais de caça, e deixou vestígios na toponímia. Não seria de admirar que houvesse zevros em Itália no tempo de Vergílio.

411. *volutabris*

Volutari quer dizer «espojar-se», e daí *volutabrum*, «espojadouro».

415. *galbano*

Galbanum (γαίβανον) é uma das gomas-resinas provenientes de plantas do género *Ferula*. A mais conhecida é a *assa foetida*, que a *Farmacopeia Portuguesa* (1935) define como «resina-goma obtida, mediante ressecções, da raiz da *Ferula Asa foetida*, L. (*Scorodosma foetidum*, Bunge), da *F. Narthex*, Boiss. (*Narthex Asa foetida*, Falconer), da *F. foetida*, Reg., e de muitas outras espécies congêneres».

416. *saepe sub immotis praesepibus aut mala tactu*

.....
 424. *solvuntur, tardosque trahit sinus ultimus orbis.*

Descrição animada da descoberta e perseguição de uma víbora. Supomos que *vipera* tem este significado: *vipera* = *vivipera*, *quod vivum parit*, «porque dá à luz os filhos vivos», em contraste com as outras serpentes, que põem ovos.

425. *est etiam ille malus Calabris in saltibus anguis*

A descrição que aqui começa, e termina em III.439, é, em grande parte, extraída de um passo de Nicândro, que deve ter impressionado bastante Vergílio, visto que reproduz trechos dele, não só nas *Geórgicas*, como na *Eneida*. A serpente de que se trata, tipicamente anfíbia, é o χερσυδρας (χέρσος, terra seca, ὕδωρ, água).

426. *squamea convolvens sublato pectore terga*

Comparar com o verso II.474 da *Eneida*:

«lubrica convolvit sublato pectore terga»

437. *cum positis novus exuviis nitidusque iuventa*

O verso II.473 da *Eneida* apenas difere deste na primeira palavra: *nunc* em vez de *cum*.

438. *aut catulos... aut ova*

Os dois *aut* não se opõem. O primeiro liga-se a *relinquens*.

439. *arduus ad solem, et linguis micat ore trisulcis.*

Verso repetido na *Eneida* (II, 475). Nota-se nele um dos raros lapsos de Vergílio, aliás de mínima importância: a língua das serpentes é bífida, e não tri-partida (*trifulca*). Page sugere que o uso do plural *linguis* é provavelmente intencional: a língua move-se tão rapidamente para diante para trás (é pouco mais ou menos esta a significação de *micat*) que parece não uma, mas várias línguas.

Em *linguis micat ore* encontra-se uma construção curiosa, com dois ablativos, um local (*ore*), outro instrumental (*linguis*). A construção latina não pode seguir-se à justa na versão portuguesa, porque *micare* não tem, que saibamos, equivalente exacto.

441. *turpis ovis temptat scabies, ubi frigidus imber*

.....

463. *et lac concretum cum sanguine potat equino.*

Depois de anunciar, em III, 440, que vai ocupar-se da etiologia e sintomatologia das doenças que atacam os gados (*morborum causas et signa*), Vergílio entra na descrição da *ronha* dos ovinos, a que já antes aludira (III, 298). O aspecto miserável, repelente, dos animais cuja lã caiu em farrapos, justifica o epíteto *turpis*.

O Poeta considera que a propagação da *ronha* é facilitada pelo frio húmido, que penetra através da lã e da pele até aos órgãos vitais (*ad vivum*), e pelo suor e sujidades que infectam as feridas na pele causadas pelo mato espinhoso, ou porventura pela tesoura, visto que a palavra *tonsis* (III, 443) indica que se acabou de proceder à tosquia. Não será propriamente o frio, mas antes as más condições de limpeza dos estábulos onde os animais se recolhem durante a quadra invernal, que favorecem a disseminação dos ácaros. Na época quente, quando se tosquiavam os ovinos, é o suor (*aestivus sudor*, diz Columela) que, não sendo limpo (*inlotus*, III, 443), produz resultado análogo.

O tratamento preconizado, e ainda hoje seguido, consiste em banhar os animais em água corrente, se eles ainda têm o velo, ou, se estão tosquiados, aplicar-lhes um unguento de base sulfurosa (*viva sulphura*, III, 449) ou qualquer outro acaricida. Vergílio menciona oito substâncias medicamentosas usadas para este fim.

Outras intervenções aconselhadas são a escarificação das pústulas, e, quando a doença atingiu carácter agudo, a abertura de uma veia na região plantar.

448. ... *amurca*
 449. ... *spumas ... argenti ... vivaque sulphura*
 450. *Idaeasque pices et pinguis unguine ceras*
 451. *scillamque elleborosque gravis nigrumque bitumen.*

Amurca (*ἀμύργη*) é a água ruça dos lagares de azeite concentrada até tomar a consistência do mel. Os Romanos usavam-na muito no tratamento de feridas. *Spuma argenti* é o protóxido de chumbo (*Pb O*) ou litargírio (*λίθος, χαλκός*); como outros sais de chumbo, quando aplicado a feridas, úlceras, etc., coagula o albumen nos tecidos e contrae os vasos de menor calibre. É muito adstringente, hemostático e sedativo. Figura na *Farmacopeia Portuguesa* (1935) com a designação de *Plumbi oxydum*. *Vivum sulphur* é o enxofre natural, ou virgem, que abundava na Sicília; o *unguentum sulfuris*, preparado com flor de enxofre (*Sulfur sublimatum*), é um excelente específico para o tratamento da sarna.

Pix (*πίσσα*) aparece no plural, o que desperta a ideia de quantidade (Lejay). O epíteto *Idaea* explica-se pelo facto do monte Ida, na Frígia, ser revestido de densa cobertura de resinosas. Na *Pharmacopeia Portuguesa* (1876) citam-se: a *Pix burgundica* «resíduo do succo leitoso, inspissado ao ar, fundido na água e coado ainda quente, de Abeto — *Pinus Abies*, L. (*Abies excelsa*, De Cand.)»; a *Pix flava*, «resíduo da destillação aquosa do succo leitoso do Pinheiro»; a *Pix solida* vel *Pix navalis*, «resíduo da destillação secca do alcatrão»; a *Pix liquida*, «producto condensado da combustão gradual e incompleta do lenho secco do Pinheiro»; e a *Pix Junipera* = *Mera*, «producto condensado da destillação secca do tronco e raiz do Zimbro». Todas estas substâncias podiam ser conhecidas dos Romanos, e o plural *pices* teria assim explicação óbvia.

As *ceras* são ainda mencionadas na *Pharmacopeia Portuguesa* (1876): *Cera animalis*, *Cera flava*, *Cera alba*. *Scilla* (*σκίλλα*) é provavelmente a cebola albarrã, *Urginea maritima* (L.), Baker. A mesma *Pharmacopeia* inclui a *Élëbora* = *Helleborus niger*, e observa: «Pode substituir-se-lhe, 1.º, O Helleboro dos antigos ou de Dioscorides — *Helleborus officinalis*, Sibthorp; 2.º, A Herva dos Besteiros — *Helleborus foetidus*, L.

Finalmente, *bitumen* é o que os Gregos chamavam *ἀσφαλτός*. A designação *bitumen* era dada pelos Romanos aos vários tipos de hidrocarbonetos naturais; no latim clássico não existe a palavra

petroleum. Aliás os antigos só conheciam os bitumes nativos sólidos ou semi-sólidos; foi nos fins do século XIX que se descobriu que certos petróleos continham asfalto, que se podia separar por destilação dos óleos voláteis.

Julgam vários tradutores que Vergílio indica que deviam misturar-se os diversos ingredientes enumerados para compor o unguento. Assim entende, por exemplo, Castilho:

«... a amargosa albufeira, havendo infuso n'ella enxofre natural, pez de Ida ...»

Supomos não ter sido propósito do Poeta receitar tão complicada mesinha: o mais natural é que ele apresente a lista dos vários fármacos a que poderia recorrer-se, citando em primeiro lugar aquele que mais facilmente se obteria num país de olivais: a amurca. Para confirmar a nossa opinião, basta reparar no que diz Columela, quando cita os medicamentos a empregar no tratamento da ronha: «Há diversos remédios, e mencionaremos todos, não que seja necessário usá-los ao mesmo tempo, mas porque alguns não se podem obter com facilidade em certas regiões, e para que entre os que se indicam haja um, pelo menos, de que se possa lançar mão».

454. ... *alitur vitium vivitque tegendo,*

O verso, muitas vezes citado em virtude do alcance filosófico que se lhe pode atribuir, é talvez inspirado no de Lucrécio:

«*ulcus enim vivescit et inveterasci alendo*»

461. *Bisaltae* *acerque Gelonus,*

462. *cum fugit in Rhodopen atque in deserta Getarum,*

Os Bisaltas, de origem trácia, viviam na região que se estende ao longo do curso inferior do Estrímon; os Getas, junto ao Danúbio; os Gelonos eram vizinhos dos Getas. Os hábitos destas tribos deviam ser semelhantes aos dos Mongoís, que, em campanha, se alimentavam com leite de égua, e por vezes se dessedentavam com sangue de cavalo, como relata Marco Polo: «Et quand il en est grand besoin, ils chevauchent bien dix journées sans nul aliment et sans faire du feu, mais vivent du sang de leurs chevaux, dont ils percent la veine et la font saigner, en boivent jusqu'à ce qu'ils

soient rassasiés, puis ils l'étoupent». A este uso alude Horácio (*Od.*, III. 4.34), «*laetum equino sanguine Concanum*».

464. *quam procul aut molli succedere saepius umbrae*

477. *pastorum et longe saltus lateque vacantis.*

Page considera o passo III.441-477 como formando um todo, que diz respeito a uma única doença, a ronha. A nós afigura-se nos que as referências a esta moléstia terminaram em III.463: a partir do verso seguinte alude-se a outra, bem mais grave, e fortemente contagiosa, visto que o Poeta, em vez aconselhar tratamentos, como antes fez, recomenda pura e simplesmente que se abata o animal que dê sinais de estar atacado. Quer-nos parecer que se trata de *gafeira*, doença que hoje se previne com injeções de soro ou inoculações de vírus, mas contra a qual noutros tempos não havia defesa, e que atingia, em todo o Sul da Europa, e especialmente no litoral do Mediterrâneo, grande virulência.

Os primeiros sintomas da gafeira são assim descritos por Diffloth, que reproduz quase *ipsis verbis* o texto de Forgeot: «Le mouton atteint de la clavelée paraît triste, abattu, il s'isole, reste la tête basse ... l'appétit diminue ou cesse». Dir-se-ia que o zootecnista francês se propôs traduzir, com estas frases, os versos III.464-467.

468. *continuo culpam ferro compesce*

O Poeta exorta o pastor a «cortar o mal pela raiz» sem perda de tempo. Conington explica com engenho o emprego da palavra *culpa*, considerando que Vergílio assimila a doença a um crime; e recorda, em apoio da sua tese, o dito inglês: «The dog that is lame is much to blame». Mas a verdade é que *culpa* tem habitualmente a acepção de «coisa prejudicial», «defeito», etc., como por exemplo na expressão de Paládio acerca das cores de mau indício nos cavalos: *culpa coloris* (Nota a III.81-83); e por isso nos parece que «o mal» é tradução apropriada.

470. *non tam creber agens hiemem ruit aequore turbo*

471. *quam multae pecudum pestes. nec singula morbi*

472. *corpora corripunt, sed tota aestiva repente,*

473. *spemque gregemque simul cunctamque ab origine gentem.*

Estes versos descrevem com vigor a violência da epizootia:

«... nous sommes», diz Billiard, «en présence d'une *pestis* ou *pestilentia*, c'est à dire d'une maladie infectieuse épizootique, à éclosion soudaine, à virulence suraigüe, à contagiosité extrême, à terminaison presque toujours fatale». Adiante, Billiard reconhece que não se trata de uma só doença, mas de várias doenças infecto-contagiosas, o que de facto se conclue da afirmação *nec via mortis erat simplex*, em III.482.

Ao adjectivo *aestiva*, em III.472, apõe-se uma palavra subentendida, como poderá ser *stabula*; mas o leitor romano certamente se lembraria, ao ler o verso, da expressão militar *aestiva castra*.

474. *tum sciat, aërias Alpīs et Norica si quis*
 475. *castella in tumulis et lapydis arva Timavi*
 476. *nunc quoque post tanto videat, desertaque regna*
 477. *pastorum et longe saltus lateque vacantis.*

A pintura da desolação dos campos que outrora sustentavam uma densa população pecuária, e agora, decorrido muito tempo (*nunc quoque post tanto*) completamente abandonados, não pode deixar de evocar os *campos malditos* da Beauce, e de sugerir que uma das doenças do complexo epizootico que invadiu a Nórca seria a *febre carbunculosa*, sobretudo se se tomar em consideração o conteúdo dos versos III.556-566, e a expressão singularmente elucidativa que aparece em III.481, *infecit pabula tabo*, «impregnou de veneno as pastagens». O facto de que a propagação da febre carbunculosa tinha relação com o terreno das pastagens reconheceu-se muito antes de se lhe ter encontrado explicação científica. Mas só nos fins do século XIX os trabalhos de Pasteur, Chamberland e Roux vieram mostrar como os esporos carbunculosos se conservavam e disseminavam no solo dos campos malditos, «e infectavam até as pastagens colhidas nesses campos» (Forgeot).

A Nórca, que abrangia partes da Estíria e da Caríntia, era uma região limitada ao Norte pelo Danúbio e ao Sul pela Ilíria; estava incluído nela o massiço montanhoso a que se dá o nome de Alpes Cárnicos. Os lápides viviam na parte do Liburno confinante com a Istria. O Timavo, cujo nome não se modificou, é um rio da Ilíria que desemboca no Adriático, entre Aquilêia e Trieste.

478. *Hic quondam morbo caeli miseranda coorta est*
 479. *tempestas totoque autumi incanduit aestu*

Evidentemente, Vergílio não podia imaginar os processos de

transmissão de doenças que só se tornaram conhecidos, e ainda não completamente, a partir dos fins do século XIX. A crença de que o contágio era vehiculado pelo ar manteve-se durante muitas centenas de anos depois de escritas as *Geórgicas*; e a verdade é que certos agentes infecciosos são transportados nas poeiras que o vento carrega: assim sucede no caso da gafeira.

Tempestas significa simplesmente «un état de l'atmosphère» (Lejay) e não «uma tempestade», como pensa Billiard.

Toto autumni incanduit aestu: o outono na Itália, sempre relativamente quente, era tido como doentio, como Horácio assinala nas *Epistolas*. Mas, no ano em que explodiu a epizootia, o calor outonal foi terrível: *incanduit*, «atingiu o rubro branco».

482. *nec via mortis erat simplex; sed ubi ignea venis*
 483. *omnibus acta sitis miseros adduxerat artus,*
 484. *rursus abundabat fluidus liquor omniaque in se*
 485. *ossa minutatim morbo conlapsa trahebat.*

Os sintomas gerais descritos nestes quatro versos são demasiadamente vagos para se poder caracterizar qualquer tipo definido de doença. Sêde intensa, denunciando febre elevada, aparece no caso de muitas afecções, em algumas das quais se regista um *período febril*, que termina por astenia e em que por vezes se manifesta contracção dos músculos torácicos, provocando soluços (*longo singultu*, III.506-507); corrimento abundante é sintoma que afasta a hipótese de que se trate de uma peste devida a vírus filtráveis; quanto ao desfazer progressivo dos ossos, *ossa minutatim conlapsa* (*minutatim* é palavra do reportório de Lucrecio), talvez a expressão designe o complexo de lesões que atacam as vísceras, os vasos sanguíneos, etc., e sirva para assinalar o carácter *profundo* das alterações generalizadas comuns às diversas septicémias.

486. *saepe in honore deum medio stans hostia ad aram,*

 493. *summaque ieiuna sanie infusatur harena.*

As terríveis consequências materiais da epizootia agravavam-se pelo facto de não ser possível cumprir devidamente os ritos ao celebrar os sacrificios. Ou a vítima caía morta antes de que nela tocasse o ferro do oficiante; ou não ardiam as entranhas, o que era sinal de que os deuses rejeitavam a oferta; ou o estado de

decomposição dos órgãos impedia o harúspice de interpretar as vontades divinas, outro indício da cólera ou da indiferença dos Imortais.

494. *hinc laetis vituli vulgo moriuntur in herbis*
495. *et dulcis animas plena ad praesepia reddunt;*

Os dois versos chamam atenção para o sintoma da anorexia, prenúncio de muitas enfermidades graves, e para a sua generalidade: *vulgo*, «por toda a parte».

496. *hinc canibus blandis rabies venit...*

Aludirá o Poeta à raiva, com parece natural? Ou ao tifo, como sugere Billiard, sem fundamentar a sua opinião?

... *et quatit aegros*

497. *tussis anhela sues ac faucibus angit obesis.*

«Une toux rauque, courte ... ganglions engorgés, œdematés» (Forgeot) são dois sintomas de um *mal rubro*, de forma septicémica. Mas o quadro sintomatológico é muito incompleto; e é possível que se trate da *pneumo-enterite infecciosa* do porco, que por vezes se confunde com as doenças rubras, ou do *carbúnculo*, que se caracteriza por um engurgitamento difuso, edematoso, da garganta.

498. *labitur infelix studiorum atque immemor herbae*
.....
508. *sanguis, et obsessas fauces premit aspera lingua.*

Pensamos, como Billiard, que a doença a que Vergílio se refere neste passo é a forma aguda do *mormo*.

Do tratado de Forgeot transcrevemos, intercalando, para confronto, expressões do texto das *Geórgicas*, as seguintes frases: «Dans les formes aiguës de la maladie ... il y a toujours des symptômes généraux. Voyons d'abord ceux-ci: la température s'élève à 41°-41,5° (*ardentes oculi*), anorexie (*immemor herbae*), le malade tombe dans un état de prostration extrême (*demissae aures*) ... la peau est chaude, sèche (*aret pellis et ad tactum dura*) ... on observe, en même temps ... la respiration accélérée (*attractus ab alto spiritus*) ... S'il y a jetage ... c'est ... un liquide filant,

mais toujours abondamment souillé de sang, qui s'écoule du naseau (*it naribus ater sanguis*) ... Les ganglions de l'auge sont atteints ... ils montrent un engorgement comparable à ce qu'on observe dans la gourme» (*obsessas fauces premit aspera lingua*).

O sintoma mais característico é o mencionado em último lugar. «La glande (engorgement des ganglions lymphatiques de la région où siègent les lésions) est,» diz ainda Forgeot, «le plus constant et le plus important de tous les symptômes».

493. *infelix studiorum*

A interpretação de Goelzer é engenhosa: «trahi par la Fortune dans ce qui le passionait».

500. ... *incertus ibidem*
501. *sudor, et ille quidem moriturus frigidus; aret*
502. *pellis...*

O *ille quidem* do vers III.501 serve para chamar a atenção para um facto que o Poeta considera particularmente notável na sintomatologia descrita; o suor frio coexistindo com o ardor da pele. Segundo Hipócrates, ψυχροί ἰσρότες εἶν ὄξει πυρετῇ γιγνόμενοι θάνατον σημαίνουσιν: na tradução latina, «*frigidi sudores cum acuta quidem febre mortem significant*». A combinação dos dois sintomas anunciava um desenlace fatal.

Para Lima Leitão, que, além de humanista, era médico, «o adjectivo *incertus* aplicado ao suor frio na intensidade da febre pinta grandemente a desordem e o perigo da máquina animal». Acha-o «um rasgo de pincel de mestre».

509. *profuit inserto latices infundere cornu*
510. *Lenaeos; ...*

Alguns progressos se têm feito quanto à imunização preventiva dos animais contra o mormo; mas os processos curativos que têm sido propostos são de muito duvidosa eficácia. Forgeot é desanimador a tal respeito: «... il est impossible», afirma ele, «en l'état actuel de la science, de se prononcer d'une façon précise sur l'efficacité de telle ou telle méthode de traitement de la morve». Assim, não é para admirar que o recurso ao excitante alcoólico, para fazer sair um animal de um estado de astenia extrema, não desse senão um resultado ilusório. A morte sobrevinha, como hoje sucede, dentro de oito ou dez dias.

513. (*di meliora piis, erroremque hostibus illum!*)

Quererá o Poeta referir-se aos *nossos* inimigos, o não está de acordo com a habitual brandura vergiliana, ou aos *seus* inimigos (dos deuses), tomando *hostibus* como o oposto de *piis*? O que parece certo é o verso ser imitado do de Nicândro:

ἐχθρῶν που τέρα κείνα κάρησιν ἐμπέλασσει.

514. *discissos nudis laniabant dentibus artus.*

«Un vers», diz Mollevaut, «dont chaque mot fait frémir».

515. *ecce autem duro fumans sub vomere taurus*524. *ad terramque fluit devexo pondere cervix.*

A hipótese mais verosímil é a referência ser ao *carbúnculo bacteridiano* dos bovinos, cujo tipo sobreagudo é assim descrito por Nocard e Leclainche: «L'animal paraît subitement inquiet, il est pris de tremblements musculaires violents (*iam solvantur latera?*)... les battements du coeur violents coïncident avec un pouls imperceptible, la physionomie est angoissée (*oculus stupor urget inertes*); le malade s'affaisse (*concidit*), s'agite sur le sol et meurt.» Depois da morte, as lesões hemorrágicas do intestino provocam fluxo sanguíneo pelos orifícios naturais. Repare-se como o facto é expresso com rigor no verso III.516: *concidit et mixtum spumis vomit ore cruorem.*

518. *maerentem abiungens fraterna morte invencum,*

Compare-se este verso, e em especial a palavra *fraterna*, com o passo seguinte de *La Mare au Diable*, de Georges Sand: «... deux boeufs tranquilles, à la robe d'un jaune pâle, véritables patriarches de la prairie, hauts de taille, un peu maigres, les cornes longues et rabattues, de ces vieux travailleurs qu'une longue habitude a rendus frères, comme on les appelle dans nos campagnes, et qui, privés l'un de l'autre, se refusent au travail avec un nouveau compagnon et se laissent mourir de chagrin. Le gens qui ne connaissent pas la campagne taxent de fable l'amitié du boeuf pour son camarade d'attelage. Qu'ils viennent voir au fond de l'étable un pauvre animal maigre, exténué, battant de sa queue inquiète ses flancs décharnés, soufflant avec effroi et dédain sur la

nourriture qu'on lui présente, les yeux toujours tournés vers la porte, en grattant du pied la place vide à ses côtés, flairant les jougs et les chaînes que son compagnon a portés, et l'appellant sans cesse avec des déplorables mugissements. Le bouvier dira: «C'est une paire de boeufs perdue; son frère est mort, et celui-là ne travaillera plus. Il faudrait pouvoir l'engraisser pour l'abattre; mais il ne veut pas manger, et bientôt il sera mort de faim».

522. *purior electro*

Não é ao metal ἤλεκτρον que se faz referência, mas sim ao ambar, resina fóssil do *Pinus succinifera*, Goepf. (*Succinium* vel *Electrum* da *Pharmacopeia Portugues*).

525. *quid labor aut benefacta iuvant? quid vomere terras*530. *flumina, nec somnos abrumpit cura salubris.*

Com este enternecido lamento, remata o Poeta o encantador passo que começa em III.515, e que, na opinião de Page, «for purity and simple sincerity, is unrivalled in literature».

532. *... et uris*533. *imparibus ductos alta ad donaria currus.*

Sobre o que fossem os *uros* (Nota a II.374) não nos atrevemos a arriscar opinião: talvez búfalos amansados. O facto de, numa procissão religiosa, se atrelarem a um carro dois animais não parelhos, constituía uma transgressão grave do ritual.

543. *phocae*

A foca a que o Poeta alude deve ser a *Phoca monachus*, Hermann, espécie hoje rara, mas que noutros tempos era muito vulgar no Mediterrâneo (Billiard).

547. *praecipites alta vitam sub nube relinquunt.*

A idéia implícita é que a vida, que deriva do éter, regressa ao éter imediatamente após a morte. Por isso na *Eneida* se diz, também a propósito de uma ave, «*vitam reliquit in astris aetheriis*» (V.517-518).

548. *praeterea iam nec mutari pabula refert*

Na Nota a III.474-477 fez-se referência à febre carbunculosa que assolou a Beauce, convertendo as pastagens desta região em *campos malditos*. Antes de se conhecer o motivo da persistência num dado terreno do agente da infecção, já os pastores haviam verificado que a transferência dos rebanhos para outros pastos — os de Sologne, por exemplo — podia pôr cobro à propagação da zoonose. O verso III.548 parece indicar que os Romanos tinham idêntica noção (no tempo de Columela é fora de dúvida que assim sucedia): mas no caso da epizootia da Nórica o método deixára de ser eficaz.

550. *Phillyrides Chiron Amythaoniusque Melampus.*

Quiron, filho de Cronos e de Filira, era um centauro entendido em ervas medicinais; Melampo, filho de Amitáon e primo de Jasão, era sobretudo um agoureiro. Não se trata, evidentemente, destes fundadores da medicina, racional ou mágica, mas dos seus discípulos e émulos. Assim o entende Lima Leitão, que traduz:

«Co'a cura não atinão da arte os mestres
Sendo inda qual Chiron, ou qual Melampo.»

O desalento em face da ineficácia dos remédios é também expresso por Lucrécio (*D. R. N.*, 1226-1229):

*«Nec ratio remedi communis certa dabatur;
nam quod ali dederat vitulis aeris auras
volvere in ore licere et caeli templa tueri,
hoc aliis erat exitio letumque parabat.»*

552. *pallida Tisiphone Morbos agit ante Metumque,*

Tisífone (Τισιφώνη), a Vingança, é uma das Fúrias. Vergílio imagina-a saindo das trevas estígeas, e precedida pela Doença e pelo Terror, que habitualmente estão postados à porta dos Infernos.

556. *iamque catervatim dat stragem atque aggerat ipsis*566. *tempore contactos artus sacer ignis edebat.*

É neste passo que mais se faz sentir a influência das trágicas descrições de pestes, de Tucídides e Lucrécio. Mas seria impróprio

da fina sensibilidade de Vergílio igualá-las no realismo. O quadro de Lucrécio «huele a muerte», como Murillo dizia de uma tela de Valdés Leal; as pinturas das *Geórgicas*, em que predominam os tons suaves, estão sobretudo repassadas de ternura pelos animais, e nisso reside um dos seus maiores encantos.

O contágio ao homem das doenças do complexo epizootico nada tem de surpreendente, sobretudo se entre elas figuravam, como supomos, o carbúnculo, o mal rubro e o mormo. Durante a guerra de 1914-1918 muitos soldados russos foram vitimados pelo carbúnculo transmitido por intermédio de abafos no género dos pelicos e safões alentejanos.

Sacer ignis pode ser uma denominação genérica, ou designar a *erisipela gangrenosa*. É este o sentido que a expressão parece ter no verso de Lucrécio:

«existit sacer ignis et urit corpore serpens»

A erisipela chamava-se, na Idade Média, *fogo de Santo António*, porque a ordem hospitalar de Santo António tinha como um dos seus principais objectivos tratar esta doença, nesses tempos muito vulgar na Europa.

**ALGUNS ASSUNTOS AGRÍCOLAS VERSADOS
NAS GEÓRGICAS**

Alqueives e outras lavouras de preparação	I.43-46; I.64-70.
Alternância de cereais e leguminosas	I.71-76; I.79-80.
Amansia e ensino de novilhos	III.158-173.
Animais daninhos	I.181-185; II.374-381.
Aptidão cultural das diversas regiões	I.50-55; II.109-113.
Arrimos das videiras	II.358-361.
Arrobe	I.295-296.
Árvores florestais	II.429-457.
Árvores e plantas exóticas	II.114-135.
Árvores reflorescentes	II.150.
Atilhos para a empa	I.265.
Aveia	I.77; I.154.
Aves daninhas	I.119-120.
Caça e pesca	I.307-310.
Cães de caça	III.404-413.
Caracteres do cavalo padreador	III.75-88.
Caracteres da vaca de trabalho	III.51-59.
Caracteres das terras	II.177-225.
Carbúnculo bacteridiano dos bovinos	III.515-524.
Castas de oliveiras e tipos de azeitona	II.85-86.
Castas de videiras e tipos de uvas	II.89-108.
Cava e lavra da vinha	II.354-357; II.397-401.
Cevada	I.210.
Charrua	I.169-175.
Cores da pelagem dos cavalos	III.81-83.
Criação do gado bovino	III.157-178.
Criação do gado ovino e caprino	III.286-338.
Cuidados a dispensar aos bezerros	III.157-162; III.174-178.
Cuidados a dispensar ao cavalo padreador durante o período da cobrição	III.123-128.
Culturas esgotantes	I.77-78.
Cultura da oliveira	II.420-425.
Densidade da plantação das vinhas	II.274-277.
Desbarbamento	II.407.
Desparra	II.410.
Desponta	I.111-113.

Disposição a dar às carreiras de cepas	II. 277-287.
Doenças dos animais agrícolas; medicamentos	III. 440-473.
Doenças dos cereais	I. 150-151.
Eira	I. 178-180.
Ensaio para apreciação das qualidades das terras	II. 226-258.
Ensino do cavalo	III. 179-208.
Enxertia	II. 32-34; II. 69-82.
Enxugo das terras.	I. 113-117; II. 348-350.
Época para abater árvores.	I. 256.
Época para meter bacele	II. 319-322.
Épocas para a sementeira	I. 215-230.
Esladroamento	II. 365.
Estrumação	I. 79-81.
Exposição a dar às vinhas	II. 298.
Fava de primavera	I. 215.
Febre carbunculosa	III. 481.
Feijão	I. 227.
Gafeira	III. 464-477.
Grades	I. 94-95; I. 166.
Idade própria para a cobrição das vacas.	III. 60-62.
Joeira	I. 166.
Lavoura de atravessar	I. 97-98.
Luzerna	I. 215.
Luzerna arborescente	III. 394.
Mal rubro	III. 496-497.
Mormo	III. 498-508.
Pez	I. 275; II. 438.
Poda da vinha	II. 407.
Prática de embarilhar chibos ou borregos.	III. 398-399.
Preparação do queijo.	III. 400-403.
Previsão do tempo	I. 335-337; I. 351-355;
	I. 361-460
Processos de formação de árvores	II. 9-31.
Pulverização da terra; <i>rastrum</i>	I. 94.
Queimadas; teorias sobre os seus efeitos	I. 84-93.
Raspa da vinha	II. 411.

Rega	I. 106-110.
Regime a adoptar para as éguas durante o período da gravidez	III. 129-145.
Relação entre a floração da amendoeira e a produção do trigo	I. 187-192.
Reprodução por estacas	II. 24-25.
Reprodução por mergulhia.	II. 25-27.
Reprodução por rebentos	II. 65-68.
Ritos rurais	I. 338-350; II. 393-396.
Rodrigas para a vinha	II. 348-359.
Ronha dos ovinos	III. 441-463.
Sebes para vinhas	II. 371-375.
Sega de restolhos e ervas pratenses	I. 289-290.
Seleção do gado bovino e equino	III. 69-74.
Seleção de sementes	I. 197-199.
Surriba para plantação de vinha.	II. 259-262.
Tipos de terras	II. 177-225.
Tratamento de sementes	I. 193-196.
Trigo espelta	I. 219.
Trilhos	I. 164.
Vegetação infestante.	I. 151-154.
Vinha de enforcado	I. 2.
Viveiros	II. 265-272.

BIBLIOGRAFIA

NOTA. *Constam desta lista apenas estudos de humanistas, traduções e textos originais. Não se mencionam as obras técnicas citadas nas Notas, que, na sua maioria, são fáceis de encontrar na estante de qualquer agrônomo.*

- ALLEN (T. W.) — *Homeri Opera*. Oxford, 1939.
- BAILEY (C.) — *Lucreti De Rerum Natura Libri Sex*. Oxford, 1938.
- BILLIARD (R.) — *L'Agriculture dans l'Antiquité d'après les Géorgiques de Virgile*. Paris, 1928.
- BILLIARD (R.) — *Les Géorgiques de Virgile*. Texte et traduction, avec une introduction et des notes. Paris, 1933.
- BOISSIER (G.) — *Étude sur la vie et les ouvrages de M. T. Varron*. Paris, 1861.
- BONNETRIE (M. S. de la) — *Traduction d'anciens ouvrages latins relatifs à l'agriculture*. Paris, 1773.
- BOSSON (A.) — *Études Agronomiques sur les Géorgiques de Virgile*. Paris, 1869.
- BRANCO (M. B.) — *Thesouro Virgiliano - Georgicas*. Lisboa, 1891.
- BUCHAN (JOHN) — *Augustus*. Leipzig (Tauchnitz Edition, Vol. 5336).
- CASTILHO (A. F. DE) — *As Georgicas de Virgilio trasladadas a portuguez*. Paris, 1867.
- COSTA (LEONEL DA) — *Publio Vergilio Marão. Eclogas e Georgicas*. Lisboa, 1624.
- COURNOL (H.) — *Virgile. Oeuvres complètes traduites en vers*. Paris, 1859.
- DAUDIN (M. H.) — *Le Nouveau Théâtre d'Agriculture*. Paris, 1864.
- DICKSON (A.) — *De l'Agriculture des Anciens*. Paris, 1802.
- DRYDEN (J.) — *The Works of Vergil*. London, 1810.
- ELLIS (R.) — *Catulli Carmina*. Oxford, 1937.
- FREIRE DE CARVALHO (F.) — *As Georgicas*. Lisboa, 1849.
- GOELZER (H.) — *Virgile. Les Géorgiques*. Collection des Universités de France. Paris, 1926.
- HÉROUVILLE (P. d') — *Géorgiques I — II — Champs, Vergers, Forêts*. Paris, 1942.
- HÉROUVILLE (P. d') — *À la campagne avec Virgile*. Paris, 1930.
- HÉROUVILLE (P. d') — *L'Astronomie de Virgile*. Paris, 1940.
- HIRTZEL (F. A.) — *P. Vergili Maronis Opera*. Oxford, 1942.
- JAHN (P.) — *Vergils Gedichte. Erklärt von Th. Ladwig, C. Schaper und P. Deuticke. Erstes Bändchen: Bukolika und Georgika*. Berlin, 1915.
- LEJAY (P.) — *Oeuvres de Virgile. Texte latin. Les Géorgiques*. Paris, 1814.
- LIMA LEITÃO (A. J.) — *As Obras de Publio Virgilio Maro traduzidas em verso portuguez e anotadas*. Rio de Janeiro, 1818.
- LOUIS (PAUL) — *Ancient Rome at Work*. London, 1927.

- MAZON (P.) — *Hésiode. Théogonie — Les Travaux et les Jours — Le Bouclier.* Paris, 1944.
- ODORICO MENDES (M.) — *Virgílio brasileiro.* Rio de Janeiro, 1854.
- PAGE (T. E.) — *P. Vergili Maronis Georgicon, Lib. I.* London, 1934.
- PAGE (T. E.) — *P. Vergili Maronis Georgicon, Lib. III.* London, 1901.
- PEREIRA (J. F.) — *As Georgicas.* Lisboa, 1875.
- PINA LEITÃO (A. J. O. DE) — *As Georgicas.* Lisboa, 1794.
- POSTGATE (J. P.) — *Tibulli Aliorumque Carminum Libri Tres.* Oxford, 1924.
- RAT (M.) — *Virgile. Les Bucoliques et les Géorgiques.* Classiques Garnier, Paris, 1944.
- REMARK (P.) — *Der Weinbau im Römerreiche.* München, 1927.
- ROYDS (T. S.) — *The Eclogues and Georgics of Virgil.* London, 1924.
- SAINTE-BEUVE — *Étude sur Virgile. In Oeuvres de Virgile, traduction française par Lemaistre (F.)*
- SAVASTANO (L.) — *Studi Virgiliani.* Acireale, 1931.
- SKRINE (Rev. J. H.) — *P. Vergili Maronis Georgicon, Liber Secundus.* London, 1938.
- SOMMER (E.) et DESPORTES (A.) — *Les Géorgiques, expliquées littéralement, traduites en français et annotées.* Paris.
- WICKHAM (E. C.) — *Q. Horati Flacci Opera.* Oxford, 1941.

ÍNDICE

Prefácio	7
Texto e tradução :	
Livro I	24-25
Livro II	60-61
Livro III	98-99
Livro IV (excerptos)	136-137
Notas ao Livro I	143
Notas ao Livro II	253
Notas ao Livro III	339
Alguns assuntos agrícolas versados nas <i>Geórgicas</i>	409
Bibliografia	413